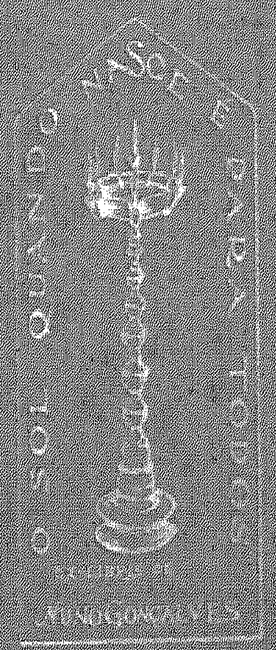
247

# FLORILÉGIO

DE

# PROVÉRBIOS CONCANIS



BODLEIAN LIBRARY
This book is issued by ...
N.G.

ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

# FLORILÉGIO

DE

# PROVÉRBIOS CONCANIS

TRADUZIDOS, EXPLICADOS, COMENTADOS E COMPARADOS
COM OS DE LÍNGUAS ASIÁTICAS E EUROPEIAS

POR

Monsenhor SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO

Professor de sânscrito na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa,
autor dos dicionários concani-português e português-concani,
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1922

Ao Excelentissimo Senhor

# F. M. Esteves Pereira

Em testemunho de muita consideração,
amizade e gratidão

Dedica

O autor.

# PARECER

**Acêrca da memória,**
**apresentada por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado,**
**sócio correspondente da Academia,**
**que tem por título «Florilégio de Provérbios Concanis»**

Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, sócio correspondente da Academia, mandou e foi apresentado na sessão da Segunda Classe, de 14 de Abril do corrente ano, o manuscrito de uma memória, que tem por título: *Florilégio de Provérbios Concanis*, traduzidos, explicados, comentados e comparados com os das línguas asiáticas e europeias, com o fim de ser impresso em uma das publicações da Academia.

O título desta memória indica suficientemente o seu assunto; e na introdução que a precede demonstra-se o seu valor scientífico e literário, e expõe-se o método seguido pelo autor. Contudo pareceu conveniente pedir a atenção da Segunda Classe para esta memória, porque ela não se refere a um facto histórico especial, nem jurídico, nem económico ou literário, nem a um sistema particular de filosofia ou a uma religião; mas tem um carácter mais genérico, porque o seu assunto pertence à sabedoria comum de todos os povos, e à literatura universal.

Das nações da Europa cada povo possui, como é bem sabido, um conjunto de saber, relativo à moral e à vida prática, formulado em breves e concisas sentenças, ou provérbios; umas que receberam como herança do povo de que descende, outras que aprendeu dos povos que as rodeiam e outras procedidas da sua própria experiência. Êste saber, acumulado por sucessivas gerações, constitui uma das jóias mais preciosas da sua literatura. Nas nações da Ásia, em geral, e especialmente da Índia, também cada povo possui um conjunto de saber análogo, mas de tão grande extensão, e de conceito tão profundo, que tem causado a admiração de todos os eruditos que estudam as suas literaturas. A comparação dêste saber dos povos de nações diversas pela sua origem e pela sua linguagem tem sido objecto de interessantes estudos; e os problemas etnoló-

gicos e filológicos que têm surgido nestas investigações, embora não completamente esclarecidos, têm conduzido a conclusões importantes para a história das nações.

Monsenhor Dalgado aplicou-se durante longos anos ao estudo dêste saber popular, relativo às gentes que falam a língua concani, isto é, às gentes que habitam no Concan, e em particular na cidade de Goa e seus arredores; êste estudo se lhe ofereceu muito naturalmente quando trabalhava na composição dos seus dicionários concani-português e português-concani. Mas êle não se limitou a coligir os provérbios que corriam e correm entre o povo que fala o concani, o que seria por si só um trabalho meritório; mas traduziu-os em português e procurou explicá-los de modo a tornar compreensível o seu conceito moral ou regra prática. As suas investigações foram ainda mais longe; êle comparou os provérbios que coligiu com aqueles que correm entre os povos que ficam próximos do Concan, e que por isso representam uma forma actual, e ainda com aqueles que se lêem nas obras escritas em sânscrito, principalmente no *Panchatantra* e no *Hitopadewa*, que assim representam a forma antiga. Emfim o estabelecimento e domínio dos portugueses em parte do Concan, depois de quatro séculos, faz presumir que, entre povos de nações e línguas tão diferentes, deve ter havido troca de uma parte dêste saber popular, modificando-o cada um conforme o seu próprio génio e carácter; êste facto lhe deu motivo para fazer a comparação dos provérbios coligidos com os da língua portuguesa e das línguas de outras nações da Europa.

O método adoptado para a coordenação dos provérbios por assuntos pareceu-nos o mais conveniente para o seu estudo, e um índice alfabético auxilia consideràvelmente a consulta.

Vê-se pois, do que fica dito, qual é a índole da memória apresentada por Monsenhor Dalgado, e o seu valor etnológico e filológico. Julga por isso a secção de História que a memória de Monsenhor Dalgado bem merece ser incluída entre as da Academia, a qual por esta forma mostrará o singular interêsse que tem pela história e literatura dos povos que habitam na sua mais gloriosa colónia.

Academia das Sciências de Lisboa, 21 de Abril de 1921.

Pedro de Azevedo.
António Eduardo Simões Baião.
José Maria Rodrigues.
Francisco Maria Esteves Pereira (relator).

# INTRODUÇÃO

É bem sabido que as máximas e os provérbios constituem uma parte importante, se não a mais importante, do folclore e da etnografia. Pois são um repositório, o mais rico tesouro, em que se acham conglobadas, em forma verbal concisa, elegante e expressiva, a filosofia e a sabedoria dum povo, baseadas, em geral, na observação profunda e longa experiência, e, por vezes, na sentença dum sábio autorizado, num evento histórico ou lendário, ou na moralidade dum apólogo. É por êles que se afere com seguro critério a natureza e o grau da sua civilização e a sua psicologia, os seus hábitos e costumes, as suas tendências e predilecções, a sua organização familiar e social, as suas instituições e ocupações favoritas ou predominantes, as suas crenças e superstições.

Entre o povo, quem os conhece mais e melhor e sabe aplicá-los com mais propriedade aos casos ocorrentes do que o comum da gente passa por sábio e douto. A prova escorada num provérbio não reconhece refutação que se não funde noutro provérbio de maior ou igual pêso e aceitação.

Todos os povos, cultos ou incultos, possuem os seus adagiários, mais ou menos desenvolvidos e mais ou menos interessantes. As nações civilizadas têm-nos por um elemento considerável da sua literatura filosófico-moral, e estampam várias colecções de tempos a tempos. O

Oriente prima notòriamente neste género de literatura, como o atestam o *Panchatantra* e o *Hitopadexa*[1] em sânscrito, e *Kitab-al-amsâl* em persa, além dos *Provérbios* e do *Eclesiástico*[2].

O concani, língua vernácula do Concão, como indica o nome, e, em particular, do território de Goa e dos seus arredores[3], ostenta-nos um vasto minério de adágios, provérbios e máximas de todos os jaezes e em quás, todos os ramos de actividade humana. Muitos se baseiam em factos históricos ou fabulosos, e não se percebem sem o conhecimento da sua origem[4]. Uns são comuns a diversos povos indianos, por transmissão ou proveniência da fonte comum, que é o sânscrito; e outros privativos de Goa. Uns são a tradução dos portugueses, em conseqüência da dominação e convívio de tantos séculos; e outros têm data recente e vogam sòmente numa classe ou numa região. Há vários que são obscuros e indefinidos, e sujeitos a diferentes interpretações; e muitos que não têm seus equivalentes em línguas da Europa. Há certos que são chulos ou obscenos ou como tais devem soar aos ouvidos da educação europeia, pôsto que no Oriente, onde existe mais liberdade em semelhante ma-

---

1 Êste fabulário didáctico foi por mim traduzido e publicado em Lisboa em 1897.

2 «Os povos do Oriente possuem todos grande copia de provérbios — notaveis geralmente pelo conceituoso das imagens». — *Bibliotheca do Povo*, n.º 45, onde, sob o título de *Prologomenos histórico-críticos*, vem larga e eruditamente expendida toda a doutrina atinente ao assunto.

3 Vid. as introduções dos meus dicionários concani-português e português-concani.

4 «De centenas, se não de milhares, dos nossos proloquios e adagios, é dificilimo, se não impossivel, indicarmos hoje a razão ou a proveniencia». — Cândido de Figueiredo, no *Diario de Noticias*, de 5 de Novembro de 1902.



téria, não se reputem indecentes e andem amiúde na bôca das classes mais polidas[1].

Atento o carácter e o valor especiais destas cristalizações da mentalidade popular, os orientalistas vêm coligindo milhares de aforismos, sentenças e prolóquios de várias línguas orientais, ou em simples tradução ou em textos acompanhados da sua trasladação. Do concani porém só conheço duas colecções de monta: uma em alfabeto canarês, constante de 624 provérbios, devida ao Padre A. J. de Sousa, de Mangalor[2]; outra, mais valiosa, em alfabeto romano e em quantidade um pouco superior, feita por Domingos João Mendes e editada em Bombaim. Uma e outra não passam de mera relação alfabética, sem tradução nem explicação[3]. Na gramática concani do Padre Tomás Estêvão, editada por Cunha Rivara, vêm no fim doze páginas de provérbios (muitos dos quais têm sabor marata), acompanhados da sua tradução, geralmente livre ou translato. O Cónego José de Sousa (professor de concani na Escola Colonial) emprestou-me, durante o curso da impressão do trabalho, uma relação manuscrita dalgumas centenas de adágios, recebidos da Índia.

No meu dicionário concani-português, publicado em 1893, antes das referidas colecções, foram incluídos mui-

---

1 Em as nações europeias também existe grande número de análogos dizeres, se bem que muitas das colecções os não registam, pois o povo prefere em todas as partes formas cruas por serem mais expressivas e picantes, e deixa os circunlóquios e as ambages às camadas que se reputam mais esmeradas no falar.

2 O dialecto do Canará difere muito do de Goa, tido por normal (por se ter principalmente daí emigrado para outros países), vocabular e gramaticalmente.

3 No presente trabalho está transcrita grande quantidade dessas colecções, sendo as omissões devidas a motivos ponderosos da matéria ou da forma.

tíssimos dos adágios mais correntes com os seus correspondentes, equivalentes ou aproximados em português, latim ou nalguma outra língua europeia, ou, na sua falta, com sua tradução literal ou livre, sem entrar nas suas explicações, descabidas num léxico.

*

Três são os sistemas adoptados na coordenação de provérbios: alfabético, vocabular e tópico.

O primeiro, geralmente seguido e muito mais cómodo, consiste na simples relação ou lista conforme a *ordem alfabética* da letra inicial de cada um, embora seja parte dum artigo ou duma partícula. É intentada principalmente para uso dos nacionais, que, além de alargar o seu conhecimento do adagiário do país, podem assim reconstituir a sua forma integral, se se recordarem da primeira palavra, o que não será sempre fácil, atentas as variantes por que passam as dições acessórias.

O segundo, figura de ordinário nos dicionários extensos, onde se inserem as máximas e os provérbios sob a inscrição do vocábulo considerado *principal* ou mais importante [1]. Mas tal norma não é sempre segura e isenta de dificuldades, por se não poder discernir, em vários casos, qual seja o termo principal, sendo por isso necessário recorrer a diversas inscrições [2]. Além disso só se utilizam dêle os que conhecem a língua em que estão expressos, e não os estranhos, que se limitam à tradução.

O terceiro, mais laborioso e enfadonho, dispõe o adagiário em *categorias* conforme a natureza do assunto. Tem a grande vantagem de habilitar qualquer leitor a

[1] Tal processo preferiu, em parte, Henry G. Bohn no seu *Handbook of Proverbs*.

[2] Como o faz repetidamente a colecção Rolandiana de 1780.



inteirar-se, com muita facilidade e sem perda do tempo em pesquisas, do que um povo pensa e pratica acêrca de determinado tópico, como *Deus, rei, casamento, vizinhos*. Está todavia sujeito a alguns inconvenientes, que reduzem mais ou menos o seu valor e proveito. Há provérbios um tanto indefinidos e elásticos na sua interpretação e aplicação, que podem incluir-se em diversos capítulos, como sei de experiência [1]. Os complexos por paralelismos de analogia ou de antítese requerem umas vezes que a classificação seja composta, como *homem e mulher, pais e filhos, humildade e soberba, riqueza e pobreza;* outros deixam em dúvida, se não houver exame detido, qual seja a parte principal ou demonstranda e qual a secundária ou probatória, como, por exemplo: *Se o rei rouba e o marido espanca ¿a quem é que se há-de recorrer? Se a chuva molha e o marido bate, não é vergonha. Não comuniques teus segredos às mulheres, não mintas aos reis, e não contravenhas à opinião do público.*

Pode-se contudo obviar, ao menos em parte, a êsses inconvenientes, indicando-se em um lugar onde é que o provérbio tem igualmente cabimento, e em outro fazendo-se referência ao número ou capítulo onde está inserto. Evita-se dêste modo a repetição dum mesmo ditado em diversos lugares, e se o leitor não alcança tudo quanto relata a um certo tópico, fica todavia informado do que há de mais importante. Pois é patente que em semelhante matéria não é possível que haja colecções exaustivas.

Não falta quem opte por uma classificação *material*, que é mais fácil mas menos proficua, sem se importar com o carácter moral e aplicação translata. Assim, sob os títulos e subtítulos de *animais domésticos, bravos, pei-*

[1] Tive de deslocar certos prolóquios meia dúzia de vezes em conseqüência de motivos supervenientes.

*xes, cobras; natureza: gerais, plantas, tempo; corpo: mãos, pés, olhos,* — agrupam-se todos os provérbios em que figuram tais palavras, se bem que a sua moralidade exija que entrem em diferentes categorias, como *trabalho, ociosidade, cobiça, abuso* [1].

Atendendo a certas vantagens que oferece semelhante coordenação, registo num índice as palavras mais importantes, repetidas vezes mencionadas, e que não formam títulos dos capítulos nem entram na mesma inscrição comum. Assim, por um lado, fica-se sabendo tudo o que relata a um determinado objecto, e, por outro, reconstitui integralmente o ditado quem o conheça fragmentàriamente, sem mais necessidade de disposição dos provérbios em ordem alfabética.

O que porém não sofre dúvida, em qualquer sistema de catalogação, é que a simples reprodução de provérbios de qualquer espécie, excepto os mais simples e evidentes [2], tem pouco valor para os folcloristas e etnógrafos, mesmo com relação aos nacionais, sendo muitos obscuros na sua expressão e contraditórios no seu sentido, alusivos a um facto remontado, local ou mitológico, geralmente desconhecido, ou pouco claros na sua aplicação ou adaptação, especialmente metafórica.

A dificuldade deve, naturalmente, avolumar-se para com os estranhos, que não conhecem as tradições populares, a organização especial da sociedade, as suas instituições, os seus costumes e usanças, e nunca emprega-

[1] Tal método seguiu A. Manwaring na sua obra *Marathi Proverbs*. Aproveitei muito material dêsse livro, atenta a íntima relação entre o concani e o marata.

[2] Os mesmos que se afiguram óbvios e nada ambíguos não raro deturpa-os o povo, substituindo um vocábulo por outro de significação diferente, mais usual, como: *Não se apanham irutas a barbas (bragas) enxutas. Andar nos papos (palpos) de aranha. Comer a dois carrinhos (carrilhos)*; etc.



ram ou ouviram empregados os provérbios em diversas fases da vida social.

*

O método que eu achei dever adoptar, para fazer plena justiça ao interessante assunto e auferir toda a sua vantagem scientífica, foi o seguinte:

Reproduzi primeiro os provérbios na sua língua originária, declarando as variantes mais notáveis. Dei em seguida a sua tradução, em regra, literal, e, caso fôsse obscura, acompanhei-a doutra mais livre e elucidativa; deduzi por vezes um princípio doutrinário, e indiquei a sua aplicação no sentido próprio e figurado ou divergente.

Apontei depois sucintamente a *origem* histórica ou apologal dos que a tenham, pelo menos tradicionalmente; em *observação*, fiz comentários de diversas espécies, mais ou menos breves, para a cabal inteligência do texto em todos os seus aspectos, particularmente em atenção ao leitor forasteiro; e em *explicação*, esclareci a peculiaridade do objecto comummente desconhecido de europeus, e interpretei diversos termos vernáculos de flora e fauna e outros que ocorrem amiúde nos provérbios e têm côr local [1].

Declarei finalmente se o adágio era comum a outro idioma indiano, antigo ou moderno, ou se era usado restritamente quanto a região e classe; mencionei a sua analogia com a de uma ou outra língua oriental, e consignei a sua correspondência ou equivalência, exacta ou aproximada, em português, latim, castelhano, francês, italiano e inglês, e, excepcionalmente, em outra língua europeia [2].

[1] Fiz freqüentes referências ao meu *Glossário Luso-asiático*, a fim de indicar ao leitor curioso a fonte onde poderia haurir noções mais amplas acêrca do assunto.

[2] A falta de equivalência de numerosos ditados não implica que

Pelo que toca à escrita do concani, que até hoje não está assente, procurei possìvelmente simplificá-la a bem de leitura corrente, em oposição freqüente à ortografia dos dicionários e da gramática em preparação, atendendo mais à fonologia popular do que à etimologia, coerência gramatical e pronúncia mais apurada. Assim: omiti letras dobradas sem valor fonético; suprimi a notação de vogais longas, que se conhecem, em regra, pela sua posição; notei porém o *a* breve com o sinal diacrítico latino, como o fizeram também os antigos missionários portugueses, por diferir consideràvelmente do português e se aproximar mais do *o* breve surdo medial. Omiti igualmente a distinção de nasais orgânicas, por se depreender o seu valor literal da natureza da consoante que segue. As letras que têm um ponto em baixo (*ḍ, ḷ, ṇ, ṭ*) são cerebrais ou cacuminais, bem como o *x* seguido de *ṭ* e *ṭh*. *Ch* e *x* (palatal *c, ç* na transliteração internacional) diferençam-se fonèticamente, como se diferençavam antigamente em Portugal, e ainda hoje se observa em certas regiões [1]. *Tç* soa como *z* alemão em *Zeit* ou como *zz* italiano em *prezzo, mezzo* [2].

*

É de muita conveniência exarar aqui algumas observações gerais acêrca da forma e da matéria do adagiário concani.

---

realmente não haja de muitos dêles em português e outros idiomas, pois não me foi possível muitas vezes, na leitura, associar uns com outros pràticamente. Cumpre também notar que muitos provérbios tarde se incluíram na colecção, quando não era possível tornar a percorrer adagiários estranhos.

[1] Os portugueses antigos não pronunciavam idênticamente o *xá* da Pérsia e o *chá* da China.

[2] Quanto a mais esclarecimentos e particularidades, veja-se a introdução do dicionário concani-português.



Quanto à *integridade*. Vários provérbios, registados na forma afirmativa ou negativa, são usados interrogativamente, por maior ênfase, com a implicação de que a doutrina expressa é tão manifesta que não admite réplica ou contestação, como: *¿Porventura está Deus a dormir?* *¿Precisa acaso o doido de chifres*, para se conhecer que é búfalo, símbolo de estupidez? — Sendo alguns termos desusados ou eruditos, o povo substitui-os amiúde, em algumas partes, por outros mais correntes, ou com êles confunde, devido à aproximação fonética, em detrimento do sentido primordial. A troca ocorre mais em partículas ou palavras acessórias. Além disso, não é raro truncarem-se ou resumirem-se os que são compridos ou complexos. Escusado é observar que se não incluíram todos êsses cambiantes, que não tocavam à substância.

Quanto à *linguagem*. Convém advertir que, além da ocorrência de dições antiquadas e pouco conhecidas do vulgo, se sacrifica freqüentemente a gramática à rima, tão favorita do povo em semelhantes dizeres, quer no gênero, quer nas terminações nominais e flexões verbais, quer nos tempos conjugacionais. Sendo formas consagradas por uso longo e geral, não ousei alterá-las, nem indiquei a pecha em cada ocorrência, por o não julgar indispensável, bastando a tradução para esclarecimento.

Quanto à *moralidade*. Há uns poucos adágios que, à primeira vista, se afiguram imorais, como acontece também nos adagiários de nações cultas e cristãs [1]. Mas, na realidade, não se justificam ou aprovam, em regra; apontam-se ùnicamente factos corriqueiros, que se dão

---

[1] «Sob o ponto de vista moral, bem patente se revela o policefalismo do autor. Que de inconsequencias, que de contradições, que de incoerencias se denota na obra colectiva!» — Henrique Lopes de Mendonça, no *Diario de Noticias*, de 29 de Dezembro de 1919.

em cada dia e a cada hora, como, por exemplo: *Assim como não se produz sem semear, assim não se vende sem mentir*[1]. *A pólvora e as balas são do rei ¿ que custa disparar tiros? Come, bebe, é Deus quem o dá.* Diz-se irònicamente do guloso imprevidente.

Quanto à *contradição*. É ela inerente ao conjunto de provérbios e muitas vezes aparente. Pois cumpre ter em vista as diferentes situações dos que os empregam ou os diferentes aspectos sob os quais se pode encarar o assunto. O rico e o pobre, os pais e os filhos, a sogra e a nora não têm, de facto, o mesmo critério no seu julgar e proceder.

*

O trabalho de coligir provérbios concanis começou conjuntamente com a elaboração do dicionário concani, há cêrca de quarenta anos. Mas passou por muitas interrupções, assim por causa de ocupações mais urgentes, como por ser a matéria inçada de dificuldades e obstáculos de várias espécies, que só se deparam quando se entra na sua efeituação nas linhas que me tracei, e que se removeriam com menos embaraço, em grande parte, se todo o trabalho fôsse levado a cabo com muita perseverança na própria Índia, onde seria fácil a consulta e a pesquisa.

Emquanto estive na Índia, tive por colaborador assíduo e assás competente o meu primo, Padre Manuel Dias, que ainda depois continuou a enviar-me os seus subsídios e a quem cabe grande quinhão da obra, assim pela considerável cópia de adágios que me subministrou, como pela sua correcta interpretação e aplicação. Também devo mencionar o nome de outro parente, Caetano Damião de

[1] Na província de Bardês os cristãos não são merceeiros nem ourives, por se considerarem estes ofícios dolosos e trapaceiros.



Sousa, falecido há muitos anos, o qual solicitamente coligiu para mim repetidas vezes grande quantidade dêles. Vários amigos fizeram igualmente algumas sugestões. A todos manifesto aqui o meu reconhecimento.

A despeito de toda a diligência que se empregou, a obra não saíu perfeita nem era de esperar em assuntos dêste género. Apesar de conter cêrca de dois mil provérbios, ficou naturalmente grande número por inserir, além de certos obscenos, que adrede se não incluíram. A interpretação de alguns é provável que não seja correcta em toda a área da sua acção, e é possível que haja qualquer êrro no próprio texto, por não serem todos de uso constante e actual ou por se terem equivocado nas cópias, que se fizeram muitas. A classificação, que deu bastante trabalho, nem sempre terá sido a mais conveniente. E não faltarão talvez outros defeitos[1].

Mas assim como está quere-me parecer que será de apreciável utilidade para o estudo do folclore da mais gloriosa possessão portuguesa no Oriente, e em particular para os europeus que têm de tratar com os indo-portugueses, por lhes fornecer o melhor meio de perscrutar a sua alma e de sondar a sua idiosincrasia, as suas susceptibilidades e melindres, cujo desconhecimento é por vezes fonte de desgostos ou mal-entendidos. O Oriente não se *ocidentaliza* completamente, mesmo após prolongada dominação e convivência, e a educação e a civilização indo-portuguesas têm bastantes peculiaridades na sua vida prática: doméstica, religiosa, social e até política.

[1] Para uso particular, coordenei alfabèticamente, há três anos, todos os aforismos e anexins até então coligidos, a fim de saber com segurança se um certo estava já registado ou não, e em que categoria entrava ou devia entrar, para que se não reproduzissem mais de uma vez. Julgo supérfluo transcrever a lista, que serviria ùnicamente para avolumar a obra, sem quási nenhum proveito real.

Também os naturais podem auferir grande vantagem com a leitura ponderada do modesto trabalho, alongando o seu conhecimento do interessante adagiário do seu país, e sobretudo, o que releva mais, estudando proficientemente, se houver boa vontade e isenção, a si próprios num vasto e seguro campo e espelho da alma popular — sciência tão importante quão difícil de adquirir e utilizar.

Praza a Deus que a realidade corresponda aos intuitos!

Lisboa, 6 de Fevereiro de 1922.

S. R. DALGADO.

---

# FLORILÉGIO

DE

# PROVÉRBIOS CONCANIS

## Capítulo I. — **Abuso**

1. *Us gôḍ mhuṇ vaḷhem sāhit khavunchi nāy.* A cana, por ser doce, não se deve comer com a sua parte folhada (que, além de ser sem sabor, produz irritação e prurido).

Observação. O provérbio, que também voga em marata e telugo, tem larga aplicação: no sentido físico, analògicamente, quando, por sofreguidão, se comem as partes acessórias, como as cascas e pevides de frutas; no sentido moral, metafòricamente, quando se abusa, por excesso, da bondade ou da boa fé doutro, que, então, se desforça enèrgicamente.

Variante (do Canará). *Kobu gôḍ mhiṇ, paḷam khāṇlya bāri.* Como se alguém escavasse (para comer) as raízes de cana, por ser ela doce.

Equivalente. Ainda que teu sabujo é manso, não o mordas no beiço. Também em castelhano. — Se teu amigo fôr mel, não o comerás inteiro. (Árabe). — *Mel inveniisti, comede quod sufficit tibi, ne forte satiatus evomas illud.* (*Provérbios*).

2. *Boṭ ghalunk meḷtoṭ hat ghalunk sodhta.* Depois que pôde meter o dedo, pretende introduzir a mão. — Diz-se figuradamente do abuso de confiança.

Variante (do Canará). *Boṭ dilgar hat gilta.* Se lhe dão o dedo, engole a mão.

Equival. Não dês o dedo, ao vilão, porque te tomará a mão. — Al vilano dadle el pie, y tomarse ha la mano. (Castelhano).

3. *Mău melta thăy konuy khănta.* Qualquer cava onde encontra terreno mole. — Diz-se de quem abusa da nímia bondade ou indulgência doutrem.

Correspondente. Onde é mole, todos carregam.

4. *Sunyak dili vasri, sunem gand păsri.* Deu-se a saleta ao cão, e o cão estirou-se imprudentemente. — Diz-se de quem usa mal do que se lhe emprestou.

Equival. Ao vilão dá-se-lhe o pé, e toma a mão. — Dame donde me asiente, que yo me hare donde me acueste. (Castelhano).

5. *Dusryachem burgem bāynt udăun thav păleta.* Sonda o poço deitando nele a criança doutrem. — Procura o interêsse próprio com dano alheio.

Obs. Deve haver aqui referência a um facto histórico de quem se serviu do filho do vizinho por sondareza.

Equival. Tirar a sardinha da brasa com a mão do gato. — Con agena mano sacar la culebra del horado. (Castelhano).

6. (*Ameaça*). *Datun vhelo ani kalachya tondak ghalo.* Foi levado por ameaças e metido na bôca do (exposto ao) perigo. — Diz-se de quem impeliu o outro a praticar um acto arriscado, do qual lhe adveio proveito.

7. *Sisări baye, tuji path mău.* Senhor crocodilo, o teu dorso é mole. — Pagar o bem por mal.

Explicação. Alude-se a uma fábula, na qual um adibe ou chacal, emquanto era transportado por um crocodilo através dum rio, lhe ia raspando com as unhas as costas para se alimentar, e quando o outro lhe preguntava o que fazia, respondia delicadamente que não era senão a moleza do dorso que cedia ao pêso do seu corpo. — O provérbio é comum ao marata.

Equival. Por bem fazer mal haver.



8. *Tçaltya băilak konuy marta.* Ao boi que caminha *bem*, qualquer sujeito o tange.

Corresp. À besta que muito anda, nunca falta quem tanja. — On touche toujours sur le cheval qui tire. (Francês).

9. *Dusryachya măhala kitley tandu ghala.* Para o jantar doutrem usai de quanto arroz quiserdes. — Quem ajuda a preparar um banquete, dado por outro, não poupa os materiais, a parte principal dos quais é na Índia o arroz. Emprega-se também no sentido translato.

10. *Apyache pāy aplya mathyar.* Os pés próprios sôbre a própria cabeça. — Diz-se dos inferiores ou subordinados que dominam ou tratam mal os superiores. Usado especialmente com relação aos filhos e pais velhos.

Equival. *Arma mea contra me.*

11. *Kăpal ghăt asa mhăn, phatrar adlayet văy? Dhompăr ghăt asa mhăn, khăḍpar dadlyet văy?* Por ser a testa forte bate-se numa pedra? Por ser o joelho duro bate-se numa rocha? — Usado no Canará.

## Capítulo II. — **Adulação**

12. (*Suborno*). *Tel lavunk.* Aplicar azeite ou untar com óleo.

Obs. A locução é vulgar, assim no sentido literal de «friccionar o corpo doutrem», o que é comum na Índia [1], como no figurado de «conciliar a benevolência com palavras carinhosas ou com louvaminhas». Também se emprega na acepção de «subornar, peitar».

Corresp. Quem unta amolenta. Untar as mãos a alguém. Untar o carro ou as rodas do carro. — Bocca unta non può dire di no. (Italiano).

---

[1] Vid. *Glossário Luso-oriental*, s. vv. *amaçar* e *maçar*.

13. *Uklun aptunk.* Levantar e derribar. Literalmente, denota a impetuosidade do queda[1]; metafòricamente, quere dizer: «exaltar para deprimir ou defraudar».

Equival. Muitos beijam a mão, que quiseram ver cortada.

14. (*Exageração*). *Uklun dhärunk.* Suster elevado. Isto é: exaltar incessante e clamorosamente, em geral, por exagêro e, às vezes, por bajulação.

15. *Lenvun kat kadhunk.* Tirar a pele lambendo-a. Empalmar com blandícias, lograr com carícias.

Equival. Dá bofetada e esconde a mão. Bem sabe o gato cujas barbas lambe.

16. *Tondak panam pusunk.* Limpar o rosto *doutrem* com fôlhas de árvore (que refrigeram)[2].

Equival. (negativo). Fair words butter no parsnips. (Inglês).

17. *Tondar pole bhazunk.* Assar bolos à face. Prometer mundos e fundos na presença e não dar nada.

Equival. Plantar cana de açúcar nos beiços.

18. *Tăli pole tondache, pun săgle sukyam kholyanche.* Assava bolos à cara, mas eram todos de fôlha sêca. — Análogo na aplicação ao anterior.

Equival. (negativo). Palavras não enchem a barriga.

19. (*Riqueza*). *Giresthachê baylek konuy vhăniyê mhunta.* À mulher do rico qualquer indivíduo lhe chama «ó cunhada!»[3]. Todos se chegam ao bem-parado.

---

[1] Cf. «*Elevans allisisti me*». — *Psalm.* CI, 11.

[2] «Evite-se o amigo que mina o nosso plano longe da vista, e que nos lisonjeia diante dos olhos, por ser vaso de veneno com leite à bôca». — *Hitopadexa* (fabulário sânscrito).

[3] «Cunhada» é tratamento familiar e honroso para mulher nova da parte dos que querem passar por relacionados de seu marido. Analogamente se procede com «cunhado».



Variante. *Giresthachi bail săglyanchi vhăni.* A mulher do rico é cunhada de todos.

Equival. Agora que tenho ovelha e borrêgo, todos me dizem: venhais embora, Pedro. — Le riche a plus de parents qu'il ne connaît. (Francês).

20. (*Fala*). *Gód bolta* (ou *ulăyta*) *ani sakhăr solta* (ou *tçorta*). Fala docemente, e apanha (furta) açúcar[1]. Também em marata.

Equival. Bole o rabo o cão não por ti, mas pelo pão.

21. (*Traição*). *Hatar sătkar ani manir katăr.* Cumprimentos na mão e tesoira na nuca. Cortesia na frente, pancada nas costas. — Emprega-se também no sentido de «traição»[2].

Equival. Saúda reverentemente com clava debaixo do braço. (Canarês). — He covers me with his wings, and bites me with his bill. (Inglês).

22. *Saheba, saheba mhunun dis kadhunk zay.* É preciso passar a vida dizendo: Senhor, senhor! (a quem nos possa valer). — Emprega-se amiúde em bom sentido.

Equival. Bem sabe o asno em cuja casa rosna.

23. (*Conjuges*). *Ghova mindyak bhăngăytam, kudyar băsun konglam udăytam.* Logro o tratante do marido; assentado sôbre o palheiro, atiro com máximas.

Explicação. Alude-se a um facto histórico, em que um indivíduo perverso engoda a simplicidade do marido com máximas acêrca da fidelidade conjugal, prègadas na proximidade de sua casa[3].

---

[1] «Não merece confiança o mau por falar com amabilidade; tem mel na ponta da língua, no coração veneno mortal». — *Hitopadexa.*

[2] «Porque têm de ser iludidos neste mundo os necessitados, na sua esperança e na sua confiança, com o tratamento de palavras doces e com o engôdo de falsas cortesias?». — *Hitopadexa.*

[3] No *Hitopadexa* há um conto semelhante.

## Capítulo III. — **Agravamento**

**24.** *Ghayar bibo ghalunk.* Pôr o anacardo sôbre a ferida [1]. — Exacerbar o mal com aplicações impróprias.

**25.** *Ghayar nimbu piḷunk.* Espremer o limão sôbre a chaga. — É análogo ao antecedente.

**26.** *Ghayar ghay ghalunk.* Acrescentar ferida à ferida. — Juntar um mal ao outro [2].

**27.** *Agir tel ghalunk.* Deitar azeite no lume (para o atiçar ainda mais). — Igualmente em marata.

Variante. *Zăltya ujyar tel ghalunk.* Deitar azeite sôbre o fogo a chamejar. — Comum ao marata.

Corresp. (negativo). Não deites azeite no fogo.

**28.** *Lasta tacher pendi ghalunk.* Deitar um feixe de palha sôbre o que está a arder.

Equival. Cão mordido, todos mordem.

**29.** *Bhăryar bhărkuṭi.* Sôbre um fardo mais um fardete.

Variante. Acrescenta-se às vezes ...*ani soryar sorkuṭi* .. e sôbre o vinho vinhaça.

Equival. Uma desgraça alcança outra. — Un malheur ne vient jamais seul. (Francês).

**30.** *Vaghachya tondantlo suṭun xinvachya tondant păḍlo.* Escapando da bôca do tigre, caíu na bôca do leão.

Equival. Fugir do fumo e cair no fogo. Fugir do

---

[1] *Anacardo* é o fruto causticante de *Semecarpus anacardium*, Linn. f. Diz-se também *bibó* (como em concani) e *fava de Malaca*. Garcia da Orta trata dêle no *Colóquio Quinto*. Vid. *Glossário*, s. v. *bibó*.

[2] No drama sânscrito *Xakuntalá* o bobo diz, referindo-se a um mal superveniente: «Sôbre a chaga desponta uma bôlha».



lodo e cair no arroio. Saltando da frigideira cair na brasa. — Também noutras línguas.

**31.** *Adintç bay natçri, tichya păyank bandhli ghagri.* Já antes mesmo a donzela era retoiçã, atou-se-lhe ao pé um guiso (então fez muito mais matinada).

Obs. As bailadeiras trazem muitas xorcas nos pés, que fazem retinir quando dançam.

**32.** *Pinzălyant păy veta.* Cái ou entra o pé no rasgado.

Variante (do Canará). *Pinzăllyant păy, xizăllyant day.* Pé no rasgado, colher no cozido.

Equival. A corda sempre rompe pelo mais fraco. Mal por mal, pedra por cabeçal. — Os infortúnios precipitam-se pelo primeiro buraco. (*Xacuntalá*, Act. VI). — On se heurte toujours où l'on a mal. (Francês). — It never rains but it pours. (Inglês).

**33.** (*Fala*). *Uṇem ulăunchem ani duṇem ghevunchem.* Falar com menosprêzo e receber o dôbro.

**34.** *Ghăr păḍlem mhuṇ, moḍun uḍăylyar zata?* Por ter caído a casa, pode ser destroçada?

Obs. As casas dos pobres podem fàcilmente repor-se no seu estado anterior, por serem de terra e colmo.

**35.** *Ăpămrityu ekada măhamrityu.* Pequena morte converte-se às vezes em grande morte. Acontece que um acidente grave produz por descuido a morte.

Obs. É máxima do marata, com sabor sânscrito, pouco usada em Goa.

Equival.:

*Principiis obsta, sero medicina paratur,*
*Cum mala per longas invaluere moras.*
(Ovídio).

## Capítulo IV. — **Agricultura**

36. *Dăsrya bhayr paus năy, ani xigmya bhayr gim năy.* Não é inverno (estação pluviosa) depois do «dosró», nem verão depois do «sigmó» [1].

37. *Ado tapăt zalyar xeṇi sukăt.* Se o «adó» fôr quente (isto é, sem chuva), secar-se hão as pastas de bosta [2].

38. *Pavsan kuslălem hoy, puṇ rătan suklălem năy.* É melhor apodrecer com a chuva do que secar com o sol. É preferível chuva excessiva à seca.

Obs. São tristemente célebres as fomes da Índia, provenientes da falta ou escassez de chuva [3].

39. *Vămpta tăsem pikta.* Como se semeia, assim se colhe.

Corresp. Conforme se semeia, assim se colhe. De boa semente boa colheita — Quem semeia espinhos não colhe uvas (Árabe). — Quien bien sembra bien coge. (Castelhano). — Qui sème recueille. (Francês).

40. *Kelălem khata, vămplălem lunvta.* Come-se o que se preparou, ceifa-se o que se semeou.

Corresp. Cada um come se amanha. — *Qui operatur terram suam satiabitur panibus. (Provérbios).* — As you sow you shall reap. (Inglês).

---

[1] *Dasró* é uma festividade que os hindus celebram em honra da deusa Calì no mês lunar Árvina (Setembro-Outubro), e *xigmó* (propriamente *xim'gó*) outra festa, a modo do nosso carnaval, que recai no mês de Phálguna, correspondente a Fevereiro-Março.

[2] *Adó* (sânscrito *ārdrā*) é, segundo a astronomia hindu, o sexto asterismo lunar. As pastas grossas e circulares de bosta servem de combustível e precisam de muito sol para secar.

[3] Em Portugal voga um provérbio contrário: Não hei medo ao frio, nem à gendi, senão à chuva porfiada.



41. *Săkaḷim vămplălem lunvunchem, sanzê vămplălem burḍunchem.* O que se semeou cedo, ceife-se; o que se semeou tarde, arrepele-se.

42. *Akherichem haḍlem verik, ganṭhichem ghalem bhărik.* Trouxe-se (em arrematação) a geira da extremidade, e repôs-se do capital (além do que rendeu o campo, para preenchimento do fôro devido).

Obs. As *comunidades aldeanas* (associações agrícolas) de Goa possuem muitos campos, que arrematam trienalmente. O campo que fica no extremo está sujeito a devastações, procedentes de várias causas.

Equival. Quem semeia em caminho cansa os bois e perde o trigo. Também em inglês.

43. *Sărvo răṃpiço degeço, ani xet vămpchem mădhlem.* Semeie-se o extremo do alto [1] e o meio (ou centro) do campo baixo.

Obs. O extremo inferior do outeiro semeável tem mais humidade e adubo; o centro do arrozal está mais ao abrigo de estragos.

44. *Phunkyachem phunkya mharogh, xidavachyak bhat zata.* O que é de graça em vão se torna caro, o que é de fôro produz «bate» (arroz com casca).

Obs. O campo dado de graça não se cultiva com diligência e obriga a reconhecimento.

Corresp. O barato é caro. Também em castelhano. Mais barato é o comprado que o pedido.

45. *Velar vămplyar bhŭykar jiklo, na zalyar hărḍyar peŭṭ aylo.* Se fôr semeado a tempo, lucrará o lavrador, senão terá golpe no peito. Isto é: ficará arruinado.

46. *Vămptana nidlyar, lunvtana săḍḍăna.* Quem dorme na quadra de semear não ventila no tempo da ceifa. — Corrente no Canará.

---

[1] Diz-se na Índia *oiteral* a parte cultivável de colina.

47. *Dhărtărichem pik ani nun'xyachem gănit koṇ kărit?* Quem poderá avaliar a produção da terra e o cálculo do homem? — A produção do campo está sujeita a muitas contingências, e os cálculos dos homens são falíveis.

48. *Darantli kaz ădhik adavachi păisilya maḍa părăs.* O cajueiro à porta *de casa* é mais proveitoso que o coqueiro distante.

Obs. A árvore longínqua é menos cuidada, e os seus frutos estão mais sujeitos a furtos. Plantam-se, de ordinário, os cajueiros nos montes e os coqueiros ao pé das casas de habitação. Vê-se que o provérbio é moderno, pois o cajueiro foi introduzido da América na Índia pelos portugueses. Vid. *Glossário.*

Equival. Mais vale um pássaro na mão que dois a voar. Melhor é uma casa na vila que duas no arrabalde.

49. (*Dono*). *Bădkuram xet kelyar, khatălo koṇ?* Se os servos tratarem do campo, quem é que comerá o *produto?* — Convém que o proprietário fiscalize por si os serviços do campo.

50. *Xetkaram ghărant ani bădkuram xetant?* ¿ *Ficam* os donos do campo em casa e os serviçais no campo? — É análogo ao anterior.

Equival. Se queres ser pobre sem o sentir, mete obreiro e deita-te a dormir.

51. *Bădkurānim xet văsăylem gorvam ghara dăvrun.* Os servos amanharam a várzea deixando o gado em casa. Trabalhar sem os utensílios apropriados. — Denota-se o desleixo dos mercenários.

52. *Phă'a terit bim, dhărṇi terit udăk.* A semente é segundo o fruto, *assim como* a água é segundo a terra. — Usado no Canará.

Equival. By the husk you can guess at the nut. (Inglês).



## Capítulo V. — **Ambição**

53. *Tçand sûryo magta mhullyar, divum yeta?* Podem-se dar o sol e a lua porque há quem os peça? — Diz-se quando alguém ambiciona em excesso ou pede um impossível.

Equival. — Buscar cinque pies al gato. (Castelhano).

54. *Axellem melchem na, bhogăyllem tçukchem na.* O que se ambicionou não se encontra, o que se fruiu não se evita. — Usado no Canará.

55. *Pejek găt naslălo xitak răḍo.* Quem não tinha posses para canja chorava por arroz cozido (que precisa de caril e custa mais).

56. *Dom ghărantço pavṇo upari.* O «acompanhante» de duas casas fica à fome.

Explicação. «Acompanhante», equivalente ao concani *pavṇo*, designa em indo-português a pessoa que acompanha o noivo ou a noiva, que vai pela primeira vez com grande séquito e aparato para casa do outro cônjuge. Mas quem toma parte em dois noivados ao mesmo tempo não janta em uma casa, a fim de ir para outra; quando porém lá chega, o banquete está terminado.

Equival. Quem muito abarca pouco abraça. Quem tudo quere, tudo perde. — Chi troppo abbraccia poco stringe. (Italiano).

57. *Suri bhangarachi mhăṇ gilyet gi?* Pode-se tragar uma faca por ser de ouro? — Corrente no Canará.

## Capítulo VI. — **Ameaças**

58. (*Castigo*). *Khasti phuḍe ravum ya, paṇ dhasti phuḍe ravum năzo.* Pode-se estar defronte do (encarar o) perigo, mas não diante da ameaça.

59. (*Bravatas*). *Tçurtetço sărap kărun bhenkḍavunk.*

Amedrontar com cobra feita de laciuia de fôlha de coqueiro (como costumam fazer, por brinquedo, as crianças).

Corresp. São cocos de meninos. — *Leonina larva territas.*

60. (*Bravatas*). *Kavlo kărkărlo mhuṇ pimpăḷ mărăna.* Por grasnar a gralha não morre o «*pimpobo*» (*ficus religiosa*). — Diz-se de quem pretende amedrontar outro mais forte.

Oss. Poisam muitas gralhas em tais árvores, que são bastante frondosas.

## Capitulo VII. — **Amizade e inimizade**

61. *Tanchem kaḷiz kaḷzant ani jiv jivant.* Êles têm o coração no coração e a vida na vida. São amigos intimos, — *alter ego* [1].

62. *Panvlant panvăl ghalun bhonvtat.* Andam pondo o pé um na pègada do outro. São amigos intimos e inseparáveis [2].

63. (*Parentes*). *Içt pălevuntço magun, soyro pălevuntço vătçun.* Prove-se o amigo pedindo-lhe *alguma cousa*, e o parente visitando-o.

Equival. Amigo que não presta e faca que não corta, que se percam pouco importa.

64. *Içtak dakhăunchem kaḷiz khărem, ani dusmanak tond bărem.* Mostre-se ao amigo o coração verdadeiro, e ao inimigo bom semblante.

Corresp. (parcial). A teu amigo não encubras o teu

---

[1] «É verdadeiro amigo aquele que está ao nosso lado nas festividades, na desgraça, na indigência, na perturbação da ordem pública, no tribunal do rei e no cemiterio». — *Hitopadesa.*

[2] «Ninguém nasce amigo ou inimigo doutrem; é o trato que faz amigos, bem como inimigos». — *Hitopadesa.*



segrêdo, que darás causa a perdê-lo. Entre amigos não se sofre coração dobrado.

65. *Kaḷiz hatant divunk.* Passar o coração à mão *doutro*. Isto é: ser extremamente afável.

66. (*Conta*). *Içtătçar am'kam puro, lekhătçar naka.* Basta-nos a amizade, não queremos contas.

Corresp. Querei-me pelo que eu quero, não me faleis em dinheiro. Amigos amigos, negócios àparte.

67. *Vetek dăvărtço içt, ganvak dăvărtço năy dusman.* Deixe-se o amigo a *distância* dum palmo, mas nem na aldeia (ou freguesia) se deve tolerar o inimigo [1].

Equival. Despreza teu inimigo e serás logo vencido. — *Ab inimicis tuis separare, et ab amicis tuis attende.* (*Eclesiástico*). — Quien à su enemigo popa à sus manos muere. (Castelhano).

68. *Rupya modlo, içt zodlo.* Gastou-se uma rupia [2], ganhou-se um amigo.

Equival. Amigos no tempo de figos. Quem tem bom vinho tem bom amigo. — *Est autem amicus socius mensæ, et non permanebit in die necessitatis.* (*Eclesiástico*).

69. (*Parente*). *Apṇa kăḍe aslyar içt ani soyro, na zalyar zaloy bhayro.* Se tens *haveres*, há amigo e parente; se não tens, ficaste desamparado.

Corresp. Emquanto há dinheiro há amigos. A fortuna acarreta-nos sempre falsos amigos; a adversidade livra-nos dêles. — Abbiamo pur fiorini che troveremo cugini. (Italiano). — *Etiam proximo suo pauper odiosus; amici vero divitis multi.* (*Provérbios*).

*Donec eris sospes, multos numerabis amicos:*
*Tempora si fuerint nubila solus eris.*
(Ovidio).

---

[1] «Não há neste mundo um homem mais feliz que aquele que tem um amigo com quem conversar, um amigo com quem conviver e um amigo com quem tratar». — *Hitopdesa.*

[2] Moeda de prata equivalente normalmente a 400 réis.

70. *Phatrak phatăr melta, tăsotç munis măn'xyak melta.* Assim como uma pedra topa com outra, assim um homem se encontra com outro.

Obs. Não se percebe bem o sentido da máxima; parece que quere dizer que os homens se unem em amizade por encontro casual.

71. *Pinzlălem sări zay na.* O rasgado não se conserta bem.

Corresp. Amigo quebrado, soldará, mas não sarará. Análogo em castelhano.

72. *Nivlălem xit muthlyak ye na.* O arroz esfriado não forma bola (punhado compacto)[1]. Amizade rôta não se refaz.

Equival. Amigo anojado, inimigo dobrado. Também em castelhano. Do amigo reconciliado e do caldo requentado, nunca bom bocado.

73. *Varyak pădăllem xit undiyek ye na.* O arroz cozido, exposto ao sol, não forma punhado.—Voga no Canará e é análogo ao anterior.

74. *Tanchē bhităr ag dhunvăr na.* O lume não deita fumo entre êles. Estão com as candeias às avessas.

75. (*Fala* e *Divida*). *Nit tem ulăylyār, dusmankay zata, rin maglyar zhăgdem zata.* Se se diz o que é justo, provém inimizade; se se pede o dinheiro que se emprestou, surgem questões.

76. *Jevtana aylle ixt, nahtana aylle dusman.* Quem chega quando se janta é amigo; quem chega quando se toma banho é inimigo.—É corrente no Canará.

77. *Bhũy pădlyaruy, dhărn sodum naka.* Embora tenha caído no chão o *inimigo*, não deixes de o agarrar.

---

[1] Os que na Índia comem o arroz aos punhados, como o faz geralmente o povo, comprimem-no em bola, a que se não presta o esfriado.



## Capítulo VIII.—**Amor**

78. *Mogan xōg vadhta.* O amor cresce com amor.

Corresp. O amor com amor se paga.

79. *Mōg aslyar uhn văde Gathar pavtat.* Se há amor, «foguéus» quentes chegam até os Gates.

Explicação. *Foguéus* são bolos de farinha de arroz, finos e ocos, fritos em óleo de côco, os quais se fazem por ocasião de festas. *Gates* é a cordilheira de montes a este de Goa, donde distam muitas léguas. A máxima alude a um facto que normalmente seria impossível.

Equival. Quem ama do longe faz perto. O amor e a fé, nas obras se vê.—*Amor omnia vincit.*—Donde hay gana, hay maña. (Castelhano).—Where there is a will there is a way. (Inglês).—Vouloir, c'est pouvoir. (Francês).

80. *Ghăr păis zalyaruy, măn păis năy.* Ainda que a casa seja distante, não está distante, o coração.—Assim se protesta o amor ou a amizade contra o provérbio português: longe da vista, longe do coração.

81. *Mōg asa thăy xin asa.* Onde há amor, ali há ressentimento.

Corresp. Arrufos dos namorados são amores dobrados.

82. *Mōg ani uzo tăgă na.* O amor e o fogo não duram (se não são alimentados).—É um provérbio analógico da instabilidade do amor.

Corresp. Quem tem amores não dorme.

83. *Tondant mōg, potant rōg.* Amor na bôca, moléstia (aversão) na barriga (no coração).

Corresp. Obras são amores e não palavras doces.

84. *Mogan dhărlo gāto ani padan phodlo dolo.* Com amor se agarrou ao pescoço e com flato vasou o ôlho.—Diz-se de falsas mostras de afecto.

## Capítulo IX. — **Amos e serviçais** [1]

**85.** *Sangläli tçakri, dilälo muxaro.* Serviço é o que se manda fazer, paga é a que se dá.

Equival. Anda do teu amo a sabor, se quiseres ser bom servidor. O moço oficial faça o que lhe mandam e não fará mal.

**86.** *Manay pädlyar xethkar päleta, pun xethkar pädlyar kon päleta?* Se adoece o moço, trata-o o amo; mas se adoece o amo, quem é que cuida dêle?

**87.** *Manay bäil vaytäle zalyar, xethkar kityak zay?* Se os assalariados hão-de albardar os bois ¿que necessidade há do dono?

Explicação. Os bois servem na Índia meridional de azêmolas. (Vid. *Glossário*, s. v. *boiada*). O comércio de Goa era particularmente feito com as regiões dos Gates, e no trajecto havia muitas paragens, onde o principal serviço consistia em desalbardar e albardar os bois e búfalos.

**88.** *Manayänim xetam ani bädkuränim ghäram!* Campos pelos jornaleiros e casas pelos servos! Não podem ser devidamente tratados sem a intervenção do dono.

Equival. Manda e descuida, não se fará cousa nenhuma.

**89.** *Jem ghärkarni käde vankdem tem khayt tçulintlem lankdem* [2]. Quem é mal procedida com a ama comerá achas do fogão. A criada que não obedece à ama será tratada com dureza.

**90.** *Ghärkarn zavunchem dukh bhogchem, bädkurum zavunchem sukh bhogchem.* Ser dona é passar por aflição; ser serva é gozar de cómodos.

---

[1] Vid. *Agricultura* e *Dono*.

[2] A rima torceu a terminação regular da palavra.



**91.** *Razanv bhatkarachem, kityak upkarta munkaryachem?* A razão está pelo senhorio ¿que aproveita o que diz o colono (ou «manducar»)? [1].

**92.** *Bhatkarak ek bhat, munkaryak xembhär bhatam.* O senhorio tem um só prédio, o colono tem cem prédios (onde possa estabelecer-se).

**93.** *Bhatkara pärä̈s munkarachem.* É maior a *ostentação de poder* do colono que a do «batcar» (senhorio).

**94.** *Dhänyan sangällem tçakrak, tçakran sangällem sunyak sunyan sangällem xim'tek.* Manda o amo ao moço, o moço ao cão e o cão ao rabo. — É tradução do português com a variante de «cão» por «gato». Usado no Canará.

## Capítulo X — **Analogias**

**95.** *Apun täso pelo dista.* Como cada um é, parece-lhe que outro o é.

Corresp. Pelo teu coração julgas o de teu irmão. — Mesurer les autres à son aune. (Francês). Idêntico em italiano.

**96.** *Apun täso pelo mhun säm'zächem.* Deve-se entender que outro é como a própria pessoa.

Corresp. *Dilige proximum tuum sicut te ipsum.* (*Evangelho*).

**97.** (*Ladrão*). *Apun tçôr zalyar, bayletço bhavay tçôr.* Quem é ladrão tem o irmão da mulher por ladrão.

Equival. O ladrão cuida que todos o são. Análogo em castelhano.

**98.** (*Ladrão*). *Hanv bäro zalyar, ganv bäro; hanv tçôr zalyar, ganv tçôr.* Se eu sou bom, o país é bom; se eu sou ladrão, o país é ladrão. — Voga no Canará.

**99.** *Ghodiyechem mukh tem ghodgachem mukh.* A cabeça que tem a égua tem-na o cavalo.

---

[1] Vid. *Glossário*, s. v. *manducar*.

EQUIVAL. What is sauce for the goose it is sauce for the gander. (Inglês).

**100.** *Gay ani may sarki.* A vaca e a mãe são semelhantes (porque dão leite)[1].

**101.** (*Morte*). *Nidlo ani melo munis sarko.* O homem dormido e o homem morto são parecidos.

EQUIVAL. O sono é imagem da morte, e os sonhos são imagens da vida. (Vieira).

**102.** (*Empréstimo*). *Hata văylem tantim ani udharachi kombi.* O ôvo oferecido de mão para mão e a galinha emprestada *têm igual valor.*

EQUIVAL. Mais vale um pássaro na mão que dois que voando vão. — *Una avis in dextra melior quam quatuor extra.* — Un tiens vaut mieux que deux tu l'auras. (Francês). — A bird in the hand is worth two in the bush. (Inglês).

## CAPÍTULO XI. — **Anjos e demónios**

**103.** (*Hipocrisia*). *Rup anjyachem, kărṇyô devtçarachyô.* O aspecto é de anjo, as acções são de demónio.

EQUIVAL. A cruz nos peitos e o diabo nos feitos. Também em castelhano. Bôca de mel, coração de fel. — Buenas palabras y ruines hechos engañan sabios e locos. (Castelhano). — Cara de beato, y uñas de gato. (Castelhano).

**104.** *Yetălo devtçar, kăltălo săunsar.* Virá o diabo, e conhecer-se há o mundo. Quando o demónio suscita males, conhece-se o que é o mundo.

**105.** *Pharank devtçar legun bhiyeta.* O mesmo demónio têm medo de pancada. Comum ao marata, bengali e hindustani.

---

[1] Os hindus veneram a vaca.



OBS. Parece que é alusão ao processo de exorcismos.

**106.** (*Dinheiro*). *Duḍu asat thăy devtçar asa.* Onde está o dinheiro, ali está o diabo.

EQUIVAL. O mal ganhado leva-o o diabo.

**107.** *Munko devtçar tujer băsla.* Estás possesso de demónio mudo. — Diz-se a quem está amuado e persiste em não falar.

## CAPÍTULO XII. — **Aparências**[1]

**108.** *Kazulo uzo dista mhuḷlyar kamak yeta?* O pirilampo, por parecer lume, serve para o uso? — As aparências enganam.

**109.** *Zhăgzhăgta itlĕy bhangar năy.* Tudo o que luz não é ouro.

CORRESP. Nem tudo o que luz é ouro. Também em outras línguas. Nem todo o branco é farinha.

**110.** *Erănḍ vaḍhlyar paṭhi zata?* ¿A purgueira, por crescer *muito*, tornar-se há trave (servirá para se fazer dela trave)? — Diz-se dum indivíduo ou dum objecto que é de sua natureza fraco ou pouco consistente, mas que apresenta volume grosso.

**111.** *Dali vhăḍi, saguvat thoḍi.* Grande é o açafate e pequeno o «saguate» (dádiva).

EQUIVAL. Os homens não se medem às varas. O hábito não faz o monge.

**112.** *Vhăḍ ghăr, pokăḷ vanso.* A casa é grande, mas tem aguieiros ocos. É uma grandeza sem solidez. — Comum ao marata.

**113.** *Bhorpyache lag zuzak upkarā nani.* As artimanhas do pelotiqueiro não servem para a guerra.

**114.** *Kupache phatăr goḍ zalyar, kole sandtale?* Se as

---

[1] Vid. *Ostentação.*

pedras brancas (espécie de quartzo parecido com o açúcar cândi) fôssem doces, largá-las-iam os adibes?

VARIANTE. *Kolkande goḷ zalyar*... Se as cebôlas albarrãs...

**115.** *Ghonkta tem suṇem tçabă na.* O cão que ladra não morde. — Parece que é tradução do ditado português.

VARIANTE (mais extensa). *Ghonkta tem suṇem tçabă na, ani zhankta to mănis vayṭ kărunk pavă na.* O cão que ladra não morde, e o homem que palra não chega a fazer mal.

CORRESP. Cão que muito ladra pouco morde. — Great barkers are not biters. (Inglês).

**116.** *Phalsak răng tçăḍh.* O falso tem mais côr. O falso brilha mais[1].

**117.** *Ghărak laglya kărṭi, bhaylyan zulpam vaḍhăyta.* A casa está em miséria, por fora anda o *seu dono* com o cabelo crescido e *penteado*.

OBS. *Kărṭi* é o endocarpo ou casca dura do côco ou *chareta*, como se diz em indo-português; dêle se serve o mendigo para receber a esmola de arroz cru ou cozido, que se costuma dar. Designa por isso, figuradamente, «indigência».

**118.** *Englishman bolsant xeṇ.* O inglês tem bosta na algibeira.

EXPLICAÇÃO. O adágio é moderno e usado pelos cristãos de Goa, especialmente pelo pessoal das alfândegas e dos caminhos de ferro, com referência aos goeses que regressam da Índia Britânica, falam inglês e tomam ares de bretões, e com implicação de que pouco vale a sua

[1] O vocábulo português «falso», com referência a moedas e pedras preciosas, também se introduziu em marata e malaio. Vid. *Influência do Vocabulário português.*



suposta patarata. *Xeṇ*, «bosta», entrou sòmente por amor da rima, como acontece com tantos outros provérbios.

## CAPÍTULO XIII — **Atrevimento**

**119.** *Uḍta to buḍta.* Quem salta mergulha (cai).

VARIANTE. *Tçăḍhăt to păḍăt, uḍăt to buḍăt.* Quem subir cairá; quem saltar (sôbre um lago ou rio) submergir-se há. — Análogo em marata.

VARIANTE (do Canará). *Tçăḍh uḍlyar, bhũy păḍta.* Quem salta demasiado cai em terra.

CORRESP. Quem alto sobe grande queda dá. A gran salto gran quebranto. Também em castelhano. A cader va chi troppo alto sale. (Italiano).

**120.** *Peri phuṭunk.* Ter ovas. — Diz-se figuradamente dum rapaz espigado, atrevido e insolente.

**121.** *Kaḷzak kens* (ou *phanṭe*) *phuṭunk.* Ter cabelos (ou rebentos) no coração. Ser atrevido, petulante ou despejado.

CORRESP. Ter pêlos no coração. Idêntico em castelhano.

**122.** *Undrak lokhandatço vavr kityak?* Porque quere o rato trabalho de ferro? Porque é que se mete o rato em trabalhos superiores às suas fôrças, que lhe partem os dentes?

EQUIVAL. Quem te manda, sapateiro, tocar o rabecão? Quem te mete, João topete, com a carapuça de grumete? — Não tires setas para o ídolo de ferro. (Árabe). — *Ne sutor ultra crepidam.*

## CAPÍTULO XIV — **Auxílio**

**123.** *Pan'velichya dhărman măskak udăk.* Por favor do «bétele» água para o «morangueiro».

EXPLICAÇÃO. *Bétele* é uma trepadeira, que se planta

em Goa ao pé duma árvore, e a água com que se rega aproveita a esta. — O bem que se faz a um redunda também em proveito doutro. — Análogo em marata.

VARIANTE. *Vhaḷichya dhărman...* Por amor da bertalha...

**124.** *Sukya bărabări olem zălta.* O verde arde com o sêco. O fraco concorre com o forte para a consecução do fim. — Análogo em marata.

**125.** *Sukyachya dhărman olyak uzo.* Fogo no verde por auxílio do sêco.

OBS. É análogo ao antecedente; usa-se porém às vezes interrogativamente, com implicação de injustiça: Por causa do sêco pega-se fogo ao verde?

CORRESP. Paga o justo pelo pecador.

**126.** *Kanṭiyechya alasryan tăṇ vaḍhta, tăṇa pasvăt kanṭi sambhaḷta.* Ao abrigo da espinheira cresce o feno (que o gado não come para se não ferir), e por causa do feno se conserva a espinheira. — Trata-se de mútuo auxílio.

EQUIVAL. Uma mão lava a outra, e ambas a cara. Também em castelhano italiano, etc.

## CAPÍTULO XV. — **Avareza**

**127.** (*Caridade*). *Sugrat kelyar giresth zay na, dhărm kelyar durbăḷ zay na.* Quem faz avareza não se torna rico; quem exerce a caridade não se faz pobre.

EQUIVAL. O avarento por um real perde um cento. — *Qui dat pauperi non indigebit; qui despicit deprecationem sustinebit penuriam* (*Provérbios*). — Homme chiche jamais riche. (Francês).

**128.** *Sugrati sădanṭç dăgdăgi.* O avarento é sempre desgraçado.

EQUIVAL. Não tem nada quem nada lhe basta. Ao



avarento tanto falta o que tem como o que não tem. — *Avaro nihil scelestius.* (*Eclesiástico*).

**129.** (*Dinheiro*). *Sugratak ḍoḷe nant, duḍvank văso na.* A avareza não tem olhos; o dinheiro não tem contágio.

EQUIVAL. Não há fera mais cruel e desumana que o avarento.

**130.** *Svarthyak don khărtç.* O avarento tem dobrada despesa.

CORRESP. O miserável gasta dobrado. O dinheiro do avarento duas vezes vai ao mercado. Também em castelhano. O avarento por um real perde um cento.

**131.** *Kăvḍi păryant halăy na.* Nem num caurim mexe *para dar*[1].

**132.** *Tçam'ḍi soḍit, puṇ dăm'ḍi soḍiço na.* Largará a pele, mas não dará um ceitil. — Comum ao marata.

EQUIVAL. Darei a vida e a alma, mas não a albarda.

**133.** *Kat soḍit, puṇ muṭh soḍiço na.* Largará a pele, mas não abrirá o punho (para dar a outro alguma cousa).

**134.** *To katărlălya boṭar miṭh ghaliço na.* Êle não há-de aplicar sal ao dedo cortado (para o não gastar).

**135.** *Uxṭya hatan kavḷo ambḍi na.* Não enxota a gralha com a mão suja de comer (isto é, a que tem alguns grãos de arroz, para que êsses se não percam)[2].

EQUIVAL. Não deitará para as gralhas nem os restos do seu comer. (*Telugo*).

**136.** *Deṇem di na ek, puṇ goṭhyant mărtat xembhăr.* Não dá de oferta um *animal*, mas morrem-lhe no curral cem. Antes deixa morrer ou apodrecer que dar.

**137.** *Ganṭhichem suṭă na, ruchichem meḷă na.* Não

---

[1] Vid. *caurim* no *Glossário*.

[2] O povo da Índia come o arroz aos punhados, mas lava as mãos antes e depois de comer.

sai do nó (da algibeira), não se encontra cousa de gôsto [1].

**138.** *Laslălya akăndyar muttço na.* Nem mesmo verterá águas (para as não desperdiçar) sôbre o seu polegar queimado [2].

**139.** *Nasem ghevunchem, asem ghevunchem năy.* Receba-se o que se não tem, e não o que se tem. Deve-se receber de quem dá tão sòmente o que é preciso.

**140.** (*Miséria*). *Jevunk khavunk Devan dilălem asa, dăldir makhun kityak bhonvtay?* Deus deu-te de que viver còmodamente, porque é que andas com a capa de miséria? — Diz-se a quem faz miséria sem necessidade e vive como parasita.

## Capítulo XVI. — **Baixeza**

**141.** *Kărțent nak buḍaunk.* Afogar o nariz numa «chareta» (endocarpo do côco).

Equival. Levantar tempestade num copo de água. Fazer questões de *lana caprina.*

**142.** *Dăryant nak buḍăun melălo hoy, puṇ kărțent năy.* É melhor morrer afogando o nariz no mar que na «chareta». — É mais expressivo que o antecedente.

**143.** *Melălya kăḍxem nidunk.* Deitar-se ao lado dum cadáver (para se acalentar).

Equival. A bom mato vindes fazer lenha.

**144.** *Koṇ mănis mhuṇ divo peṭăum?* Que espécie de homem sou eu para acender candeeiro? Quere dizer: sou porventura perdulário para gastar azeite por amor da luz? — Diz-se de quem é muito sovina.

---

[1] Costuma o povo trazer o dinheiro em um nó do lenço ou do pano de vestir.

[2] Crê o vulgo que a urina faz bem nas queimaduras. Usa-se a urina para adubar terras.



## Capítulo XVII. — **Bem e mal**

**145.** *Săblem băyt păḍlem, kapăḍ nităl zalem.* Sabina caíu no poço, e o pano *que vestia* ficou limpo. — É evidentemente um anexim histórico.

Obs. O nome cristão *Sabina* insinuaria origem moderna do ditado, se não fôsse admissível a hipótese de troca de nome gentílico.

Equival. Há males que vêm para bem.

**146.** *Khoṭ marun khaṭlyar păḍlo.* Sendo-lhe dado um pontapé, caíu no leito.

Origem. Um amo, num ímpeto de ira, deu um pontapé no seu moço, que ficou mal-ferido. Então o amo deitou-o num leito e tratou-o com muito carinho por muitos dias.

Equival. O touro que me escornou em bom lugar me lançou. Igualmente em castelhano.

**147.** *Kapăḍ dilya upraṇt măṇăy ghevun bhonvunk zay.* Depois que se deu um pano *para vestir,* é preciso andar com um escabelo (para que nele se assente a beneficiada).

Variante. *Deli mhuṇ baṇi, bhonvtam ghevun măṇăy.* Por eu lhe ter dado pano de sêda, ando com o escabelo *atrás dela.*

Equival. Por bem fazer mal haver.

**148.** *Vayt sangun ye na.* O mal não vem com aviso prévio.

Corresp. Os males não vêm rogados.

**149.** *Săunsarantlem dukh melya băgăr sărŭ na.* As penas do mundo não se acabam antes de morrer.

Equival. *Militia est vita hominis super terram.* (Job).

**150.** *Sat băglam pal zavunk, ek băgăl bărem zavunk.* Sete portas para o mal, uma porta para o bem. — Usado no Canará.

**151.** *Ghara ambil mhuṇ mavaḍya gelyar thăyi ambil.*

Por ser açorda *de «nachinim»* em casa, foi a casa dos sogros, e aí também houve açorda [1].

Equival. Cá e lá más fadas há.

**152.** *Ganv asa thãy mharvado asa.* Onde há aldeia, ali há um bairro de «farazes» (pariás).

Obs. As aldeias de Goa eram umas pequenas comunas, com todos os elementos necessários para sua constituïção e regular funcionamento. Os *mhares* ou «farazes» pertencem a uma casta vil, que exerce serviços baixos, como o de pregoeiros, coveiros, sineiros, portadores de palanquins. Vid. *Glossário.* — Comum ao marata.

Equival. Bons e maus mantêm a cidade. Não há cidade sem porcos.

**153.** *Bhonvun bhonvun Tçărăṇ.* Onde quer que se vá é Iodaçal. — Repetição ou persistência do mal.

Obs. *Charaṇ* é nome concani da ilha de Chorão, muito alagadiça, fronteira à velha cidade de Goa, amiúde mencionada pelos nossos cronistas antigos.

**154.** *Angak lagăllem koḍ kitem kelyariy suṭṭa vhăy?* A lepra, que se pegou ao corpo, passa-se porventura por qualquer cousa que se faça? — Voga no Canará.

## Capítulo XVIII. — **Bisbilhotice**

**155.** *Tçhaḍi ani uzo thoḍo puro.* De mexericos e de fogo basta um pouco (para produzir grandes efeitos desastrosos).

**156.** (*Fala*). *Ekachi mhuṇṇi dusryachem mărṇ.* O dito de um é a *causa da* morte doutro.

**157.** *Ghărtço lanvḍo, bhaylo tçôr.* Mexeriqueiro de casa *provoca* ladrão de fora (descobrindo-lhe os segredos da família).

[1] Os genros vão muitas vezes, nos primeiros anos, a casa dos sogros, onde são galhardamente tratados.



**158.** *Lanvḍyachem tăsentç zălta.* O *corpo* do mexeriqueiro arde dêsse modo.

Origem (fabulosa). Um urso informou um leão doente de que de todos os animais só o chacal o não tinha visitado. O chacal, que o soube, apareceu pouco depois com um saco cheio de papéis, e declarou ao leão que, se o não tinha visitado até então, era porque andava ocupado em procurar receita que curasse a sua enfermidade, e que entre os seus papéis tinha encontrado uma, que reputava eficacíssima. A receita consistia em esfolar um urso vivo, cobrir o leão com a pele ainda quente e esfregar o urso com sal e malaguetas moídas. Dito e feito, quando o urso se contorcia e gemia, o adibe ia-lhe repetindo que era assim que ardia o corpo do bisbilhoteiro [1].

## Capítulo XIX. — **Bravatas**

**159.** *Ajyak natu xikăyta.* O neto ensina a seu avô.

Equival. Quere ensinar o Padre Nosso ao vigário. — *Sus Minervam.*

**160.** *Kunvyam săhit tarum gilunk.* Tragar o navio juntamente com os mastros. — Diz-se de quem blasona descomedidamente das suas façanhas.

**161.** *Xevṭya părăs gabăli vhăḍ.* Maior é o ovário do que o próprio mugem. — Diz-se de quem alardeia mais bazófia que seu pai, ou de quem pretende valer mais do que inculca o seu tamanho e as suas fôrças permitem. O adágio é hiperbólico, como tantos outros orientais.

Equival. Gato miador nunca é bom caçador. — Great boast, small roast. (Inglês). Também em holandês.

**162.** *Uḍto vitçu kuns lay na.* O escorpião que salta não ferra.

[1] O adibe ou chacal representa na fabulística indiana o papel que a raposa desempenha na da Europa.

Equival. O cão que ladra não morde.

**163.** *Kam' supurlem ärḍas vhäḍ.* O trabalho é pequeno, mas o barulho é grande.

Equival. Muitas vozes, poucas nozes. Também em castelhano. Muita parra, pouca uva.

**164.** *Ukälli jibh ani layli ṭalyvak.* Levantou a língua e aplicou ao céu da bôca. — Diz-se de quem blasona em demasia.

**165.** *Xirlyachi dhanv vanv bhär.* A corrida do cameleão é de uma braça. — Diz-se de quempossui poucas fôrças e aparenta valer muito.

**166.** *Tantyant astana sad ghalta.* Cacareja emquanto está no ôvo. — Diz-se dos rapazes que tomam ares pedantes.

Equival. Ainda não é nascida, já espirra.

**167.** *Kävḍe parve sangunk.* Falar em rôlas e pombos. Alardear grandezas. Proferir palavras pomposas.

**168.** *Lamb kaxṭi bäḍay bexṭi.* O «langotim» (espécie de tanga) é comprido *para se ostentar* patarata fofa.

**169.** *Xitak na tandul, poḷiyo kityak kärta randuḷ?* Não há arroz para cozer, porque é que a viúva está a fazer bolos? — Ostentação vã.

**170.** *Kolo mindo nändtälo ani angḍint ghär bandhtälo!* O pobre do adibe há-de prosperar e construir *depois* uma casa no mercado (onde o preço do terreno é mais elevado)! — Diz-se de quem forma projectos sôbre bases pouco seguras [1].

[1] Como o brâmane da escudela de farinha, do *Panchatrantra* (fabulário sânscrito) — fábula que transparece no *Auto da Mofina Mendes*, de Gil Vicente, e na *Laitière et le Pot au lait*, de La Fontaine. Vid. a minha tradução de *Hitopadexa*, pág. XXI.



## Capítulo XX. — **Cadáver**

**171.** (*Conveniência*). *Mäḍem thäy räḍem.* Chôro ao pé do cadáver. Factos funestos requerem tristeza.

Corresp. Nem bodas sem canto, nem morte sem pranto. — *Fili, in mortuum produc lacrymas, et quasi dira passus incipe plorare.* (*Eclesiástico*).

**172.** *Melälya mäḍyak xringar* (ou *xingar*). Adornos para o cadáver!

Equival. Burro morto, cevada para o rabo.

**173.** (*Mêdo*). *Melälem mäḍem agik bhiye na.* O cadáver não teme o fogo (da pira). Diz-se de quem não receia mal pior do que o que tem.

Equival. Quem não tem mais que perder não receia. — Não tem mêdo do fogo a cabra morta. (Marata e canarês). — A quien no tiene nada nada lo espanta. (Castelhano).

## Capítulo XXI. — **Candura**

**174.** (*Deus*). *Zachem mäṅ bhoḷem taka Dev dita keḷem* Quem tem coração cândido Deus lhe dá banana [1]. — Deus ajuda aos simples de espírito.

Equival. Buen corazón quebranta mala ventura. (Castelhano).

**175.** *Ponvli pantli mhuṇun sorgar gelya.* Foi para o céu *uma mulher* dizendo: «ponvli» (palma de arequeira) e cesto. Ir para o céu pelo caminho de ingenuidade.

*Origem.* Uma peixeira pediu, segundo a lenda, a uma beata, que praticava muitas devoções, que lhe ensinasse algumas. A beata respondeu-lhe altaneiramente que fôsse repetindo *ponvli pantli*, — utensílios de que se servem

[1] *Banana* entra aqui por amor da rima e talvez por ser um fruto apetitoso, de que todos gostam e que não faz mal a ninguém.

as peixeiras. A mulher do peixe fê-lo com efeito, supondo na sua simplicidade que era uma oração muito meritória.

Variante (do Canará). *Kazu-ambade mhăllo sorgar gello khãy.* Quem dizia «cajus e ambarós[1]» diz-se que foi para o céu. — Deve estribar-se numa lenda análoga.

**176.** *Bholi băkdi nivăl khavun jirăyta.* Cabra singela come a erva leiteira[2] e a digere (e não lhe faz mal).

## Capítulo XXII.— **Caridade**[3]

**177.** *Jiv rakhun dhărm kărtço.* Exerça-se a caridade salvaguardando a vida própria.

Equival. Mais perto estão os dentes que os parentes. — *Caritas bene ordinata incipit a se.*

**178.** *Apler yevun dusryachem bălkăt pădlam?* Procura-se porventura o bem alheio com prejuízo próprio?

**179.** *Aslălya kăde magchem, naslălyak divunchem.* Peça-se a quem tem, dê-se a quem não tem.

**180.** *Dhărmak dilem, sasnak urlem.* O que se dá para caridade dura por toda a eternidade[4].

Equival. O bem fazer floresce, e todo o al perece. Nunca se perde o bem fazer.—A esmola é o viático para uma jornada. (Canarês). — O liberal é vizinho de Deus, vizinho dos homens, vizinho do paraíso, remoto do fogo do inferno. (Árabe). — Whatever is given to the poor is laip up in heaven. (Inglês).

**181.** *Dăulăt tuka ayli, dusryachi dăya kărchi pădli.*

---

[1] Vid. *caju, ambaró* e *catona* no *Glossário.*

[2] *Euphorbia tirucalli,* Linn. O gado não a come por ser irritante o seu suco leitoso. Vid. *Glossário.*

[3] Vid. *Avareza.*

[4] «Os homens que não fazem mal a ninguém, e tudo suportam com paciência, e são asilo para todos, vão para o céu».— Sânscrito.



Afluíu-te riqueza, tiveste de te compadecer do próximo[1].

Corresp. A dar está obrigado a quem hão dado.

**182.** (*Céu*). *Dublyak bhayr ghalxi, sorginchya rajya bhayro zaxi.* Se repelires o pobre, serás excluído do reino do céu[2].

Corresp. *Qui despicit proximum suum peccat; qui autem miseretur pauperis beatus erit.* (*Provérbios*).

**183.** *Gay marun bam'nak văhan.* Matar a vaca e *dar* alparca ao brâmane.

Explicação. Entre os hindus (gentios) é um dos mais graves pecados matar uma vaca; mas houve um indivíduo que o fez a pretexto de oferecer um par de alparcas ao brâmane, que é seu sacerdote.

Equival. Furtar o carneiro, e dar os pés pelo amor de Deus. — Hurtar el puerco, y dar los pies por Dios. (Castelhano).

**184.** *Mulyachem pan dhărmak lagunv.* A fôlha do rábano aplique-se à caridade.

Origem. Uma vendedeira de hortaliça estava a lavar rábanos num ribeiro, quando se despegou uma fôlha e foi levada pela corrente. Correu por ela, e não a podendo apanhar, disse: «Vá para a caridade». Outra versão é: que estando a vendê-los na praça, um pé de vento levou-lhe uma fôlha, que correu a apanhar, e não o conseguindo, disse...

Equival. O que não podes haver dá-o por amor de Deus. — Lo perdido vaya por amor de Dios. El abad de Bamba, lo que no puede comer dalo por su alma. (Castelhano).

---

[1] «Os bons exercem a caridade até com os seres indignos. A lua não nega a sua luz ao tugúrio do *chandala* (pariá)». — Sânscrito.

[2] «Cumpre dar condigna pousada ainda a um inimigo. A árvore não nega a sua sombra ao mateiro que a vem cortar».— Sânscrito.

**185.** *Ghetălo zayto asa, dităło bhăv thoḍo.* Há muito quem receba, mas pouco quem dê.

Corresp. (negativa). *Non sit manus tua porrecta ad recipiendum, et ad dandum collecta.* (*Eclesiástico*).

**186.** *Kărabam koṇuy dit, burakam koṇ dit?* Qualquer poderá dar cravos de orelhas ¿mas quem é que dará buracos? — Não se pode esperar tudo doutros, sem algum concurso próprio.

Obs. A palavra portuguesa «buraco» é mais corrente que as equivalentes em concani. Quanto a *cravo*, vid. *Influência*.

**187.** *Dhărmachê gayek dant nant.* A vaca de caridade não tem dentes. — Comum ao marata.

Explicação. Parece que se alude à velhice da vaca, que não dá leite por não procriar, sendo por isso inútil ao seu dono, que a dá de caridade.

Equival. A cavalo dado não olhes os dentes. Também em castelhano e outras línguas. — A cheval donné il ne faut pas regarder la bride. (Francês).

**188.** *Danak dilli mhăxiche dant dhărn păletalo khăy.* Conta-se que examinava (alguém) os dentes da búfala, dada de graça. — Usado no Canará.

## Capítulo XXIII. — **Casamento**

**189.** *Păilo răng, dusro săng, tisro bhăng.* O primeiro é teatro, o segundo é união sexual, o terceiro é destrôço. Indicam-se os diversos estádios da vida ordinária de casados.

Corresp. Mãe, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar. Idêntico em castelhano.

**190.** *Aplya vărtyak divunchem ani khaltyachem haḍchem.* Deve-se dar *a filha em casamento* a quem é superior, e trazer a de quem é inferior.

Explicação. Os casamentos entre os hindus (que se



servem mais desta norma) realizam-se antes da puberdade e são combinados pelos pais ou maiorais. A filha casada com um indivíduo de categoria mais elevada tem melhor tratamento do que em sua própria casa. A filha do inferior na escala social faz-se mais humilde e obediente numa família patriarcalmente organizada.

Equival. Desce a escada quando casas com mulher, sobe-a quando escolhes amigo. (Hebraico).

**191.** *Kansarachi vatli năy, părtun divuṃ năzo.* Não é prato de latoeiro, não se pode devolver.

Explicação. O povo cristão usa geralmente de pratos de latão, conhecidos por *bátega* ou *bátiga* em indo-português, os quais se acaçalam todos os dias com cinza. Quando algum fica rachado ou tem qualquer outro defeito, troca-se por um novo. Não se pode, porém, fazer o mesmo com a noiva, diz a família do noivo, devendo por isso haver muito cuidado e ponderação na sua escolha.

Equival. Antes que cases olha o que fazes, que não é nó que desates.

**192.** *Hoklek koṇ vakhaṇtălo hoklechi avăy năy zalyar?* Quem há-de gabar a noiva senão sua mãe?

Equival. Quem há de louvar a noiva senão o pai que a quere casar?

**193.** *Vaḍhlălem cheḍum moḍlălya ghărak.* A filha crescida para casa arruinada.

Explicação. São os pais da filha que lhe procuram o noivo, e é grande ignomínia entre os hindus não o fazerem antes de atingir a puberdade, quando se torna incasável, devendo então dedicar-se ao serviço de algum pagode, por não poder estar em casa. Para se evitar esta eventualidade, arranjam qualquer noivo, mas sempre da respectiva casta. Os cristãos também seguem em parte êsse costume, se bem que a idade de casar é mais alta.

Equival. Casa o filho quando quiseres, e a filha quando puderes.

194. *Eka lägnak bara vighnam.* Para um casamento doze obstáculos.

Explicação. Não é emprêsa fácil arranjar marido condigno para a filha, à vista das exigências e estorvos de várias espécies, particularmente entre os cristãos. Também por ocasião de bôdas surgem muitas questões entre as famílias dos nubentes, entre os parentes e vizinhos, por verdadeira ou suposta inobservância de numerosas formalidades e praxes, a que os índios são muito apegados.

Equival. Pior é a moça de casar que de criar.

195. *Eka chedvak kazar kărunk bara zutim zhărăunk zay.* Para casar uma filha é preciso gastar doze pares de alparcas (que é o calçado comum dos gentios e cristãos pobres).

Obs. O avultado número de alparcas que se consomem indica as caminhadas que se tem de fazer para se alcançar um genro.

196. *Lagxili soyrik hagănichi bălălik.* Aparentamento da vizinhança é doença penosa.

Explicação. Entre a família da filha e a do genro dão-se por vezes contendas, por motivos de ordinário fúteis, e ocasionam muitos desgostos e males graves, particularmente quando vivem na proximidade.

197. *Bayê kazar santê chiṭ.* Casamento da filha, convite no mercado.

Explicação. Quere dizer que se não convidam os hóspedes para as bôdas da filha com o mesmo empenho com que se convidam para as do filho. Os convites são comummente três ou quatro por diversas maneiras, e os hóspedes orçam por centenas. Os banquetes continuam por uma ou duas semanas em casa dum noivo e doutro.

198. *Kazar zata mhănăsăr natçtalo khăym, kazar zallya phara raḍtato khăym.* Dizem que folgava emquanto ainda



se não casara, e chorava logo que se casara. — Usado no Canará.

Equival. Casar, casar, soa bem, e sabe mal.

199. *Dotik bhulun kazar zalo, bayletço tçakăr zalo.* Quem casou fascinado pelo dote faz-se escravo da mulher.

Obs. A adopção da palavra portuguesa «dote» mostra que o anexim é moderno e usado entre os cristãos, que são muito apegados ao dote. Os hindus ou gentios não dotam, em rigor, suas filhas nem as constituem suas herdeiras, mas dão-lhe um enxoval, mais ou menos rico e variado, e diversos presentes.

Corresp. *Intolerabilius nihil est quam fœmina dives.* (Juvenal). — He that marrieth for westh sells his liberty. (Inglês).

200. *Ghărenkaranchè hokălek tephălanchem kanjim.* A noiva, que se alcançou por empenhos, sentia azia de «limão pimentoso». Isto é: mostrava-se delicada e mimosa.

201. *Avyantli mădki geli, kuṭubantlem chedum gelem. Assim como* sai uma panela do fôrno, *assim* a filha *casada* sai da sua família. — São factos muito naturais. Corre o adágio no Canará.

202. *Mhatarpănar kazar pejek adhar.* Casamento na velhice é ajuda para canja.

O velho, que casar, terá muitas enfermidades e deverá alimentar-se de canja, que é a dieta dos doentes na Índia, muito recomendada por Garcia da Orta e por Dellon. Vid. o *Glossário.*

Equival. Ao velho reconcasado, rezar-lhe por finado.— Jung Weib ist altem Mann, das Postpferd zum Grabe. (Alemão: Mulher nova é para o marido velho cavalo de posta para a sepultura.

203. *Bărem zalyar haklê- năvryachem, vayṭ zalyar malyachem.* Se sucede bem, é do noivo e da noiva; se sucede mal, é *culpa* do casamenteiro. — É muito empregado.

204. *Kazar*[1] *budhvara budhvănt na ghara?* Casamento na quarta-feira; não haverá conselheiro em casa? Não há pessoa circunspecta em casa que impida que o casamento se realize na quarta (dia aziago)? — Diz-se, por analogia, quando se pratica em casa algum acto desassisado sem ser consultado o maioral, que se reputa pessoa experimentada e prudente.

Obs. Em marata há um ditado semelhante: O noivo não tem juízo, casa-se na quarta-feira.

205. *Ragar, phugar*[2] *zali, xekim Moyḍya kazar zali.* Agastou-se, resmungou, e por fim casou em Moirá.

Obs. A freguesia de Moirá, uma das mais industriais de Bardês, é vulgarmente reputada de gente desassisada, como a de Lourinhã em Portugal, pôsto que tenha havido e haja pessoas muito ilustradas.

Origem. O anexim provém manifestamente do casamento de alguma cristã presumida, assim pelo facto de ter vontade própria, como pelo emprêgo de palavras portuguesas. É também possível que o conceito ruim dos habitantes de Moirá não seja muito antigo.

206. *Paus ani văt kazar zatat.* A chuva e o sol casam-se. — Diz-se quando chove e há sol; aplica-se figuradamente quando se unem elementos heterogéneos.

## Capítulo XXIV. — **Casa própria**

207. *Aplya ghăratço apuṇ raza.* Cada qual é rei de sua casa. Também em bengali e hindustani.

---

[1] O casamento dos cristãos designa-se pelo verbo português «casar». Vid. *Influência do Vocabulário Português.*

[2] A palavra *phugar*, do port. *afogar*, é muito usada em concani, no sentido de «sufocar» a custo a dor ou a ira, amuar-se, resmungar».



Corresp. Cada um em sua casa é rei. — Mientra en mi casa me estou, rei me soy. (Castelhano).

208. *Torr phorr, măjem ghăr. Torr phorr*[1] (se o faço, faço-o em) minha casa.

Equival. Muito pode o galo no seu poleiro. — Home is home, be it ever so homely. (Inglês). — À tout oiseau son nid est beau. (Francês). — Análogo em italiano e em inglês.

209. *Khăym gelyar ghara yetălo.* Aonde quer que tenha ido há-de vir para sua casa. — Diz-se de homens e de animais domésticos.

210. *Poṭ bhărta thăym ghăr.* Casa é onde se tem meios de subsistência.

Equival. Onde me vai bem aí é a minha terra. — Análogo em inglês.

211. *Aplem ghăr bara kosthan dista.* Vemos a nossa casa à distância de doze «coces» (oito léguas). O desejo aproxima os objectos — Comum ao marata.

Equival. Quem bem quere de longe vê.

## Capítulo XXV. — **Castas e raças**

212. *Zati sangḍi riti, khăṇi sangḍi mati.* O rito é conforme a casta, *assim como* o barro é conforme a barreira. — Os ritos e as praxes variam consoante as castas e são escrupulosamente observados.

213. *Kat mevlyar zat mevlya?* Se é suja a pele ¿é *também* suja a casta? A casta não se avilta com a miséria. — Alude-se ao sentimento de casta ou «castismo», como se diz na Índia.

Equival. A pobreza não é vileza.

214. *Kat meli, puṇ zat meli năy.* A pele é enxovalhada, mas não o é a casta. — É análogo ao anterior.

---

[1] São expressões onomatópicas de estrondo, ventosidade, etc.

Equival. Ainda que negros somos, gente somos e alma temos.

**215.** (*Abuso*). *Bam'ṇak dili vasri, tantum dogham păsri.* Ofereceu-se ao brâmane um compartimento, aí se repotrearam duas pessoas. — Quere dizer que um brâmane teve artes de introduzir outro no quarto em que se alojava. — É uma espécie de abuso paleado.

**216.** *Bam'ṇatço burgo ani undratço pilo khăym tăriy kărit bilkuṭo.* O pequeno do brâmane e o filho do rato anichar-se hão em alguma parte. — Alude-se à inata sagacidade e astúcia dos brâmanes.

Equival. O filho do peixe sabe nadar.

**217.** *Bam'ṇachem had, bara ganv paḍ.* Traze a filha do brâmane (por nora), e doze aldeias *ficarão* arruinadas. — Usado no Canará, para se indicar que a brâmina por sua astúcia fará mal a muita gente, com que convizinhar.

**218.** *Bam'ṇant vaḍhlălo bam'ṇa păräs vărto.* O educado entre os brâmanes é superior ao brâmane. — Torna-se mais fino o discípulo que o mestre.

**219.** *Bam'ṇak budh phuḍe, tçarodyak paṭhi.* O juízo do brâmane é para diante, e o de «charodó»[1] é para trás (do acto).

Explicação. É muito corrente esta máxima, para indicar as características das duas castas. Os brâmanes pensam maduramente no que hão-de fazer, os charodós arrependem-se de não ter ponderado o assunto préviamente. Mas no Canará se diz que «o brâmane tem o juízo para trás.

**220.** *Bhukelălya bam'ṇak ani jevlălya sudrak tçaḷăvum năye.* Não se deve importunar o brâmane faminto e o sudro jantado.

---

[1] Suposto descendente da antiga casta militar. V. *Glossário.*



Explicação. — É outra característica de duas castas. O sudro, reputado de casta baixa e anárica, quando tem a barriga farta, torna-se soberbo e atrevido.

Equival. (parcial). O ventre em jejum não ouve a nenhum. — A hungry man, an angry man. (Inglês).

**221.** (*Culto*). *Tçahmarachya devak khetranchi puza.* Ao deus do sapateiro culto de alparcas. — Manifesta-se desprêzo pelo deus e pelo culto dos sapateiros, que constituem uma classe infima. Comum ao marata.

**222.** (*Culto*). *Kaphryanchya devak toṇkyachi puza, tçahmaryanchya devak văhaṇanchi puza.* Ao deus dos cafres, culto de bordão; ao deus dos sapateiros, culto de alparcas. Usado no Canará, e é provável que seja ou tenha sido em Goa.

**223.** *Konkṇo gello ganv paḍ, bikḍi gellem ran paḍ.* É arruinada a aldeia aonde foi o concanó (habitante do Concão), *assim como* é destroçado o mato aonde penetrou a cabra. — Usado no Canará; denota a antipatia regional.

**224.** *Dha zăṇdnim kavlo khavun, khay naslălyak zatintlo bhayr ghalo khăym.* Diz-se que dez indivíduos comeram uma gralha (que é animal imundo), e expulsaram da casta um que o não comeu (a fim de coonestarem o acto próprio). — Verbera-se a tirania da maioria. Voga o ditado especialmente entre os hindus.

## Capítulo XXVI. — **Castigo**[1]

**225.** (*Agricultura*). *Vămplya băgăr pikă na, marlya băgăr vikă na. Assim como* não se colhe sem semear, *assim* não se aprende sem ser espancado.

Equival. O castigo faz ao doido ter siso. — Spare the rod and spoil the child. (Inglês).

---

[1] Vid. *Educação* e n.º 58.

**226.** (*Deus*). *Dev kăy nidla?* Está acaso Deus dormindo? — Diz-se de quem tem o castigo merecido e não esperado.

Equival. Ainda Deus está onde estava. Deus paga quem em maus passos anda. — God cometh with leaden feet, but striketh with iron hand. (Inglês). — Gottes Mühle geht longsam, aber sie mahlt sein. (Alemão: O moinho de Deus trabalha de vagar, mas mói bem).

**227.** *Khast pavun na ravun.* O castigo, chegando ou demorando. Isto é: tarde ou cedo, o castigo virá fatalmente.

**228.** *Tuka bobaṭ kărta to tuzo băro phuḍar sodhta.* Quem te repreende, teu bom futuro pretende.

**229.** *Avăy-bapuy martălo, puṇ lagim kaḍhtălo.* Os pais hão-de bater (castigar), mas também hão-de cuidar.

**230.** *Lăhan na vhăḍ, jivak băsun răḍ.* Não respeitas grande nem pequeno, senta-te a chorar por tua vida. — Diz-se à criança, que é castigada com severidade por se não portar devidamente e que se põe a chorar.

**231.** *Dusryak vayṭ kărunk sodhta tem apṇak phălta.* O mal que alguém intenta fazer ao próximo frutifica para si próprio.

**232.** *Nak dhărlem, tond ughăḍlem.* Apertou-se o nariz, abriu-se a bôca. O castigo faz confessar a falta ou revelar o segrêdo.

## Capítulo XXVII. — **Causa e efeito**

**233.** *Tĭl ghaṇyant ghalya băgăr tel ye na.* Sem que se meta gergelim no lagar não provém azeite. — Não se obtém o efeito sem se pôr a causa.

Obs. Na Índia meridional faz-se muito uso do óleo de gergelim.

Corresp. Sem trabalho não se pode de gergelim extrair óleo. (Sânscrito).



**234.** *Hansta tache dant distat.* Vêem-se os dentes de quem se ri. — Pelo efeito se conhece a causa. Diz-se também quando alguém põe a causa e não leva a bem que se conheça o efeito, como quem se ri e não quere que se vejam os seus dentes feios ou cariados. — Comum ao marata.

**235.** *Xita vărvim bhatachi părikxa.* Pelo arroz cozido se julga do arroz em casca. — Comum ao marata.

Equival. A árvore julga-se por seu fruto. (Marata). *Ex fructibus eorum cognoscetis eos.* (*Evangelho*).

**236.** *Zhaḍa sangḷem phăḷ.* O fruto é conforme com a árvore.

Corresp. A tree is known by its fruits. (Inglês).

**237.** *Veli prămaṇem phăḷ.* O fruto é conforme com a trepadeira (planta). — É análogo ao antecedente.

**238.** *Dakṭim kărtubam, dakṭim biyam, jim ditat ambrutachim vă vikhachim phăḷam.* Pequenas acções são como pequenas sementes, que dão frutos de ambrósia ou de veneno.

Equival. (parcial). De pequena bostela se levanta grande mazela.

**239.** *Biya sarkem bhat, khăṇi sarki mati.* O arroz é conforme com a semente, e o barro é conforme com a barreira.

Obs. Aludem alguns provérbios ao barro e barreira, porque antigamente as paredes de casas eram de taipa ou de simples barro.

**240.** *Biya terit bhat, sangṇe terit gad, rukha terit phăḷ.* O arroz é conforme com a semente, o provérbio é conforme com o dito, o fruto é conforme com a árvore. — Usado no Canará.

**241.** *Moḍa terit paus.* A chuva é conforme com a tempestade. — Usado no Canará.

**242.** *Muḷ dăvărlyar, phanṭe phuṭtăle.* Se se conservar a raiz, deitará rebento.

Corresp. Se se deixam as raízes, cresce de novo a erva.

**243.** *Kăḍu khatotç poṭant tçabta.* Quando se come cousa amarga, sente-se dor no estômago.—Diz-se a quem imprudentemente deu causa ao mal de que depois se queixa.

Equival. Quem come malaguetas arde-lhe a bôca. (Malaio). Quem semeia espinhos colhe abrolhos. Quem semeia ventos colhe tempestades.

**244.** *Ambăṭ khatotç gălya lagim kătçărta.* Quando se comem cousas azêdas, sente-se azia na güela.—É análogo, na aplicação, ao antecedente.

**245.** *Zaka dukhta to hay mhuṇta.* Aquele a quem dói diz ai.

Equival. Cada qual sente o seu mal. Cada qual sabe onde o sapato o fere.—Ognuno sa dove il dente gli duole. (Italiano).

**246.** *Doṇ aslya băritç asteli, ambaḍi matr kusteli.* A salgadeira estará como está *rachada*, sòmente as manguinhas de «achar» apodrecerão.—Usado no Canará.

**247.** *Randhta tăsem jevumchem, karta tăsem bhogchem.* Deve-se jantar conforme se cozinha, deve-se gozar conforme se pratica.

**248.** *Tçul văsăt, buḍkuḷo tapăt, jevunk meḷăt.* Se trabalhar o fogão, aquecerá a panelinha, haverá para comer.—Alude-se à necessidade de trabalhar para se ter o que se deseja.

Equival. *Ubi commodum, ibi incommodum.*

**249.** *Tçorun vhărtotç daram ghoḍunk.* Pôr portas *à casa* depois de roubada.

Equival. Casa roubada, trancas à porta.—*Duodecima hora aedificare.*

**250.** *Sari rat zagi, ani xengo vaṇgim randhlim.* Passou acordada a noite inteira, e cozinhou vagens e beringelas. Incomodou-se tanto para fazer uma cousa tão fácil.—Comum ao marata.



Equival. *Mons peperit murem.*

**251.** *Bhazun vămpunk na.* Não se semeou *semente* torrada.—Diz-se a quem contesta ou duvida que a causa produza o seu efeito, como não produziria a semente torrada.

Equival. Of evil grain no good seed can come. (Inglês).

**252.** *Bhazlălyô văriyô biyak upkar nant.* O pânico [1] torrado não presta para semente. Assevera-se que a causa é inepta para produzir o efeito.

**253.** *Intrudak khelem mas, Paskank aylo ḍhenk.* Comeu-se carne para o Entrudo, e teve-se arrôto para a Páscoa.—Diz-se quando se atribui o efeito a uma causa imaginária.

Obs. O ditado é moderno e usado ùnicamente pelos cristãos, como se conclui do contexto.

Equival. Há um ano que me morden o sapo, e agora me inchou o papo.

**254.** *Reḍo tcălă na, văro păḍă na.* Não anda o búfalo (do arado), não se abre sulco.—Não há efeito sem causa instrumental.

**255.** *Tak tçavlyar, loṇim yet; udăk tçavlyar kitem yet?* Se se bate o leite desnatado, pode sair daí manteiga; mas se se bate a água ¿que poderá sair daí?

**256.** *Dhăr nastana gaḍi tçălă na.* Não anda a carruagem sem ser guiada.

**257.** *Phăḷ zay taṇem phul toḍchem năy.* Quem quere fruto não deve arrancar a flor.—Comum ao marata.

**258.** *Dukhăvlălo păy kurḍo.* O pé maguado é cego. Quere dizer que topa amiúde com qualquer cousa.—Idêntico em tamul.

---

[1] *Panicum miliaceum*, Linn.

## Capítulo XXVIII. — **Cautela**[1]

**259.** *Chintlya băgăr pãy ghaltço năy.* Não se deve pôr o pé sem *prèviamente* ponderar.

**260.** *Tçavi*[2] *sambhaḷxi, sămadhan thorxi.* Se guardares as chaves, prosperarás pacìficamente.

Equival. A chave na cinta faz a mim boa e à minha vizinha.

**261.** *Xivtălyachya uzvya hata ani rădtălyachya davya hata băschem năy.* Não te assentes à direita de quem cose e à esquerda de quem chora.

Obs. A razão da primeira parte do enunciado é assás clara, a da segunda está em se assoarem as carpideiras com a mão esquerda.

**262.** *Kărtălyachya mukhar ravunchem, martălyachê paṭhi ravunchem.* Esteja-se à frente de quem trabalha e detrás de quem espanca.

**263.** *Kati, miṭhi ani măti sădankal tăyar aschi.* A faca, os beiços e a inteligência devem estar sempre aparelhados. — A faca, para cortar o que convém ou para vencer obstáculos[3]; os beiços, para darem resposta adequada; e a inteligência para regular os actos.

**264.** *Phuḍlo pădlyar paṭhlo huxar.* Se o de frente cai, o de trás é avisado. — Comum ao marata.

**265.** *Ḍoḷe tuje ughăḍxi, suphăḷ vantçxi.* Se abrires os teus olhos, viverás venturoso. Se fôres atento e cuidadoso, serás ditoso.

---

[1] Vid. *Prudência.*

[2] A palavra «chave» introduziu-se em muitas línguas indianas. V. *Influência do Vocabulário Português.*

[3] Há na Índia muitos homens do povo que andam sempre com uma faca à cinta.



## Capítulo XXIX. — **Cegueira**

**266.** *Ḍoḷe naslyar săunsar na.* Quem não tem olhos não tem mundo. — Diz-se amiúde de quem não pode ver ou não sabe ler.

**267.** *Andhlyak păkvăn dilem tem mazăr khata.* O manjar que se deu ao cego come-o o gato. — Diz-se quando se dá ou se faz alguma cousa ao incompetente.

**268.** *Kurḍyah okl kityak?* De que servem os óculos ao cego? — Diz-se figuradamente de quem não sabe ler.

**269.** *Kurḍyak rat ani dis sarko.* Ao cego dia e noite são iguais. — Também em caxmirês.

**270.** *Kurḍyak kurḍo vaṭ xikăyta.* O cego ao cego ensina o caminho. Um cego pretende guiar outro. Quem mal sabe para si quere ensinar os outros. — Análogo em marata.

Equival. *Si cœcus cœco ducatum præstet, ambo in foveam cadunt.* (*Evangelho*).

**271.** *Kurḍi udkak geli, ghagăr phoḍun ghara ayli.* A cega foi por água, e voltou para casa com a bilha partida. — Não se pode esperar outra cousa do incompetente. Comum ao marata.

## Capítulo XXX. — **Céu e inferno**

**272.** *Sorgak ekutç vaṭ.* Um só é o caminho para o céu (o qual é o da virtude).

**273.** *Melya băgăr sorg meḷă na.* Não se alcança o céu sem morrer (sem passar por trabalhos e tribulações). — Aplica-se também à felicidade temporal. — Comum ao marata.

Equival. O homem não obtém a ventura sem afrontar o risco. (Sânscrito).

**274.** *Apuṇ mărun sorgar vechem.* Cada um tem de

morrer para ir para o céu. — Quem deseja ser feliz deve trabalhar por si e não depender doutros.

Variante (do Canará). *Apṇem măra zay, sorg păḷe zay.* Cada qual deve morrer e ver o céu.

Equival. Cada um por si, Deus por todos.

275. *Bhagevănt asat sorgar, devtçar yem'kănḍant, mănis săunsarant.* Os santos estão no céu, os demónios no inferno e os homens no mundo. — Voga no Canará.

276. *Yam'kănḍant ixṭ na, sorgar kăxṭ na.* Não há amigo no inferno, não há trabalhos no céu. — Corrente no Canará.

277. *Yăm'kănḍant bhed na, sorgar rôg na.* Não há diferença no inferno, não ha doença no céu. — Usado no Canará.

278. *Yăm'kănḍak năv baglam, sorgak ekutç bagil.* Nove portas para o inferno, uma só porta para o céu. — É do Canará.

279. *Imphern dukhachem, săunsar axetço, sorg sukhatço.* O inferno é de pena, o mundo é de esperança e o céu é de felicidade. — Voga no Canará [1].

Obs. Muitos dos provérbios, correntes no Canará, ressentem-se da influência moderna do cristianismo, proveniente dos prègadores.

## Capítulo XXXI. — **Cobiça**

280. *Ḍoḷe papi, jiv svarthi* (ou *sugrati*). Olhos pecaminosos, ânimo avaro.

Corresp. A cobiça conhece-se pelos olhos. Olho vê, mão pilha. — *Infernus et perditio nunquam implentur, similiter et oculi hominum insatiabiles.* (*Provérbios*).

281. *Axa kelyar dăxa veta.* Se se cobiça, perde-se a

[1] Vid. *Candura*, n.º 175, e *Caridade*, n.º 181.



reputação. A cobiça descomedida leva a praticar desatinos [1].

Corresp. Muita cobiça e muita diligência: pouca vergonha e pouca consciência. — Covetous men are neither fed, clothed, nor respected. (Inglês).

282. *Tçădhak văyta to ghara pavă na.* Quem vai à procura de muito não chega a casa. — É usado na província de Salcete.

283. *Axa tçădh zali, aukh uṇem zalem.* Aumentou a cobiça, diminuiu a vida.

284. *Labhachê axê mudăl naxê.* Por amor do juro perde-se o capital.

285. *Annăsătr jevun mirgatço piṭho mag.* Come tu de caridade e pede *a mais* pó de pimenta. — Comum ao marata.

Equival. To dine upon charity and call for sauce. (Inglês).

286. *Tupachê axen uxṭem khelem.* Pela cobiça de manteiga comeu os restos. — Quere dizer que se praticou uma acção grosseira ou indigna. — Comum ao marata.

287. *Thoḍem ghe na, tçădh sodhta, upari păḍta.* Não recebe pouco, procura muito, morre de fome.

288. *Apṇachem kanṭhbhăr dăvrun dusryachem boṭbhăr ustita.* Guardando o seu, cheio até a bôca da panela, revolve *para comer* o que doutro medo um dedo.

Obs. Parece que também se emprega no sentido de «assoalhar» pequenas faltas do próximo, encobrindo as suas numerosas e graves.

289. *Ghăr-săunsar na taka ghărgărvăta kityak zay?* Quem não tem família e relações *no mundo*, ¿ porque é que quere *aumento de* alfaias?

[1] «O ávido de riquezas nunca vive contente, o seu espírito é arrebatado e os seus sentidos são indomáveis. De facto, é vítima de todas as desgraças o que não traz o coração satisfeito». — *Hitopadeça.*

**290.** (*Ingratidão*). *Kellyak kellem titlẽy thoḍem, hat uḍăyllyak dilem titlẽy thoḍem.* A quem se fez (qualquer serviço) é pouco tudo que se fez; a quem estendeu a mão é pouco tudo que se deu. — Usado no Canará.

**291.** (*Vizinho*). *Xezaratço soro ădhik băro.* O vinho do vizinho é melhor *que o meu.*

Equival. O pão do vizinho tira o fastio. Melhor me parece o teu jarro amolgado que o meu. A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha. Também em castelhano. — The wholesomest meat is at another man's cost. (Inglês).

**292.** *Poṭ bhărta, puṇ ḍoḷe bhăra nant.* Enche-se a barriga, não se enchem (satisfazem) os olhos. — Comum ao marata.

Equival. *Multa petentibus desunt multa.* (Horácio).

**293.** *Tçăḍh asa to tçăḍh sodhta.* Quem muito tem muito deseja.

Equival.:

*Creverunt et opus et operum imperiosa Cupido*
*Ut qui possident plurima plura petant.*
(Ovídio).

**294.** *Dant nant mukhant, viḍe ghali khisyant.* Não tinha dentes na bôca e metia «birós» na algibeira. — Comum ao marata.

Explicação. *Biró* ou *vidó* é involucro de bétele com areca e outros ingredientes, que os hindus costumam oferecer aos visitantes e hóspedes. Vid. *Glossário.*

## Capítulo XXXII. — **Coincidência**

**295.** *Kavḷo uḍlo ani khandi moḍli.* Voou a gralha *do ramo onde estava pousada,* e o ramo quebrou-se. — Comum ao marata, com base no sânscrito.

Equival. *Post hoc, ergo propter hoc.*



## Capítulo XXXIII. — **Colisão**

**296.** *Hoy mhuḷḷyar ghăr veta, năy muḷḷyar bayl veta.* Se digo «sim», vai-se-me (perde-se) a casa; se digo «não», perde-se a mulher.

Obs. Alude-se a algum facto histórico, em que assim a afirmativa como a negativa tinham o seu inconveniente.

Equival. Ver-se entre o malho e a bigorna.

**297.** *Heṇem gelyar heṇem păḍlim, teṇem gelyar teṇem păḍlim.* Se vou por aqui, caio aqui; se vou por ali, caio ali. Evitar Scila e cair em Caribdes.

Origem. Uma velha, que ia por uma estrada, para fugir do perigo de ser escornada pelo gado que vinha, desviou-se para outro lado e caiu num fôsso; mas voltando para o meio, foi deitada ao chão. Disse então à sua companheira mais nova e ladina...

Equival. Fugir do lôdo e cair no arroio. Fugir do fumo e cair no fogo. Fugi do alcaide, caí no meirinho.

**298.** *Heṇem gelyar nhăy, teṇem gelyar păy* (ou *băy*), *mădhem ravum khăym?* Se vou por aqui, é rio, se vou por ali, é riacho (ou poço); ¿onde é que fico no meio?

Equival. Estar entre a cruz e água benta. — Por aqui rio, por ali sebe. (Marata). — Um poço à frente e um fôsso detrás. (Hindustani). — *A fronte præcipitium, a tergo lupi.*

**299.** *Ekak kelyar dusryak năsay.* Se se faz (um obséquio) a um, fica indisposto o outro.

Variante. *Aylyak kelyar pelyak năsay.* O que se faz a êste não leva a bem aquele.

**300.** *Dudhatço gôṭh gilũy năzo, bhayruy uḍăum năzo.* O gole de leite não se pode engolir (porque escalda), nem se pode lançar fora (por ser leite e como tal muito apreciado). — Emprega-se quando se não podem encobrir

nem denunciar as faltas dos parentes e dos amigos. Comum ao marata.

Equival. Não o posso tragar porque é quente, nem o posso lançar porque é canja. (Singalês).

301. *Mavxi jevunk vaḍhi na, bap bhik magunk di na.* A madrasta não me dá de comer, e o pai não me permite mendigar.

302. *Dantuy mäje, oṇthuy mäje.* Os dentes são meus, como o são os beiços. — Di-lo quem não quere intervir na questão entre dois parentes ou amigos, para se não indispor com nenhum dêles.

303. *Säkäl dăvärlyar muy vhärät, văyr dăvärlyar kavḷo vhärät.* Se se põe em baixo, levá-lo há a formiga; se se põe em cima, levá-lo-há a gralha. — Usado no Canará.

Equival. Not too high for the pye, nor too low for the crow. (Inglês).

## Capítulo XXXIV. — **Comida**

304. *Khavunk gät aslyar, magunk gät asa.* Quem tem disposição para comer tem *também* disposição para pedir.

305. *Khavunk zaṇo to jiräunk zaṇo.* Quem sabe comer sabe digerir. — Comum ao marata.

Obs. Nem sempre assim acontece; mas o provérbio refere-se a quem está já habituado a certa comida ou outro objecto, que a outro faria mal.

306. *Khavunk meḷta thäym koṇuy dhanvta.* Todos correm onde encontram de comer.

Equival. Lá vão onde encontram pão. (Marata).

307. *Lenkrum ani suṇem sarkim: hatar ghaltat thäym vetat.* A criança e o cão são parecidos: vão aonde lhes dão de comer.

Equival. (parcial). Queres que te siga o cão? dá-lhe pão.



308. *Khata pita, Dev dita.* Come, bebe; é Deus quem dá. — Diz-se do homem de boa vida e sem cuidados.

Equival. Morra Marta, morra farta. — Spend, and God will send. (Inglês).

309. *Lähan toṇḍ, moṭe ghans.* Bôca pequena, bocados grandes — Denota sofreguidão e volume da comida. Comum ao marata.

310. *Khayn tär tupaxim, na tär upaxi.* Se eu comer, há-de ser com manteiga, se não, jejuarei. — Comum ao marata.

Obs. Os hindus, que não comem carne nem ovos, e alguns nem peixe, dão muito aprêço ao uso de manteiga.

Equival. Comer truta ou jejuar. — *Aut nihil aut Cæsar.*

311. *Khatana goḍ, hagtana zäḍ.* É doce ao comer e pesado ao digerir. — Diz-se de alimentos insalubres ou superabundantes, que agradam ao paladar e fazem mal ao estômago. Emprega-se também metafòricamente por maus resultados de actos aparentemente bons.

Origem. Explica-se o rifão pelo facto de um urso ter ingerido grande porção de canafistulas, que depois se lamentava de não poder evacuar.

Equival. Barriga cheia, pé dormente. — A barriga do homem é seu inimigo. (Árabe). — A man has often more trouble to digest meat than to get it. (Inglês).

## Capítulo XXXV. — **Cómodos**

312. *Hansun hansun dis kaḍhunk.* Passar a vida com contínuo riso. Viver vida folgada.

313. *Hansun hansun kamam kärunk.* Conseguir os seus intentos com rir constantemente. Levar tudo a rir.

314. *Tachem kunḍyar xizta.* A *comida* dêle coze-se ao borralho. Pouco tem que trabalhar para viver. A vida corre-lhe fagueira.

315. *Palkent bäsun sorgar vätçunk sodhta.* Intenta en-

trar no céu transportado num palanquim. — Diz-se de quem não se incomoda para cumprir os seus deveres religiosos.

316. *Ravuḷantlo băkul dukăḷ neṇo sukăḷ.* O gato do paço real não conhece penúria nem abundância (as dificuldades da vida).

Equival. Quer chova, quer não chova, meu amo me dará que coma.

317. *Pănktik tçuklyaruy, jevṇak tçukă na.* Ainda que falte à função, não falta ao jantar.

318. *Văvḷyancher maṭăv păḍla?* ¿Têm porventura as «acompanhantes» de aparelhar o barracão (em que se fazem as bôdas)?[1]. Os hóspedes não têm de se importar com o serviço. — Diz-se de quem quere comer sem tomar parte nos preparativos.

Obs. Os noivos têm na Índia grande séquito, e as bodas são profusas e prolongadas. A erecção da ramada e a sua ornamentação demandam muito trabalho e perícia.

Equival. Quem entra em casa feita, ou se senta em mesa posta, não sabe o que custa.

319. *Ganvantlo gelo, ganvantlo zalo.* Foi-se duma aldeia, fez-se doutra aldeia. — Diz-se de quem está bem em toda a parte. — Comum ao marata.

Equival. El que no tiene casa de suyo, vecino es de todo el mundo. (Castelhano).

320. *Kolyak xidav pharik kărtço păḍla?* ¿Tem acaso o adibe de pagar foros (por comer do arrozal ou do canavial)? — Diz-se de quem vive de borla.

321. *Asa panghrunk khata hinv.* Há para cobrir, sente-se frio. Sente frio quem tem para se agasalhar.

Equival. Deus dá frio conforme a roupa. Cada qual siente el frio como anda vestido. (Castelhano).

[1] Tais barracões de festa são chamados «ramadas» em indo-português. Vid. *Glossário.*



322. *Cheḍya, vălo tanḍ re. Hanv burgo năy ga. Cheḍya, xidori haḍ re. Hanv vhăḍlo năy ga.* «Filho, dá ao remo». «Eu sou rapaz, ¿não sou?» «Filho, traze o farnel». «Eu sou adulto, ¿não sou?» — Diz-se de quem se retrai ao trabalho, a pretexto da pouca idade, mas quere gozar como os outros.

323. *Udkariy nidta, puḍiriy nidta.* Deita-se (dorme) assim sôbre a água como sôbre a poeira. — Diz-se de quem se contenta com qualquer situação. Voga o anexim no Canará.

324. *Soln dillya kelya bări.* Como quem desse uma banana descascada. — Insinua-se excesso de obsequiosidade. Usado no Canará.

325. *Bardeskar jevṇak bad.* O Bardesano só serve para comer ou gasta tudo no seu comer. — Usa-se em Salcete com relação aos habitadores de Bardês, que são reputados mais comodistas.

## Capítulo XXXVI. — **Companhia e solidão**

326. *Us gôḍ ki sangat gôḍ?* ¿É mais doce a cana do que a companhia?

Origem. Um dos companheiros da jornada deixou-se ficar atrás para comprar e comer uma cana de açúcar; foi assaltado e roubado por saltoadores. Então os outros lhe preguntaram quando se encontraram: «¿É mais doce a cana que a companhia?».

327. *Chăndăna sangata aslălo rukh chăndăn zata.* A árvore, que se acha ao pé do sândalo, torna-se sândalo (como vulgarmente se crê na Índia).

Equival. Quem a boa árvore se acoita, boa sombra o cobre. A boa companhia torna o mau bom. — Um parvo chega a ser douto pelo contacto com os sábios. (Sânscrito).

**328.** *Bărya sangata bhonvlyar băro zata.* Quem anda na companhia dos bons faz-se bom [1].

Corresp. Anda com os bons e serás um dêles. Arrima-te aos bons e serás um dêles. Idêntico em italiano.— *Qui cum sapientibus graditur sapiens erit; amicus stultorum similis erit.* (*Provérbios*).

**329.** *Rasvăḷachem tărṇ hoy, puṇ eksurachem dhăn năy.* Mais vale o caldo de arroz de rancho do que a riqueza do solitário.

**330.** *Tçăṇo bhazlyar tiḷ urta?* Se o grão se torra, ¿deixa de se torrar o gergelim (que com êle está)?

**331.** (*Vizinhos, Conversação*). *Xezara aslya băgăr xezar kăḷă na, bolik aslya băgăr sangat kăḷă na.* Não se conhece a vizinhança sem morar na vizinhança, e não se conhece a companhia sem entrar em conversação.

**332.** *Gorvant gorum aslyar, xingak xing adăḷta.* Estando uma rez no meio do gado bovino, os chifres tocam-se [2]. — Acontece haver na companhia ofensa ou falta inintencional.

Equival. Onde há cães há contendas. (Tamul). A su amigo el gato siempre le deja señalado. (Castelhano).

**333.** *Deḍo mevṇo kăvănṭham khata; eklo aslyar vagḷam khata.* O cunhado-paraninfo do noivo come ovos (por estar em sua companhia); se está sòzinho, come morcegos (isto é, cousas grosseiras).

Obs. Parece que o provérbio não voga entre os hindus, a quem é defeso comer ovos, por serem o gérmen de vida.

**334.** *Eklyachem piklem doghanchyô văḷavăḷi, teghan-*

[1] «Assim como um objecto brilha por estar próximo do monte onde nasce o sol, assim ainda uma pessoa baixa brilha pelo contacto dum homem eminente». — Sânscrito.

[2] Os bois indianos têm de ordinário cornadura comprida.



*chyô păḷapăḷi.* Sendo um, é gôzo; sendo dois, é repetida volta; sendo três, é fuga.

Explicação. Põe-se isso na bôca dum urso ou adibe, e interpreta-se por dois modos: quanto menor é o número, tanto mais se aproveita a prêsa; quanto maior fôr o número dos assaltados, tanto maior é o perigo do assaltador. O segundo parece mais consentâneo ao texto.

Equival. Sê burro bravo, que surpreendem os viandantes. (Árabe).

**335.** *Ekṭhăy zale ganvkar, thăym asat bhăv devtçar.* Reüniram-se os «gancares», compareceram ali numerosos demónios.

Explicação. Nas sessões dos componentes da «comunidade» agrícola aldeana suscitam-se muitas dissenções e inimizades.

**336.** *Ek băḍ bhintyê răḍ.* Uma pessoa (só, se é), chora ao lado da parede (exterior de casa). Quem não tem companhia em casa, nem na vizinhança tem quem lhe acuda.

Equival. Não se pode viver sem amigos. — *Vae solis!* Als Christus allein war, versuchte ihn der Teufel. (Alemão: Quando Cristo esteve só foi tentado pelo demónio).

**337.** *Eŭk jiv săda xiv.* Vida solitária e sempre feliz. Êste rifão é contrário ao antecedente. Quem é só regula a sua vida como entende, sem nenhum estôrvo doutro indivíduo. — Comum ao marata.

Equival. Mais vale só que mal acompanhado. Análogo em italiano e árabe.

**338.** *Eklem băḍ, ghetlem guḍăs, tçăllem uḍăt, phuṭḷem guḍăs, aylem răḍăt.* Uma pessoa só, pegou na bilha e foi saltando de prazer; partiu-se a bilha, voltou chorando. — Um homem solitário não tem de dar conta da sua vida a ninguém.

**339.** *Arachya sangata gandev chirḍun mela.* Em companhia de gibóia, a minhoca morreu achatada.

**340.** *Bărya sangata păḍlyar bări buddh; khoṭya san-*

*gata pădlyar khoṭi buḍh.* Quem anda em boa companhia tem o juízo são; quem anda em má companhia tem o juízo perverso. — Usado no Canará.

Equival. Com tais me acho, tal me faço. ¿ Queres conhecer tua filha? Olha-lhe a companhia.

## Capítulo XXXVII. — **Compensação**

**341.** *Azo melo natu zalo, zăma khărtç sarko.* Morreu o avô, nasceu o neto: a receita e a despesa são exactas. — Nenhum homem é indispensável. Análogo em marata.

Equival. *Mortuus est pater ejus, et quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.* (*Eclesiástico*).

**342.** (*Honra*). *Ganv naslălyak nanv puṇ zay.* Quem não tem *direito* à aldeia deve ter ao menos bom nome. Quem tem de depender doutrem deve ter boa reputação.

Obs. O «gancar» (vid. *Glossário*) tem muitas regalias e vantagens com relação aos bens comunais e aos seus serviçais.

## Capítulo XXXVIII. — **Competência e incompetência**

**343.** *Nhavi kărta ti xenḍi, xeṇăy kărta ti puṇăv.* Tal é o rabicho qual o faz o barbeiro, e tal é a lua nova qual a faz (declara ser) o letrado (ou mestre).

Obs. Os hindus trazem, como os chineses, carrapicho, cuja feição regula o barbeiro, visto que não o vê na sua base quem o traz. Vid. *sendim* no *Glossário*.

**344.** *Dhar ani bhar aslyar, kitĕy katrăt.* Se houver fio e pêso (no instrumento cortante), cortar-se há qualquer cousa. — Quem fôr fino e ponderado ou influente conseguirá o seu intento.

**345.** *Gavḍyan keli punăv.* O «saleiro» (indivíduo de



casta inferior) fez (declarou ser) lua cheia. — Diz-se do incompetente.

**346.** *Keppo vazăp na mhăṇo, kurḍo lôk na mhăṇo.* O surdo dizia que não havia música (por êle a não ouvir) *para a festa,* e o cego dizia que não havia gente (por não a ver).

## Capítulo XXXIX. — **Compras e vendas**

**347.** *Girahyikan sovay maglyar ani pavsan bhizlyar lăz na.* Se o freguês pede a preço baixo e se a chuva molha, não é vergonha. — A segunda parte comprova a primeira.

**348.** *Kenḍṇetço mal săḍantç sugur.* A mercadoria desprezada é sempre segura *de se vender.*

Corresp. Quem desdenha quere comprar. Quem diz mal da cousa, êsse a compra. Igualmente em castelhano e inglês.

**349.** *Zăsem pikăt tăsem vikăt.* Como fôr a colheita, assim se venderá.

**350.** *Mal tăsem mol.* O preço é segundo a fazenda. — Comum ao marata.

**351.** *Eka mandar don păsarkar upkară nant.* Numa loja não convém dois negociantes (independentes, por variarem nos preços).

**352.** *Paṇyant mhăs ani văyr mól?* A búfala está na água ¿e faz-se o seu preço acima? — Diz-se quando se compra algum objecto sem ser bem examinado. Comum ao marata.

Obs. Os búfalos gostam muito de passar longas horas em algum ribeiro ou lago pouco profundo, especialmente na estação calmosa.

Equival. Acheter chat en poche. (Francês). Análogo em alemão e chinês.

**353.** *Khatana goḍ, pharik kărtana zăḍ.* Doce ao comer, amargo ao pagar. — Comum ao caxmirês.

354. *Girvadyache rede vhărun Parra vikunk.* Levar búfalos de Guirim e vendê-los em Parrá. — É pouco conhecido o anexim.

Explicação. Guirim e Parrá são duas freguesias limítrofes de Bardês, a segunda das quais tinha antigamente mais búfalos que a outra, sendo por isso o seu preço mais baixo.

Equival. Levar água ao mar.—To carry coal to Cardiff. (Inglês).

## Capítulo XL. — **Comum**

355. *Bhagatço vanto vărlent kuso.* O peixe comum apodrecia no cabaz.

Equival. Cousa comum é de nenhum. Igualmente em castelhano e inglês. Asno de muitos, lôbos o comem. Também em Castelhano. Panela de muitos, má comida e pior mexida.

356. *Ganvak gelălo mănis lădgo.* O homem que se leva pelo bem da aldeia é desprezível.

Equival. Qui sert commun, nul ne le paye, et s'il défaut, chacun l'abbaye. (Francês).

357. *Ganvak kelălo upkar na, ani mădyak kelălo sringar na.* Não é favor (não merece o nome de favor) o que se faz a uma aldeia, *assim como* não é adôrno o que se faz ao cadáver. — Diz-se de benefício público, que é geralmente pouco reconhecido.

Equival. Quem serve a moço, a mulher e a comum, não serve a nenhum. — Quien hace por comun, hace por ningún.

358. *Ganvtço ganv mhar khavum.* A aldeia que pertence à aldeia inteira, que a coma o «faraz» [1]. — O que não é

[1] Casta ínfima de Goa, a qual faz os serviços baixos de aldeia ou freguesia. Vid. *Glossario.*



meu ¿ que me importa que outros o aproveitem ou desperdicem?

359. *Ekchem titlem tichem, mădhem gelem pez jevunchem.* Quanto é desta, tanto é daquela; quem se meteu de permeio teve de comer canja.

Obs. A canja comum de água e sal é tida por alimento barato e vulgar. Mas outras iguarias ricas eram disputadas por duas mulheres, alegando igual direito, sem nenhuma se servir.

## Capítulo XLI. — **Conexão e inconexão**

360. *Kantyan kanto kadhunk zay.* Tire-se o espinho com o espinho. — Seja reparado o mal pelo próprio indivíduo que o causou ou por suas relações. Também em bengali.

Equival. Diamonds cut diamonds. (Inglês).

361. *Khata to pita.* Quem come bebe. São actos conexos. — Comum ao marata.

362. *Sanjek ani pejek ganth.* Há conexão entre a tarde e a canja (que muitos cristãos tomam então, e é de fácil digestão).

363. *Amas yetana punăv ravta gi?* ¿ Quando vem a lua nova ¿ deixa de lhe seguir a lua cheia? — Usado no Canará.

364. *Nak khăym ani adolo khăym?* ¿ Onde está o nariz e onde está o ralador?

Explicação. O ralador indiano é um instrumento da feição de meia-lua, que serve assim para ralar côco como para cortar, fixado num escabelo ou cepo, sôbre o qual se assenta a pessoa que rala. É um utensílio indispensável, particularmente para o uso ordinário. A forma da locução provém do sânscrito e é muito corrente; quere dizer que é tão notável a distância entre uma cousa e

outra, que não pode entre elas haver nenhuma relação razoável.

365. *Tăṇ kaḍhtana nakak koyti lagli mhăḷḷya bări.* É como se dissesse que, ao cortar feno, a foice feriu o nariz. —Voga no Canará.

## Capítulo XLII. — **Cônjuges** [1]

366. *Ghova-baylechem ek chit, măḍkent zata xit.* Se o marido e a mulher são concordes, faz-se arroz na panela. Isto é: arranja-se o comer dalgum modo.

367. *Ghova-baylechem ek chit, chinchechya panar nid.* Se é acorde a mente do marido e da mulher, dormem numa fôlha de tamarindeiro. — É análogo ao antecedente.

Obs. A fôlha do tamarindeiro é muito miúda, e por isso muito hiperbólico o ditado; mas indica-se enfàticamente que se os cônjuges viverem em harmonia, poderão acomodar-se a qualquer situação e superar quaisquer dificuldades.

Variante. *Ghov-baylechem ek măn zalyar, chinchechem pan puro; na zalyar săḷyem pavă na.* Se houver conformidade de ânimos dos cônjuges, basta uma fôlha de tamarindeiro; aliás nem chega a esteira de assoalhar o arroz.

Obs. A aludida esteira faz-se de palhetas grossas de bambu, e tem quatro a seis metros de comprimento e cêrca de dois de largura.

Equival. (remoto). Mãe e filha vestem uma camisa.

368. *Ghovan zoḍlem, baylen sambhaḷlem, ghăr thărlem.* Ganhou o marido, guardou a mulher, floresceu a casa.— É lição de economia doméstica.

Equival. The wife is the key of the house. (Inglês).

---

[1] Vid. *Casamento* e *Viúva*, e o n.º 23.



369. *Bail pixi, ghov khuḷo ghărak zalo biḷkuṭo.* A mulher é tôla, o marido é dementado, a casa teve rombo. — Em contraste com o antecedente.

370. *Ghov-bail kăḍsărtit, bhik magtit.* Se os cônjuges se separarem, andarão a mendigar. — Inculca-se vida comum aos esposos.

371. *Ghov pinḍăḷḷo, upaxi păḍḷo.* Abespinhou-se o marido, ficou à fome (porque a mulher não lhe quis preparar o comer).

Equival. O espôso enfadado poucas vezes fica honrado.

372. *Baylechi hikmăt jevăṇ purăyta, dadlyatço ḍhenkḍo tem bhăngăyta.* A perícia da mulher abastece o jantar, o berro do marido transtorna-o. — São as mulheres que o dizem.

373. *Khărkăsa ghovatçi bail xindăḷ.* A mulher do marido ciumento é libertina. — Demasiado rigor ocasiona relaxação.

Equival. (remoto). A senhor arteiro, servo ronceiro.

374. *Arelălya năvryak burelăli hokăl.* Para o noivo paralítico mulher sarnenta [1].

Obs. Os irmãos mais novos não podem casar, mesmo entre os cristãos de certas regiões, antes que casem os mais velhos, conforme a idade, ainda que sejam física e mentalmente pouco aptos, como tive ocasião de verificar mais de uma vez nas missões.

Equival. Da galinha a preta, da pata a parda, da mulher a sarda.

375. *Ghovan baylek marlyar demand na.* Se o marido bate na mulher, não corre demanda (porque a lei hindu lhe reconhece tal direito) [2].

---

[1] É possível que em lugar da primeira palavra derivada da portuguesa «ar» (muito usada ao presente), estivesse originàriamente outra vernácula.

[2] É muito provável que a dição *demanda* tenha substituido, por

Equival. A mulher e o pedrado quere-se pisado.

376. *Pavsan bhizlem ani ghovan marlem sarkem.* O ser molhada pela chuva e o ser espancada pelo marido são análogos. Tanto vale ser espancada pelo marido como molhada pela chuva, isto é, não é de estranhar o facto.

Variante. *Pavsan bhizlyar ani ghovan marlyar läz na.* Se a chuva molha e o marido bate, não é vergonha.

377. *Bandhlo mäṇi, zalo dhäni.* Atou a pedra preciosa, fez-se senhor. — Comum ao marata.

Explicação. Na cerimónia de casamento entre os hindus o noivo ata ao pescoço da noiva uma pedra preciosa, que equivale ao anel nupcial entre os cristãos, e que indica a sujeição desta ao marido. Vid. *tale* no *Glossário.*

378. *Ghe go, ghe go.* Toma lá, toma lá.

Explicação. O marido era espancado pela mulher quando à noite recolhia a casa, mas para salvar sua honra dizia, por cada pancada que recebia, «toma lá, toma lá», para que os vizinhos julgassem que era êle quem batia [1].

379. *Bail mhunge davya pāyachi vähaṇ.* A *mulher* quere dizer «alporca do pé esquerdo» (que se reputa inferior ao direito). — Indica-se o desprêzo pela mulher, e a sujeição desta, pôsto que no lar do hindu bem educado seja a mulher tratada com muita consideração e delicadeza [2].

380. *Dadlo baylê adlo.* O homem é anterior á mulher.

---

estar mais em voga actualmente, outra vernácula, como *nyay, vyavähar, davo,* etc.

[1] *Go* é partícula feminina do vocativo pospositivo.

[2] «Na infância esteja a mulher sujeita aos pais, na mocidade ao marido, quando o seu senhor morrer, aos filhos; a mulher nunca deve ser independente. O pai guarda-a na infância, o marido na adolescência e os filhos na velhice; nenhuma mulher é digna de independência. «Manu, v, 148; ix, 3.



Obs. Se é alusão à criação de Adão antes de Eva, deve ser rifão dos cristãos.

381. *Baylechê budhik bhullo, ghäratço bhängätäḷ kelo.* Fascinou-se o *marido* com os conselhos da mulher, arruinou-se a casa [1].

Obs. Na Índia não goza de grande conceito a inteligência das mulheres. Vid. *homem* e *mulher.*

Equival. *Mulier si primatum habeat, contraria est viro suo.* (*Eclesiástico*).

382. *Aplya näsiban ghov khavuntço.* Por sorte própria se há-de fruir o marido. A mulher tem o marido que os fados lhe destinam.

Corresp. O casamento e a mortalha no céu são talhados. Cada um canta como tem graça, e casa como tem ventura. — Bien ó mal, casado me han. (Castelhano).

383. *Hoklechim khuṇam nävro zaṇo.* O noivo conhece os sinais (defeitos) da noiva.

384. *Ghovachi bail sädantç gärbhesth.* A mulher, que tem marido, é sempre grávida. Não admira que a mulher casada seja grávida em qualquer tempo. — É do direito comum.

385. *Bail mevlya mhäs, patkan aylam sôs.* Encontraste por mulher uma búfala (que é animal estúpido), agüenta o que te coube por teus pecados.

Obs. Os hindus professam a doutrina de transmigração e são em geral fatalistas e pessimistas. Vid. *Fortuna* e *Destino.*

386. *Bail päḷeta mort, avāy päḷeta poṭ.* A mulher olha (deseja) a morte do *marido;* a mãe olha por sua barriga (trata do seu comer). — É usado por sogras.

---

[1] O emprêgo do tempo passado pelo futuro denota, como noutros casos similares, que não há nenhuma dúvida acêrca do evento, como se tratasse duma verdade histórica.

Obs. A palavra portuguesa «morte» é usada em concani no sentido de «morte violenta», mas aqui é empregada, por amor da rima, em lugar de *mărṇ*, «morte natural». O filho casado continua a viver na casa paterna e sujeita-se ao poder pátrio, sendo patriarcal a organização da família, não muito para ser louvada, sob o ponto de vista moral, entre os cristãos. As relações entre a sogra e a nora (vid. no respectivo capítulo) não são sempre amistosas. O ditado deve ser exclusivo dos cristãos, pois para a mulher hindu é grande infâmia ser viúva. Vid. *Viúva*.

Variante (do Canará). *Avăyn pălevunchem poṭ, baylen pălevunchi paṭh.* A mãe deve cuidar da barriga (da alimentação do filho) e a mulher, das costas. Parece que as «costas» podem ser assim do marido como as próprias. No primeiro caso, significariam o desejo de o ver ausente, para estar mais à vontade; e no segundo designariam o cuidado que deve empregar para não ser espancada.

387. *Ghovachê paṭhir miryam vaṭi.* Moía pimenta nas costas do marido. Quere dizer que a mulher, na ausência do marido, comete muitos abusos ou o atassalha duramente.

388. *Bail dhakṭeli zavunk sodhta ghova vărti.* A mulher pequenina pretende ser superior ao marido.

389. *Dhakṭeli mogachi, puṇ ghovachem utăr na sostăli.* A mulherzinha é amorosa, mas não tolerará a repreensão do marido. A fraca mulher, por ser amorosa, não há-de levar a bem qualquer censura do marido.

Equival. Em casa de Gonçalo mais pode a galinha que o galo.

390. *Ghova părăs bail moṭi, musăḷ ghevun dhanvta paṭhi.* A mulher é mais forte que o marido, pega num pilão e corre atrás dêle. — É inversão extraordinária de papéis. Comum ao marata.

Corresp. Arruído, arruído, deu a mulher no marido.



Mal vai à casa, onde a roca manda à espada. — *Mulieris ira, et irreverentia, et confusio magna.* (*Eclesiástico*). — The calmest husbands make the stormiest wives. (Inglês).

391. (*Agricultura*). *Xeta aḍ tçori, dadlya aḍ xindăḷki.* Longe do campo (estando o dono), é ladroice; longe do marido, é prostituïção.

Obs. Os moralistas indianos têm conceito ruim da honestidade e da fidelidade da mulher.

Equival. L'homme n'a ni sens ni raison, qui jeune femme laisse en tison. (Francês).

392. *Hasko*[1] *na husko, kumpar mevla ghov kăso.* Não tem nenhuns cuidados, porque tem amásio, que é como marido.

393. *Kaḷi baiḷ ghovachi, gori bail desachi.* A mulher trigueira é do marido; a mulher branca é do país (pública). — Referência à tentação que a mulher formosa excita em outros homens. — Análogo em marata.

Obs. As palavras *branco* e *trigueiro* significam amiúde «formoso» e «feio».

Equival. O homem, tendo a mulher feia, tem a fama segura. Nem tão formosa que mate, nem tão feia que espante.

394. *Zachi bail gori to nidta aplê ghărim; zachi bail kaḷi to vhărta păynt zaḷi.* Quem tem mulher branca dorme em casa; quem tem mulher morena leva a rêde ao río. O marido da mulher formosa deixa-se estar em casa para a guardar.

Equival. A quem tem mulher formosa, castelo em fronteira, vinha na carreira, não lhe faltará canseira. — Who hath a fair wife needs more than two eyes. (Inglês).

395. *Dubḷyachi bail sămestanchem băḍkurum.* A mu-

[1] Esta palavra é modificação enfática inclusiva da terceira — facto comum em concani.

lher do pobre é escrava de todos. Isto é, tem de depender de muitos e ser submissa.

396. *Dublyachi bail desachi.* A mulher do pobre é do país (pública). A mulher do pobre serve a todos por necessidade.

397. *Baylek marchem măn aslyar, randhnint kălit asa.* Se há intenção de bater na mulher, há acha no fogão (de que se pode servir). — Voga no Canará.

398. *Uhn pez lonchyar kal, lăhan bail jivar kal.* «Canja» quente é dispêndio de «achar» (acepipe); a mulher nova é tormento da vida.

Obs. Sendo entre os hindus a idade núbil de mulheres de sete a oito anos e não podendo as viúvas passar a segundas núpcias, os velhos têm de casar com crianças e esperar que elas atinjam a puberdade para se copularem.

399. *Ganv pădlyar kadhum yeta, pun ghov pădlyar kadhum năzo.* Pode-se cuidar da aldeia *inteira*, se adoecer, mas não se pode tratar do marido, se fôr enfêrmo (porque nunca se contenta com os cuidados que a mulher lhe prodigaliza).

400. *Ghov pădlo ad, ghovachem burdun vhelem khad.* Caíu de cama o marido, levou-se arrepelada a sua barba. Quere dizer que a doença do marido dá aso a que outros se aproveitem dos seus bens.

Equival. Quand l'arbre est tombé tout le monde court aux branches. (Francês).

401. *Khur mhuntço năy taplo, ani ghov mhuntço năy aplo.* Não se diga que o pé do fogão se aqueceu, nem que o marido é «meu». — Alusão à infidelidade do marido. Mas não se vê bem que relação haja com o pé do fogão, a não ser a de rima, sendo certo que se aquece com o lume.

Equival. Ao marido serve-o como amigo, e guarda-te dêle como inimigo.



402. *Pantçam ăsurpiyantço ghovlo kitloso gê, may, tăgtălo?* Maridinho (depreciativo) de cinco «xerafins»[1] quanto tempo durará, minha mãe? — Censura-se a mãe por ter escolhido para sua filha marido velho ou enfêrmo, que se contentou com módico dote.

403. *Văitachi rand, ghalyachi vanzh.* A mulher do médico é viúva, a do feiticeiro é estéril. O médico que prolonga a vida doutros, não vive muito; o feiticeiro, que dá remédios para fecundidade, não faz fecunda sua mulher.

404. *Naka ge, may Sazthitço ghov.* Não quero, minha mãe, marido de Salcete (porque a maltrata).

Obs. Voga êste anexim na província de Bardês, talvez sem muita razão, onde se julga que os casamentos entre homens e mulheres de tais províncias são infelizes.

405. (*Riqueza e pobreza*). *Dublyachi mărum năye bail, giresthitço mărum năye ghov.* Não convém que morra a mulher do pobre, nem o marido da rica. — Expressa-se a desvantagem respectiva: o pobre não pode manter criada para o seu serviço doméstico, nem a rica administrar por si os bens da família.

Variante (do Canará). *Dublyachi bail mărnaye, gresthachem ghăr lasnăye.* Não deve morrer a mulher do pobre nem incendiar-se a casa do rico (que então não tem onde se abrigue cômodamente).

406. (*Preguiça*). *Bail alxi, sădlăli suri, sui xivunk upkărā naslăli.* A mulher preguiçosa é como a faca romba e a agulha que não serve para coser.

407. *Săktam baylank sukh, mirnichē baylek dukh.* Todas as mulheres estão contentes, sòmente a mulher do sacristão está triste. Talvez porque o marido passa quási todo o tempo na igreja ou porque ganha pouco ou aos poucos. — Usado no Canará.

---

[1] Moeda antiga da Índia do valor de 300 réis. Vid. *Glossário*.

Obs. O «meirinho» (pelo qual nome é conhecido na Índia o sacristão ou ajudante de sacristão) tem de estar grande parte do dia na igreja e em algumas até pernoitar na sua dependência.

408. *Ulăunckem năy mhullyar ulăunchem zata, horetachi văhaṇ suṇem vhărta.* Tendo-me resolvido a não falar, torna-se-me necessário falar: o cão leva a alparca do marido (com quem a mulher estava agastada). — Mostra-se o interêsse que a mulher toma pelo bem do marido, a despeito de motivos para ressentimento.

409. (*Fingimento*). *Bhiyevun tçăltam, baylechim kakṇam rakhtam.* Ando com cautela, guardo as manilhas da mulher.

Obs. As mulheres casadas trazem nos braços grande quantidade de manilhas de vidro, as quais quebram sôbre o esquife do cadáver do marido, e não usam mais. Mas o provérbio insinua a hipocrisia do marido, que, a pretexto de amor pela mulher, vai cuidando bem da sua vida.

410. *Baylechi dukh kompra itli.* A dor da mulher *morta* é tanta quanta a do cotovêlo *maguado*. Isto é: de pouca duração.

Equival. A dor da mulher morta chega até a porta. — Análogo em italiano.

411. *Ghov melo kon'so aylo, bail meli komprachi dukh bhogli.* Morreu o marido, proveio o acantoamento; morreu a mulher, sentiu-se dor *comparável* à do cotovêlo.

Obs. Frisa-se o contraste entre o viúvo hindu, que pode casar quantas vezes quiser, e a viúva, que se tem por socialmente morta. Também não são muitas as viúvas cristãs que casam, pôsto que novas. Em certas regiões seguem a praxe das hindus.

Corresp. (em parte). Dor de cotovêlo e de marido, ainda que doa, logo é esquecida.

412. *Ghovachya bhyan ghetlem ran, thăym mevlo musulman, tanem katrun ohelem nak.* Com medo do marido meti-me numa serra, onde topei com um muçulmano, que me cortou o nariz e o levou. — Comum ao marata.



Explicação. As mulheres hindus casadas trazem pendente da narina esquerda uma argola de ouro, com uma ou mais pérolas ou pedras preciosas. Vid. *Glossário*, s. v. *note*. A moralidade do anexim é que a mulher deve estar com seu marido, ainda que seja tratada mal.

413. *Konkoṇache pay dhărlyariy ghovaghăra vechem tçukta?* Prostre-se aos pés de quem quiser; ¿ poderá evitar-se a ida para casa do marido? — Usado no Canará.

Explicação. Alude-se à mulher que fugiu ao marido, por seus maus tratos, e que contra sua vontade tem de voltar para êle.

414. *Eklo baylek odhta, eklo gudyak odhta.* Um se inclina (se deixa atrair) pela mulher; outro se inclina pelo monte. Isto é: foge da mulher ou se faz eremita. — É corrente no Canará.

415. (*Divida*). *Vitçarnatlyak riṇ năy, dăkxent asăllyak bail năy.* Para quem não o exige, não presta o crédito; para quem exerce funções sacerdotais (entre os hindus), não presta a mulher. — Voga no Canará.

416. *Dha päise zăḍchem tujem kam', yer kărchem măjem kam'.* O teu ofício é ganhar dez «paiçás» [1]; fazer o resto, é o meu ofício (diz a mulher ao marido). — É do Canará.

417. *Xitak ek nistem, baylek eăk ghov.* Um só «caril» (môlho) para o arroz; um só marido para a mulher. Reprovam-se as segundas núpcias das mulheres. — Usado no Canará.

418. *Penthek gelyar rinkargachi dons; ghara gelyar baylechi dons.* Se vou ao mercado, ralha-me o credor;

[1] *Paiçá* é uma moeda de cobre, equivalente a três réis actuais da Índia; dez paiçás é o jornal ordinário.

se volto para casa, ralha-me a mulher. — Corre no Canará.

419. *Kaḷem Devak bărem, gorem ghovak bărem.* A trigueira é boa para Deus; a branca é boa para o marido. A trigueira ou feia, que não pode casar-se, faz-se beata. — Voga no Canará.

Equival. Moça virtuosa Deus a esposa

420. *Ghovak na bhaŭ maka khăynchi zav?* O marido não tem irmão ¿como terei concunhada? — Emprega-se figuradamente quando uma pessoa impinge as suas relações de parentesco.

421. *Kombyachya băḷan kombi uḍta, ghovachya băḷan bail uḍta.* A galinha impõe-se pela influência do galo; a mulher impõe-se pela influência do marido. Literalmente quere dizer: «salta pela fôrça do marido».

422. *Pay măzo mărta, pad tiv Jezu mhuṇunk xikăyta, bhaylyan năvro sodhta holkăl măy măji.* Meu pai está a morrer, meu tio padre ensina-o a dizer «Jesus» (a bem morrer), e minha mãe *com pretensão a* noiva anda a procurar noivo por fora.

Obs. É um facto singular, atentas diversas circunstâncias, o qual se teria dado numa família cristã, onde o filho ou a filha se queixa, quiçá com exagêro, da falta de dedicação da mãe pelo pai moribundo. O facto poderia explicar-se melhor com a madrasta (*mavxi*), ainda nova [1].

## Capítulo XLIII. — **Conselho**

423. *Aykunchem zaṇ'tyachem vă neṇ'tyachem.* Deve-se atender ao que diz o sábio ou, *na sua falta,* o menino.

Equival. Homem néscio dá às vezes bom conselho. — Aceitem os homens sensatos um dito apropriado até dum

[1] Vid. *Casamento,* n.º 190.



menino. ¿Porventura não alumia o candeeiro quando falta o sol? (Sânscrito).

424. *Sangtăle zayte asat, kărtăle bhăv thoḍe.* Há muitos que aconselham, mas poucos os que praticam.

Equival. Muitos falam e exortam, e poucos obram. — Aisé à dire est difficile à faire (Francês).

425. *Lokachyô aykălyô budhi, ghărachyô kelyô vidi.* Atendeu-se aos conselhos do gente estranha, fez-se destróço de casa.

Equival. A melhor e a pior cousa que há no mundo é o conselho. (Vieira).

426. *Lokachê sangṇen ghărak uzo lavunk.* Por ditos de gente deitar fogo à casa.

427. (*Oportunidade*). *Sărtya sămăyar bhăgchyô budhi.* Quando está a terminar a oportunidade, os conselhos são baldados. — Análogo em sânscrito.

428. *Tachi budh domplyachê kărṭent udăk vhărchi.* O seu conselho consiste em transportar água numa «chareta» furada. — Diz-se de conselho inexequível.

429. *Kolyachi budh.* Conselho de chacal. Isto é: conselho interesseiro ou pérfido; raposia. — Tem por origem uma fábula.

## Capítulo XLIV. — **Contas**

430. *Lekak dukh na.* A conta não tem pena (ou consideração). A conta não toma em consideração as circunstâncias pessoais.

Equival. Contas por contas, Jorge à rua. — Trade knows neither friends nor kindred. (Inglês).

431. *Kumpar kumar ghăra kăḍe, duḍu pharik kăr hoḍya hăḍe.* O compadre e a comadre em casa, pagai o dinheiro ao pé do barco (de passagem ou de peixe).

Obs. Vê-se que o rifão tal como está concebido, é dos cristãos, e tem por origem um facto histórico.

Equival. Contas de perto, amigos de longe.

432. *Ḍoḷe phuṭlyar hixob buḍla?* Se os olhos estão cavados (se não vêem); ¿perdeu-se porventura a conta? Quere dizer que quem não sabe ler pode também fazer suas contas e não se deixar defraudar, como muitos as fazem de memoria. — Comum ao marata.

Equival. Ainda que sou tôsca, bem vejo a mosca.

433. *Baḷănteratço ani mărṇatço khărtç nastana hixob.* A despesa do parto e do enterramento faz-se sem deitar contas.

## Capítulo XLV. — **Contenda**

434. *Phatrar phatăr băslya băgăr uzo păḍă na.* Sem que uma pedra bata noutra, não se fere lume. — Sem concurso de duas pessoas não há briga.

Equival. It needs two to make a quarrel. (Inglês).

435. *Tanchem tonḍak tonḍ zalem.* Aplicou-se a bôca de um à do outro. Isto é: altercaram, jogaram insultos.

436. *Doghanchem zhogḍem, tisryatço labh.* A contenda entre dois indivíduos é proveito de terceiro.

Variante. *Doghantço nyay, tisryatço aday.* — Litígio de dois, proveito de terceiro.

Corresp. *Inter duos litigantes tertius gaudet.* — If the frog and mouse quarrel, the kite will see them agreed. (Inglês).

437. *Xerachê axek zhogăḍlem, ani paylechi ambil sunem khavun ghelem.* Questionou (uma mulher) por causa duma «ceira» (litro), e o cão foi comendo *entretanto* tisana de «nachenim» [1] dum «paili» (quatro litros). — As litiga-

[1] É um cereal miúdo — *Eleusine coracana*, Gaert., de que se fazem papas e «apas» ou pão sem fermento. Dizem que é mais nutritivo que o arroz. V. *Glossário*.



ções acarretam por vezes mais prejuízos do que o proveito que se intenta.

Equival. Aproveitador de farelos, esperdiçador de farinha. — Dará meia rupia mas não meio real. (Hindustani). — Penny wise and pound foolish. (Inglês).

438. *Kelăli tçakri, dilălo muxaro, tukء kityak zay tçăukăxitço vanṭo.* O serviço é o que se presta, o jornal é o que se dá; ¿porque queres tu parte no ajuste? — Trata-se dos tempos em que se não conheciam as greves e o operário se contentava com o jornal que se lhe dava conforme o seu trabalho [1].

Equival. Do as you are bidden, and you'lt never blame. (Inglês).

## Capítulo XLVI — **Contraste**

439. *Mazratço kheŭl undrachem mărṇ.* O brinco do gato é morte do rato. Emquanto o gato se diverte com o rato, êste perde a vida. — O poderoso goza à custa do fraco. O alemão tem idêntico provérbio.

440. *Mazăr kheḷta, undratço jiv veta.* O gato está brincando, mas o rato vai expirando. — Comum ao marata.

441. *Văyli kholi săkăylê kholiyek hansta.* A fôlha de cima ri-se da fôlha de baixo. A fôlha que está na árvore, agitada pelo vento, simula o riso de desprêso pela fôlha caída, sem lhe ocorrer que lhe caberá igual sorte.

Variante (do Canará). *Pikí kholi păḍtana tarṇi kholi hanstali khăym.* Dizem que emquanto caía a fôlha madura, ria a fôlha verde.

Equival. Ainda estas lamas hão de ser pó.

442. *Supantlê tandu adhnantlyam tandvank hanstat.* O arroz da ciranda ri-se do arroz da panela que está

[1] Uma parte do provérbio já se registou em o n.º 85.

sôbre o fogão. — Tem a mesma aplicação que o antecedente.

Obs. Em marata se diz que o arroz da panela chora (por estar a cozer) e o da ciranda se ri.

**443.** *Aplo khulo zalyar rădtanv, dusryatço zalyar hanstanv.* Se o doido é nosso, choramos; se é doutro, rimos. — Comum ao marata.

**444.** *Tçăne aslyar dant nant, dant aslyar tçăne nant.* Quem tem ervanço não tem dentes; quem tem dentes não tem ervanço. — Comum ao marata.

Obs. O grão da Índia, mais miúdo que o da Europa e de duas variedades, come-se torrado em várias partes, mas é preciso ter dentes para o mastigar.

Equival. Deus dá nozes a quem não tem dentes. — Da Dios almendras à quien no tiene muelas (Castelhano). — Chi ha denti non ha pane; e chi ha pane non ha denti. (Italiano).

**445.** *Bhikxexvăr vă Lănkexvăr.* Ou rei dos mendigos ou rei de Ceilão. — Comum ao marata.

Equival. *Aut nihil aut Cæsar.*

**446.** *Văhradak phavo na ded dăm'di, găndh zhăräytam bhăttt gelo mărun.* As núpcias não valem real e meio, mas o oficiante esteve a morrer com roçar o sândalo (usado na cerimónia nupcial dos hindus). — Diz-se de quem recebe honras ou obséquios superiores aos seus merecimentos.

Equival. A great ceremony for a small saint. (Inglês).

**447.** *Kelălem urlem, randhlălem sărlem.* Permaneceu o que se fez, consumiu-se o que se cozinhou. Esqueceu-se o que se comeu ou desfrutou, mas ficou a recordação dos actos (especialmente maus) que então se praticaram.

**448.** *Vegim piklem, vegim zhădlem* (ou *kuslem*). Amadureceu cedo, caíu (ou apodreceu) cedo. — Diz-se da precocidade da inteligência de crianças, que, conforme a



opinião geral, morrem ou degeneram prematuramente. — Comum ao marata.

Corresp. *Cito maturum cito putridum.* Também em italiano e inglês.

**449.** *Ekak kelyar duryak năsay.* O *bem* que se faz a um prejudica o outro.

Corresp. Ce qui nuit à l'un duit à l'autre. (Francês).

**450.** *Redak zalam uthchem, mhăzik zalam băschem.* O búfalo precisa de levantar-se; a búfala precisa de assentar-se. — Mencionam-se diversas condições da vida.

**451.** *Phulanchya jhelyan marăllem dukhăllem khăym; tçabkan marăllem dukhonk na khăym.* Doeu-lhe quando foi espancado com grinalda de flores, mas não lhe doeu quando foi espancado com chibata. — Usado no Canará.

**452.** *Zagek zalem chedum ani nidlălek zalo chedo.* A acordada teve filha, e a dormida teve filho. — Parece que se alude à protecção de Deus para os simples e ingénuos [1].

**453.** *Ratik nid na, disak bhuk na.* A noite não tem sono, e o dia não tem fome. — Voga no Canará.

**454.** *Ratik bdy pălevun, disak tantum pădlya bări.* Como quem notasse o poço de noite e nele caísse de dia. — Usado no Canará.

**455.** (*Miséria*). *Melălya mădyak pălevum yet, pun jivya mădyak pălevum năso.* Pode-se olhar para o cadáver morto (= verdadeiro cadáver), mas não para o cadáver vivo. Isto é: para o homem tão macilento e pálido como se fôra cadáver, porque excita mais comiseração.

**456.** *Dudhan jevun mutan anvăyta.* Come com leite e lava a bôca e as mãos com urina.

Equival. O que faz com a cabeça desfaz com o rabo.

---

[1] Dá-se na Índia muito mais importância aos filhos que às filhas, por motivos de continuação da família na linha varonil, da religião entre os hindus, e de dote entre os cristãos.

457. *Taṇem pāyānim ganṭhaylālem haṇem hatānuy sōḍum nāzo.* O que aquele ennodou com os pés, nem com as mãos pode êste desatar.

458. *Nāve sambhari, pārṇyô kon'phiri, kāḍhi zay na bāri.* Merceeiros velhos, cominhos novos, não sai bom o «caril». — Depreciam-se os fornecedores inexperientes, que não conhecem bem as suas fazendas e não apreciam devidamente os fregueses.

459. *Eklo pāḍtana eklo uḍta.* Emquanto um cai, outro salta.

*Tçāḍhunk ghoḍo, denvunk reḍo.* Para subir, cavalo; para descer, búfalo. — Comum ao marata.

460. *Divya tāḷa kaḷok.* Escuridão debaixo do candeeiro. — Comum ao marata.

Corresp. O pé do candeeiro é o pior iluminado. — Escuridão ao pé do farol (Japonês). — Every light has its own shadow. (Inglês).

461. *Hatak meḷta tonḍak pavā na.* Alcança-se com a mão, mas não chega à bôca. — Comum ao bengali.

Equival. Da mão à bôca se perde a sopa. Igualmente em castelhano.

462. *Kavḷyachya gāḷyant maṇik.* Rubi ao pescoço do corvo. — Comum ao marata.

463. *Ḍoḷyachem tem khārem, kanachem tem phāṭkirem.* O que é *sabido* pelos olhos é verdade, e o que é *sabido* pelos ouvidos é falso. O testemunho dos olhos merece mais confiança que o dos ouvidos. — Comum ao marata; análogo em hindustani.

464. *Vaghpāḍlo ghaḷi, keldem soḍi naḷi.* O tigre caiu no encaixe, o macaco dispara canhões.

Origem. Quando um tigre caiu na armadilha; o macaco, vendo-o impossibilitado de lhe fazer mal, escarnecia dêle, atirando-lhe com seixos.

Equival. No leão decrépito até o burro deita coices.

465. *Kombo kaḷo, kombi kaḷi, tantim kāṣem dhāvem?*



O galo é preto e a galinha é preta; ¿como é que o ôvo é branco?

Origem. Conta-se que assim rebatia uma preta a acusação de infidelidade que lhe fazia seu marido preto, por ter filhos brancos.

## Capítulo XLVII. — **Conveniência**[1]

466. *Apuṇ aplya bārabār.* Cada um com os da sua igualha.

Equival. Cada ovelha com sua parelha. — *Similes cum similibus.*

467. *Hanstya bārabār hanschem, rāḍtya bārabār rāḍchem.* Rir com o que ri, chorar com o que chora.

Corresp. Dos homens o semblante ri, se vê os outros rir, se chorar, chora.

468. (*Casamento*). *Kazarak zhoti, mārṇak mati.* Loas para a boda, terra para o enterramento.

Obs. Voga sòmente entre os cristãos, pois os hindus incineram, em regra, não inumam.

469. *Paus yeta tāsem satem dhārchem.* Pegue-se no guarda-chuva segundo a direcção da chuva.

470. *Aḍvyak tiḍvem.* Ao tôrto, tôrto e meio.

Variante. *Aḍvyak khaḍvam.* Ao tôrto, círculos de cordas (ou escabrosidades).

471. *Chiklan bhārlālem zātem vahvtya vahḷant dhunvchem.* A alparca cheia de lama deve-se lavar na corrente do ribeiro (porque fica então mais limpa).

472. *Tya maṭvant tyô vāvḷyô.* Em tal «ramada» (barracão de bodas), tais «acompanhantes» (séquito de mulheres).

473. *Kārtālyachya mukhar ravunchem, martālyachè*

---

[1] Vid. *Cadáver*, n.º 171.

*paṭhi ravunchem.* Fique-se diante de quem trabalha e detrás de quem espanca.

474. *Reḍyachê paṭhir paus pāḍlyar bāro.* É bom que chova sôbre o dorso do búfalo (porque o dispensa de ir banhar-se, como costuma).—Usado no Canará; é do canarês.

475. *Lobanchya vaḍya bheryanchyô kahṇyô.* No bairro dos Lôbos contos dos surdos.—Diz-se quando há muita balbúrdia e um não entende a outro.

Obs. Vê-se que se alude a algum bairro, habitado principalmente pelas famílias de apelido *Lôbo*, onde se davam constantemente barafundas e motins, e que o que se lhes inculcava para os apaziguar era como se dissesse aos surdos.

476. *Deṇ'gê purtem bhārip.* As peloticas são proporcionadas à retribuïção.

477. *Tonḍa purtyô poḷiyô, bāskê purtyô māṇyô.* Bolos conforme a bôca, escabelo conforme o assento.

478. *Dāryant hoḍem, tādir ghoḍem.* Barco no mar, cavalo na terra.—Cada cousa no seu lugar.

Equival. *Quisque in suo gradu.*

479. *Tarva prāmaṇem xiḍ, handya prāmaṇem tond.* A vela é segundo o navio, e a bôca é segundo o caldeirão.—Pelo aspecto se pode avaliar dos haveres do homem.

480. *Vankḍê meḍhik vankḍem nem':* À estaca torta cova torta.—Comum ao marata.

481. *Daṭ zalyar udāk ghal, paṭāḷ zalyar piṭh ghal.* Se é espêsso, deita-lhe àgua; se é ralo, deita-lhe farinha. Aplique-se ao mal o remedio conveniente.—Comum ao marata.

482. *Santê phulam, hatant kakṇam.* Flores no mercado, manilhas no pulso.—Análogo ao antecedente.—Comum ao marata.

483. *Pāyachi vāhaṇ pāyak.* A alparca de pé para o pé.



Variante. *Pāyachi vāhaṇ pāyakutç bāri.* A alparca do pé sòmente no pé fica bem.

Equival. Quem te manda, sapateiro, tocar o rabecão?—*Ne sutor ultra crepidam.*

484. *Anthuṇa prāmaṇem pāy soḍche.* Estendam-se as pernas conforme a cama.

Corresp. Cada um estenda a perna até onde tem a coberta. Também está em castelhano.

485. *Disa sarki māhima.* A grandiosidade é conforme com o dia.

Equival. Com bons dias boas obras. Igualmente em francês.

486. *Sāṇa prāmaṇem sadnam.* Os bolos são segundo a festa.

Equival. De tais bodas tais tortas.

487. (*Furto*). *Marṭço tār hātti, tçorchem tār bhanḍar.* Se se quere matar, mate-se um elefante; se se quere furtar, furte-se um tesouro.

Obs. Quem caça um elefante demonstra grande bravura e tira considerável proveito; quem furta grande quantia tem de que viver folgadamente por longo tempo ou de pagar generosamente os advogados da sua defesa.

488. *Kazant butanv pāḍlo.* Entrou o botão na casa. Acomodou-se perfeitamente, aconteceu o que se desejava.

Obs. «Botão» e «casa» são termos muito usados em concani e marata do Concão. Vid. *Influência.*

489. *Nāndtem vāstem ghār bagin thor.* Casa que prospera e floresce tem grande jardim [1].

490. *Zhaḍāllê bhūyr kāir asnaye, dhullê bhūyr chikāl asnaye.* O pavimento varrido não deve ter lixo, e o lavado não deve ter sujidade (ou lama).—Usado no Canará.

---

[1] É costume em concani juntar amiúde palavras sinónimas, para maior clareza ou por ênfase.

491. *Bhărlălo kăḷso urăt, ardho kăḷso phuṭăt.* O «calão» (bilha) cheio dura, o meio-cheio parte-se. — Corrente no Canará.

## Capítulo XLVIII. — **Conversação**

492. *Găzal bhikechi bhăiṇ.* A conversa é irmã da mendicância. — Quem tem o vício de conversar não trabalha nem ganha.

Equival. Trop gratter cuit, trop parler nuit. (Francês).

493. (*Cônjuges*). *Găzalint găzali, părsant bail ghovak visărli.* Entre conversas pegadas a mulher esqueceu o marido (que estava a trabalhar) na horta.

Obs. Diz-se também inversamente ... *ghov baylek visărlo*... o marido esqueceu a mulher.

Equival. As palavras são como as cerejas, umas puxam pelas outras.

494. *Hanv tum mhăṇtana zalem.* Passou-se *o tempo* em dizer «eu e tu» (em conversas inúteis, sem se tratar do assunto principal). — É corrente no Canará.

## Capítulo XLIX. — **Cooperação**

495. (*Ladrão*). *Tçor tçorak săhay.* Um ladrão ajuda outro. — Diz-se também inversamente. Vid. *Rivalidade.*

Equival. Os ladrões são primos entre si. (Hindustani).

496. *Dha zăṇanchyô dha kaḍiyô mhullyar, vhăḍli ras zata.* Se se juntam dez pauzinhos de dez (muitos) indivíduos, faz-se um grande acervo.

Equival. Com as palhas que atingiram o estado de corda se prendem furiosos elefantes. (Sânscrito).

497. *Eklyachem tçăughānim jevi yet, tçăughanchem eklyan jevi yet ki?* A *refeição* dum podem comer quatro; ¿poderá acaso um comer a *porção* de quatro? — O trabalho dum podem fazer muitos, mas um não é capaz de efeituar a tarefa de muitos. — É usado no Canará.



498. *Eka hatan ṭaliyô peṭăun năzo.* Não se podem bater as palmas com uma mão. Assim como são necessárias duas mãos para dar as palmas, assim é necessário o concurso de muitos para certos fins. — Análogo em marata.

499. *Zoḍya cantçun gaḍo tçălă na.* A carroça não anda sem dois bois (ou búfalos). Dois suportam melhor o trabalho da vida. — Comum ao marata.

500. *Eka paḍyan zot tçălă na.* Com um boi não trabalha a junta de arar.

Obs. Os bois indianos são menos volumosos e fortes, porém mais ágeis que os europeus.

Equival. Não anda o carro sôbre uma roda. (Bengali, com base em sânscrito).

501. *Eŭk mest*[1], *bărem phest; don' mest, sumarachem phest, tegh mest, burra phest.* Sendo um mestre, é boa a festa; sendo dois, sofrível a festa; sendo três, transtorna-se a festa. — Diz-se literalmente de cozinheiros e de mestres de música, e emprega-se figuradamente quando muitos indivíduos se intrometem num mesmo negócio.

Resumidamente se diz amiúde: *Tçăḍh mest, burra phest.* Muitos mestres estragam a festa.

Corresp. Panela mexida por muitos não presta. Muitos concertadores desconcertam a noiva. — Dove sono molti cuochi, la minestra sara troppo salata. — Análogo em inglês e alemão.

---

[1] *Mest* é o tratamento honorífico do cozinheiro (como o francês *chef*) e de oficiais mecânicos. Nesse sentido, o vocábulo introduziu-se em vários idiomas indianos, e até em indo-inglês. Vid. *Influência.*

## Capítulo L. — **Correlações na vida prática**

502. *Apuṇ bhălo tăr jăṇ bhălo.* Se eu sou bom, todos os homens o são. — Para os bons todos são bons.

503. *Apuṇ bhălo tăr zăg bhălo, apuṇ melo tăr zăg buḍlo.* Se eu sou bom, o universo o é; se eu morri afundou-se o universo. — O homem julga os outros por si.

Equival. (parcial). Death's day is doom's day. (Inglês).

504. *Vazta tya prămaṇem natçta.* Dança conforme *outro* toca.

Corresp. Como te tangerem, assim dança. Como canta o abade, assim responde o sacristão.

505. *Vătçă naslălya ganvak păḷe naslăli vaṭ.* Para o país aonde se não foi, caminho que se não viu.

506. *Gaṇa viṇem kazar năy, răḍṇya viṇem mădem năy.* Não há boda sem canto, nem cadáver sem pranto.

507. *Naka purtem motim.* A pérola *da argola da narina* é em harmonia com o nariz.

Obs. As mulheres hindus trazem uma argola no nariz. Vid. *motim* e *note* no *Glossário.*

508. *Phulam gelya xivay phăḷam zay nant.* Não nascem frutos sem que desapareçam as flores. — Análogo em marata.

509. *Tçam'ḍyak ani kutryak ganṭh* Há estreita relação entre o coiro e o cão (que gosta de o roer).

510. *Aylyar paus, natlyar văt.* Se vier (água do céu), será chuva, se não, será sol. — Diz-se de cousas muito claras e de evidente corolário. — Voga no Canará.

511. *Poḷe bhaztăletço xembur kaḍhunk zay* (ou *tçakri kărunk zay*). À mulher que assa bolos convém assoá-la (ou servi-la), *por trazer ambas as mãos ocupadas.* — É preciso servir humildemente a quem nos possa valer. — Análogo em marata.



Equival. (genérico). *Ubi commodum, ibi incommodum.*

512. *Adim ănăn, magir tănăn.* Primeiro comida, depois folguedo. — Comum ao marata.

Corresp. Como primeiro e depois fala. (Persiano). — Food before talk, supper before song. (Inglês).

513. *Năv naṭô bara vaṭô.* Para nove infortúnios (ou maleficios) doze expedientes. Sempre há algum meio de escapar ao mal. — Comum ao marata.

Equival. Para tudo há remédio senão para a morte.

514. *Xing thăym xingoṭi.* Onde há chifres aí há «singotim». — Comum ao marata.

Explicação. *Singotim* é a contribuição que se paga por cada cabeça do gado que tem pontas. Vid. *Glossário.*

## Capítulo LI. — **Crianças**[1]

515. *Rukhak paḷanchem băḷ, burgyak dudhachem băḷ.* A árvore tira a robustez das raizes, a criança a tira do leite que mamou.

516. *Apurbay kelyar mathyar băsta.* Se lhe fazem mimos, assenta-se sôbre a cabeça (de quem os faz). — Diz-se da criança (ou dum criado) que abusa dos que a amimam e se torna insolente.

517. *Burgyanchē măḷṇek bim na bhat.* A debulha das crianças não tem sementes nem arroz. — Não merece consideração ou reparo o que fazem as crianças.

Equival. Isto é jôgo de meninos. — *Puerilis haec sententia est.* — Os actos das crianças só actos pueris. (Dinamarquês).

518. *Tŭrṇem răgăt kedna bhăngăt?* Sangue juvenil, ¿quando ó que se desperdiçará? — Alude-se ao pouco valor que os jovens dão à sua saúde e robustez.

---

[1] Vid. *Idades* e *Pais e filhos.*

**519.** *Burgyanchem hinv mandkyănim vhelam.* O frio das crianças foi levado pelas rãs. À semelhança das rãs, as crianças não sentem frio.

**520.** *Bărya burgyatço guṇ pălętana kălta.* A virtude do bom rapaz conhece-se à vista. — Usado no Canará.

Equival. As qualidades do filho podem conhecer-se desde o berço. (Guzarate).

**521.** *Burgyantço vavr kălna, beṭ gadyachem beḷem kălna.* Não se conhece o trabalho da criança, *assim como* se não conhece a produção que terá o terreno de sequeiro. — Voga no Canará.

Obs. Parece que não se trata de saber o trabalho presente da criança, mas de adivinhar que mister ou profissão terá de futuro.

## Capítulo LII. — **Cuidados**

**522.** *Chitê părăs chinta kăṭhiṇ.* Os cuidados são piores que a pira. — A incineração é transitória, ao passo que os cuidados são prolongados.

Obs. É referência ao *sati*, imolação voluntária da mulher na pira do marido, ainda hoje praticada alguma vez. Vid. *Glossário*.

**523.** *Phulam ghalun tuka din.* Dar-te hei enfeitada com flores. Dar-te hei bem adornada. Passar-te hei a outrem com grandes demonstrações de carinho. — Diz-se em encarecimento de boa vontade, especialmente às pessoas do sêxo feminino.

**524.** *Kapsant ghalunk.* Pôr em algodão (como se faz com cousas preciosas). Figuradamente quere dizer: amimar em excesso, cuidar demasiadamente.

Corresp. To be nursed in cotton. (Inglês).

**525.** (*Avareza*). *Sat ganthi marun dăvrunk.* Guardar com sete nós. Isto é: com muito cuidado sem usar.



Obs. Traz o povo o dinheiro atado a um lenço ou outro pano.

Equival. Ter debaixo de sete chaves.

**526.** (*Crianças*). *Burgim na baḷ, kityak kărtay suke zănzaḷ.* Não tens nenhumas crianças ¿porque queres cuidados inúteis?

**527.** *Bhaylo vav, bhaylo kaḷ, tuka kityak pădlyat zaḷ?* Vento de fora, risco de fora; ¿porque tens tu aflição?

**528.** (*Mente*). *Sandlălyachem măn bara kăḷê.* A mente de quem perdeu *alguma cousa* está em doze partes (para ver se a acha em alguma delas).

## Capítulo LIII. — **Culto**[1]

**529.** *Devḷant rigunk văhaṇ kadhunk zay.* É preciso descalçar-se para entrar no pagode.

Obs. Considera-se o calçado indigno do lugar sagrado.

**530.** *Devḷant rigtotç xeṇ kadhunk zay.* Quem entra no pagode tem de embostar (uma parte do pavimento, como é de praxe entre os hindus).

**531.** *Ghărant divo tăr, devḷant divo, adim potobha, magir Vithobha.* Se há candeeiro em casa, há candeeiro no templo; em primeiro lugar a senhora barriga e depois o senhor Vithala ou Betala[2]. — Comum ao marata.

Equival. Primeiro os dentes, depois os parentes.

**532.** (*Colisão*). *Ašły mhuṇă năzo rê, putá, tăšły mhuṇă năzo rê, putá, divaḷechê dive rê, putá.* Não se pode dizer dum modo ou doutro, meu filho, *visto que* são candeeiros de *divali*[3]. Não se pode discutir o assunto, por ser religioso. — Usado entre os hindus.

---

[1] Vid. *Castas*, n.os 221 e 222.

[2] Divindade hindu, muito venerada em Goa, principalmente por castas baixas. Representa-se como Príapo. Vid. *Glossário*.

[3] Festividade gentílica. Vid. *Glossário*.

## Capítulo LIV. — **Curiosidade**

**533.** *Dudhak aylălyak mhăxichem mol kityak?* Quem vem por leite ¿porque quere saber o preço da búfala (que o dá)?

**534.** *Keldem khaḍ kărtana pălevun aplem kărunk laglem, taṇem phasṇam marlim.* Um macaco, que viu alguém fazer a barba, querendo fazer a sua, alanhou-se.

## Capítulo LV. — **Dano**

**535.** *Kan khata tem bhangar kityak zay?* ¿Porque é que se quere o oiro que corrói a orelha?

Explicação. Muitas mulheres hindus, particularmente de classes baixas, trazem pesadas arrecadas de ouro, que alargam o furo e por vezes rompem o lóbulo. Muitos hindus também enfiam nas orelhas grandes aros de ouro com pedras preciosas, que igualmente alargam o furo. Duarte Barbosa (*Livro*, 1516) observa que se pode meter um ôvo em tais furos no Malabar.

**536.** (*Agricultura* e *vizinhos*). *Soyryānim, khelălem ghăr năy, xerkānim khelălem xet năy*[1]. Não é *pròpriamente* casa a comida (= gozada) pelos parentes, nem presta o arrozal comido pelos pardais.

**537.** *Gălyanṭlem tuṭun unṭiyen păḍṭălem.* Rompendo-se (uma jóia) do pescoço há-de cair no regaço. — Diz-se do dano que não é irremediável.

**538.** *Aply gay pelyachi vêl khay.* A vaca é minha, mas come a trepadeira doutrem. O que é nosso prejudica muitas vezes o próximo. — Comum ao marata.

[1] Êste modo de dizer provém do sânscrito e é comum a outros idiomas modernos; reputa-se muito expressivo da inutilidade ou da impropriedade do objecto.



## Capítulo LVI. — **Decepção**

**539.** *Ḍô ḍô pho, sat phoḍlim satuy vanzham. Do dô fo* (palavras imitativas dos sons), partiram-se sete cocos, todos os sete foram vãos (sem amêndoa).

Equival. Grandes atoardas, tudo nada, Muita palha e pouco grão. — *Sonitus tantum sine re.*

**540.** *Kazarak mhăṇun gelim, kanant ghalun pili, thăym tăḍtăḷun melim.* Fui à bôda, apertei os furos das orelhas, e aí estive a morrer de dores latejantes.

Explicação. Costuma-se meter nos furos das orelhas um pausinho roliço ou um pedaço de junco, para que se não tapem ou para que se ajustem melhor as arrecadas, denominadas por Diogo do Couto e outros indianistas «orelheiras» (vid. *Glossário*). Uma mulher não teve na bôda os regalos que esperava e que satisfizessem o tormento das orelhas.

**541.** *Gelălim sermanvachê axen, to zalo phirăngi bhaxen.* Fôra eu com ânsia do sermão, mas foi em língua portuguesa.

Obs. Pregam-se em Goa sermões em português por ocasião de grandes festividades, os quais muita gente não percebe, por ignorar a língua.

## Capítulo LVII. — **Deferência**

**542.** *Bhidê bhidê, poṭ vaḍhê.* De deferência em deferência, o ventre vai crescendo (de gravidez). — Demasiada condescendência é de nefasta conseqüência.

**543.** *Hăxem bangḍe tis, părbhuchê* (ou *xenăychê*) *bhidek vis.* Aliás as cavalas são trinta (por uma moeda) *no mercado*, mas em deferência ao senhor (ou ao mestre da aldeia) são vinte. Alude-se a muitas atenções fingidas e interesseiras.

## Capítulo LVIII. — **Demanda** [1]

**544.** (*Conselho*). *Ghăr bandhunk ani demand kărunk budh divunchi năy.* Não se dê conselho para construir casa e intentar demanda. — O aconselhador é quási sempre censurado.

**545.** (*Trabalho*). *Kăy kelyar kăy melṭa, nyay kelyar ărdh melṭa.* Quem faz alguma cousa alcança alguma cousa; quem faz demanda consegue metade.

**546.** *Uphraṭyô nyay tuka kityak zay?* ¿Porque queres tu demandas tortas?

## Capítulo LIX. — **Desatino**

**547.** *Aplya tonḍan masḷi mărta.* Pela bôca própria morre o peixe. — Será talvez a tradução do português.

**548.** *Kiḍ meli khăym aplya tonḍan.* Dizem que pela bôca própria morreu a cigarra (porque se denunciou com o seu canto). — Usado no Canará.

**549.** *Dhoḍ vhărun kanṭiyer ghalem.* Levou o pano inteiro (não rasgado) e deitou-o sôbre o espinheiro (onde se rasgou). — Análogo em tamul.

**550.** *Băytlem kaḍhun nhăyint uḍăylem.* Tirou-se do poço e deitou-se ao rio (onde foi levado pela corrente).

**551.** (*Inteligência*). *Thăychem gnyan na, ani sanglălem aykă na.* Não tem inteligência de si, nem atende ao que se lhe diz.

**552.** *Alkyachem kăsag Belkyak ghalunk.* Vestir Belcó com a casaca de Alcó [2]. Calçar um menino com os coturnos de Hércules.

---

[1] Vid. *Justiça* e *Injustiça*, e *Cônjuges*, n.º 375.

[2] São nomes imaginários, com a implicação de ser o primeiro alto e magro e o segundo baixo e gordo.



**553.** *Xizăsăr ravlo, vaḍhchya veḷar kăḍsărun gelo.* Esperou até que se cozesse, e foi-se embora à hora de se lhe dar.

**554.** *Văyr uḍăyläli thimpi tonḍar păḍta.* O escarro expelido para cima cai sôbre a cara. — Também em hindustani, bengali e malaio e várias línguas europeias. Quem levianamente ofende o poderoso não fica impune.

Equival. Quem pedra para cima deita cai-lhe na cabeça. É tradução do *Eclesiástico* (xxvii, 28).

**555.** *Zablyant udăk bhărunk.* Encher de água o saco de «cairo» (de malhas grandes).

Varante. *Zablyan udăk vhărunk.* Levar água em saco de cairo.

Corresp. Deitar em saco roto. Encher o tonel das Danaides. — *Cribro aquam haurire.* — He catches the wind with a net. (Inglês).

**556.** *Disachi bhonvta naḍi, nahtana layta mandri.* De dia anda nua e ao tomar banho (à noite) cobre-se com esteira.

**557.** *Tăvxim rakhunk kolo dăvărlo, masḷi rakhunk mazăr dăvărlem.* Encarregou-se o chacal de guardar os pepinos (que êle apetece muito) e o gato de guardar o peixe.

Equival. Entregar a vitela ao tigre para ser criada. (Malaio). — Encarregar formigas e cães de guardar os doces. (Hindustani).

**558.** *Upaxyanger xeḷem ani vanzhanger paḷṇem magunk.* Pedir comida fria em casa dos jejuadores e berço na dos estéreis.

Equival. Buscar água em fonte sêca. — Pedir esmola ao brâmane (que também a pede). (Hindustani). — Pedir marido a uma viúva. (Caxmirês).

**559.** *Pamphăḷyar asḍunk.* Padejar sôbre a tábua de ponte.

**560.** (*Abuso*). *Mău melta mhuṇ konphrăṇim khăṇchem*

*nây.* Por se encontrar mole não se cave com os cotovelos. — Diz-se de quem passa por desgostos por ter abusado demasiado da bondade doutrem. — Comum ao marata.

561. *Mãjem bhangar dusryager voräunk vhär zay gi?* ¿É porventura necessário ir aquilatar a casa alheia o meu ouro? — Há receio de ser cobiçado ou extraviado. — Usado no Canará.

562. *Ärdhya maḍar tçäḍun hat soḍunk.* Subir ao meio do coqueiro e largar as mãos (com que se segurava). — Diz-se de quem empreende alguma cousa e não prossegue, expondo-se a desastre.

563. *Kulo tenkunk zago natällo ravḷer bandhunk alochen' kärtalo khäym.* Dizem que quem não tinha onde assentar-se fazia projecto de construir um palácio. — Corrente no Canará.

Equival. Formar castelos no ar. — Vive numa cova mas sonha em castelos. (Telugo).

564. *Gõyam phirängi na mhäṇä khäym.* Dizia que não havia portugueses em Goa. — Usado no Canará.

565. *Hatantlem soḍun päḷtyachê paṭhi lagunk.* Largar o que se tem na mão e correr atrás do que foge. — Comum ao marata.

Equival. Mais vale um pássaro na mão que dois que voando vão.

566. *Thonṭyak narl khavunk xikäylya bäri.* Como quem ensinasse o coxo a comer côco (o qual não necessita de semelhante ensino). — Corrente no Canará.

567. *Nävem kapäḍ ghov haḍtälo mhän, bail asällem randhnint ghalun bäsli khäym.* Conta-se que, por esperar que o marido lhe traria novo «pano de vestir», a mulher meteu no fogão o velho e esteve aguardando *a sua vinda.*



## Capítulo LX. — **Desconfiança**

568. *Koṇak koṇatço mhuṇä nizo, näytç apṇak apṇatço.* Não se pode dizer que alguém é de qualquer indivíduo, nem mesmo de si próprio. — Desconfie-se de todos, até de si próprio, porque a confiança acarreta dissabores.

Obs. É uma das manifestações do pessimismo, que se inculcou ao povo indiano após os tempos védicos, devido em grande parte à influência do budismo.

Equival. Não se fia nem da camisa que traz vestida.

569. *Don'par päryant maka patiye, don'para uprant maka patiye naka mhäṇä khäym dór.* Fia-te de mim até o meio-dia, depois não — assim dizia um calabre. — A corda gasta-se com o uso e a confiança é abusada no decurso do tempo. — É usado no Canará.

## Capítulo LXI. — **Descontentamento**

570. *Nalkaruy räḍta, telkaruy räḍta.* Chora o vendedor de cocos, chora também o azeiteiro.

Explicação. Um sujeito vendeu uns cocos pelo preço ordinário, julgando que eram comuns, quando, na realidade, eram «báricos» ou doces, e por isso mais caros. Outro comprou-os na igual persuasão, quando tais cocos não prestavam para óleo.

Equival. Ninguém se contenta com a sua sorte. Também em latim.

571. *Savḷêk asa taka vät zay, vätak asa taka sayḷi zay.* Aquele que está à sombra quere sol, e aquele que está ao sol quere sombra.

572. *Mõr aple päy päḷevun räḍta.* O pavão olha para suas pernas e chora (por serem pequenas).

Equival. Pfau, schau deine Beine. (Alemão: Olha, pavão, para as tuas pernas).

573. *Eklyak asun na, eklyak nasun na.* Um, tendo, não tem; outro, não tendo, não tem. Assim o pobre como o rico se queixam.

Equival. Nada tem quem se não contenta com o que tem.

574. *Kăvḍi na kaḍhlyar eŭk xiṇ, kaḍhlyar don xiṇ.* Se não se abre a porta, é um ressentimento; se se abre, são dois.

Obs. Os dois ressentimentos consistem em não se aquiescer ao que se pede e em se ter feito perder o tempo com a demora em abrir a porta.

575. *Tache tonḍ sădantç vankḍem.* A cara dêle é sempre torta. Isto é: nunca se mostra satisfeito, anda sempre descontente.

576. *Dhukăr posunkuy haḍlyar răḍta, marunkuy haḍlyar răḍta.* O porco, quando se traz para criar, «chora»; «chora» também quando se traz para matar. — Diz-se de quem apreende sempre que lhe querem fazer mal.

Obs. O grunhir do porco, bem como a voz de muitos outros animais, expressa-se em concani pelo verbo correspondente a *chorar*, o que, no caso, indica mágoa e mal-estar.

Equival. *Nemo contentus sorte sua.*

## Capítulo LXII. — **Desespêro**

577. *Sanglya părăs kelyar bărem, kelya părăs melyar bărem.* É melhor fazer que mandar, e é ainda melhor morrer que fazer. — Dizem amiúde as mulheres, que se vêem sobrecarregadas de trabalhos.

Equival. (em parte). Quem quere faz, quem não quere manda.

578. *Aplya jivar kălpălo to taplo.* Quem se revoltou contra a sua vida tornou-se iracundo.



579. *Burgem mărunki azăte, masḷi yevunki azăte, mhiçă khăym mogarlem.* Ou morra hoje mesmo a criança, ou venha peixe — dizia uma peixeira. — Usado no Canará.

Explicação. Não tinha uma peixeira com que alimentar sua criança; levada de desespêro, desejava que aparecesse peixe ou morresse a criança.

## Capítulo LXIII. — **Desigualdades**

580. *Panïçuy boṭam sarkim năy.* Todos os cinco dedos (da mão) não são iguais. — Também se acha em marata e bengali. — Há altos e baixos na sociedade.

Corresp. Os dedos da mão não são iguais. — Tutte le dita non sono pari. (Italiano).

581. *Dusryachem phatrar phuṭta, măjem kapsar phuṭta.* O *objecto* doutro parte-se sôbre a pedra, o meu parte-se sôbre o algodão. — Diz quem se queixa da sua má sina.

582. *Mhataroy tçălta bara kos, tărṇoy tçălta bara kos.* O velho anda doze léguas, como também o moço anda doze léguas (a despeito da diferença das idades).

583. *Akasak ḍole pavtat, puṇ hat pavă na.* Chegam os olhos ao firmamento, mas não chega a mão. — Diz-se de quem, não podendo alcançar um objecto precioso ou uma posição avantajada, contenta-se com o contemplar.

## Capítulo LXIV. — **Desprêzo**

584. *Suṇyak văhaṇ.* Alparca para o cão. Enxota-se o cão com a alparca. — Diz-se com referência a quem abocanha na reputação.

Equival. O desprêzo mata a maledicência.

585. *Uṇyak vaṭ ani suṇyak paṭh.* Ao vil *aponta-se* a rua e ao cão voltam-se as costas.

586. *Ganzun ghevum ye, puṇ hansun ghevum năye.* Po-

de-se receber uma reprimenda, mas não se deve tolerar um escárneo.

Equival. Homem honrado, antes morto que injuriado.

587. *Rayachem paṭoḷem mǎḍhvǎḷachem pusṇem.* A «patola» (estôfo de seda) do rei é esfregão do «mainato» (lavador de roupa). O lavador dá à roupa do rei o uso que lhe apraz, emquanto a tem consigo.

588. *Tambḍi bhaji phreskay, bhǎngli tuji gireskay.* Bredos vermelhos são frescos (assim dizia um hóspede a um rico), e a tua riqueza pouco presta.

Obs. A hortaliça mencionada refresca mas não alimenta. *Phreskay* é substantivo derivado de *phresk* (=fresco) e empregado por amor da rima.

## Capítulo LXV. — **Destino**

589. *Sǎṭren bǎrǎylam tem koṇ kaḍhit?* ¿Quem poderá remover o que está escrito por «Satti»?

Variante. *Kǎpalant bǎrǎylam tem koṇ kaḍhit?* ¿Quem poderá remover o que está escrito na testa? «¿Quem é jamais capaz de se subtrair ao que está escrito na fronte?» — *Hitopadexa.*

Explicação. Crêem os hindus do Concão que na noite do sexto dia depois do nascimento duma criança a deusa Durgá (denominada por isso *Sǎṭhi* ou *Sǎṭvi*) escreve-lhe na testa o seu destino, que fatalmente se cumpre. Muitos dos cristãos também acreditam tradicionalmente que cada qual tem o seu destino gravado na testa. Outros hindus atribuem a Bramá a fixação do fado. «O que Bramá escreveu não falhará jamais». Tamul. Vid. *Glossário.*

590. *Dhoḍyaryachê tǎklent phatǎr asa to koṇ kaḍhit?* ¿Quem poderá remover a pedra que está na cabeça da corvina?

Obs. O peixe, que na Índia se chama «corvina», não é o mesmo que o de Portugal; é muito mais pequeno e



sadio, e tem na cabeça uma substância branca em forma de pedra. O povo interpreta isso figuradamente como mau fado de quem não tem bom êxito nos seus empreendimentos.

Equival. O que o berço dá só a tumba o leva.

591. *Na mhuḷlem, nantç zatǎlem.* O que se disse que não havia não há-de de facto existir! — Exclama, por imprecação, quem recebeu recusa.

592. *Aplya lǎktyan aylam tem bhogchem.* Sujeite-se cada um ao que lhe veio por seu fado. — Emprega-se no sentido de má sina.

Equival. Gnaw the bone which is fallen to thy lot. (Inglês).

## Capítulo LXVI. — **Deus**[1]

593. *Man'lyar Dev, na zalyar phatǎr.* Se se crê, é Deus; aliás, é pedra. Referência aos ídolos que os incrédulos tomam por simples pedra. — Comum ao marata. «Até uma pedra chega a ser deus, sendo devidamente consagrada pelos grandes». — *Hitopadexa.*

594. *Devachê khuxê bhayr kaḷi halǎ na.* Sem vontade de Deus não se move uma palhinha. — Nada acontece sem permissão divina.

595. *Rama mǎdhem kam', bhǎz mǎna Ram'.* No meio de tuas ocupações adora mentalmente a Rama (deus dos hindus). — Análogo em marata.

Equival. Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra cousa, fazei tudo para a glória de Deus. (S. Paulo).

596. *Adim Dev, magir jev. Adora* primeiro a Deus e depois janta. — Comum ao marata.

597. *Sorgar sorespǎr, sǎunsarant thoḍespǎr.* No céu,

[1] Vid. *Candura*, n.º 174; *Castigo*, n.º 226; *Cônjuges*, n.º 419.

o supremo senhor; no mundo, pequeno senhor. Quere dizer que Deus é superior aos poderosos do mundo e pode dominá-los. — Diz-se de quem pretende impor demasiado a sua autoridade.

598. *Devachi bhirant ani săunsarachi läz asunk zay.* Cumpre ter temor de Deus e vergonha do mundo.

599. *Devak bhiyet to mun'xyãnim jiyet.* Quem tiver temor de Deus viverá (honradamente) entre os homens.

Equival. *Benedictio Domini super caput justi.* (*Provérbios*). — Who hath God hath all; who hath him not, hath lessthan nothing. (Inglês).

600. *Dev tarit taka koṇ marit?* ¿Quem fará mal a quem Deus proteger? — Comum ao marata.

Corresp. Guardado é o que Deus guarda. Quando Deus é propicio, todos são favoráveis. — *Si Deus pro nobis, quis contra nós?* — Whom God will help, none can hender. (Escocês).

601. *Dev salamăt tăr păgḍiyô hăzar.* Se Deus é propício, haverá mil turbantes.

Equival. A quem Deus quere ajudar, o vento lhe apanha a lenha. – *Benedictio Domini divites facit.* (*Provérbios*).

602. *Devachya sangata aslyar Dev mari na.* A quem está com Deus, Deus não faz padecer (não deixa morrer por falta de meios de subsistência).

Corresp. Quem com Deus anda, Deus o ajuda. — *In manu Dei prosperitas hominis.* (*Eclesiástico*).—He looses nothing who keeps God for his friend. (Inglês).

603. *Devalagim mag, Dev dit tuka bhag.* Pede a Deus, e Deus dar-te há felicidade.

Corresp. De Deus vem o bem, e das abelhas o mel. Quem não pede, Deus não o ouve.—*Benedictio Dei quasi fluvius inundavit.* (*Eclesiástico*).—God is always at leisure to do good to those that ask it. (Inglês).

604. *Devan dilälem sărä na, mun'xyan dilälem ură na.*



O dado por Deus não acaba, o dado pelo homem não dura.

Equival. Tudo acaba, senão o amar a Deus. — *Datio Dei permanet justis, et profectus illius successus habebit in aeternum.* (*Eclesiástico*).

605. *Devachê kakutik mit na mer.* Não há medida nem limite para a misericórdia de Deus. — Parece que é uma máxima moderna e cristã.

Corresp. *Miserationum ejus non est finis. Miserationes ejus super omnia opera ejus.* (*Psalmos*).

606. *Dev dit zalyar koṇ kaḍhit?* ¿Se Deus o der, quem o tirará?

Equival. Quando Deus quere, com todos os ventos chove. — *Si Deus pro me, quis contra me?*

607. *Dev asăt xanti, vighnam kitem kărtit?* ¿Se Deus fôr favorável, que mal poderão fazer os obstáculos?

Equival. O amor de Deus vence, todo o al perece.

608. *Devachem deṇem upkara viṇem.* A dádiva de Deus é sem agradecimento. O homem não rende graças a Deus pelos benefícios recebidos.

Equival. Danger past, God is forgotten. (Inglês).

609. *Devache guṭh mun'xyak thave nant.* Os segredos de Deus não estão ao alcance do homem.

Corresp. *Quis enim hominum poterit scire consilium Dei? aut quis poterit cogitare quod Deus vult?* (*Sabedoria*).

610. *Eka vărvim eŭk-eŭk, Devaărvim sămest.* Cada qual vem de um (progenitor), e todos vem de Deus. Deus é autor e pai de todos.

611. *Dha zăṇ asat thăym Dev asa.* Onde estão dez pessoas, ali está Deus.

Corresp. *Vox populi vox Dei. Ubi sunt duo vel tres congregati in nomine meo, ibi sum ego in medio eorum.* (*Evangelho*).

612. *Mädhem Deva sădem* (ou *săvem*). Quem está no meio está com Deus.

Equival. Ide pelo meio, não caireis. Igualmente em castelhano. Nem muito ao mar, nem muito à terra. —*In medio consistit virtus.*

613. *Aplya bălar patiyeta to Devachya alaxrya bhayro zata.* Quem confia nas suas fôrças priva-se do auxílio de Deus.

Equival. Ventura te dê Deus, filho, que o saber pouco te basta. Em castelhano também.

614. *Ḍongra văylim zhaḍam Dev ximpta.* Deus rega as árvores da serra.

Equival. Não fez Deus a quem desamparasse. — À brebis tondue Dieu mesure le vent. (Francês). — God arms the harmless. (Inglês).

615. (*Cegueira*). *Andhlyak sarăthi Bhgăvan.* Deus é guarda do cego.

616. *Kurḍyachim* (ou *dublyachim*) *gorvam Dev rakhta.* Deus guarda o gado do cego (ou do pobre). Análogo em marata.

Equival. Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga. — A mulher do cego guarda-a Deus. (Caxmirês).

617. *Dev măn pălevun keḷem* (ou *dhăn*) *dita.* Deus esquadrinha o coração e dá banana (ou riqueza). Deus recompensa o merecimento verdadeiro.

Corresp. Em Deus não há prover sem provar. A mãos lavadas Deus lhe dá que comam. —*Qui bonus est hauriet gratiam a Domino.* (*Provérbios*).

618. (*Demónio*). *Dev dita bukad, devtçar marta păn-kad.* Deus dá bocado, o diabo dá pancada.

Obs. Êste adágio é de tôsca formação moderna, com dois vocábulos portugueses, aliás desnecessários, a não ser para a rima.

Corresp. O que Deus dá o demo o leva. — God sends meat, and the devil sends cooks. (Inglês). Análogo em holandês.



619. (*Trabalho*). *Hat-pāy halăylyar Dev prăsăn zata.* Deus ajuda a quem mexe as mãos e os pés. Isto é: a quem trabalha.

Corresp. Deus ajuda a quem trabalha. — *Cor hominis disponit viam suam, sed Domini est dirigere gressus ejus.* (*Provérbios*).

620. (*Nobreza*). *Zat ani kuḷi, Devachya hatant săglyanchi măḷsudi.* Casta e nobreza *pouco importam*, na mão de Deus está o parafuso (a mola reguladora) de todos. —Diz-se particularmente quando acontece algum mal a quem blasona da sua nobreza ou grandeza.

Equival. *In manu Dei potestas terrae.* (*Eclesiástico*).

621. *Envalyachem vikh Decan adintç kaḍhlam.* Deus tirou desde o princípio o veneno da cobra de água (de modo que, quando morde, não envenena). —Diz-se de quem tem vontade de fazer mal, mas não pode.

Obs. Há especialistas na Índia que extraem ou neutralizam a peçonha instilada pela mordedura de cobras. Mas a mencionada cobra não a tem de natureza, aliás teria envenenado muita gente.

622. *Devan dilya kaya ti udkant bhizăun khaya.* A presa que Deus vos deu comei-a molhada.

Origem. Uma tartaruga, apanhada em sêco por um chacal, que lhe dava dentadas no dorso duro, disse-lhe as referidas palavras, com o intuito de se escapar na água, como efectivamente se escapou. Emprega-se porém o anexim quando se faz uso indevido da graça recebida.

Equival. Quem boa dita tem a Deus a agradeça.

623. *Hanv kărta dōn', Dev kărta tin.* Eu faço duas, Deus faz três.

Explicação. Um homem queria sempre ter duas juntas, mas sempre lhe morria um dos animais.

Equival. O homem põe, e Deus dispõe. Igualmente em castelhano.

**624.** *Rätçällya Devak posunk kälä na gi?* Deus que criou, ¿não saberá acaso sustentar? — Voga no Canará.

Corresp. Não fez Deus a quem desamparasse.

**625.** *Mäjya Devache guṇ maka gottu.* As qualidades do meu Deus conheço-as eu. — Usado no Canará.

## Capítulo LXVII. — **Dever**

**626.** *Bhesa prämaṇem kaydo.* O dever é conforme o estado de cada um.

**627.** *Päilem obrigasanv, magir devosanv.* Primeiro é a obrigação, depois a devoção. — Voga entre os cristãos de Goa.

**628.** *Kaydya bhayr tçälxi, sänkäxtank sampäḍxi.* Se te desviares do dever, meter-te hás em dificuldades.

**629.** *Kayde bäre kärn sambhaḷit to apṇak täsem dusryak bärem kärit.* Quem cumprir bem os seus deveres fará ao próximo o bem que faz a si próprio.

## Capítulo LXVIII. — **Dificuldade**

**630.** (*Deus*). *Akantak sampäḍtotç Devatço ughḍas yeta.* Quando o homem se encontra em apêrto, ocorre-lhe a lembrança de Deus. — O pensamento figura em várias línguas, como em afgão: Quando a faca está sôbre a cabeça, lembra-se o homem de Deus.

Equival. Se queres aprender a rezar, entra no mar.

*Aegrotabat Daemon, monachus tunc esse volebat,*
*Daemon convaluit, Daemon ut ante fuit.*

**631.** *Aḍtçäṇêk päḍtotç dusryachi pang dhärunk zay.* Quem se vê em dificuldades tem de ser subserviente a outro (que o possa valer).

**632.** *Khälysaruy gelyar nangrak paḷam adäḷtat.* Onde



quer que se vá, o arado topa com raizes (obstáculos). — Comum ao marata.

**633.** *Aḍkhäḷäli gay phäṭke khay.* A vaca emmaranhada é espancada. O homem, pôsto em apêrto, tem de se sujeitar a humilhações. — Comum ao marata.

**634.** *Avghäḍ kam' apṇak oḷkhun niṭ zavunk.* É árduo negócio conhecer a si próprio e emendar-se.

Equival. O homem conhece-se pelos olhos doutros. (Chinês). — *Nosce te ipsum.*

## Capítulo LXIX. — **Dilação**

**635.** *Anthuḷtana geli rat, nidtäliy gê kedna?* Passa-se a noite emquanto fazes a cama ¿quando é que te deitarás? — Repreendem-se delongas desusadas ou preparativos exagerados.

**636.** *Vetay zalyar veüḷ asa, ravtay zalyar mandri asa.* Se te vais embora, há tempo; se ficas, há esteira. — Diz-se ao visitante que se não decide a demorar nem a retirar.

**637.** *Xit vätçun pez zatotç, okhät parä na.* Se o arroz passou (ao cozer-se) do estado duro ao mole, não há remédio que aproveite.

## Capítulo LXX. — **Dinheiro** [1]

**638.** *Duḷvam viṇem säunsar näy, läjê viṇem munis näy.* Não é o mundo para quem não tem dinheiro, nem é homem quem não tem vergonha.

Equival. Quem não tem dinheiro não tem graça. — Sem dinheiro nada conta por virtude entre os homens. (*Mahabhârata*). — Chi non ha danari, à lui manca ogni cosa. (Italiano).

---

[1] Vid. *Anjos*, n.º 106; *Avareza*, n.º 129; e *Cônjuges*, n.º 415.

639. *Säunsarachi mälsudi duḍu.* A mola real do mundo é o dinheiro.

Equival. O dinheiro é a medida de todas as cousas.

640. *Duḍu aslälyatço säunsar, nant to konxyar.* O mundo é de quem possui dinheiro; quem o não tem fica acantoado.

Equival. Tudo pode o dinheiro. Quem dinheiro tiver fará o que quiser. — O homem é escravo do dinheiro, o dinheiro não é escravo de ninguém. (*Mahabhârata*).

641. *Säunsarant duḍvam paṭhlyan säkäṭ.* No mundo tudo fica por detrás do dinheiro.

Equival. Amor faz muito, o dinheiro tudo. Em catalão também. — *Pecuniae obediunt omnia.* — O dinheiro dá poder. (Holandês).

642. *Asa däm'ḍi marta kombḍi, na däm'ḍi kärta tçam'ḍi.* Tem dinheiro, come galinha; não tem dinheiro, faz-se em um embrulho (vive encolhido).

Equival. Não há mal tão lastimeiro como não ter dinheiro. — Obtém-se fàcilmente mulher e filhos, mas é difícil alcançar riqueza. (Sânscrito). — Geld im Beutel vertaibt die Schwermuth. (Alemão: Dinheiro na algibeira dissipa a tristeza).

643. *Dam' kări kam'.* O dinheiro faz trabalho. Isto é: quem quere dinheiro trabalha. Também em marata, com o acrescentamento: e as senhoras fazem «salame». — Igualmente em bengali.

Equival. Dinheiro faz batalha e não braço largo. Mais abranda o dinheiro que a palavra de cavaleiro.

644. *Nanę käskäxit koṇakuy ghalit bhärik.* Dinheiro à barda fará a desgraça de qualquer indivíduo.

Equival. Lá vão leis onde querem os cruzados. Onde o dinheiro fala, tudo cala.

645. *Duḍu asat taka säkäṭ sävay, na taka säkäṭ mharogh.* A quem tem dinheiro tudo é barato; a quem o não tem tudo é caro.



Equival. Quem dinheiro tiver fará o que quiser.

646. (*Cobiça*). *Duḍvank khärḍo legun tonḍ ughäḍta.* Para o dinheiro, até uma caveira abre a bôca.

Origem. É alusão a um facto lendário, dum avarento, que sòmente à vista duma moeda de ouro abriu a bôca que trazia cheia doutras moedas, que então foram tiradas. Análogo em marata e canarês.

Equival. Dádivas quebrantam penhas.

647. (*Avareza*). *Duḍvank väso na, sugratak ḍoḷe nant.* O dinheiro não tem contágio; a avareza não tem olhos.

Equival. Bem cheira a ganância donde quer que venha. — Não há justiça com avareza. (Árabe). — Money is welcome though it comes in a dirty clout. (Inglês).

648. *Duḍvanchi kimät uxṇem magta to zaṇo.* O valor do dinheiro sabe-o quem o pede de empréstimo.

Corresp. Quem quiser saber o valor do dinheiro tente ver se lho emprestam.

649. *Käḍṇar duḍu, na zalyar buḍu.* Dinheiro sôbre a «ola», aliás é perdido. O fiado é perdido.

Explicação. *Ola* é a fôlha entretecida do coqueiro, a qual se estende para nela se fazerem quinhões de reses ou de peixes grados. Quem não cobra então o preço dos quinhões muitas vezes não o recebe depois.

Equival. Não fio nada até amanhã.

650. (*Fala*). *Ekachem utran zata tem dusryan duḍvänim zay na.* O que um alcança com sua palavra outro o não consegue com seu dinheiro. — A influência pessoal vale por vezes mais que o dinheiro.

651. *Asle duḍu, kelit çave*[1]; *na zalyar, kityak zay?* Se há dinheiro traz-se fechado à chave; se não há, ¿de que serve (fechar a arca)?

---

[1] O vocábulo «chave» introduziu-se em muitas línguas indianas. Vid. *Influência*.

652. *Rupya moḍlo, rokdotç sărlo.* Trocou-se uma rupia, gastou-se imediatamente.

Obs. Uma moeda de prata de grande valor não se despende com facilidade, mas se fôr reduzida a miúdos, gasta-se depressa; por isso o povo tem cautela em a não cambiar.

653. *Kărţen zata tem duḍvănim zay na.* O que se obtém com uma «chareta» de vinho não se consegue com dinheiro.

Obs. Costuma-se dar vinho aos operários em uma metade do endocarpo de côco em lugar de copo. Há operários que trabalham com mais vontade quando se lhes promete vinho.

654. *Duḍvank bhullo to patkant păḍlo.* Quem se namorou de dinheiro caíu em pecado.

Corresp. *Nihil est iniquus quam amare pecuniam.* (*Eclesiástico*). — Argent ard gent. (Francês). — The man who thinks that money can do anything will generally do anything for money. (Inglês).

655. *Măje duḍu măje pole phoḍtat.* O meu dinheiro espanca as minhas faces. — Diz-se de quem maltrata a quem o beneficiara pecuniàriamente.

Equival. *Arma mea contra me.* — I gave you a stick to break my own head. (Inglês).

656. *Duḍu na, haṭko na, udhar koṇ patiye na.* Não há dinheiro, não há riqueza, e ninguém vende fiado.—Diz-se de quem não tem meios de vida nem goza de boa reputação.

657. *Disachya uzvaḍak duḍu păḍă nant.* A luz do dia não custa dinheiro. — Diz-se figuradamente quando se pode gozar sem pagar.

658. *Văstrak ghalle duḍu, põyk ghalle kanţe săma.* Dinheiro gasto em vestuário é semelhante aos espinhos deitados num riacho. — Usado no Canará.

Equival. Fond pride of dress is sure a very curse. (Inglês).



659. *Kan nasullo phatra bări, duḍu nasullo măḍya bări.* Quem não tem ouvidos é como uma pedra; quem não tem dinheiro é como um cadáver.—Voga no Canará.

Corresp. *Homo sine pecunia est cadaver.*

660. (*Parentes*). *Soyro mhăḷḷyar jiv, duḍu mhăḷḷyar praṇ.* *Parente* quere dizer «vida»; *dinheiro* quere dizer «sopro vital». — É do Canará.

## Capítulo LXXI — **Distância**

661. (*Parentes*). *Păixile ḍongăr sazre lagxile ḍongăr hagre.* Os montes longínquos são belos *de ver*, os próximos são molestos (porque custa subi-los). — Diz-se dos parentes de pouco e muito trato. O guzarate possui um provérbio análogo à primeira parte.

662. *Akasak ḍoḷe pavtat, puṇ hat pavă nant.* Chegam os olhos ao firmamento, mas não as mãos. — Diz-se de quem deseja uma cousa muito elevada, mas que não é capaz de alcançar.

663. *Pedru yevxin, guḍguḍi tevxin.* Pedro por aqui, e o «ucá» (cachimbo grande) por ali (por isso não pode fumar). — Voga no Canará.

## Capítulo LXXII. — **Distracção**

664. *Kakhê asa cheḍo, bhonvta săgḷo vaḍo.* A mulher tem o filho à anca e percorre todo o bairro (à sua procura). Buscar longe o que está perto.—Análogo em marata.

Explicação. Na Índia as mulheres trazem as crianças com as pernas atravessadas na anca esquerda e amparadas com o braço, tendo assim desembaraçado o braço direito para qualquer serviço.

Equival. Andava na égua e preguntava por ela. Pôr a criança no berço e andar a busoá-la por toda a aldeia.

(Telugo). — Busca o seu burro sôbre o qual está sentado. (Chinês). — Il cherche son âne et il est monté dessus. (Francês).

665. *Khandar moḍu dăvărn ganv săgḷo sodhlya băr̥i.* Como quem traz o forcado ao ombro e anda a buscá-lo por toda a aldeia. — É usado no Canará.

666. *Eka kanan bhităr sărunk ani dusrya kanan bhayr sărunk.* Entrar por um ouvido e sair por outro.—Diz-se das crianças que se esquecem do que se lhes ensina; e dizem-no dos adultos para indicar que não ouviram com interêsse o que se lhes referiu. — Análogo em marata.

Corresp. In at one ear, and out of the other.

667. *Am'tço Juzé Mari dekor kantar kăr̥i.* O nosso José Maria cantava de cor. — Diz-se do que fala sem atenção ou sem estar inteirado do assunto.

Corresp. *Extra chorum canit.*

## Capítulo LXXIII. - **Diversidade**

668. *Murti titlyô prăkr̥iti.* Quantos são os indivíduos tantas são as índoles. — Comum ao marata.

Corresp. Many men, many minds. (Inglês).

669. *Pantçanche pantç părkar.* Cinco modos de cinco indivíduos. — Comum ao marata.

Corresp. Quantos homens tantas opiniões. — *Quot homines tot sententiae.* (Terêncio). — Tant de gens, tant de guises. (Francês).

670. *Dês tăso bhês.* O trajo é conforme com o país. Cada terra tem seus costumes, com que os estranhos têm de se conformar.

Corresp. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. — *Cum Romae fueris, romano vivito more; cum fueris alibi, vivito sicut ibi.* (Santo Ambrósio).



## Capítulo LXXIV. — **Dívida e empréstimo**[1]

671. *Riṇa viṇem tărṇ bărem.* Sem dívida é bom o caldo de arroz. Idêntico em telugo.

672. *Khep păike ghevunchi gôḍ, părtun divunchi kăḍu-ăvghăḍ.* É doce a vez de receber dinheiro *emprestado*, mas amarga e árdua a de restituir.

673. *Riṇant buḍlălem ghăr năy, ani valyant khelălem măder năy.* Não presta a casa sobrecarregada de dívidas, nem a madeira roída pelo «cariá» (formiga branca).

Obs. Por figurar no provérbio a palavra *madeira*, não se pode concluir que é moderno; pois ha dições portuguesas que são actualmente mais usadas que as vernáculas, e é bem possível que em lugar de *madeira* estivesse outra expressão, como *mop*, usada no Canará, ou *lankuḍ*, usada em Savantvari.

674. (*Parentesco*). *Tçălăy nastana soyrik sămplya, magă nastana riṇ gelam.* Sem trato, tem-se acabado o parentesco; sem se exigir, tem-se sumido o crédito (que se devia receber). — A segunda parte é comum ao marata.

675. *Riṇ vitçar nastana gelem, gado păḷăy nastana gelo.* O crédito perdeu-se por se não ter exigido; o campo perdeu-se por se não ter por êle olhado. — Voga no Canará.

676. *Ast kello khavun măronk na, riṇ kello pavun măronk na.* Quem amontoou riqueza não morreu depois de a gozar; quem contraíu dívida não morreu depois de a pagar. — É corrente no Canará.

677. *Ŭdhar băr̥ṇi khăvănt teḷ.* Odre de empréstimo *tem* óleo rançoso. — O que se vende fiado é, de ordinário, de má qualidade.

---

[1] Vid. *Amizade*, n.º 75; *Analogia*, n.º 102; e *Cônjuges*, n.º 415.

678. *Udharachem potem săvay hat ritem.* O saco emprestado é vazio três palmos (ao passo que foi dado como cheio). — Comum ao marata.

Obs. O que se compra perde no pêso e no preço.

679. *Aplem divunchem ani divana vechem.* Dar do seu e ir ao tribunal (andar em litígios).

Equival. Quem dinheiro quere cobrar muitas voltas há-de dar. Quem empresta, suas barbas arrepela. Emprestaste e não cobraste; e se cobraste, não tal; e se tal, inimigo mortal. — *Noli foenerari homini fortiore te; quod se foeneraveris quasi perditum habe.* (*Eclesiástico*).

680. *Xem thăym săvay xem, kalantărak kitem bhem?* Onde se *pagam* cem, ai cento e vinte cinco ¿que receio *pode haver* acêrca dos juros? — Di-lo quem adquire dívida, para assegurar que pagará sem falta o capital e o juro correspondente.

681. *Adechya giresthachem rin kadhum năye.* Não se contraia dívida dum rico novo (por ser mais exigente).

682. *Gărăz asa to kadhta kărz.* Quem tem necessidade contrai dívidas.

## Capítulo LXXV. — **Doença**

683. *Pida yeta dhanvun, bhălayki melta ravun.* A doença vem correndo, a saúde alcança-se esperando (perseverando). Expressa-se a facilidade de ter doença e a dificuldade de recuperar a saúde. — Análogo em marata.

684. *Vayt ghodyachê dhanven yeta ani muyechê tçalin veta.* O mal vem a galope de cavalo e vai-se a passo de formiga. — Análogo em marata.

Equival. O mal entra às braçadas e sai às polegadas. — Igualmente em castelhano. — Le mal vient à cheval et s'en va à pied. (Francês). Análogo em inglês.

685. *Modxê virăhit pida na.* Não há doença sem



«mordexim» (embaraço gástrico). — É teoria da medicina indígena.

686. *Ekak pătçia tem dusryak vayt kărta.* O que faz bem à saude de um faz mal à doutro.

Equival. What is one man's meat is another man's poison. (Inglês).

687. *Rogyak advarlălyachi rutç.* Ao doente apetece alimentos proibidos. O proibido é apetecido.

688. *Ganzlan tçablem, taykilyan puslem, pekăt gelem.* Picou o zângão, esfregou-se com o «fedegoso» [1], foi sarando. — Diz-se de males leves e passageiros, que não demandam cuidados.

689. *Zor rădta pejek.* A febre chora por canja. Quere dizer que a febre se cura com a canja.

Obs. A canja da Índia é arroz cozido em muita água e comido com algum acepipe ou «toca-bôca». É a dieta comum. Vid. o *Glossário*.

690. *Pida pidê părim, xit sudanchê părim.* A peste é como peste, e o arroz é como de sempre.

691. *Zachya potant tçabta to vănvo khata.* Quem tem dor de barriga come funcho (para a curar). — Aplicar o remédio que convém ao mal. — Análogo em marata.

692. (*Vicio*). *Khănti sarki pida na, ăguna sarkem vayt na.* Não há enfermidade como a tristeza, nem mal como o vício.

Equival. *Sicut tinea vestimento et vermis ligno, ita tristitia viri nocet cordi.* (*Provérbios*). *Multos enim occidit tristitia, et non est utilitas in ea.* (*Eclesiástico*).

693. *Tim măhinyachya khanak eka disatço tap puro.* Para a alimentação de três meses basta a febre de um dia (para a inutilizar).

---

[1] *Cassia tora*, Linn.

## Capítulo LXXVI. — **Doido**

694. *Pixyak budh xikăyta to ădhik piso.* Quem ensina um doido é pior doido.

Equival. O conselho exacerba o doido, não o aquieta. (Sânscrito).

695. *Pixyak xingam zay?* ¿Precisa o tolo de chifres *para ser conhecido?* — Alude-se aos chifres do búfalo, que é símbolo de estupidez.

696. *Pixyachya hatant uzvadi.* Archote na mão do doido (que praticou com êle muitos desatinos).

Equival. O vilão conhece-se com a vara na mão. Quem quiser conhecer o ruim dê-lhe ofício. Espada na mão do sandeu, perigo do que lha deu. — Quand l'aveugle porte la bannière malheur à ceux qui marchent derrière. (Francês).

697. *Melălê avăychem dudh piyela.* «Bebeu» o leite da mãe morta. — Diz-se de quem não tem juízo são.

698. *Pixem sutlem, tonko had.* Soltou-se a doida, traze pau (para a conter com pancadas). — Usado no Canará.

Equival. Al savio la ragione, al matto il bastone. (Italiano). Análogo em inglês. — A nod for a wise man, and a rod for a fool. (Inglês).

699. *Hoy re, băila? hoy; năy re, băila? năy.* ¿«Sim, ó boi»? «Sim». ¿Não, ó boi»? «Não». — Diz-se do simplório que responde conforme lhe insinuam, sem atinar no que diz.

Explicação. Assim como há homens que exibem cobras, há também outros que andam com um *boi-sábio*, muito ataviado, conhecido por *nandi*, o qual se lhe preguntam afirmativamente, move a cabeça verticalmente, e se preguntam negativamente, move-a horizontalmente, imitando o interrogador.



## Capítulo LXXVII. — **Dono**[1]

700. *Dolya ad săunsar pad.* Longe da vista, o mundo é devastado. Longe da vista do dono a fazenda é presa de ladrão. Análogo em tamul.

Equival. Fazenda, teu dono te veja.

701. *Vagh na, xinv na, kholiyô kărum ya.* Não há tigre nem leão, apanhemos a folhada (do mato).

Equival. Agora, frade, agora que está o guardião fora. — Quand le chat n'y est pas, les souris dansent. (Francês).

702. (*Deus*) *Dev pădla bobalar, devul nagăum ya.* Roubamos o templo emquanto o deus está distraído.

Explicação. Por «deus» se entende aqui os que guardam o templo; os quais andaram entretidos em arranjos da festa e não puderam olhar pelo seu tesouro.

Equival. Pescar nas águas turvas. Análogo em francês e inglês. A rio revôlto ganância do pescador.

703. *Bhatkarachem varem văta sirkem.* O ar do proprietário é semelhante ao sol (tão útil como o sol).

Equival. O melhor adubo da terra é o pé do proprietário. O melhor penso do cavalo é o ôlho do seu amo. Também noutras línguas europeias.

704. *Aradkara părăs bihradkarachem teădh.* É mais a autoridade do hóspede que a do hospedeiro — Dizem de ordinário os serviçais quando os hóspedes lhes passam ordens.

705. *Ghărkarni vinem ghăr năy.* Não é *pròpriamente* casa a que não tem dona.

706. *Ghăr ăskăt, bail mărkăt.* A família é fraca porque a mulher (dona) é achacosa. A dona achacosa não cuida devidamente da sua família.

---

[1] Vid. *Agricultura*, n.os 49, 50 e 51.

Equival. A mulher que pouco fia sempre faz ruim camisa.

707. *Kaḍhlo cheḍo, dilo bhaṭkarak.* Pegou o *colono* no filho e entregou-o ao senhorio. — O filho do colono (ou «manducar») é colono como o pai [1].

708. *Ghărkarṇ bări zawi, sarăṇ ghărak zhărta tăsi zhărwi.* Se fores boa dona da casa, gastar-te hás pela casa como a vassoura.

709. *Ghărkarṇ gnyana viṇem, ghărachem zalem divaḷem.* Sendo a dona sem siso, ficou falida a casa.

710. *Gharkarṇik păḍlem na ghărachem, ghăr zalem ritem.* A dona não se importou com a casa, a casa tornou-se vazia (desprovida de cousas necessárias).

Equival. Se a dona da casa é cega, todas as panelas ficarão partidas. (Telugo).

## Capítulo LXXVIII. — **Economia**

711. *Kăvḍi kăvḍi zăma kelyar, lăkxapăti zata; kăvḍi kăvḍi moḍlyar, bhikxapăti zata.* Quem junta caurim a caurim torna-se senhor do «laque» (cem mil); quem despende caurim a caurim torna-se senhor de mendicidade.

Equival. Cada dia três e quatro, chegarás ao fundo do saco.

712. *Ilem ilem punji kelyar ḍongăr zata.* Se se junta pouco e pouco, faz-se monte.

Corresp. De muitos poucos se faz um monte. — *Adde parum parvo magnus acervum erit.* — A quattrino a quattrino si fà il soldo. (Italiano).

713. *Dom hatănim zoḍchem, eka hatan khărtçunchem.* Ganhe-se com ambas as mãos e despenda-se com uma só. — Comum ao marata.

[1] Vid. *Batcar* e *Manducar* no *Glossário*.



714. *Văḍya văylem tel văggyar.* O óleo de «fogaéu [1]» *aproveita-se* para as beringelas. — Comum ao marata [2].

715. *Ekê pendiyen don ghăram xinvunk.* Com um feixe de palha cobrir duas casas.

Equival. Matar dois coelhos duma cacheirada. Matar dois pássaros com uma pedra. Idêntico em inglês. — *Duas linit parietes eâdem fidelità.* — Faire d'un pierre deux coups. (Francês).

716. *Vaḍhtya angar tçăḍhtem kălsanv.* Ao corpo que cresce calças que aumentam.

Obs. O ditado deve ser privativo dos cristãos; os hindus não vestem calções nem calças.

## Capítulo LXXIX. — **Educação**

717. *Oli măḍki astana kaṇth văḷunk zay.* Emquanto a panela é húmida (não sêca ou cozida), cumpre amoldar-lhe o bocal (sendo depois impossível). Corrigir emquanto é tempo. — Comum ao marata.

Equival. Do pequenino se torce o pepino. Malhar no ferro emquanto está quente. Idêntico em francês e inglês. — *Filii tibi sunt, erudi illos, et curva illos a pueritia illorum.* (*Eclesiástico*).

718. *Phophăḷ astana unṭiyen ghalum yet, maḍi zatotç unṭiyen ghalum yeta?* Quando é areca, pode-se meter no regaço, mas quando se faz arequeira ¿ poder-se há trazer no regaço?

Equival. Um leão em pequeno se amansa.

719. *Aprubayen vadhăylo, bhăngăstăḷak pavăylo.* Criou-se com mimo, levou-se para a ruína.

Equival. Filhos e criados não os amimar; se os ami-

[1] Bôlo de farinha de arroz, frito em muito azeite.

[2] Manwaring (*Marathi Proverbs*) interpreta o adágio no sentido de um pagar pela ira excitada por outro.

mais, não os quereis gozar. — Spare the rod and spoil the child. (Inglês).

720. *Săxi astana bagnatălli, rukh zatotç bagătgi?* Emquanto era planta, não se curvava ¿curvar-se há quando se tornar árvore? — É corrente no Canará.

Equival. A young tree is easier twisted than an old one. (Inglês).

721. *Kirlar bagă natăllem vasyar bagătągi?* O bambu, que se não curvou em pequeno, ¿curva-se acaso quando é já crescido? — Usado no Canará.

Obs. Curvam-se bambus para diversos usos, especialmente para palanquins. Garcia da Orta menciona esta particularidade nos seus *Colóquios*.

Equival. Alte Bäume lassen sich nicht biegen. (Alemão: Árvores velhas não se deixam curvar).

## Capítulo LXXX. — **Egoísmo** [1]

722. (*Deus*). *Apuṇ apṇak, Dev sămestank.* Cada um para si, Deus para todos.

Corresp. Cada um por si, Deus por todos. Também noutras linguas europeias.

723. *Aplem apṇak bărem.* Cada um louva o que é seu.

Corresp. *Asinus asino, sus sui pulcher, et suum cuique pulchrum.* — The crow thinks her own bird fairest. (Inglês).

724. *Săgle aplya phonḍar mati oḍhtat, dhukărutç pelyan loṭta.* Todos puxam a terra sôbre a sua cova, só o porco a expele para longe.

Equival. Cada um chega a brasa à sua sardinha. Levar a água ao seu moinho. Também em francês e italiano. — A enxada puxa a terra para nós. (Marata). —

[1] Vid. *Interêsse.*



All men row galley way, i. e. every one draweth towards himself. (Inglês).

725. *Ray rayak vhăḍ, dubḷo dublyak vhăḍ.* O rei é grande para o rei; o pobre é grande para o pobre.

Equival. O filho do corvo é caro ao corvo. (Telugo). — Comum ao marata.

726. *Keldem apṇakutç manăvta.* O macaco compraz-se em si próprio.

Equival. Cada bufarinheiro louva os seus alfinetes. — No hay tal madre como la que pare. (Castelhano).

727. *Pădrak păḍlem, păvitr zalem.* Caiu no regaço, ficou sagrado. O que já se adquiriu (por quaisquer meios) tornou-se lícito. — Diz-se do que tem a consciência pouco escrupulosa quanto ao emprêgo de meios. — Comum ao marata.

Equival. O que nos agrada é-nos belo. (Sânscrito). — *Malum est, malum est, dicit emptor: et cum recesserit, tunc gloriabitur.* (*Provérbios*).

728. *Atam xizta tem maka vaḍh, phalya dhaḍtam tuka bhuketço kaḍh.* O que está a cozer agora dá-me a mim; amanhã enviar-te hei um específico para a fome.

729. (*Êrro*). *Aplyô budhi hikmăti, dusryachyô tçuki.* Os juízos próprios são perícias, os dos outros são erros.

Equival. Os nossos desvarios temos por acertos, e os seus acertos por desvarios. — *Omnis via viri recta sibi videtur; appendit autem corda Dominus.* (*Provérbios*).

730. *Hanv khăṇtam thăym nibăr, dada khăṇta thăym mău.* Onde eu cavo é duro; onde cava o irmão mais velho é mole.

731. *Kazulo aplê vărvim uzvaḍta mhăṇo.* O pirilampo dizia que era devido a êle que havia luz.

732. *Randhlem tăplyant, ghalem aplyant.* Cozinhou-se na panela *comum*, e pôs-se na própria. Apropriou-se do que era comum.

733. *Dusryachya ḍolyant kusăḷ dista, aplya ḍolyantlem*

*musăḷ disă na.* Vê-se a aresta no ôlho doutrem, mas não se vê o pilão no próprio. — É mais vernáculo que o seguinte. — Comum ao marata.

Equival. El corcobado no vee su corcoba, y vee la de su compañon. (Castelhano).

734. *Aplya ḍolyant paṭi asa ti disă na, dusryachya ḍolyant kuskuṭ asa tem dista.* Não vê a trave que tem no seu ôlho, mas vê o argueiro que está no ôlho do próximo. — É do Evangelho.

735. *Apli paṭh apṇak disă na.* Ninguém vê ás suas costas. Ninguém conhece os defeitos próprios.

Equival. Ninguém vê o argueiro no seu ôlho. — Nobody is willing to acknowledge he is in fault. (Inglês).

736. *Xizlălem păilem măjya ghovak vaḍh, randhun magir tujya ghovak dixi.* O que está cozinhado dá já a meu marido, depois cozinharás para teu marido [1]. — Acode primeiro às minhas necessidades, depois remediarás as tuas.

737. *Pelyatço ghay maka kitem kărta gay?* ¿ Que mal me faz a ferida doutrem? — Análogo em marata.

## Capítulo LXXXI. — **Embriaguez e vinho** [2]

738. *Bebdyak* [3] *maṇsugi na.* O bêbedo não tem honradez.

Equival. *Amaritudo animae vinum multum potatum.* (*Eclesiástico*).

739. *Bebḍya kăḍe akar na.* O bêbedo não observa o devido modo de proceder. — Diz-se do bêbedo que pratica muitas inconveniências.

---

[1] Conta-se que assim dizia uma nora a sua sogra.

[2] Vid. *Cobiça*, n.º 291.

[3] A palavra *bêbedo* e seus derivados vernáculos são muito usados em Goa e em Ceilão. Vid. *Influência*.



740. (*Doido*). *Bebdyak ani piryak paṭiyevum năzo.* Não se pode fiar do bêbedo e do doido.

Equival. *Vinum multum potatum irritationem et iram et ruinas facit.* (*Eclesiástico*). — Do entra beber, sale saber. (Castelhano). — Também em holandês. — Drunkards have a fool's tongue and a knave's heart. (Inglês).

741. *Soryak soro apăyta.* O vinho chama o vinho.

742. *Xeḷi pez ădhik bări.* É melhor a canja fria. Isto é: o vinho é melhor que a canja de arroz, que se toma quente. — Dizem assim os ebriosos, que de manhã cedo querem beber.

743. *Sorya sangḍi măst na, măsti sangḍi văst na.* Não há descomedimento como o *proveniente* do vinho, nem há cousa comparável ao descomedimento.

Equival. *Luxuriosa res vinum, et tumultuosa ebrietas.* (*Eclesiástico*).

744. (*Hábitos*). *Băytlya bebyak barkăṇ zata re?* ¿ Porventura constipa-se a rã do poço? Quere dizer, figuradamente, que ao ebrioso não fazem mal as bebidas. Pode-se dizer também o mesmo doutro hábito semelhante, como o de fumar demasiado.

745. *Kopant soro jivak băro.* Vinho no copo é bom para a vida. Vinho deitado no copo é como se fôra bebido.

746. *Mazăr masḷi sanḍit tedna sorekar soro sanḍit.* Quando o gato largar o peixe, largará o bêbedo o vinho.

Equival. Quem é amigo de vinho, de si mesmo é inimigo.

747. *Giresth soro piyelyar, alegr mhuṇtat; dubḷo piyelyar, bebd mhuṇtat.* Se o rico beben vinho, dizem que está «alegre»; se o beben o pobre, dizem que está «bêbedo».

Obs. Entre os hindus, sòmente as classes inferiores fazem uso de aguardente sem infâmia.

Equival. He who is drunk in a first-class carriage has

had a fit; he who has a fit in a third class is drunk. *Maxims of Marmaduke.*

748. *Karṭbhăr piyetam, vaṭ tçăltam.* Bebo uma quarta (de quartilho de aguardente), ando caminho.

749. *Ardh xeŭr ghetam, phitxeŭr zatam.* Tomo meio quartilho, torno-me feiticeiro (arrotador de sabenças).

750. *Tin karṭam tçaktam, bhũy păḍtam.* Provo três quartas, caio no chão.

751. *Xeŭr martam, keŭr bhoṇvtam.* Despejo um quartilho, ando divagando.

Obs. Descrevem-se os efeitos de bebidas alcoólicas em diversas quantidades. Mas o efeito do quartilho não é bem expresso.

## Capítulo LXXXII. — **Êrro**

752. *Ar mhuḷḷyar, bur săm'zăta.* Se se diz «ar», entende *bur*.

Equival. Entender alhos por bugalhos.

753. *Păy tçuklyar, hatti păḍta.* Se erra o passo, cai o elefante. — Análogo em tamul.

754. *Tçom păyantço ghoḍo păḍta.* Cai o cavalo de quatro pés (quanto mais o homem de dois pés).

Corresp. O melhor cavalo cai. Análogo em francês. — Cade un cavallo, chi ha quattro gambe. (Italiano). — *Aliquando bonus dormitat Homerus.*

755. *Mhatarvatço tăkaro moṭo, zarităr gondhlo apuṇ mhuṇta khăro.* É grande a presunção do velho; ainda que se confunda, afirma que diz a verdade. O velho obstina-se nas suas opiniões e não reconhece o êrro.

Equival. Cantar mal e porfiar. (Castelhano). Vieil arbre malaisé à redresser.

756. *Baram vărsam tçakri keli, ekdis tçuklo, bhayro zalo.* Serviu por doze anos, um dia cometeu uma falta, foi expulso. Uma falta desvirtua todos os merecimentos anteriores.



## Capitulo LXXXIII. — **Estado**

757. *Daru gulo patxayatço, phar marunk kitem puro zata?* A pólvora e as balas são do rei ¿que custa disparar tiros?

Obs. Diz-se literalmente, e muito mais figuradamente, quando se gasta à larga o que é alheio, e em particular, quando há desperdício dos dinheiros públicos ou de associações.

758. *Sărkarachi tçakri mazrachya mathyavăyli păṇṭi.* O serviço do estado é como a candeia por cima da cabeça do gato (que pode, à sombra que lhe faz a candeia, arrebatar e comer qualquer cousa). — É usado no Canará.

759. *Kan divum ye, puṇ kanu divum năye.* Ceda-se a orelha, mas não se pague a contribuição. — Alude-se à repugnância que o povo tem a pagar os impostos e os subterfúgios a que se socorre para se eximir. — Comum ao marata.

## Capítulo LXXXIV. — **Esperteza e sagacidade**

760. *Udkar tel kaḍhunk.* Tirar azeite da água.

Equival. Tirar azeite dos seixos. Enfiar um cavalo por uma agulha.

761. *Anvaḷo divun kunvaḷo kaḍhlo.* Deu-se um mirabólano êmblico e tirou-se uma «combalenga» [1]. — Deu-se pouco e tirou-se muito. — Comum ao marata.

Equival. Meter agreja, y sacar soja. (Castelhano). — Donner un œuf pour avoir un bœuf. (Francês). — To give a sprat to catch a herring. (Inglês).

---

[1] É uma espécie de abóbora — *Cucurbita pepo*, Roxb.

762. *Păvlălyant mutunk bărem.* É bom urinar onde há pingado (porque não se nota a culpa).

763. *Dusryachya tonḍant mhom piyevunk.* Sorver o mel pela bôca doutrem.

Equival. Tirar a sardinha com a mão do gato.—*Alieno periculo lucrum capere.*

764. *Lenvun kat kaḍhunk.* Tirar a pele lambendo-a.

Equival. Entrar lambendo e sair mordendo.

765. *Ans ghalun kurlo kaḍhunk.* Deitar a isca e apanhar uma santola.—Obter ardilosamente, por preguntas inocentes, informações importantes, às vezes contra o próprio informador.

766. *Kanank văygim bandhunk.* Atar beringelas às orelhas (dalguém).—Embair com muita arte.

Equival. Fazer o ninho atrás da orelha.

767. *Văḍachi sal pimpḷak, pimpḷachi sal văḍak.* A casca de «árvore de gralha» para o «pimpôlo» e a casca de «pimpôlo» para a «árvore de gralha».—Diz-se do trapalhão que faz do verdadeiro falso e do falso verdadeiro.—Comum ao marata.

Variante. *Ambyachi sal pănsak, pănsachi sal ambyak.* A casca de mangueira para a jaqueira e a casca da jaqueira para a mangueira.

768. *Kolyachyô budhi naḍun mădhem băschyô.* As maranhas do adibe consistem em lograr *os outros* para se assentar no meio (que é o lugar mais seguro).—Deve haver alguma explicação apologal.

769. *Hansun dant paḍunk.* Sacar os dentes com riso.—Castigar sem melindrar.

Equival. *Ridendo castigo mores.* (Juvenal).

770. *Mazran vaghak ăikăylo.* O gato deu uma lição ao tigre.—Usa-se quando um pequeno se mostra mais avisado que um grande.

Origem. Um gato, acossado por um tigre, meteu-se num «bambual» e subiu a um bambu. O tigre, querendo



fazer o mesmo, ficou empalado num bambu cortado ao meio [1].

771. *Gom'chi vidya Gomutç zaṇo, Simanv babḍo kitem zaṇo?* A arte do Gomes sabe-a só Gomes, ¿ o coitado do Simão que é o que sabe?—Nem todos são para tudo.

Explicação. Um indivíduo, encarregado da sua loja por um negociante de tretas, houve-se com muita lisura, em detrimento do dono, e passou por desgostos. Os nomes, que figuram, denotam que o provérbio é muito moderno, talvez do século passado.

Equival. Cada um nas suas contas é mestre. Cada qual sabe em seu proveito. Mais sabe o tolo no seu que o sábio no alheio.—Bhagubaí sabe o que Bhagubaí faz. (Marata).

772. *Bhăṭachem musăḷ adiy zata, ubhĕy zata.* O pilão do «bôto» fica assim horizontal como perpendicular.—Usado no Camará.

Explicação. O *bôto* é sacerdote hindu; o pilão é um dos instrumentos de que se serve para seus agoiros; mas dá-lhe êle a posição que entende mais adequada ao seu fim.

773. *Dev băro to băro, puṇ devtçar vayt năy.* Deus é bom sem dúvida, mas o demónio não é mau.—Di-lo quem se vê em perigo e implora o socorro de todos, amigos e inimigos.—Parece que é tradução do português.

774. *Dev pav, ani tum devtçarṇy pav.* Acuda-me Deus, e tu, demónio, também me acode.

775. *Paḷambo ghalo mhuṇ bărem zalem.* Foi bom que se meteu a raiz de «árvore de gralha». Foi bom que se sondou o perigo.

---

[1] *Bambu* é um pau roliço com poucos centímetros de circunferência e dez a quinze metros de comprimento, e tem muita serventia. Cria-se em grupos ou em mata contínua. Vid. *Glossário.*

Origem. Um chacal meteu o rabo num buraco à borda dum rio, a ver se apanhava caranguejos; mas o crocodilo, que aí estava de espreita, puxou com violência o rabo; é quando o adibe disse que fôra prudente em introduzir uma raiz, que imitava o seu rabo, e o crocodilo largou-o. Também se conta que o chacal disse o mesmo, com igual resultado, quando meteu o rabo na cavidade duma árvore, onde estava um homem refugiado.

**776.** *Man'gya bayê chikḷak năy ḍoḷe.* Senhor crocodilo, eis que o lôdo tem olhos. — Di-lo quem descobre o laço que outro lhe havia armado.

Origem. Um crocodilo, cobiçando deveras um adibe, disse-lhe que em certo sítio se achava abundância de caranguejos, que êle muito apetece, e foi meter-se debaixo do lôdo com os olhos mal cobertos. O adibe, que tinha suas suspeitas, revolvendo de manso o lôdo, deu com a trama e disse...

## Capítulo LXXXV. — **Exageração** [1]

**777.** *Ghoḍo ghelyar hătti gelo mhuṇta.* Se passou um cavalo diz que passou um elefante.

Variante. *Muy gelyar hătti gelo mhuṇta.* Se passou uma formiga, afirma que passou um elefante.

Equival. Fazer duma pulga um cavaleiro armado. — Far d'una mosca un elefante. (Italiano).

**778.** *Gaṇḍev gelyar, ar gelo mhuṇta.* Se passou uma minhoca, diz que passou uma gibóia.

**779.** *Reḍo gelyar ghoḍo gelo mhuṇta.* Sep assou um búfalo, afirma que passou um cavalo. — Análogo aos antecedentes e mais usado, por serem mais conhecidos no país êsses animais.

[1] Vid. *Adulação*, n.º 14.



**780.** *Ḍevsyak phanṭe lavunk.* Acrescentar rebentos ao estrepe.

Equival. Quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto.

**781.** *Tçăḍh devosanv thăym tçăḍh tentasanv.* Onde há muita devoção, aí há muita tentação.

Obs. É máxima dos cristãos. Diz-se de quem procede mal a despeito de praticar exageradas devoções.

## Capítulo LXXXVI. — **Excentricidade**

**782.** *Săgăṭ sărăp natçăytat, eklo divăḍ natçăytalo khăym.* Todos fazem dançar «a cobra de capelo», mas um fazia dançar a «cobra de ratos». — Corrente no Canará.

Obs. Há na Índia homens chamados «garopeiros» (vid. *Glossário*) que exibem ao público cobras de capelo, como meio de vida, adestrando-as a fazer vários gestos e meneios. A outra cobra é muito grande, pesada de movimentos, não peçonhenta e incapaz de se exercitar.

Equival. He is teaching a pig to play on a flute. (Inglês).

## Capítulo LXXXVII. — **Excesso**

**783.** *Tçăḍh oḍhta thăym tuṭta.* Onde demasiado se estica, ali arrebenta.

Equival. Quem tudo abarca pouco abraça. — La corda che troppo si tira spezza. (Italiano). — Grasp all, lose all. (Inglês).

**784.** (*Furto*). *Nagăunk meḷta mhuṇ uzvaḍă pasun nagăumchem năy* Porque se pode roubar, não se deve roubar até amanhecer. — Quem o faz corre o risco de ser apanhado.

**785.** *Bhăv kelyar, bhăv zata, ag kelyar zit mău zata.* Se se faz demais, fica em excesso; se se faz *demasiado* lume, o arroz fica mole. — O excesso faz mal.

Equival. Panela que muito ferve o sabor perde. Igualmente em castelhano.

786. *Murkhyak ghalo palo, thăndso zalo; anink ghalo, mărun gelo.* Aplicaram-se fôlhas *medicinais* ao demente, sossegou um pouco; aplicaram-se ainda mais, acabou por morrer.

787. *Asa muṭhbhăr, kărta kanṭhbhăr.* Tem um punhado (de arroz ou outra cousa de comer), e prepara até a borda do tacho (enchendo-o de água).

788. *Ek dilem, bărem zalem; don dilint, xins kaplem.* Deu-se um *copo*, houve bom resultado; deram-se dois, cortou-se a cabeça.

Origem. Conta-se que um comandante deu aos soldados um copo de aguardente antes de entrarem em acção, e pelejaram valorosamente; dobrou-lhes a dose em outra ocasião, embebedaram-se e foram mortos.

Equival. Panela que muito ferve o sabor perde. — Tomado em excesso, o mesmo néctar é veneno. (Tamul).

789. *Tçăḍh phirăngi bhas, haḍank urta mas.* Muito «portuguesismo» faz largar carne nos ossos.

Explicação. Evidentemente, é um rifão moderno e conhecido ùnicamente entre os cristãos. Os gentios não comem carne nem fazem uso de talher.

Lembra-me ter ouvido que um governador de Goa dissera aos hóspedes que era preciso comer com os dedos as galinhas da terra, por não serem tão gordas como as da Europa. Por o não ter feito um indivíduo, originou-se o anexim, que se aplica quando se empregam meios esquisitos e aparatosos.

Equival. A muita cera queima a igreja.

790. *Săgḷyantutç davli ghalxi, nakxiyô zhărăun sărḍixi.* Se meteres os gadanhos em tudo, acabarás por gastar as unhas.

Equival. A carga bem se leva, a sobrecarga causa queda. Quem tudo quere tudo perde. — O excesso é sem-



pre censurado. (Sânscrito). — Qui mouche trop son nez en tire sang. (Francês).

791. *Tçăḍh zalem, hansunk aylem.* Foi excessivo, excitou-se riso. O excesso doutrem excita de ordinário riso em nós. — Comum ao marata.

792. *Kumparik humpar paytana săvănd ratr urle nidă nastana.* Emquanto um compadre acompanhava outro compadre, passaram ambos a noite inteira sem dormir. — Diz-se quando há exagêro de delicadezas mal entendidas.

Origem. Por não deixar ir só durante a noite para sua casa, um compadre acompanhou o outro que também fez o mesmo, e assim passaram a noite em idas e vindas.

## Capítulo LXXXVIII. — **Exemplo**

793. *Phuḍlem zot tçălta tăsem paṭhlem zot tçălta.* Como anda a junta de bois de diante, assim anda a junta de trás. — Comum ao marata.

Corresp. Saltou a cabra na vinha, também saltará sua filha. A cabra que vai à vinha, por onde vai a mãe vai a filha.

794. *Ganv hansta mhuṇ mharvaḍo hansta.* Riem-se os «farazes» (pariás) porque se ri a gente da aldeia [1].

Variante. *Ganvkar hansta mhuṇ parpăti hansta.* Por rir o «gancar» (senhor colectivo da aldeia), ri também o servidor dela.

795. *Kălvănt natçta mhuṇ, geli natçunk Jakin, ti păḍli sărvangim ghuspun.* Por dançar a «bailadeir», pôs-se também a dançar a Joaquina, e estatelou-se no chão, embaraçada.

---

[1] Cada aldeia ou freguesia de Goa tem um bairro de «farazes», para o seu serviço. Vid. *Glossário*.

Obs. É moderno o prolóquio e usado sòmente entre os cristãos.

796. *Mŏr natçta mhuṇ, landor* (ou *mori*) *natçta, puṇ sobhă na.* Por retonçar o pavão, retouça também a pavoa, mas não lhe fica bem. — Comum ao marata.

797. *Ekan gay merli mhuṇ, dusryan vasrum marum năye.* Por ter um morto a vaca, não deve outro matar a vitela. — Não se siga o mau exemplo. — Comum ao marata.

798. (*Agricultura, Instrução*). *Dekhta tya prămaṇem xikta, vămpta tya prămaṇem pikta.* Aprende-se pelo que se vê, e colhe-se pelo que se semeia.

799. *Nemant kavăto.* Palmeirinha na cova *da palmeira.* — O filho sucede ou imita os pais.

800. *Ar veta mhuṇ gandev vatçunk laglo to chirdun melo.* Por ir a gibóia, começou a ir a minhoca, mas morreu pisada.

Equival. A bicha quere ser cobra. (Malaio).

801. *Năräkachi vaṭ dakhăunk.* Apontar o caminho do inferno. Isto é: dar mau exemplo, induzir ao mal.

Equival. A wicked companion invites us all to hell. (Inglês).

## Capítulo LXXXIX. — **Experiência**

802. *Zăsem kărta tăsem bhogta.* Como se faz, assim se experimenta.

Equival. Cada un es hijo de sus obras. (Castelhano). Idêntico em inglês. — *Quae pecavimus juvenes ea luimus senes.* Every man is the architect of his own fortune. (Inglês).

Variante. *Kărit tăsem bhogit.* Como fizer, assim gozará.

803. *Zay zalălem kărta to naka zalălem bhogta.* Quem faz o que quere experimenta o que não quere. — É provável que seja tradução do provérbio português.



804. *Apṇak dukh bhoglya băgăr dusryachem sukh-dukh gămă na.* Não se avaliam a alegria e a dor (as vicissitudes da vida) doutrem sem a própria pessoa passar por tribulações. Não avalia o mal alheio quem o não provou.

Equival. Après dommage chacun est sage. (Francês).

805. *Aplê xempḷer pāy păḍlyar găm'ta.* Quando cai o pé no rabo próprio é que se conhece o que é.

806. *Paṭhir goṇi pădlya băgăr Viṭhobachyô oḍhi gămă nant.* Emquanto não cai o fardo sôbre as costas, não se conhece a fadiga de Vitobá.

Obs. Há aqui alusão histórica, que me não souberam explicar.

807. *Kazar zavunk na zalyar, maṭra pondchyan vătçunk na?* Se não casei ¿ não passei *ao menos* pela «ramada» do casamento? Se o não experimentei, ¿ não o terei ao menos observado?

808. (*Ladrão*). *Tçorachem panvăl tçôr zaṇo, munyachi khuṇa mono zaṇo.* Um ladrão conhece a pègada doutro ladrão; um mudo conhece o sinal doutro mudo.

809. *Tçabun khelyar rutç kăḷta.* Se se come mastigado sabe-se o sabor. — Se uma cousa é feita cuidadosamente, ressalta a sua excelência.

Equival. Experimenta e serás mestre.

810. *Ap-aplem ojhem ap-apṇak zăḍ.* Cada um sente o pêso da sua carga.

Corresp. Cada um sente o seu mal. — Every horse thinks his own pack heaviest. (Inglês).

811. *Bhăv bhăv vantçăt, kay kay dekhăt.* Quem viver muitíssimo verá variadas cousas.

Corresp. Quem mais vive mais vê. Quanto mais vivemos, tanto mais sabemos. — They who live longest will see most. (Inglês).

812. *Bhangar vorzun păḷăy zay, rupem kărgun păḷăy*

*say*. Aprecie-se o ouro aquilatando-o, e a prata derretendo-a. — É usado no Canará.

## Capítulo XC. — **Facilidade**

813. *Melălyak koṇuy marit.* Qualquer pode bater no morto.

Equival. Ao mouro morto grã lançada. Idêntico em castelhano.

814. *Ghăṭ dhărun dilyar, koṇuy marit.* Quem quiser pode espancar a quem se lhe entrega preso.

Equival. Even a child may beat a man that's bound. (Inglês).

815. *Dhărun bandhun dilyar, ghalin soḍik mar.* Se alguém mo entregar apanhado e atado, dar-lhe hei uma sova depelante. — Diz-se de algum covarde que aparenta valentia.

816. *Păḍlyar koṇuy păy dăvărta.* Todos põem o pé sôbre o que está caído. Todos desprezam o decaído.

Corresp. If a man once fall, all will tread on him. (Inglês).

817. *Păḍlălyak koṇuy khoṭ marit.* Qualquer pode dar pontapé no caído.

Equival. Ao cão mordido todos mordem.

818. *Aytya piṭhar reghō oḍhunk.* Traçar linhas sôbre a farinha já preparada *em massa*. — Comum ao marata.

819. *Aytyar koyto koṇuy marit.* Qualquer pode dar com a faca de cozinha no que está aparelhado. — Comum ao marata.

820. *Dhanvtya phuḍe ani păḷtya paṭhi koṇuy dhanvta.* Qualquer corre adiante de quem corre (para alcançar alguma cousa) e atrás de quem foge (para lhe bater).

Equival. Quem foge é acossado. (Holandês). — Tutti sono bravi quando l'inimico fugge. (Italiano).

821. (*Ocasião*). *Aylem pitsanv, kăr re, Pherranv.* A



petição é gratuita; aproveita, ó Ferrão. É aproveitar da ocasião, quando haja advogado que faça o requerimento de graça. — Diz-se de quem faz alguma cousa sòmente por ter ensejo e não custar nada.

822. *Phonḍant păḍălĺyak phatăr uklun ghalyar bări.* A modo de levantar uma lousa e pôr sôbre quem está numa cova. — É usado no Canará.

823. *Bagvăllyak ek muṭh tçăḍh.* Para o curvado um sôco já é muito (para o deitar por terra). — Voga no Canará.

## Capítulo XCI. — **Fala e palavra** [1]

824. *Mun'xyak utăr gorvak davem.* Palavra para o homem, cabresto para o gado. — Para o homem assisado basta sòmente a palavra para o induzir a obrar ou a abster-se.

Equival. O boi pela ponta, o homem pela palavra. — Idêntico em francês. — Uma chicotada para o bom cavalo: uma palavra para o homem bom. (Chinês).

825. *Utran mun'xyak parkhuntço.* Deve-se julgar o homem por sua fala.

Equival. Cada um fala como quem é. As palavras mostram o que cada um é. — A conversa é espelho do coração. (Chinês). — A bird is known by its note, and a man by his talk. (Inglês).

826. *Utrak utăr ăntăr asa.* Há diferença entre palavra e palavra.

Equival. A panela em soar e o homem em falar.

827. *Tonḍ bărem sambhalit, koṇachyay poṭant rigun dis kaḍhit.* Quem guardar bem a língua, passará sua vida entrando em graça de qualquer pessoa.

---

[1] Vid. *Adulação*, n.º 20; *Agravamento*, n.º 33; *Amizade*, n.º 75; *Bisbilhotice*, n.º 156; *Cônjuges*, n.º 408.

EQUIVAL. Ao bom calar chamam santo. Bôca fechada tira-me da baralha. Se tendes a voz doce e a mão acariciadora, com um fio conduzirás um elefante. — *Qui custodit os suum custodit animam suam; qui autem inconsideratus est ad loquendum sentiet mala.* (*Provérbios*). — A bridle for the tongue is a necessary piece of furniture. (Inglês).

828. *Jibhen kelem, taḷver aylem.* Praticou a língua, veio *o castigo* sôbre a cabeça. — Comum ao marata.

CORRESP. Não diga a língua por onde pague a cabeça.

829. (*Prudência*). *Bhärlälem aydän halä na, xähaṇo munis zhankä na.* O vaso cheio não se mexe, e o homem sensato não tagarela.

EQUIVAL. *Qui moderatur labia sua prudentissimus est.* (*Provérbios*).

830. *Uläunk käḷä na zalyar toṇḍ bandhlyar bärem.* Quem não sabe falar devidamente convém que traga a bôca cerrada.

EQUIVAL. Mais vale calar que mal falar. O parvo se é calado, por sábio é reputado. — Confine your tongue, lest it confine you. (Inglês).

831. *Goḍ na, puṇ goḍa sarki bat na?* Se não há «jagra» ¿não há ao menos fala semelhante à «jagra» (melaço)? — Diz-se com relação aos visitantes e aos hóspedes. — Comum ao marata.

EQUIVAL. Cortesia de bôca muito vale e pouco custa. Idêntico em castelhano e em parte em francês. — Se não podes dar açúcar, fala *açúcar*[1]. (Hindustani). — Uma voz agradável tira a cobra do seu buraco[2]. (Persiano). — Boas palavras são ramais de pérolas. (Chinês). — *Verbum multiplicat amicos et mitigat inimicos.* (*Eclesiástico*).

---

[1] Em muitas partes da Índia se dá açúcar aos visitantes como sinal de benevolência.

[2] Alude-se aos encantadores.



832. *Toṇḍ goḍ, hat zäḍ.* A bôca é doce, mas a mão é pesada (para dar). — Comum ao marata.

833. *Lohu uläun diro paläyta.* Fala de manso e apaga o candeeiro. — Diz-se de quem difama com palavras suaves e ambíguas.

834. *Zhankun poṭ bhärä na.* Não se enche a barriga com tagarelar. — Também em telugo.

CORRESP. Falar, falar, não enche a barriga. — Não se cozinha arroz com palavras. (Chinês). — Many words do not fill a bushel. The belly is not filled with fair words. (Inglês).

835. *Zay zay tem uläyxi, naka zalälem aykäxi.* Se disseres tudo o que te agradar, ouvirás o que te não agradará.

EQUIVAL. Falar sem cuidar é atirar sem apontar. É manha do açougue: quem mal fala pior ouve. — *Qui pergit ea quae vult dicere, ea quae non vult audiet.* (Terêncio).

836. *Toṇḍ asa taka xähar asa.* Quem tem bôca tem cidade. Isto é: pode ir à cidade.

VARIANTE. *Toṇḍ aslyar vaṭ asa.* Se há bôca, há caminho.

EQUIVAL. Quem tem bôca vai a Roma.

837. *Uläytälyachem toṇḍ khoṭem, kityak gunyanvachem kaḍhta dhäpṇem.* É má a língua de quem fala, porque levanta a tampa da culpa. — Ninguém leva a bem que se lhe lancem em rosto as faltas.

EQUIVAL. Mal me querem as comadres, porque lhes digo as verdades. Idêntico em castelhano.

838. *Ogem ravlyar bärem; khärem kärunk gelyar, ärdh täriy gunyanvkari zavun aylem.* É melhor estar calada; se vou verificar, volto pelo menos meia culpada. — Dizem as mulheres quando não querem mais questionar.

CORRESP. Bôca fechada tira-me da baralha.

839. (*Agricultura*). *Uläytälyachem toṇḍ dhärum näzo,*

*zetachi nădṇi kaḍhun sămpăum năzo.* Não se pode tapar a bôca de quem fala, *assim como* não se pode acăbar de mondar o campo.

Equival. Podem tapar a bôca do jarro, mas não a do homem. (Chinês).

840. *Dăryachi gaz puṇi bandhum yet, mun'syachi jibh bandhum năzo.* Pode-se tapar o mesmo ronco do mar, mas não a língua do homem.

841. *Jibhek haḍ na mhuṇ bărem.* É um bem que a língua não tem osso (aliás partir-se-ia pelo mau uso). — Diz-se a quem profere inconveniências.

Equival. Muito falar, pouco saber. — O osso da língua é cárcere. (Árabe).

842. *Xenḍo kăsoy bandhum yet, jibh kăsiy gunvḍay yet.* Pode-se de qualquer modo dar nó aos cabelos das mulheres; pode girar de qualquer modo a língua. — Voga no Canará.

843. *Phuṭlăli maḍki vazăyta.* Tange panela rachada (que não faz bom som). — Diz-se de quem devaneia ou disparata.

Equival. Quem muito fala e pouco entende, por ruim se vende. — Grandes faladores são como bilhas rachadas; deixam escorrer tudo. (Persiano).

844. *Sonya sarkem utăr phunkya păro ghalem.* Palavra, igual ao ouro, proferiu-se em vão. — Diz-se quando se não atende ao que se pede ou recomenda.

845. *Ulăytana tonḍantlyan möh ghăḷta.* Emquanto fala, cai-lhe o mel da bôca. — Nem sempre se diz em louvor, emprega-se às vezes para significar que se procura contentar com palavras doces.

Corresp. Bôca de mel, coração de fel. — *Favus mellis composita verba.* (*Proverbios*).

846. *Ek sanglyar ekvis zatat.* Se se diz uma cousa, originam-se vinte e uma. — Diz-se de exageração progressiva e desfigurativa.



Equival. Quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto.

847. *Hatantlem bhayr păḍlyar, vintçum yet, tonḍantlem bhayr păḍlyar, vintçum yeta?* Apanha-se o que cai fora da mão ¿ pode-se apanhar o que cai fora da bôca?

Equival. Palavra fora da bôca, pedra fora da mão. — A palavra e a pedra lançadas não voltam. (Persiano).

848. *Tonḍbhăr utăr, poṭbhăr xit.* Palavra que encha (satisfaça) a bôca, arroz que encha o estômago.

849. *Tçun kantun paḷevunchem, utăr chintun păḷevunchem.* Aprecie-se o côco ralando-o e a palavra ponderando-a.

850. *Tçăltălyachi tçal kăḷta, ulăytălyachem utăr kăḷta.* Conhece-se o modo de andar de quem anda e a palavra de quem fala.

851. *Jibh bălli, paṭhir aylem.* Falou a língua (proferiu palavras inconvenientes), veio sôbre as costas o *espancamento.*

Equival. Não diga a língua, por onde pague a cabeça. Cuida em quê a tua língua não fira o teu pescoço. — Põe freio à tua língua, e não temerás teus inimigos. (Árabe).

852. *Ang zălchya utrak rag asa gi?* ¿ Porventura a palavra que caustica o corpo dá lugar à ira *encoberta?* — Palavras que ferem gravemente produzem reacção imediata. — Usado no Canará.

Equival. Mais fere má palavra do que espada.

853. *Varya prămaṇem utăr.* A palavra é (corre) como o vento.

854. *Pavsantlya vătak patiyevum năzo, hastălyachem utăr patiyevum năzo.* Não se pode fiar do sol do inverno, nem de quem promete a rir. — É usado no Canará.

855. *Dusryak mhăṇtam na mhăṇ ravyet, dusryakăḍchem aykătçom na mhăṇ ravonk năzo* Pode-se estar calado

emquanto outro fala, mas não se pode dizer que não ouvirá o que outro diz. — É corrente no Canará.

856. *Disachem ulăunchem năy ranant, ratchem ulăunchem năy ghărant.* Não se fale na serra durante o dia, e em casa durante a noite. No monte é possível que haja outra pessoa que o ouça, e em casa pode algum vizinho estar à porta escutando o que se comunica.

Equival. Fala à noite quando não há ave nocturna. (Árabe). — Anche i boschi hanno l'orecchie. (Italiano).

857. *Vāḷăntik kan asat ani darak doḷe asat.* A parede tem ouvidos e a porta tem olhos. — A primeira parte é comum a muitas línguas indianas e europeias.

## Capítulo XCII. — **Fartura e fome**

858. *Poṭ bhărtotç, găre ambăṭ.* Quando a barriga está cheia, os «bagos de jaca» são azedos. — O marata tem: O figo é amargo ao estômago cheio.

Variante. *Bhărlălya poṭar găre ambăṭ.* Sôbre a barriga cheia os bagos de jaca são ácidos.

Variante (do Canará). *Poṭ bhărlyar găre kaḍu.* Se a barriga está cheia, os bagos são amargos.

Obs. Os «bagos» são, de ordinário, muito doces, e por isso há indivíduos, europeus especialmente, que não gostam dêles; mas ao farto não lhe sabem ao sabor natural.

Equival. Ao homem farto cerejas amargam. Análogo em francês. A ventre farto mel é amargo. A fartura cria fastio. — É veneno a comida na indigestão. (Sânscrito).

859. *Poṭ bhăre, khoṭe tçaḷe, mandri sanḍum bhũy loḷe.* Barriga farta, pisam aos pés o *comer*, e largando a esteira (onde comiam), rebolam-se no chão. — Excessivos efeitos de fartura.

Corresp. *Anima saturata calcabit favum; et anima esuriens etiam amarum pro dulci sumet.* (*Provérbios*).



860. *Jevlălya bam'ṇak dăhim khărkhărta.* Ao brâmane farto a coalhada é áspera (à garganta).

861. *Tāḷem rakhtălo udkăk mărā na.* Quem guarda a lagoa não morre por falta de água. — Análogo em marata.

Equival. Quem tem padrinho não morre mouro. Quem azeite mede as mãos unta. Em castelhano também. — What! starve in cook's shop? (Inglês).

862. *Udkantli manḍki udăk piye nastana ravta?* ¿A rã da água deixa de beber água?

863. *Aḍkyan pantçxxeri.* Cinco «ceiras» (litros) por um real e meio.

Equival. Ôvo por um real.

864. *Khavun jevun Khalpa itlo.* Comendo e bebendo *à farta*, tão bem como Colopo.

Explicação. Colopo foi no século passado um notável capitalista e negociante de Mapuçá, na província de Bardês, onde ainda hoje existem seus descendentes, e parece que fazia grande ostentação da sua riqueza. O adágio voga na referida província, e tem cabimento quando se responde a quem pregunta pela saúde, no sentido de «nadar em mar de rosas».

865. (*Riqueza*). *Dăryant paus.* Chuva no mar.

Equival. Chover no molhado. Levar água ao mar. Levar lenha para o mato. Os rios correm para o mar. — *Dinero llama dinero.* (Castelhano).

866. *Dhanyachê raxir kunkăḍ măstem.* Sôbre um monte de cereais, a galinha é enfastiada.

867. *Kutryak păryant naka.* Nem o cão o quere. É tão abundante que nem o cão o come. — Diz-se da demasiada abundância de qualquer comestível.

868. *Pik thăym bhik.* Onde há uberdade, ali há penúria. — Diz-se de quem faz miséria no meio da abundância, ou do lavrador que se queixa de fraca colheita, a despeito de larga produção.

**869.** *Poṭ paṭhik lagunk.* Apegar-se a barriga às costas. — Diz-se de quem está muito fraco ou esfomeado. — Comum ao marata.

**870.** *Suṇyachê bhukêk kuṇḍyachi poḷi.* Para a fome do cão, bôlo de farelo. Quem tem muita fome, come qualquer cousa.

Equival. Asno que tem fome cardos come.

**871.** *Poṭak laglya bhuk, jivak na rê sukh.* A barriga tem fome, a vida não tem contentamento. Quem tem fome não tem alegria nem vontade de trabalhar.

Corresp. Não há prazer onde não há comer. — El vientre ayuno no oye á ninguno. (Castelhano). — Ventre affamé n'a point d'oreilles. (Francês). Também em holandês.

**872.** *Bhukek toṇḍak lavunk naka, nidek uxem naka.* A fome não precisa de acepipes, e o sono não precisa de travesseiro.

Equival. À míngua de pão, são boas as tortas. Igualmente em castelhano. Melhor mostarda é a fome. — Asino che ha fame mangia d'ogni strame. — A hungry dog will eat dung. (Inglês). — Hunger ist der best Koch. (Alemão: A fome é o melhor cozinheiro).

**873.** *Bhuk dita rutç.* A fome dá apetite.

Corresp. Salsa de S. Bernardo. — La fame è il meglior intingolo (Italiano).

**874.** *Aslălyachem na sukh naslălyachem na dukh.* Não há prazer no que existe nem dor do que morreu, porque a barriga tem fome.

**875.** *Bhăvtangelem suṇem upaxim păḍlam.* O cão dos ricos está caído esfomeado.

**876.** *Ravḷantlo băkul dukăḷ năklo.* O gato do paço real não conhece penúria.

**877.** *Basta, pipa.* Di-lo quem está inteiramente farto. — Muito usado entre os cristãos.

Origem. Um preto abriu a torneira duma pipa e pôs-se



a beber, deitado por baixo; quando não podia mais, não soube (ou não se lembrou de) fechar a torneira, e dizia: basta, pipa; basta, pipa.

## Capítulo XCIII. — **Favor e gratidão**

**878.** *Phul na, pakhḷi tuka din.* Se não tiver flor, dar-te hei pétala. Se eu não tiver muito, dar-te hei o pouco que possuir. Comum ao marata.

**879.** *Ditălyatço hat vărto, ghetălyatço hat khalto.* A mão do quem dá fica de cima e a de quem recebe fica de baixo. O facto material simboliza as relações de subordinação entre o bemfeitor e o beneficiado.

**880.** *Tache hat ghelyat măjya poṭant, kăse kărunv taka ăkman?* Entraram no meu ventre as mãos dêle[1] ¿como lhe farei afronta?

**881.** *Upkarak sălam'.* Graças ao favor.

**882.** *Zachi khatam poḷi taka vazăytam taḷi.* Dou palmas àquele cujo pão como. Aplaudo a quem me dá de comer. — Análogo em marata.

Equival. Bem sabe o gato cujas barbas lambe. — Wess' Brot ich esse, dess' Lieb ich singe. (Alemão: Canto a cantiga daquele cujo pão como).

**883.** *Kărṭent bhik ghalunk.* Deitar esmola na «chareta». Literalmente, é «dar esmola»; figuradamente, é «socorrer», ou favorecer de qualquer modo.

Obs. Na Índia os mendigos andam com uma «chareta ou chireta» (metade do endocarpo de côco), onde se deita a esmola em dinheiro ou em géneros.

**884.** *Upkar visărta, puṇ ăpkar visră na.* Esquece o favor, mas não esquece a afronta.

---

[1] Quere dizer, figuradamente: «socorreu-me com alimentos, ajudou-me a viver».

885. *Hanstăle zayte asat, puṇ dităle bhăv thoḍe.* Há muitos que escarneçam, mas poucos são os que dão.

886. *Hagirḍyak ukăllo ani ayṇḍir marlo.* Levantou a um vilão e trouxe-o ao colo. Beneficiou a um ingrato.

887. *Xebas mhuṇun jevunchem.* Deve-se comer dizendo: muito bem. Quando se come doutrem, cumpre manifestar-lhe agrado e reconhecimento.

888. *Jevlălyan săntăunchem nălăgô.* Quem come não é necessário que agradeça (porque Deus recompensa).

889. *Nirharyan xrapunchem nălăgô.* Quem padece fome não é necessário que amaldiçoe *ao que não dá de comer* (porque Deus o castiga).

## Capítulo XCIV. — **Felicidade e infelicidade**

890. *Hanstem mukhi sădam sukhi.* O rosto risonho é sempre feliz.

Equival. A felicidade é sempre daquele que traz o espírito contente. (Sânscrito).

891. *Tonḍant sakăr păḍunk.* Cair açúcar na bôca *de alguém.* Isto é: ser ditoso, sorrir-lhe a fortuna.

Obs. O ditado é mais usado no imperativo como fórmula beneditoria: Caia açúcar na tua bôca!

892. *Zăgant sărv sukhi koṇ asa?* ¿Quem é completamente feliz no mundo?

Equival. No joy without alloy. (Inglês).

893. *Tambyan koṇem kăpal bandhunk na.* Ninguém formou a sua testa[1] de cobre. Quere dizer que a fortuna é incerta e variável, e que quem hoje é feliz pode amanhã tornar-se infeliz.

Equival. Vento e ventura pouco dura. Análogo em

[1] *Testa* designa figuradamente «boa ou má sorte».



castelhano. A riqueza não é firmeza. — A felicidade do mundo é como a escrita sôbre a água. (Tamul).

894. *Văḍak zalim goḍphăḷam, kavlyachya tonḍak zalim ruvam.* A figueira de Bengala[1] teve frutos, e a bôca da gralha teve pústulas (por isso não os pode comer)[2].

Equival. Deus dá nozes (ou amêndoas) a quem não tem dentes. Afluem nozes quando não há dentes. — Argent reçu, le bras rompu. (Francês).

895. *Saglyam văṭănim yevunk.* Vir *a desgraça* por todos os caminhos.

Equival. Levar a negra. *Omnem miseriam experiri.*

896. *Kărṭi hatant divunk.* Dar «chareta» na mão. Desgraçar, arruinar.

Obs. «Ter chareta na mão» é ser mendigo; e «dar chareta a alguém» é levá-lo ao estado de mendigo.

897. *Nirbhagi văṭçăt thăym kharem udăk pavta.* Aonde quer que vá o desafortunado, lá chega a água salgada.

Origem. Um homem sequioso corria ao longo dum rio para chegar a um sítio onde houvesse água doce, mas a enchente ia adiante dêle e por isso não conseguia saciar a sêde[3].

Equival. Luco foi ao mar, e o mar secou-se. (Marata). — Al desdichado poco val ser esforzado. Por do quiera hay su legua de mal camino. (Castelhano).

898. *Bhikaryachê kărṭent kavlo haglo.* A gralha sujou na «chareta» do mendigo (que nela ia comendo).

899. *Răḍtana* (ou *pirăngun*) *tatço săunsar gelo.* Passou-se o seu mundo choramingando (ou gemendo). Passou a sua vida em lamúrias.

[1] Ou «árvore de raizes» ou «árvore de gralha». Vid. *Glossário.*

[2] O marata tem alguns provérbios análogos, nos quais os frutos são representados por mangas, figos silvestres e bagas de «nimbo».

[3] «O deus da morte, que tem os braços estendidos para a destruïção, tudo alcança, por mais distante que esteja». — *Hitopadexa.*

900. *Kurliy geli, ărdhem boṭuy gelem.* Foi-se o caranguejo, foi-se também meio dedo (com que se apanhava).

Equival. Uma desgraça alcança outra.

901. *Ghărar suṇem tçaḍhunk.* Subir o cão sôbre a casa. É crendice de ser agoiro de infortúnio da família.

Variante. *Suṇem paṭosar tçăḍhlem.* Subiu o cão ao fastígio de casa. — Emprega-se também no sentido de orgulho, por se colocar um indivíduo onde não devia estar.

## Capítulo XCV. — **Fiador**

902. *Zamin ravxi ghăr dar hogḍayxi.* Se fores fiador, darás cabo dos teus haveres.

903. *Zamin rav ani ganṭhichem vaḷ.* Sê fiador e repõe do teu. — Comum ao marata.

Equival. Quem é fiador doutrem paga do seu. (Holandês). — Give advice to all; but be security for none. (Inglês).

904. *Zamin ravchê bhaxê tuje kăḍe asa tantlem dilyar bărem.* Melhor é dares que teres de ser fiador.

905. (*Vida*). *Aukhak koṇ zamin zayt?* ¿ Quem poderá ser fiador da vida? ¿ Quem poderá garantir a vida?

## Capítulo XCVI. — **Fingimento** [1]

906. *Zăṇant ek, mănant ek.* Uma cousa está na mente (em segrêdo), outra em público.

907. *Onṭhant ek, poṭant ek.* Uma cousa nos lábios e outra no coração. — Comum ao marata e proveniente do sânscrito.

908. *Naka, naka mhuṇta, ruṭç asa găḷobhăr.* «Não

[1] Vid. *Analogia*, n.º 103; *Cônjuges*, n.º 409.



quero, não quero», diz, mas apetece-lhe até os olhos. — Diz-se especialmente de comer e beber.

909. *Devak dakhăytanv hat ani ami khatanv bhat.* Apresentamos a mão a Deus e comemos o arroz. Quere dizer que se oferece o comer a Deus sem se lhe dar na realidade. — Usado entre hindus.

910. *Gogăl gay, ani poṭant păy.* É caracol *de ver*, mas tem pés na barriga. — Comum ao marata.

Equival. Palavras de santo e unhas de gato. — *Lupus in pelle ovina.* — Cara de beato y uñas de gato. (Castelhano.

911. *Takak yevun gaḍgo lipăyta.* Vem por sôro de leite, e oculta a cântara (em que o deve levar). — Quem o quere peça sem rodeios. — Idêntico em marata e telugo.

912. *Phatăr marun hat lipaunk.* Atirar pedra eesconder a mão.

Corresp. Obra do vilão tirar pedra e esconder a mão. Idêntico em castelhano.

913. *Dhuvek vaḍhun zanvyak upkar.* Favor ao genro por dar de comer à filha.

Explicação. As filhas casadas vão muitas vezes nos primeiros anos passar alguns dias em casa de seus pais. Uma sogra lançava em rosto ao genro o favor que lhe fazia hospedando sua mulher.

914. *Rakhăs piṭh kanḍtat.* Os demónios pilam farinha. — Diz-se quando um grande homem, por um motivo encoberto, se ocupa em cousa inútil ou insignificante.

915. *Tonḍant bot ghalyar, tçabunk neṇo.* Se lhe metem o dedo na bôca, não sabe morder. — Diz-se do sonso, que finge inocência ou ignorância.

Corresp. ¡ Meta-me aqui o dedo na bôca! — Si soy bobo, meteme el dedo en la boca.

916. *Dekhun dekhă naslălya părim kărunk.* Vendo, fazer como quem não viu.

917. *Hokăl khay na găre, biknḍnim bhărlem van.* A

noiva não come «bagos de jaca», mas o almofariz encheu-se de «castanhas de jaca». Dizia que não os comia, mas comia às escondidas.

Equival. A vaca, que não come com os bois, ou come antes ou come depois. Idêntico em castelhano. — No lo quiero, no lo quiero, mas echadmelo en la capilla. (Castelhano). — A religiosa (hindu) finge não comer peixe, mas tem três no seu prato. (Marata).

918. *Dhump kărpăun sănnyasi.* Asceta com queimar incenso. — Diz-se de quem não possui a verdadeira piedade e se entretém em exterioridades.

919. *Hĕy mi zaṇam, tĕy mi zaṇam.* Sei isso eu, sei também aquilo. — Diz-se de quem finge saber, quando, na realidade, deseja saber.

Origem. Preguntou uma mulher à sua vizinha como é que se preparava uma certa iguaria. Quando a outra ia enumerando os ingredientes, respondia: «eu já sei isso». A vizinha, que notou a sua esperteza, indicou-lhe uma especiaria, que era venenosa e que fez padecer muito os que comeram da iguaria.

920. *Khonklen pad visravunk.* Disfarçar a ventosidade com tosse. — Diz-se de quem se justifica com pretextos fúteis.

## Capítulo XCVII. — **Fôrça e fraqueza**

921. *Aplya boḷar patiyet te Devachya alasrya bhayro zayt.* Quem confiar nas suas fôrças excluir-se há do auxílio de Deus.

922. *Boḷi to kan văḷi.* O forte torce a orelha *do fraco.* Prevalece o mais forte ou poderoso. — Comum ao marata.

923. *Boḷvănt bhiye na, xăhaṇo atçar dhări na.* O esforçado não tem mêdo, o prudente não tem superstição.



924. *Boḷ tachem karbhar, marit tachi tărvar.* Quem tem fôrças atura trabalho; quem tem espada fere.

925. *Eŭk phar don kuṭke.* Um golpe *faz* dois pedaços. Foi tão bem dado o golpe, que não houve necessidade de o repetir.

926. *Săkt păḷevun bhăkt.* O gôzo é segundo a fôrça (ou habilidade). — É usado no Canará.

927. *Aytya biḷant nagoba boḷi.* Na cavidade por outro feita a cobra de capelo é esforçada. — Comum ao marata.

Obs. A referida cobra acouta-se de ordinário nos buracos abertos por outros animais, como a formiga branca, e repele os seus autores.

928. *Ulkechya kaḷzatço munis.* Homem que tem o coração de pulga.

929. *Hăttyo marun hingak ubgălo.* Depois de caçar um elefante descorçoou-se com a assa-fétida. — Diz-se de quem pratica um feito valoroso e esmorece num acto trivial.

Origem. Um homem matou um elefante, e quando foi necessária a assa-fétida para se preparar sua carne, ficou desalentado em ir buscá-la [1].

930. *Săḷa kăḍe boḷ tçălă na.* A fôrça não prevalece contra a obstinação.

## Capítulo XCVIII. — **Fortuna e infortúnio**

931. *Năsib aslyar, vikh zata nirvikh.* Se a fortuna favorece, o veneno torna-se anódino.

932. *Năsib aslyar, udăk parta.* Quem tem fortuna cura-se com *simples* água.

933. *Koṇ sodhi hărvem, taka meṇḷem bhaslălem.* Alguém

[1] Sugere-me um amigo outra origem, que não acho plausível.

procurava cru, achou assado. — Diz-se quando a realidade excede o desejo.

934. *Koṇachi hăḷăd mhuḷḷyar vikă na, koṇachi phăḷăd mhuḷḷyar vikta.* Se um diz (apregoa) «açafrão», não se vende; se outro diz *phalad* (palavra sem significação), vende-se [1]. — Indica-se a diferença de sorte.

935. *Thoḍyanchem kunḍyar xizta, thoḍyanchem lankḍam ghalyar xiză na.* De uns se coze ao borralho, de outros nem com lenha se coze.

936. (*Rei*). *Ray zoḍi, ghoḍe khayi, ghoḍyank khavunk kăpal zay.* Comem os cavalos o que ganha o rei, mas para gozar dos cavalos é necessário que a fortuna ajude.

937. *Chintlălem tăr sadhăt, ăvdixa kityak badhăt?* Se se realizar o que se intenta ¿como poderá a má sorte molestar? — Insinua-se a doutrina contrária ao fatalismo.

938. *Kolyachem xing tachê kăde asa.* Tem êle o chifre de chacal. Possui um poderoso amuleto, que lhe faz correr tudo a seu talante.

Explicação. É crença popular em várias partes da Índia que há alguns chacais cornudos — fenómeno que o eleva à categoria de rei ou chefe doutros indivíduos da sua espécie. «Quem possui êste raro e mirífico talismã diz-se que terá o rei sob o seu poder, derrotará os seus inimigos, careará homens, fascinará mulheres e prosperará em todos os sentidos; não morrerá se é atingido por armas mortíferas». (*The Hindustan Review*, de Jan.-Fev. de 1921). Mas os naturalistas europeus investigaram que o referido chifre não existe na realidade, e o que passa por tal é excrescência córnea do osso frontal de certos cães, à qual se dá por arte semelhante feição.

Equival. Ter varinha de condão.

[1] *Açafrão* é croco indiano, que, além doutros usos, é muito empregado como condimento. Vid. *Glossário*.



939. *Avdixa bhete, kapsar kăpal phute.* Quando visita o infortúnio, parte-se a cabeça mesmo sôbre o algodão. — «A ave, que divisa a presa à distância de quinhentas léguas [1], não vê contudo, quando lhe soa a hora, o laço traidor». *Hitopadexa.*

Equival. Na cama se quebram as pernas. Rói o osso que te coube por sorte. — Do falta dicha, por demás es diligencia. (Castelhano).

940. *Eranchem tel zăḷta, tachem mut zăḷta.* Dos outros arde o azeite, dêle arde a urina. — Diz-se de quem tem boa sorte.

Equival. Bem baila a quem a fortuna toca. Igual em italiano. — He eats silks and voids velvet. (Inglês).

941. *Kăxtam viṇem hatant naṇe.* Sem trabalho dinheiro na mão.

Equival. Atrás dos indignos anda a fortuna com prémios; atrás dos bons com desgraças.

942. *Apli surḷi aplyam payam muḷant.* Cada um tem a sua sombra à base dos seus pés. Cada qual com a sua sorte.

943. *Khăym gelăliy gê, vidhi? dublyachê sudi.* ¿Aonde foste, infortúnio? À cata do pobre.

Corresp. ¿Aonde vais, mal? Aonde há mais mal. Idêntico em castelhano. Vai-se o bem para o bem e o mal para quem o tem.

944. *Khaḍint pavun tarum phuṭlem.* Naufragou a embarcação ao chegar ao pôrto.

Equival. Nadar, nadar e ir morrer à beira. Igualmente em castelhano. Da mão à bôca muitas vezes se perde a sopa. — He came safe from the East Indies and was drowned in the Thames. (Inglês).

945. *Santent pavtu kăḷso phuṭlo.* Ao chegar ao mer-

[1] Atribue-se tal propriedade, particularmente, ao abutre.

cado partiu-se a bilha (com que se ia vender ou comprar algum líquido).

946. *Devagelem hem aylam tem unṭi uḍăun ghetam.* Veio-me esta provação da parte de Deus, recebo-a com ambas as mãos.

## Capítulo XCIX. — **Furto**[1]

947. *Kaḍi kaḍhlyar, paḍi veta.* Se se tira uma palhinha, vai-se (perde-se) uma vitela.

Corresp. Quem furta uma palhinha perde uma almalha.

948. *Kaḍi tçôr to paḍi tçôr.* Quem furta uma palhinha furta uma novilha.

Equival. Ladrão de agulheta, ladrão de grilheta. — Qui vole un œuf volera un bœuf. (Francês).

949. *Kăxṭānim zoḍlălem ărdhem ură na, nagăuṇen zoḍlălem tăgtălem kăsem?* Do que se ganha com trabalho não permanece metade ¿como é que durará o que se amontoou com roubos?

Equival. O mal ganhado leva o diabo. Bens mal adquiridos não se logram, vão-se como vieram.

950. *Tçoriyechem mharik veta.* O que é de furto vai para a «farazoa» (para uma pessoa indigna). Outros gozam o que é furtado.

951. *Sortir*[2] *patiyeta to varyar ghăr bandhta.* Quem confia na sorte da lotaria construi casa no ar.

Equival. Riqueza mal ganha é depressa dissipada. (Marata). — Ill got, ill spent. (Inglês). Idêntico em alemão.

952. *Bhik magchi părdexim, tçori kărchi svadexim.* Mendiga em país estrangeiro, furta no teu próprio.

---

[1] Vid. *Ladrão; Conveniência*, n.º 487.

[2] A palavra «sorte» introduziu-se em várias línguas indianas, devido à vulgarização de lotarias pelos portugueses. V. *Influência*.



Explicação. Quem mendiga na sua terra desonra a si e aos seus, por ser conhecido. Quando porém furta tem quem o proteja ou se compadeça, pela mesma razão.

## Capítulo C. — **Futuro**

953. *Phalyatço dis aplo mhuṇtço năy.* Ninguém diga que o dia de amanhã é seu.

Equival. Hoje em nossa figura e amanhã na sepultura.

954. *Phalya phalya mhuṇtălo phalya zayăr urlă na.* Dizia «amanhã, amanhã», mas não viveu até amanhã.

955. *Phuḍlem koṇem dekhlam?* Quem viu o porvir? Quem pode sondar o futuro?

Variante. *Phalyatço dis koṇem dekhla?* Quem viu o dia de amanhã?

956. *Paṭhlem paṭhi ghal, ani phuḍar păle.* Esquece-te do passado *desagradável* e pensa no futuro. — Diz-se particularmente com relação a alguma ofensa.

## Capítulo CI. — **Gracejos e galanteios**

957. *Kheŭḷ kheŭḷ nikheŭḷ.* Demasiada brincadeira é desastrada.

Equival. Play's gude while it is play. (Escocês).

958. *Măskări kelyar, tăxkări zata.* Se se faz motejo, acontece haver briga.

959. *Kexṭayô kexṭayô dhompram khala, dhompram phoḍun tçăl ghara.* Graças, graças até os joelhos, vai tu para casa com os joelhos partidos. — Galanteios não devem ultrapassar os limites da modéstia, sob pena de repressão violenta.

Equival. *Amicus usque ad aras.*

960. *Tçakri ki măskări?* ¿É serviço ou galanteio? — Preguntam as mulheres aos que as tem ao seu serviço e lhes dirigem graças de mau gôsto ou maliciosas.

961. *Zăso uzo tăso kheūḷ, ekê ghăḍiye bhăsm nikheūḷ.* O jôgo é como o fogo: num momento cinza e desmancho. — Diz-se quando a brincadeira redunda em mal.

## Capítulo CII. — **Grandes e pequenos**

962. *Vhăḍlya zhaḍachê savḷek ravlyar sădantç bărem.* É sempre bom estar à sombra duma árvore grande. — É proveitoso estar nas graças do poderoso.

963. *Dhăkṭyānim vhaḍlyanchê savḷek ravun dis kaḍhunk zay.* Os pequenos têm de viver à sombra dos grandes.

964. *Arok ani ganḍevak săr na.* Não há analogia entre a jibóia e a minhoca.

965. *Ar khăym ani ganḍev khăym?* ¿ Que comparação há entre a jibóia e a minhoca?

966. *Ar tçăllyar ganḍev chirḍun mărta.* Se passa a jibóia, a minhoca morre esmagada.

967. *Hăttyachem ojhem hăttyan ukălchem.* Levante o elefante a carga do elefante. Só o grande pode fazer a obra do grande. — Comum ao marata.

968. *Hăttyachem măḍem hattyan vhărchum.* O elefante deve carregar com o cadáver do elefante. O grande deve tratar do grande.

969. *Hătti tçălta, suṇim ghonktat.* Passa o elefante, e ladram-lhe os cães. — Comum ao marata.

Equival. Ladram os cães à lua.

970. *Ayanger sobhta tem bayanger sobhă na.* O que fica bem em casa dos grandes não fica bem em casa dos pequenos.

971. *Băychem udăk ximpyānim-sărăt, dăryachem udăk kityan sămpăt?* A água de poço pode exaurir-se com conchas ¿ mas como se exaurirá a água do mar? — Mostra-se a importância de certas cousas.

972. *Barṇi piṭh dăḷta, saḍe bara duḍu ovyô gata.* A



moeda de 15 réis mói farinha, a moeda de 12½ réis canta loas. — O grande trabalha e o pequeno folga.

973. *Băy bhărli mhuṇ, nhăyi bhărli mhuṇchi năy.* Por se ter enchido o poço (com a água da chuva), não se diga que também se encheu o rio (que precisa de muito mais água). — O que basta para o pequeno não basta para o grande.

974. *Băytço ṭhav ghevum yet, puṇ săm'diratço ṭhav koṇ ghet?* Pode-se sondar o poço ¿ mas quem poderá sondar o oceano?

975. *Băychem tonḍ dhărum yet, puṇ nhăyichem tonḍ dhărum năzo.* Pode-se abarcar a bôca do poço, mas não a bôca do rio.

976. *Zhăḍ rarem yetăna maḍachya muḷant ravum năye.* Quando venha rajada ou furacão, não fiques ao pé do coqueiro (que corre maior risco). — Quando há incursão ou calamidade, os grandes estão mais sujeitos aos seus efeitos.

Equival. Grande nau, grande tormenta.

977. *Vhăḍlyanchi sangṇi varyar păḍă na.* O dito dos maiores não fica baldado. — Entende-se também dos antepassados a máxima.

Equival. O dito do velho é raramente falso. (Dinamarquês).

978. (*Mêdo*). *Ḥăster băsăllyak suṇyachem bhem kitem?* ¿ Que mêdo pode ter quem está sentado sôbre o elefante? — Voga no Canará, adoptado do telugo.

## Capítulo CIII. — **Gula**

979. *Tonḍ ritem, khavum kitem?* A bôca está vazia ¿ que comerei? — Só porque não tem nada na bôca quere comer, ainda que não precise.

980. *Săr na păr, meḷta itlēy bhăr.* Não comparas, não discernes, enche-te de tudo que encontres. — Diz-se de

quem come desmedidamente e de tudo que lhe vem à mão.

Equival. *Qui diligit epulas in egestate erit; qui amat vinum et pinguia non ditabitur.* (*Provérbios*).

981. *Boṭ ghalunk rig aslyar, ek keḷem puṇ khavuntço naslom?* Se houvesse espaço (no esófago) para meter um dedo ¿não comeria eu ao menos uma banana?

Obs. Atribui-se o dito a um sacerdote hindu, que se queixava de estar enfartado, e quando alguém lhe observou que provocasse vómito com o dedo, respondeu...

Equival. Se houvesse espaço para um grão de mostarda ¿não comeria eu mais sessenta bolos?

982. *Sat sandṇam, tçăvḷa văḍe am'layse kele, puṇ vhăḍlya misak răgaḍo.* Debiquei sete bolos cozidos e catorze bolos fritos, mas a galhofa é para a missa da festa.— Julga pouco o que comeu, sendo aliás demasiado.

Obs. Por ocasião das festas dos oragos das igrejas de Goa fazem-se em casa grandes festins, com muitos hóspedes. Almoça-se bem, e depois da missa solene, que termina mais tarde que em Portugal, banqueteia-se lautamente.

983. *Tçăḍh jevxi, măxṇa zaxi.* Se comeres em excesso irás para o crematório (cemitério)[1].

Corresp. Pela bôca se arruína o corpo. (Malaio).— Um dia festa, outro dia remédio. (Telugo).—*Propter crapulam multi obierunt; qui autem abstinens est adjiciet vitam.* (*Eclesiástico*).—La gourmandise a tué plus de gens que l'épée. (Francês). Também em dinamarquês.— Feasting is the physician's harvest. (Inglês).

984. *Tçăḍh khay na, rattço hagă na.* Quem não come demasiado não tem dor de barriga durante a noite.

Equival. Light suppers make clean sheets. (Inglês).

[1] Em marata se diz: se comeres cousas estranhas, irás para o cemitério.



985. (*Criança*). *Khavunk suṇem ani burgem sarkem.* Para comer, o cão e a criança são iguais.

Equival. A growing youth hath a wolf in his belly. (Inglês).

986. (*Criança*). *Burgo meḷăt tem khayt, bhălaykechi ani gireskayechi vaṭ layt.* Se o moço comer de tudo que se lhe deparar, dará em pantana a saúde e a riqueza.

Equival. *In multis enim escis erit infirmitas.* (*Eclesiástico*).

987. *Hanv năvyak sangonk aylam, măzo jiv khiricher asa.* Eu venho convidar para a festa da novidade, mas a minha mente está no arroz doce (que se prepara nesta ocasião).—Corrente no Canará.

## Capítulo CIV.—**Hábitos**[1]

988. *Mun'xyak sănvăy kărit ti zata.* O homem contrai o hábito que se lhe cria.—O homem acostuma-se a tudo.

989. *Vaḍhlălê kuḍik kelăli sănvăy.* O corpo adulto tem o hábito contraído.

990. *Manḍkek barkăṇ zay na.* A rã não se constipa.

Variante. *Nhăyntlya masyak barkăṇ na.* O peixe do rio não tem constipação.

991. *Kunḍo khatălyak unḍyachi rutç kitem?* Aquele que se alimentou de farelos ¿que gôsto pode ter no pão?

## Capítulo CV.—**Hereditariedade**

992. *Khăṇi sangḍi mati, matiyê sangḍi bhinti.* O barro é conforme a barreira e a parede é conforme o barro. —A primeira parte voga em marata.

[1] Vid. *Natureza e Usança; Embriaguez*, n.º 744.

Equival. Qual o pai, tal o filho. — *Arbor bona bonos fructus facit.*

993. *Avăy păḷevun dhuv vhăr, dudh păḷevun mhăs vhăr.* Examina a mãe e leva *em casamento* a filha; examina o leite *que dá* e leva a búfala. — A filha há de sair à mãe e ter suas qualidades.

994. *Käso rukh, täsem phăḷ.* Qual árvore, tal fruto.

995. *Ajyak phoḍ aylyar, natvak puḷi puṇ yetăli.* Se o avô tiver uma bostela, o neto terá ao menos uma borbulha. — Referência à hereditariedade de más qualidades. — Comum ao marata.

Equival. Se o pai é malhado, o filho terá de certo pintas. (Malaio).

## Capítulo CVI. — **Higiene**[1]

996. *Jevăṇ khaṇ zayt bărem, văizachem kam' thoḍem.* Se o jantar e a comida forem bons, há pouca necessidade do médico.

997. *Apṇak pätçana ti văst khavunchi năy, zo koṇ khayt to hăzari zayt.* Ninguém coma a cousa que não digere; se a comer ficará enfêrmo.

998. *Kunkḍachya ani burgyachya poṭant kitĕy virta.* No estômago da galinha e da criança tudo se digere.

999. *Xhi mhuṇta tem khavunchem năy, ghaṇ yeta tem maḷchem năy.* O que se diz «mau» não se coma, o que cheira mal não se deve enflorar. Ninguém coma do que não gosta nem se enfeite com flores que cheiram mal. —A aplicação translata é que não se deve viver em companhia da pessoa que não agrada.

1000. *Khaṇ khavunchem aplê ruchichem, nesăṇ neschi dusryachê dekhichi.* Deve-se comer a comida do gôsto próprio, e vestir conforme o exemplo doutrem.

---

[1] Vid. *Gula.*



1001. (*Fala*). *Jevunk kăḷtälyak rôg na, uläunk kăḷtälyak nyay na.* Quem sabe come *como se deve* não tem doenças; quem sabe falar *como se deve* não tem litígios.

1002. *Hagxi zalyar tägxi.* Se a digestão fôr regular, viverás.

1003. *Tonḍant bäro, poṭant vikhatço poḷo.* O bolo é bom para a bôca, *mas* para o estômago é venenoso.

1004. *Sävayechem khaṇ poṭphugem.* Comida barata é indigesta.

Equival. Mercadoria barata é rombo das bôlsas. O barato é caro. — O barato não é bom e o bom não é barato. (Chinês). — Ciò che male se compra sempre duole. (Italiano). — The cheap buyer takes bad meat. (Inglês).

1005. *Soro mhataryatchem dudh, tärṇyachem vikh.* O vinho é leite para os velhos e veneno para os moços. — A primeira parte em alemão.

## Capítulo CVII. — **Homem e mulher**

1006. *Hanstê baylek ani räḍtya dadlyak patiyevum năye.* Não te fies da mulher que ri e do homem que chora. — Diz-se também inversamente, como em marata.

1007. *Säglyam baylank ärdhya gaḍhvachem gnyan.* Todas as mulheres *por junto* têm a inteligência de meia burra.

Equival. (genérico). Homem de palha vale mais que mulher de ouro. Idêntico em francês.

1008. *Baylechem xähaṇepäṇ tçuli käḍe.* Os saberetes da mulher são junto da lareira. — Comum ao marata.

1009. *Baylechi naḍ dertçara pärăs paxṭ.* A tentação da mulher é pior que a do diabo.

Equival. Do mar o sal e da mulher o mal.

1010. *Baylechi jibh bäkḍechi xempḍi.* A língua da mulher é *semelhante ao* rabo de cabra (que está sempre em movimento).

Corresp. A woman's tongue wags like a lamb's tail. (Inglês).

1011. *Bail natçli, läz hogḍayli.* Dançou a mulher, perdeu o recato.

Obs. A dança é, ou antes era, considerada pelo povo como indecorosa da mulher honesta entre os cristãos, como ainda continua a ser entre os hindus.

1012. *Bail bărê jiṇichi pärva kări na vayṭya ulăunyachi.* A mulher bem comportada não faz caso da maledicência.

1013. *Kaḷem Devak bărem, gorem ghovak bărem.* A trigueira é boa para Deus; a branca é boa para o marido. — A feia não consegue muitas vezes casar-se e então torna-se freira ou beata.

1014. *Adhar naslăli nari bhonvta daran darim.* A mulher que não tem meios de subsistência anda de porta em porta.

1015. *Bail-munxyank dhompra săkăl budh.* O juízo das mulheres é para baixo dos joelhos.

1016. (*Casamento*). *Baylechi khuxi päili kazar zavunchi, dusri vegli sărchi, tisri burgem-baḷ zavunchi.* O primeiro desejo da mulher é casar, o segundo é separar-se *dos sogros*, o terceiro é ter filhos.

## Capítulo CVIII. — **Honra e desonra** [1]

1017. *Mărṇa pärăs ăpăyăs khoṭem.* A desonra é pior que a morte.

Corresp. Homem honrado antes morto que injuriado. Mais vale perder-se o homem que o nome, se êle é bom. Quem a fama tem perdida, morto ainda nesta vida. — O homem honrado prefere antes morrer que rebaixar-se;

[1] Vid. *Compensação*, n.º 342.



também o fogo se extingue, mas não se torna frio. (Sânscrito).

1018. *Vaṭe văylyak ani tinṭya văylyak man na.* Homens da rua e da praça não merecem respeito.

1019. *Moḍlălya khursak man na.* A cruz quebrada não tem honra. Não se respeita o homem decaído.

Variante (de Salcete). *Moḍlălya khursak chepem kadhi naut.* Não tiram o chapéu para a cruz quebrada.

Obs. Vê-se que o provérbio é moderno. Ao longo das estradas há em Goa muitas cruzes, ao passar pelas quais costumam os cristãos descobrir-se. A palavra «cruz» introduziu-se em numerosas línguas da Ásia, algumas das quais não possuem têrmo equivalente. Vid. *Influência.*

1020. *Aplo gunyanv prăghăṭit to zayt manadik.* Quem confessar a sua culpa será honrado.

Equival. Pecado confessado é meio perdoado. Idêntico em francês e análogo em inglês.

1021. *Suṇyak man ki suṇyachya gosayak man?* ¿É honra ao cão ou ao dono do cão?

Corresp. Quem ama o Beltrão ama o seu cão. Idêntico em francês. Honra é dos amos o que se faz aos criados. — *Quisquis amat dominum, diligit et catulum.* — Chi ama me ama il mio cane. (Italiano). — Love me, love my dog. (Inglês).

1022. (*Deus* e *Cônjuges*). *Päilo man Devak, dusro man aplya ghovak, tisro man maychya ghovak.* A primeira honra é a Deus, a segunda ao próprio marido e a terceira ao marido da mãe.

1023. *Maṇ'sugek melo, ăḍtçăuek păḍlo.* Morreu por honras, meteu-se em dificuldades. — Quem procura honras passa por muitos trabalhos e despesas.

1024. *Manachya bharan piyeta, phalya phonḍant nidta.* Nada sob a influência da honra, amanhã dormirá na cova. — Diz-se de quem faz esforços extraordinários para manter o seu crédito ou prestígio.

Obs. O anexim refere-se a um individuo que por desafio persistiu em nadar e depois teve triste resultado.

## Capítulo CIX. — **Hóspede**

1025. *Aylălya disa soyro, dusrya disa bhăro.* É hóspede no dia em que chega, é fardo no dia seguinte.

Equival. O hóspede e o peixe aos três dias fedo. Idêntico em castelhano e francês.

1026. *Ghăra sarko soyro, soyrya sarkem ghăr năy.* O hóspede é conforme a casa, a casa não é conforme o hóspede. — Di-lo o hospedeiro para se escusar de qualquer falta que haja no tratamento condigno do hóspede.

1027. *Sădantç gelyar, suṇēy hungă na.* Se vai sempre (para comer à casa alheia) nem o cão o cheira. O hóspede de todos os dias é desprezado de todos.

1028. *Udăk ḍolyanr marlem na.* Nem deu com água nos olhos. — Diz-se de quem não fez nenhuns oferecimentos ao visitante, como é costume na Índia.

## Capítulo CX. — **Humildade e soberba**

1029. *Muy zaxi sakăr khaxi, vagh zaxi, lankḍam khaxi.* Se fôres formiga, comerás açúcar; se fôres tigre, comerás lenha [1].

Equival. Bezerrinho manso em todas as vacas mama. Segue a formiga se queres viver sem fadiga. — *Qui se humiliat exaltabitur.*

1030. *Muyechya rupan sakăr khavunchi.* Deve-se comer açúcar com a forma de formiga.

Corresp. É melhor ser formiga e comer açúcar do que ser elefante e quebrar lenha. (Marata).

[1] Diz-se que o tigre come pau carcomido quando não encontra melhor comer.



1031. *Lăhan zayt to chăḍ zayt.* Quem fôr pequeno será grande.

1032. *Thape uphele, xeṇim budlyô.* A bosta boiou e as pastas sêcas de bosta submergiram-se.

Obs. Fazem na Índia pastas grossas e circulares de bosta, as quais se secam ao sol e se empregam como combustivel.

Equival. Abaixam-se os muros e levantam-se os monturos. Idêntico em castelhano. Abaixam-se as cadeiras e levantam-se as tripeças.

1033. *Dărya sămadhăn tçălta, vahaḷ ghăskăxit vahta.* O mar move se tranqüilo, o ribeiro corre rumorejante.— O verdadeiro merecimento não precisa de ouropéis.

Equival. O que tem pouco saber é muito orgulhoso. (Sânscrito).

1034. *Xeṇantlo kiḍo xeṇant ură na.* O bicho da bosta não permanece na bosta. — Diz-se do pobre que se faz rico, ou do modesto que alcança grandes honras.

Equival. Ontem vaqueiro, hoje cavaleiro. Também em castelhano.

1035. *Ḍongrachi kaḍi ani kaḍiyetço ḍongăr Dev kărta khiṇa bhităr.* Deus converte num momento a serra em aresta e a aresta em serra. — De um momento para outro Deus abate os soberbos e eleva os humildes.

1036. *Băilachê paṭhir goṇi păḍlya băgăr băil aṭpă na.* Sem que caia no dorso o costal, o boi não se doma. — — Diz-se de qualquer encargo pesado, que obriga um individuo a ser mais pacato e assisado.

1037. *Poṭant rigun dis kaḍhunk zay.* Convém passar os dias entrando no coração (nas boas graças de quem nos possa favorecer).

1038. *Gărvak aṇ, patkak sand.* Abjura a soberba, largarás o pecado.

Equival. *Initium superbiae hominis apostatare a Deo,* (*Eclesiástico*).

**1039.** *Ghărant riglem gărv, sămpăylem sărv.* Entrou a soberba em casa, deu cabo de tudo.

Corresp. *Domus quae nimis locuples est annullabitur superbia* (*Eclesiástico*).

**1040.** *Kansarachem suṇem ăhănkarun melam.* O cão do latoeiro morreu *de fome* desvanecendo-se. — Diz-se dos que fazem fausto aparente à custa doutro.

Origem. O cão do latoeiro ou caldeireiro julgava que as panelas do dono continham muito comer e por isso se enchia de orgulho, mas morreu de fome.

Equival. A montanha pariu um rato.

**1041.** *Kunṭhun vhăḍ zavunk sodhta.* Pretende ser grande levantando-se sôbre as pontas dos pés. Procura elevar-se por merecimentos imaginários.

Equival. Fabricar sôbre a areia movediça.

**1042.** *Gărv vhărta sărv.* A soberba arrebata tudo *que é bom.*

Equival. *Initium omnis peccati est superbia.* (*Eclesiástico*).

**1043.** *Kolo buḍlyar săunsar buḍla?* Por se ter submergido o adibe ¿afundou-se o mundo? — Comum ao marata.

Origem. Um adibe, que era arrastado pela corrente dum rio, clamava que o mundo ia submergir-se.

Equival. If we are dead the world is ruined. (Inglês).

**1044.** *Bhikaryak tçăkari kityak zay?* ¿Porque quere o mendigo a jactância? — Repreende-se a ostentação desassisada.

Equival. *Odibilis coram Deo est et hominibus superbia.* (*Eclesiástico*).

**1045.** *Tçăṇyanchim zhaḍam uḍta.* Trepa as plantas de ervanço.

Equival. Meter uma lança em África.

**1046.** *Ambyar than kombyar uḍta.* Salta da mangueira para a pereira brava (que são árvores grandes e distantes uma da outra). — Diz-se de quem presume muito de si. É corrente no Canará.



**1047.** *Gărvyak na yes ani pinzlălyak na phest.* O soberbo não tem glória, e o andrajoso não tem (não vai para) festa.

**1048.** *Dublyachya burgyak Pămburpechem phest kityak?* ¿Porque é que o filho do pobre quere a festa de Pomburpá?

Origem. A festa da Purificação de Nossa Senhora na freguesia de Pomburpá, da provincia de Bardês, era antigamente celebrada com grande pompa e concurso. Um pobreziuho, que se achava aí no adro, foi atropelado pelos carregadores de liteira (ou *bois de machila*), e quando se lamentava, preguntaram-lhe: ¿porque tu queres a festa de Pomburpá? Vê-se que o ditado tem área restrita.

Variante (do Canará). *Dublê mayechya putak komphrichem phest kityak?* ¿Porque quere o filho da mãe pobre a festa da confraria?

**1049.** *Kunṭhun tăr koṇ vhăḍ zato, deslôk kunṭhto.* Se alguém pudesse altear-se andando sôbre os bicos dos pés toda a gente do país assim andaria.

**1050.** *Ăntraḷim păḷevun tçălta to păḍtălo.* Quem anda olhando para o firmamento há-de esbarrar.

**1051.** *Akaxim păḍlo, rakhăs zalo.* Achou-se em alturas, tornou-se monstro.

**1052.** *Aḍechem lanv, kitlim gaḍhvam khavum?* Trasgo fictício *sendo eu* ¿quantos jumentos comerei? — Diz-se das farroncas de quem se viu acidentalmente engrandecido, sem merecimento real.

Equival. Viu-se o demo em socos, e quis pisar os outros.

**1053.** *Masăḷkarṇichê panṭlent masḷi aslyar, tichyam ḍolyānim khăvḷam yetat.* Quando a peixeira traz peixe no cesto traz escamas nos olhos.

**1054.** *Adim D. Pedr, atam Pedurlo.* Antes D. Pedro, agora Pedrola. — É muito moderno e pouco vulgarizado.

Origem. Era um «faraz» (servidor de aldeia), que voltava para casa ao sol pôsto com um pichel de vinho; preguntado por um «gancar» (coproprietário de aldeia) quem era, respondera: «D. Pedro». Partiu-lhe o gancar o vaso com uma bengalada, e tornou a preguntar-lhe quem era, e o outro respondeu: «Pedurló» (deminutivo depreciativo de *Pedro*). «¿ Como é que passaste de-repente de D. Pedro a Pedrola?» «Emquanto tinha o pichel cheio era D. Pedro; partiu-se o pichel, voltei a ser Pedurló».

1055. *Neslim daṭ, visărlim vaṭ.* Vesti-me garridamente, saí do caminho, *por não olhar para o chão.*

Variante (mais explícita). *Kumbharachem cheḍum neslem daṭ, visărlem vat.* A filha do oleiro (casta baixa) vestiu-se de gala, perdeu o trilho.

Obs. O provérbio proveio dum facto histórico; aplica-se a quem se esquece da sua modesta origem e comete disparates.

Equival. Desde que vestidos nos vemos, não nos conhecemos. — *In die bonorum ne immemor sis malorum.* (*Eclesiástico*). — Quand vient la gloire s'en va la mémoire. (Francês).

1056. *Kakhêk bhobḷo tatço aplo dês mekhḷo.* Quem traz uma abóbora debaixo do braço toma o seu país por solitário (isto é, desconsidera os outros habitadores).

1057. *Jichê ghărim tak tichem vărtem nak.* Quem tem sôro de leite em casa traz o nariz levantado. — Comum ao marata.

1058. *Pāy dhuvun udăk piyevunk.* Lavar os pés a alguém e beber a água.

Explicação. Dizem que entre os hindus e os muçulmanos se bebe a água da lavagem dos pés dum santo ou grande autoridade religiosa. Usa-se porém figuradamente a frase para se indicar profunda humilhação intencional de quem se vê em grande apêrto.

1059. *Maka kăḷ natăllem guḍh na; kavḷo băs natăllo*



*rukh na.* Não há arcano que eu não saiba, *assim como* não há árvore onde não pouse a gralha. — Voga no Canará.

1060. *Kuḷtant vetana itlem zalyar, kuḷit khatăna kitlem?* Se emquanto trata da sementeira de «culita»[1], é tamanho o seu entono ¿ que será quando estiver a comê-lo?

## Capítulo CXI. — **Idades**

1061. *Lăhanpăṇim kheḷta, zaṇtepăṇim gholta.* Em pequeno brinca, em grande trabalha.

1062. *Burgepăṇim xikchem, zaṇtepăṇim zoḍchem, mhatarpăṇim moḍchem.* Aprender na mocidade, ganhar na virilidade e gastar na velhice.

1063. *Săkaḷim sodhchem, don'param zoḍchem, sanjê moḍchem.* De manhã deve-se procurar, ao meio-dia ganhar, à tarde despender. — Quere dizer o mesmo que o antecedente.

1064. *Burgyak păḷevuntço kheḷtana, ani zaṇtyak'gholtana.* Olhe-se ao (julgue-se do) menino a brincar, e ao adulto a exercitar-se (a trabalhar).

1065. *Tărṇyak tis băḷam, mhatarak pantç băḷam.* O moço tem trinta *quantidades de* fôrças, o velho tem cinco.

1066. *Satam vărsantço burgo saṭham vărsanchya mhataryak budh dita.* O rapaz de sete anos dá conselhos ao velho de setenta anos.

Equival. Years know more than books. (Inglês).

1067. *Natu ajyak xikăyta.* O neto ensina ao avô. — Análogo em marata.

Equival. Ensinar o Padre-Nosso ao vigário. Ensinar a águia a voar. — Bien cuenta la madre, mejor cuenta el

[1] É um legume — *Dolichos biflorus*, Linn., o qual come em papas geralmente a gente pobre, por ser barato, e se dá ao gado. — É usado no Canará.

infante. (Castelhano). — Shall the goslins teach the goose to swim? (Inglês).

1068. *Mhataro ani burgo khaṇak sarko ăsoso.* Velho e criança têm igual sofreguidão de comer.

1069. *Mhataryak kendtălo mhataro zavunchê adim săm'ptălo.* Que se escarnece do velho morrerá antes que seja velho.

Equival. *Ne spernas hominem in sua sensetute; etenim ex nobis senescent.* (*Eclesiástico*).

1070. *Părṇem aydăn xeṇan, mhataro munis khaṇan.* A panela velha *conserva-se barrada* com bosta, o homem velho *conserva-se* com a comida.

Equival. No tempo em que se come não se envelhece. Come, menino, criar-te hás; come, velho, viverás.

1071. *Supari astana hatant thar'li; maḍi zali, akasak geli.* Quando é «areca», abrange-se na mão; fez-se arequeira, chegou ao firmamento. — Pode-se conter uma criança e não um adulto.

Obs. As arequeiras são árvores cilíndricas e muito altas, sem nenhum ramo lateral, à semelhança de coqueiros, mas não tão grossas.

1072. *Dha, melta itlĕy kha.* Dez (anos de idade): come tudo que apanhares.

1073. *Bara, tçăl baylechya ghara.* Doze: vai para casa da mulher. — Alude-se à idade núbil do homem.

1074. *Vis karta kasphis.* Vinte (quem tem vinte anos) faz basófia ou patarata.

1075. *Tis manir dhărĕ na xis.* Trinta *anos de idade,* não se sustenta a cabeça sôbre o pescoço. Nota-se a vivacidade e volubilidade da mocidade.

1076. *Chalis: ayli aḷis.* Quarenta: já se sente preguiça.

1077. *Pănnas, vănvas.* Cinqüenta: habitação no êrmo. — É quando o hindu ortodoxo se fazia antigamente anacoreta.



1078. *Pănnas, zalo tăvṇas.* Cinqüenta; fez-se descarado e petulante.

1079. *Vixim vidya, tixim dhăn.* Aos vinte saber, aos trinta riqueza. Quem tem vinte anos deve possuir os conhecimentos que lhe são precisos, e quando chega aos trinta deve adquirir riquezas. — Comum ao marata.

1080. *Saṭh, budh naḍ.* Aos sessenta *anos* declina a inteligência.

1081. *Săttăr, măt vithăr, melta itlĕy bhăr.* Aos setenta *anos* falha o juizo, enche-te do que encontrares. — Alude-se à diligência dos velhos em comer para mais viverem.

1082. *Aixim, jiv zalo doxim phonḍa sărxim.* Oitenta *anos:* separou-se a vida ao pé da sepultura.

1083. *Năy, kărta kaṭakăy.* Noventa *anos:* estica.

1084. *Xembhăr haḍanço zalo ḍongăr.* Cem *anos:* fez-se um monte de ossos.

1085. *Ekxya vāyr pavxi, kholyantly mandki zaxi.* Se chegares a mais de cem, serás a rã de entre fôlhas (que é muito magra e achatada).

1086. *Kombiyeche komble sad ghalunk lagle mhuṇtotç, zhăgăḍtat.* Os frangos da galinha, quando chegam a cantar, bulham entre si. — Diz-se dos irmãos, que em adultos contendem sôbre várias cousas.

1087. *Kat zali punji, kali zali gunji.* Encarquilhou a pele, negrejou o «gunji». — Diz-se do velho decrépito.

Explicação. *Gunji* é a semente de *Abrus precatorius,* Linn., a qual, quando amadurece o seca, apresenta uma pinta negra. Vid. *Glossário.*

1088. *Bodko piklo, săumsar jiklo?* Embranqueceu o coiro cabeludo ¿ganhou-se o mundo? — Diz-se do velho que não alcançou com a idade dinheiro, honras ou saber.

1089. *Mhataro aplo mhuṇtalo burgyam sărxem apṇak purum nakat.* O velho costumava dizer que o não enterrassem perto de crianças (que em vida o tinham apoquentado).

1090. *Khăirichem zhaḍ ani mhataryachem haḍ.* A «árvore de cato»[1] e o ôsso do velho *são igualmente rijos e frangíveis.* — Comum ao marata.

## Capítulo CXII. — **Ignorância e parlapatice**

1091. *Tonḍant boṭ ghalyar, tçabunk năkḷo.* Se se lhe mete o dedo na bôca não sabe mordê-lo. — Diz-se do sonso, que se finge ignorante ou inocente.

Equival. Meta-me aqui o dedo na bôca.—Se soy bobo, meteme el dedo en la boca.

1092. *Ḍolyant boṭ ghalyar disă na.* Se se lhe meter um dedo no ôlho, não o verá. — Diz-se do estúpido ou do desmazelado.

1093. *Bhakrek boḍik keṇem tem năkḷo.* Não sabe onde é a cabeça da «apa»[2].

Equival. Não saber onde tem a cara. Não saber distinguir o branco do preto.

1094. *Naḷem na pekunk.* Não estar sarada a vidma. Estar ainda nas faixas.

Equival. Estar ainda com os lábios com que mamou. — Cradle straws are scarce out of his breech. (Inglês).

1095. *Kombo răḍla mhuṇ zaṇo, puṇ khăym tem neṇo.* Sabe que cantou o galo, mas não sabe onde. É tradução do português.

1096. *Kurḍyanchem raj.* Reinado dos cegos. — Diz-se de grande número de ignorantes.

1097. *Loṇyak dant phuṭunk.* Ter dentes a manteiga. — Arvorar-se em mestre e discípulo.

Equival. Não comas cardos com dentes emprestados.

---

[1] Vid. *cato* no *Glossário.*

[2] Bôlo circular e chato de várias espécies de farinha, especialmente da de arroz, não fermentado. Vid. *Glossário.*



1098. *Tonḍ naslyar kavḷe tonçun khatăle asle.* Se não tivesse bôca seria comido às bicadas por gralhas (como se fôra cadáver). O único sinal de viver consiste no uso da língua. — Diz-se de quem fala a esmo e pouco préstimo tem.

Equival. O ignorante é quem mais fala.

1099. *Khapryak sanglem Gôyam vătçunk zay mhuṇ, khapri vătçun aylo.* Foi dito ao preto que era preciso ir à cidade de Goa, o preto foi e voltou, *sem* saber porque ia. — Diz-se de quem não cumpre devidamente o recado, por ser obtuso ou por não ter dado atenção.

Obs. Alude-se, evidentemente, a um facto, acontecido fora da cidade de Goa, depois de ser conquistada pelos portugueses.

1100. *Kuṇ'bya kăḍe zăvadi dili, kun'byar amblè bări bhazun kheli.* Deram um gato de algália a um «curumbim» (campónio); êle o comeu, assado, com a tisana de «nachenim[1]». — Diz-se de quem não sabe apreciar as cousas.

1101. *Gărbhachem ani mirgachem sangum năzo.* Da concepção e do comêço do inverno nada se pode afirmar *com segurança.*

1102. *Dekhă naslălem dekhlem, ăjap zalem.* Viu-se o que antes se não tinha visto, e causou admiração. — Diz-se, em tom de reprovação, dum facto singular.

1103. *Măjya poṭant zăḷta, tuka kitem kăḷta?* Arde-me no coração ¿que podes tu saber? — Diz-se de quem se intromete indevidamente em desgostos íntimos doutra pessoa.

1104. *Uxelant păḍlo.* Caíu no canavial. — Diz-se do que hesita sôbre o modo de proceder.

Origem. Um indivíduo caíu num canavial de canas de

---

[1] Espécie de cereal — *Eleusine coracana*, Gaert.

açúcar, e pôs-se a pensar se havia de fugir ou estar a comer canas e quais devia preferir, e nesta situação foi apanhado pelo dono como ladrão.

1105. *Ranant pãḍunk.* Cair num mato. — Diz-se de quem não sabe sair das dificuldades em que se meteu e está confuso.

Equival. Meteu-se em camisa de onze varas.

1106. *Makḍachya hatant maṇik divunk.* Entregar na mão do mono uma pedra preciosa (que êle não sabe apreciar).

Equival. Não é o mel para a bôca do asno.

## Capítulo CXIII. — **Imitação**

1107. *Dusryachya panvlant panvăl ghalem tçalta to apuṇ tachê sarko zata.* Quem anda nas peügadas doutro faz-se-lhe semelhante.

1108. *Dekhi khi kule xeki.* Aquecia as suas nádegas porque via que outros o faziam. — Comum ao marata.

Equival. Vendo a aldeia inteira pôr o arroz a secar ao sol, o chacal pôs também o seu rabo. (Telugo).

1109. *Ar veta mhuṇ gandev vãtçunk laglo, to chirḍun melo.* Porque ia a gibóia, quis também ir a minhoca; morreu ela esmagada. Ignorancia.

## Capítulo CXIV. — **Impaciência** [1]

1110. *Zaṇem dekhlo na bembro taka mevḷem kalum, tem khãym* (ou *khãynche tãvlent*) *ghalunv?* Quem não viu ranho encontrou uma ostra ¿ onde (*ou* em que frigideira) a porei? — Aplica-se a quem se mostra azafamado e perplexo por uma cousa trivial, que imerecidamente se lhe deparou.

[1] Vid. *Precipitação.*



1111. *Rati khata tup ani sãkalim pãḷeta rup.* Come manteiga à noite e na manhã do dia seguinte examina o seu carão. — Análogo em marata.

Explicação. Crê-se que o uso de manteiga produz côres frescas e carnes flácidas, mas no decurso do tempo.

Equival. Á la primera azodonada quiere sacar agua. (Castelhano). — L'arbre ne tombe pas du premier coup. (Francês).

1112. *Tantyant astana pilam mezchim nãy.* Não se devem contar os pintainhos emquanto estão no ôvo.

Corresp. Count not your chicken before they are hatched. (Inglês).

## Capítulo CXV. — **Imperfeição**

1113. *Kiṭa viṇem bhangar na.* Não há ouro sem lia.

Equival. Não há carne sem ôsso. Não há medalha sem reverso. — Não há mal sem interrupção (Persiano). — Le meilleur vin a sa lie. (Francês). — Gold and silver were mingled with dirt, till avarice parted them. (Inglês).

1114. *Ekak ek na, xim'ryak nak na.* Um não tem uma cousa, o desnarigado não tem nariz. Ninguém é perfeito neste mundo. — Emprega-se por vezes no sentido de impudicícia ou desvergonha, que se reputa atributo do desnarigado, por se crer que a sede da vergonha é a ponta do nariz.

Equival. Assim sucede no mundo: um tem a bôlsa e outro o ouro. (Alemão).

1115. *Sonyachi day, puṇ bhintiyechi asray.* A colher (de cabo comprido) é de ouro, mas apoia-se ao muro.

1116. *Môr sundãr, puṇ pãy kaḷe.* O pavão é formoso, mas os seus pés são negros. — Comum ao marata.

Equival. Não há mulher formosa sem senão.

1117. *Piṭh aslyar miṭh na, miṭh aslyar piṭh na.* Se há

farinha, não ha sal; se há sal, não há farinha. Falta uma cousa ou outra. — Comum ao marata.

Equival. Neste mundo mesquinho, quando há para pão não há para vinho.

## Capítulo CXVI. — **Impossibilidade**

1118. *Dăryak koṇ dhuyit ani margak koṇ pusit?* Quem poderá lavar o mar e limpar a pano a estrada?

1119. *Udkar gaḍo ani zăm'nir nav?* ¿Carro sôbre a água e o navio sôbre a terra?

Corresp. Não anda o carro na água nem o navio na terra.

1120. *Săm'dirant sui sodhunk.* Buscar agulha no mar. — Comum ao marata.

Equival. Buscar agulha no palheiro. Fazer os grãos de neve parda em bolos. (Telugo).

1121. *Amvaḷo piktço na, sămudrachem udălk sukchem na.* O mirabólano êmblico não amadurecerá, nem secará a água do oceano.

1122. *Dăhyar loṇim kaḍhunk sodhta.* Pretende extrair manteiga do leite coalhado e azedado (de que se faz muito uso na Índia, particularmente entre os hindus). — Diz-se de quem tenta uma cousa impossível.

1123. *Ăbhăng phuṭlem tăr, koṇ kăpo marit?* Se acaso se romper o irrompível ¿quem o poderá remendar?

Equival. *Si sal infatuatum fuerit, in quo salietur?* (*Evangelho*).

1124. *Udkăk koṇachyan dhuvum yeta?* ¿Quem pode lavar a água?

Equival. A água tudo lava.

1125. (*Fala*). *Sangum nastana ravum yet, aykă nastana ravă năzo.* Pode-se estar sem dizer *o que se ouviu*, mas não sem ouvir *o que se diz.* — Análogo na *Fala.*

1126. *Paṭhir ghallo mar ani gaḍyak ghallo iṭ paṭhi ye*



*na.* A sova que se aplicou às costas e o tejolo que se pôs à roda do carro (para o deter) não voltam para trás. Quere dizer que o feito está feito e não tem reparação. — É usado no Canará.

1127. *Pimplachem phul.* Flor de «pimpolo» (figueira religiosa). Cousa impossível. — Comum ao marata.

Explicação. A flor é tão pequena e encoberta, que o povo crê que a árvore não a produz.

1128. *Kumbharan reḍyak kuḷit ghalya bări.* Como se o oleiro desse de comer «culita» ao seu búfalo. — *Culita* é um legume que o oleiro mal pode ter para seu uso. — Voga o anexim no Canará.

1129. (*Fingimento*). *Nidlălyak koṇuy uṭhăyt, zagyak koṇ uṭhăyt.* Qualquer pode acordar o dormido ¿quem acordará o acordado? — Comum ao marata.

1130. *Vay văygăṇ khayt tăr koṇ rakhăt.* Se a sebe come (destrói o arrozal de verão) ¿quem o poderá defender? — Se o rei vexa o povo ¿quem lhe pode obstar?

Obs. Não estou seguro acêrca do significado do primeiro vocábulo que também pode designar «vento» ou «formiga branca».

## Capítulo CXVII. — **Impostura**

1131. *Gaḍhvam tăr găḍ hagtit, bhorpyam kityak bhik magtit?* Se os jumentos excrementassem «jagra» (melaço) ¿porque é que os «garopeiros» (ciganos) andariam a mendigar?

Origem. Algum ingénuo teria caído no lôgro dos ciganos, que lhe teriam impingido um burro de propriedades mirificas.

1132. (*Vergonha*). *Lăjechi kombi santent tantiyam ghali.* A galinha pudibunda punha ovos na praça pública.

## Capítulo CXVIII. — **Impudência**

1133. (*Ladrão*). *Tçorak tonḍ bhăv* O ladrão é desbocado. — Diz-se também de qualquer culpado, que insiste na sua inocência com longos argumentos.

1134. *Thonṭyache dant vindhṇya viṇem paḍunk zay.* Convém sacar os dentes do coxo sem escopro. Isto é: corrigir com muita arte, a fim de se evitarem os seus destemperos.

1135. *Mamărmunḍyak* (vulgarmente *nimurmunḍyak*) *ghalo khoḍo, to mhuṇo apli sătri-ghoḍo.* Pôs-se grilheta a quem mendigava a favor do hermafrodita, e êle chama-lhe seu «sombreiro» (guarda-sol) e cavalo.

Obs. Há hermafroditas na Índia, os quais não podem morar no povoado, e empregam, para se manter, outro indivíduo que mendiga por êles, o qual apregoa o facto ou indica-o por algum emblema.

Equival. Fazer do sambenito gala.

1136. *Lăz na nimurmunḍyak, xempḍi bandhlya danḍyak.* É sem vergonha o mendigo do hermafrodita; traz orabo atado a um pau.

## Capítulo CXIX. — **Imputação**

1137. *Vaṭer kityak păḍlay? Tuventç maka marlay.* ¿Porque estás caído na estrada? Porque tu me bateste.

Equival. Por bem fazer mal haver.

1138. *Lepechya mathyar thapunk.* Impor estendendo sôbre a cabeça do linguado. Diz-se provàvelmente assim, por ser o linguado chato e se achar nos lugares de pouca água. — Inculpar sem razão.

Variante. *Lepechya mathyar gu.* Excremento sôbre a cabeça do linguado.

1139. (*Viúva*). *Raṇḍ ghov kărta aplya sukhak, ganv*



*papi.* A viúva toma marido para seu gôzo; é culpada a aldeia.

Explicação. Não podendo, conforme a usança geral, casar as viúvas, se alguma acaso casar ou conviver com um homem, é censurada a aldeia, onde mora, por o não ter impedido.

1140. *Hanv patki, Săblem gunyanvkarṇ.* Eu sou delinqüente, e Sabina é culpada. — Diz-se no Canará de quem imputa a outro suas faltas.

Equival. Pelo mal do ferreiro matam o carpinteiro.

## Capítulo CXX. — **Incerteza**

1141. *Mandlălya pavsachem ani gurvar baylechem khăymchem dhăir?* ¿Que segurança pode haver da nuvem pluviosa formada e da mulher grávida? Assim como a qualquer hora pode descarregar-se a chuva pendente, do mesmo modo a grávida pode ter parto em qualquer tempo. — Análogo em guzarate.

Equival. Don't count your chickens before they are hatched. (Inglês).

1142. (*Homem e mulher*). *Strichem tçărit ani purusachem bhag koṇ săm'ză na.* Ninguém compreende o procedimento da mulher e a felicidade do homem.

Obs. A sentença está concebida em termos elevados, inusitados na linguagem popular.

## Capítulo CXXI. — **Incoerência**

1143. *Nak khăym ani adoḷo khăym?* ¿Onde está o nariz e onde está o ralador? — Emprega-se para mostrar que uma cousa não pode, à vista da distância, influir noutra.

Explicação. *Adoḷó* é um instrumento de cortar e ralar o côco, fixado em um madeiro ou banquinho, sôbre o

qual se assenta quem rala. Uma mulher, que se queixou de ter o seu nariz ferido no ralador, teve a referida reposta.

Equival. Il tombe sur le dos et se casse le nez. (Francês).

1144. *Vaḍhlălem naka, sanḍlălem zay.* Não quere o que se lhe distribuíu, quere o que se largou. Quem rejeitou o comer que se lhe deu, contenta-se agora com os restos.

Equival. Tal lascia l'arrosto, che poi ne brama il fumo. (Italiano).

1145. *Ărdhtangachya băilak tangachi goṇi.* Para o boi de meia tanga albarda de tanga [1]. — Diz-se quando o acessório vale mais que o principal.

1146. *Ărdhtangachya khăm'sak deḍ tangachem rend.* Para a camisa de meia tanga renda de tanga e meia. — É corrente entre os cristãos.

Equival. A calças curtas, tacas longas. — A leaden sword in an ivory scabbard. (Inglês).

1147. *Ăsurpechya kapḍak rupyachem rend.* Para o pano de «xerafim» renda de rupia (que vale o dôbro).

1148. *Dărya bhonvun aylo ani konḍant vătçun melo.* Regressou girando pelo mar, e foi morrer num charco. — Diz-se de quem realiza grandes feitos e falece em pequenos.

Equival. He came safe from the East Indies and was drowned in the Thames. (Inglês).

1149. *Năvryak meḷunk na kaṭ, dheḍo magta vărṇ.* O noivo não teve ainda caldo (em casa dos pais da noiva), e o paraninfo pede «varna» (manjar principal das bodas do povo). — Comum ao marata.

1150. *Măḍhvăḷ răt yetana bikṇam bhaztalo, paus yetana*

[1] *Tanga* é uma moeda indiana do valor de sessenta réis.



*umăḷtălo.* O «mainato» (lavador de roupa) assava castanhas emquanto fazia sol, e lavava emquanto chovia (quando devia ter feito inteiramente o contrário). — É usado no Canará.

1151. *Disatço bhonvta săglo ganv ani rattço vavurta.* Durante o dia passeia por toda a aldeia e de noite trabalha.

Equival. Folga de dia e fia de noite. (Hindustani).

## Capitulo CXXII. — Incompatibilidade

1152. *Daru ani uzo ekthaym sambhaḷum năzo.* A pólvora e o lume não se podem guardar juntos. — Diz-se figuradamente de pessoas ou cousas cuja aproximação envolve perigo.

Equival. O homem é fogo e a mulher estôpa, vem o demónio e assopra.

1153. *Terlukek ani pirlukek păḍă na.* Não concordam a «terluca» e o apito.

Explicação. *Terluka* é o oficio de *terlo,* que vigia os palmares e os campos da comunidade agrícola duma aldeia ou de proprietários particulares. Quem quere apanhar o ladrão não pode fazer ruido. Informam me, porém, que, no caso sujeito, *pirluk* está empregado metafòricamente por «bebedeira».

Equival. Não se caçam lebres tocando tambor. Perro ladrador, nunca bom caçador. Não se pode repicar e ir na procissão. — Soplar y sorber no puede junto ser. (Castelhano).

1154. *Sakant ani bhăkant meḷă na.* Não se encontra uma mesma cousa no saco e na bôca. — Diz-se de quem pretende comer e ao mesmo tempo poupar.

Equival. Um em papo, outro em saco, e chora pelo do prato.

1155. (*Vergonha*). *Lăjek ani pejek păḍă na.* A canja

e a vergonha não se combinam. Quem quere comer deve manifestar a sua vontade.

Corresp. Quem tem vergonha cai de magro. A honra e o proveito não cabem num saco. Também em inglês. — Chi abbisogna non abbia vergogna. (Italiano).

1156. *Dom dhänyanchi tçakri kärum năzo.* Não se pode servir a dois amos. — *Nemo potest duobus dominis servire.* (*Evangelho*).

1157. *Don dhäni? udki marliy yämkondim.* ¿Tiveste dois senhores? Deste salto no inferno.

1158. *Dom devanchi tçakri kärxi, ekatçuy na kärxi.* Se pretenderes servir a dois deuses, não servirás a nenhum.

Obs. O prolóquio é pròpriamente dos gentios, que têm numerosos deuses cultuais; mas é geralmente empregado no sentido da locução portuguesa — tocar a gaita.

## Capítulo CXXIII. — **Indícios**

1159. *Agi viṇem dhunvär na.* Não há fumo sem fogo.

Corresp. Onde fogo não há, fumo não se levanta. — Il n'y a pas de fumée sans feu. (Francês). Idêntico em outras línguas.

1160. *Khoṭyachya kăpalar khoṭo dav.* Na testa do malvado, mau sinal (labéu). O mau sempre se faz conhecer. — Análogo em marata.

1161. *Ant zăḷlem, dukh gäḷlem.* Arderam as entranhas, caíram lágrimas.

1162. *Hatant sänso to parädhi.* Quem tem a lebre na mão é caçador (ainda que a não tenha caçado). — Análogo em marata.

Obs. Pode-se interpretar também do seguinte modo: É verdadeiro caçador quem pôde ter à mão a lebre.

1163. *Tup khaṭälyachem rup kälta.* Conhece-se o carão



de quem come manteiga. — Diz-se comummente de quem faz alarde do que não é.

Explicação. Os hindus fazem muito uso da manteiga, que se crê actuar na tez; mas sendo relativamente cara, não está ao alcance dos pobres.

Equival. Pelo dedo se conhece o gigante. Pela unha se conhece o leão. — Käse und Brot macht die Wangen roth. (Alemão: Queijo e pão fazem as faces encarnadas).

1164. *Phul phullya bägär pärmäḷ na.* A flor não exala cheiro sem desabrochar.

Variante. *Phul phullyar pärmäḷ yetälo.* Se a flor desabrochar, haverá odor.

Variante (do Canará). *Phullälem phul pärmäḷ nastana ravta gi?* ¿Deixa de cheirar a flor desabrochado?

1165. *Ghärachi käḷa angäṇ sangta.* O pátio dá informação da casa. Pelo pátio se pode fazer idea da família que mora na casa. — Comum ao marata.

## Capítulo CXXIV. — **Indiferença**

1166. *Maka lekhä na tem mhar khay na.* O que não me toca que o coma «o faraz» (homem de casta baixa)!

Equival. Mal alheio pesa como um cabelo.

1167. *Mharachi bail tçahmar vhärä na, maka kitem päḍlam?* ¿Que tenho com que o sapateiro rapte a mulher do «faraz»?

1168. *Biyer päḍum boṭyar.* Caia sôbre o caroço ou sôbre o caroção [1]. Venha o que vier; suceda o que suceder. A todo o transe.

1169. *Kunkḍak dukäḷ na sukäḷ.* A galinha não tem fartura nem penúria. — Diz-se de quem não conhece as vicissitudes da vida.

---

[1] É referência a um jôgo de rapazes com os caroços de cajus.

## Capítulo CXXV. — **Ingratidão** [1]

1170. *Bărem kelălyak căl na.* Não tem reconhecimento o beneficiado.

Equival. Mal haja o ventre, que do pão comido se esquece.

1171. *Upkarak phapăr.* Pontapé ao favor.

Corresp. Por bem fazer mal haver.

1172. *Kelălyak na akar ani păngeryak na sar.* O feito não tem forma estável e o «panguerô [2]» não tem cerne. Assim como o «panguerô» não tem cerne, assim o que é já feito não tem o seu influxo, a sua recompensa.

Equival. The memory of a benefit soon vanisheth, but the remembrance of an injury sticketh fast in the heart (Inglês).

1173. *Săunsarant băryak gelyar khoṭem yeta, kakut kelyar birmăt phuṭta.* No mundo se se faz bem, provém mal; se se tem compaixão, sofre-se dano.

Variante. *Kakut kelyar birmăt phuṭta, vaḍhunk gelyar zôr yeta.* Se se compadece, sofre-se tormento; se se dá de comer, tem-se febre.

1174. *Upkarak salam' ani salamak căinḍo.* Saüdação ao favor e pau à saüdação. — Uma simples saüdação não produz gratidão, porque é de civilidade.

1175. «*Chhi, murkhya, pāy bhărxi*». «*Ani khelyar, maka kitem kărxi?* «Ápage! tolo, vais sujar o pé». «E se eu comer (a imundícia) ¿que me farás tu?».

1176. *Jevăṇ-khaṇ zalem, oḷăkh paḷăkh na.* Terminou-se a comida e a bebida, já não há trato nem conhecimento.

---

[1] Vid. *Cobiça*, n.º 290.

[2] *Erythrina indica*, Lamk., «árvore da fôlha da trindade» em português indiano.



Equival. Comida feita, companhia desfeita. Mal haja o ventre que do pão comido se esquece.

1177. *Măze duḍu măze pāle phoḍtat.* O meu dinheiro as minhas faces fere. — Expressa-se o grande detrimento em que redundou o benefício.

Equival. *Arma mea contra me.*

1178. *Khata tya panar hagta.* Suja na fôlha sôbre a qual come. — Verbera-se com energia essa falta de reconhecimento.

Obs. É costume entre os hindus comer sôbre uma fôlha de bananeira ou sôbre um prato de fôlhas entretecidas, *patravalo* em indo-português, do concani *pătrăvăl.*

Equival. Depois de comer cuspir no prato. (Árabe).

1179. *Fhaz phavor, kărṭent dhunvăr.* Faz-se favor, fumo na «chareta». O favor feito reduz-se a fumo.

Obs. É muito moderno e muito usado pelos cristãos de Goa.

## Capítulo CXXVI. — **Injustiça**

1180. *Xelya amgar phuganv.* Empôlas de fogo no corpo frio (isto é, sem febre). — Padecer inocentemente, sofrer sem motivo plausível.

1181. *Kutrem* (ou *kunkăḍ*) *melem, phunkăṭ gelem; mazăr melem ghăr buḍlem.* Morreu o cão (ou a galinha), foi-se despercebido; morreu o gato, afundou-se a casa. — Diz-se quando se rendem mais honras a um do que ao outro, que mais as merece.

1182. *Kongo khata rôv, envalyak mar.* O caracol come a semente de arroz grelado, pancada à «cobra de água». Um faz mal, outro paga.

Equival. Paga o justo pelo pecador. Por mal do ferreiro matam o carpinteiro. Os bois comem a seara e cortam-se as orelhas do asno (Afgão).—Traspasa el rico las leys, y es castigado el pobre. (Castelhano).

1183. *Kambrachya kustar kăḷvăntam natçtat.* Dançam as bailadeiras à custa da câmara municipal.

Obs. Provérbio moderno ou modernizado. As câmaras fazem às vezes dançar as bailadeiras em recepções festivas.

Equival. Goza-se às expensas de barba longa.

1184. *Ganv kărta phest pirjentichem nanv.* A freguesia faz a festa, e o presidente (juiz da festa) leva a honra.

Obs. Também é moderno e privativo dos cristãos. O festeiro recebe consignações das instituïções da freguesia para a despesa, mas de ordinário despende mais, que o vulgo não toma em conta.

Equival. Unos tienen la fama, y otros cardan la lana. (Castelhano).

1185. *Zayte unḍe vikle, dimbhi ghalun kădhim duḍu magle nant.* Vendi inúmeros pães, mas nunca pedi o dinheiro de joelhos. — Di-lo quem se vê obrigado a humilhar-se para ter o que de direito é seu.

1186. *Reḍe-paḍe zuztat, zhaḍanr kaḷ.* Brigam os touros e os búfalos, e as plantas correm o risco de ser maltratadas.

Equival. Pelejam os touros, mal pelos ramos. Uns comem os figos, e a outros lhes arrebentam os beiços. — Xantu fajê, Rolu pagá. (Indo-português).

1187. *Puṇem kelyar pap zata, divo peṭăylyar kaḷok zata.* Se se faz acto religioso (meritório), comete-se pecado; se se acende candeeiro, fazem-se trevas. — Diz-se do mal inesperado, resultante do acto essencialmente bom.

1188. *Eŭk bhikuṇ tçablyar, săglyam bhikṇancher yera.* Se morde um persevejo, todos os percevejos correm o risco *de serem mortos.* — Análogo em marata.

Equival. Arde verde por seco, y pagan justos por pecadores. (Castelhano).



1189. *Thoḍyank kantḷi, thoḍyank kărṭi.* Uns têm o âmago de coco, outros têm a «charata» (o endocarpo).

1190. *Khavunchem aplem ani ghevunchem ṭoṭopyachem.* Come-se do seu e recebe-se *o mal* da chuva (que entra pelo tecto de colmo). — Receber agravo daquelle a quem não se fez ofensa.

1191. *Khavunchem ghovachem ani ghevunchem minḍachem.* Come-se do marido e sofre-se do amásio.

1192. *Khavem na jevem, phunkăṭ ghevem.* Não jantei nem comi *doutrem*, sou molestada sem motivo. — Di-lo que padece inocentemente.

1193. *Devem na ghevem, na nakestim lăçanḍam yevun păḍlyant.* Não há dever nem haver, sem motivo estão a amontoar-se as agressões.

1194. *Aplem năxem, zăgachem ghevunchem.* Perde-se o que é próprio, e censura-o o mundo (que não tem nada com aquilo). — Comum ao marata.

1195. *Băryank zôr, khoṭyank văr.* Febre para os bons, dom (graça) para os malvados. Sofrem os bons, folgam os maus.

1196. (*Egoismo*). *Taka phavă na, maka koṇ di na.* Êle não merece (o que se lhe deu), e a mim ninguém me dá, *a despeito de o merecer.*

1197. *Kărunk eklo, bhărunk eklo.* Um é para fazer e o outro para encher. — Um trabalha e outro aproveita.

Equival. Uns batem o mato, outros apanham as lebres. Análogo em marata. — Il a battu les buissons et un autre a pris les oisillons. (Francês).

1198. *Jevunk khavunk Loreu, bob marunk Phoreu?* ¿Para comer e banquetear é Lourenço, e para dar alarme («babaré») é Francisco?

Obs. É moderno, e tem por base um facto, no qual um individuo, chamado para acudir num caso urgente, se queixa de não ter sido convidado antes para festins».

1199. *Bărem zalyar săgiyanchem, vayṭ zalyar ekachem.*

Se o empreendimento sai bem, é de todos; se sai mal, é dum só, *que se pôs à frente.* — Comum ao marata, e fundado em sânscrito.

1200. *Viyetăli asa kăḍê, er khata răsvăḍe.* Quem deu à luz está à parte, e outra come bolos sucosos.

Obs. Dão-se na Índia comidas suculentas à puérpera, para recobrar as fôrças. Mas houve quem as aproveitasse e não lhas desse.

Equival. O pobre assa o bolo, outro o arrebata. (Hebraico).

1201. *Aplê sări yezman bheri.* Com relação a mim, a hospedeira do casamento é surda (por não atender ao seu pedido).

1202. *Xeṭhitço băil păḍlo, ganv săgḷo aylo, xeṭh păḍlo, koṇuy na aylo.* Adoeceu o boi do mercador, foi visitá-lo a aldeia inteira; adoeceu o mercador, não apareceu ninguém.

1203. *Hanv kărunk pum ani kapăḍ nesunk tum?* ¿Eu para trabalhar e tu para vestires o pano (dado pelo serviço)?

Equival. Se eu não tivesse levantado a pedra, tu não terias achado a gema. (Hebraico).

1204. *Adanvan pap kelem, sănstir aylem.* Adão cometeu o pecado, e a sua descendência teve de o expiar.

1205. *Ximer kavato răytay kityak?* ¿Porque é que plantas a palmeirinha no limite? Ou porque queres armar contendas ou usurpar o terreno do vizinho. — Diz-se de quem usa aparentemente do seu direito, mas que intenta prejudicar outrem.

1206. *Koṇachyô mhăvi, koṇ mol kărta?* ¿De quem são os búfalos e quem é que lhes marca o preço? — Diz-se do indivíduo que dispõe do que não é seu.



## Capítulo CXXVII. — **Instrução**

1207. *Bunyadi viṇem ghăr năy, xikpa viṇem munis năy.* Não é *verdadeiramente* casa a que não tem alicerce; não é pròpriamente homem quem não tem instrução.

1208. *Gireskayê bhităr vhăḍ gireskay xikăp.* A maior de todas as riquezas é a instrução.

1209. *Munxya sarki vidyă.* A aptidão é conforme o homem. Isto é: conforme a sua instrução.

1210. *Suṇyak ani burgyak xikăylăli budh.* O cão e a criança tomam o ensino que se lhe ministra.

1211. *Burgo dekhta tem xikta.* A criança aprende o que vê.

1212. *Mărā păryant xikchem.* Aprender até morrer.

Equival. Sempre é tempo de aprender. — *Nulla aetas ad perdiscendum sera.* (Santo Ambrósio).

1213. (*Experiência*). *Santhăylălem aukh ani xikăylăli budh.* Vida estagnada e entendimento instruído *não se equiparam.* Mais vale a experiência que a instrução.

1214. *Xikchê adim ăvghăḍ, xiktotç sompem.* É difícil antes de aprender e fácil depois de aprender. — Comum ao telugo.

Equival. Aprende chorando, e rirás ganhando.

## Capítulo CXXVIII. — **Inteligência e pensamento**[1]

1215. *Budh asa taka bhanḍvăḷ asa.* Quem tem talento tem cabedal.

1216. *Măt asa, puṇ păt na.* Tem inteligência, mas não tem capital. — Diz-se de quem concebe magníficos projectos sem ter meios para os levar a efeito.

---

[1] Vid. *Esperteza* e *Sagacidade.*

Equival. O entendimento instruído e o viático preparado não são bastantes. (Marata).

1217. *Nidlo tçăḍh, tăkli zali zăḍ.* Dormiu muito, tornou-se-lhe a cabeça pesada.

Corresp. Quem muito dorme pouco aprende.

1218. *Chintnê sarki dhanv na, nidê sarki aḷsay na.* Não há corrida como a do pensamento; não há preguiça como a do sono.

1219. *Jevunk khavunk koṇuy dit, gnyan măt koṇ dit?* Poderá qualquer dar de comer ¿mas quem poderá dar a inteligência e o siso?

## Capítulo CXXIX. — **Interêsse**

1220. *Tçahmarachi dixṭ păyar.* A vista do sapateiro está sôbre o pé (a fim de saber se precisa de calçado). — Comum ao marata.

Equival. Onde a galinha tem os ovos, lá se lhes vão os olhos. Também em galego e castelhano.

1221. (*Ladrão*). *Tçorachi dixṭ bokxyar.* A vista do ladrão está no saco (para o furtar). — O interêsse dirige a vista.

1222. *Kavḷyachi dixṭ tăvxyar.* A vista da gralha está no pepino (para o comer).

1223. (*Ladrão*). *Tçorachem măn tçandṇnyar.* O sentido do ladrão está no luar (para acabar de roubar e escapar antes que apareça). — Comum ao marata.

1224. *Adava viṇem koṇ xidi phoḍi na.* Sem proveito ninguém quebra a bilha [1]. — Ninguém incorre voluntàriamente em dano sem esperar tirar daí maior proveito.

Variante (mais explícita). *Kumbharachem cheḍum adava viṇem xidi phoḍi na.* A filha do oleiro não quebra a bilha sem proveito.

[1] Deve haver alguma explicação histórica.



Equival. Cada qual sabe para seu proveito. Não dá ponto sem nó. — Sem esperança de ganho o «chatim» (mercador) não se aventura na inundação. (Telugo).

1225. *Mhăxichim xingam mhărik zăḍam năy, avăychem burgem avăyk vayṭ năy. Assim como* os chifres duma búfala não são pesados à própria búfala, *assim* a criança duma mãe não é má para a própria mãe. — Comum ao marata.

Equival. ¿São muito pesados ao touro os seus chifres? (Caxmiri). — O fruto não é pesado à árvore. (Bengali). — Os olhos não sentem o pêso das pestanas. (Hindustani).

1226. *Băil sanḍlălyachya kana lagim ghanṭlyô vaztat.* Quem perdeu um boi soam-lhe chocalhos aos ouvidos. — Fàcilmente cremos o que desejamos.

Equival. Quem busca porcos, a cada moita lhe grunhem. — Quien buyes ha perdido, con cerros se le antojan. (Castelhano).

1227. *Bhikaryachya uxya lagim poḷi aslyar, bhikaryak nid păḍta?* Se o mendigo tem um bôlo junto do travesseiro ¿poderá êle conciliar o sono? ¿Pode acaso descansar quem tem de tratar dum negócio extraordinàriamente vantajoso? — Diz-se às vezes em tom de repreensão por demasia do desassossêgo.

1228. *Gidh khăym? Ḍhor melam thăym.* ¿Onde está o abutre? Onde jaz rez morta (para dela se alimentar).

Equival. Onde a galinha tem os ovos, lá se lhe vão os olhos.

1229. *Az môr khăym gela? Săvăn piklam thăym.* ¿Áonde foi hoje o pavão? Onde se produz ouro. Isto é: onde se acha repasto.

1230. *Prădhanachem prădhanak, mharichem mhark.* O que é do primeiro ministro é para o primeiro ministro; o que é da «farazoa» (mulher do «faraz») é para a «farazoa». — Cada qual trata do que lhe toca.

1231. *Cheḍiyek tçandnyatço usko.* A prostituta suspira pelo luar (a fim de sair).

1232. *Khărjêr udăk păḍunk.* Cair água *quente* sôbre as sarnas. Isto é: ter doutro o que se desejava; ter satisfeita a necessidade ou conveniência própria.

Obs. É comum na Índia a moléstia de sarnas; a água quente seda a comichão que causam e a um tempo as detergem.

1233. *Aytem mevlyar kon-ek soḍi na.* Ninguém larga o que encontra de graça.

1234. *Aplê phuḍe tujem khăynchem maka bărem păḍlam?* ¿Que interêsse posso eu tomar no teu bem quando urge tratar do que me relata?

1235. *Ap-apṇachê khărjêr udăk păḍă na zaltotç dusro băronay.* Quando não cai água sôbre as sarnas de cada um, o outro não é bom. Quem me não ajuda não é bom.

1236. *Anak păḍlam Anachem, ani bheryak păḍlam kananchem.* Ana interessa-se por seus negócios, e o surdo por seus ouvidos.

1237. *Anak păḍlam tutlălya kanachem, ani xim'ryak păḍlam aplya nakachem.* Ana pensa na sua orelha que se rompeu, e o desnarigado pensa no seu nariz.

Obs. Rompe-se às vezes o lóbulo da orelha de mulheres do povo, sob o pêso de grossas arrecadas.

1238. *Khaḍ vaḍhlyar, săgle nhavi distat.* Quando a barba está crescida, parece que todos são barbeiros.

Obs. Na Índia a barba é feita por barbeiros ambulantes, geralmente duas vezes por semana. Quem a tem crescida julga que qualquer indivíduo, que passa pela estrada ou entra em casa, é barbeiro.

1239. *Aplem asa thăym sasăṇ, na thăym măsăṇ.* Onde alguém possui alguma cousa, é enfiteuse; onde não tem é cemitério (para êle).

1240. *Aplem na thăym ganv paḍ, duḍu na thăym xăhar paḍ.* A aldeia, onde não tenho interêsse, é deserto; a cidade, onde não tenho dinheiro, é deserto.



1241. (*Rei*). *Kam' zaysăr, raza, raza, kam' zatotç bode raza.* Até que se consiga o negócio é «rei, rei»; quando se conseguiu: «morra o rei».

Variante. *Kam' zaysăr, Ram', Ram', magir bode Ram'.* Até que se consiga o negócio é «Rama, Rama»; conseguido: «morra Rama».

Equival. Rogar o santo até passar o barranco.

1242. *Zhăgḍa măray, măzo komblo* (ou *răgḍo*) *soḍay.* Brigai e morrei, mas largai o meu galinho (ou mó de moinho). Hajai-vos entre vós como entenderdes, mas não me prejudiqueis.

Origem. Contendiam dois indivíduos acêrca dum galo (ou mó), que era doutrem, com risco de o privar dêle.

1243. *Melta thăym dhanvta koṇuy.* Todos correm onde encontram para aproveitar.

1244. *Asa thăynsăr koṇuy dhanvta, na thăynsărlo koṇuy păḷta.* Aonde há todos correm; donde não há todos fogem.

Equival. ¿Queres que te siga o cão? Dá-lhe pão. — Aya cebo en el palomar, que palomas ellas se vernán. (Castelhano).

1245. *Okhtachem zhaḍ koṇ duhhăy na.* Ninguém molesta a planta medicinal.

1246. *Koṇak kăsălem ani bodkêk kensanchem.* Cada um tem sua ralação, e a viúva a dos seus cabelos (que lhe foram rapados). — Comum ao marata.

1247. *Zăṇ eklo aplyam polyank răs kaḍhta.* Cada um extrai sumo de côco para seus bolos. Cada um trabalha por seu próprio interêsse.

1248. *Khaji thăym aji.* Onde há bolos, aí há avó. — Trata-se com respeito e deferência a pessoa de quem se espera algum proveito.

1249. *Kanḍpiṇichê axen bim păryant kanḍlem.* Para

se aproveitar da «piladeira[1]» (para a não deixar desocupada), pilou-se até a semente (de arroz, guardada para semear). Por amor duma pequena economia, causou-se um dano de maior valor.

1250. *Phatra pondak hat păḍlo, phatăr uklun dhărtço păḍlo.* Caiu a mão debaixo duma pedra, tornou-se necessário levantar a pedra e sustê-la. — Diz-se de quem se vê na necessidade de servir a quem não deveria ou quereria. Análogo em marata.

1251. *Sonaran kan toplyar dukhă na.* Se o ourives fura a orelha, não se sinte a dor. — Comum ao marata.

Obs. É de ordinário o ourives quem fura o pavilhão da orelha para se enfiarem argolas ou cravos. Quem se sujeita à operação não dá mostras de dor, por julgá-la inerente ao bem que espera e por ser competente o operador.

## Capítulo CXXX. — **Inutilidade**

1252. *Om'tya kăḷxyar udăk.* Água sôbre a bilha emborcada (que, por isso, se não enche). Comum ao marata. — Muito usado quando se faz algum acto inútil.

Equival. Lavrar na areia. Vasar em cêsto roto. Malhar em ferro frio. Prègar no deserto. — Até um cento de esforços não consegue que o grou fale como o pagagaio. (Sânscrito).

1253. *Laslălim miryam kundya săsyam.* Pimenta queimada é semelhante ao farelo. — Comum ao marata.

1254. *Săgḷo bhizăllyak hinv kitem?* ¿Que importa o frio a quem está totalmente molhado? — É corrente no Canará.

1255. *Năy masḷi, năy mas, kityak ghaltay taka phas?*

[1] *Piladeira* é, na Índia, a mulher que pila, por profissão, arroz aos dias.



Não é peixe nem carne ¿porque lhe deitas a fisga? — ¿Porque fazes um trabalho baldado?

1256. *Kurḍya sărxem năy natçăp, bherya sărxem năy vazăp.* Nem dança diante do cego, nem música diante do surdo. — Diz-se figuradamente de quem não pode apreciar. Comum ao marata.

Equival. É semear na areia e cantar a um surdo.

1257. *Ritya ghoḍyar ani sukya soḍyar kăy zay na.* Sôbre o cavalo descarregado e na charneca árida nada se produz.

1258. *Khăḍpar vămplălem rayam.* O que se semeou sôbre o rochedo foi em vão. É inútil ensinar um obtuso. — Comum ao marata.

1259. *Săgḷo dis tăḷi ani khavunk gelyar aḷrachyô năḷi*

Frigia (ela) todo o dia, e quando se foi comer eram talos de «alum». — Muito trabalho por quási nenhum proveito.

Explicação. *Alum* é *Colocania antiquorum*, Schott, ou *Arum nympheacipholium*, Roxb. As fôlhas servem de hortaliça; mas os talos são rijos e insípidos.

1260. *Ranant mor natçlălo koṇ păḷeta?* ¿Quem vê o pavão que dança na serra? — Diz-se quando se faz alguma coisa fora do seu lugar.

Obs. Os pavões em bando dançam amiúde em círculo, principalmente ao nascer e pôr do sol.

Equival. ¿Que aproveita empertigar-se o pavão na serra? (Malaio).

1261. *Nakxen katărta taka suri kityak?* ¿Que necessidade há de faca para o que se pode partir com a unha?

Equival. Take not a musket to kill a butterfly. (Inglês).

1262. *Nakxechya kamak kuhraḍ kityak?* Que precisão há de machado para um negócio de unha? — Também em telugo.

Equival. Empregar o machado no que nem de unha precisa. (Marata). — Send not a hatchet to break open an egg with. (Inglês).

1263. *Mutvăṇyan mărta taka unvăṇi kityak zay?* ¿Que necessidade há de água fervente para o que pode morrer com urina (água tépida)?

1264. *Păḍchya rukhak kuhraḍ kityak zay?* ¿Que necessidade há do machado para a árvore que está a cair. ¿Que precisão há de bater a quem está a morrer?

1265. *Tus kanḍun hatak phoḍ.* Pilar grança e ter empôlas na mão. — Diz-se do trabalhador improfícuo. Análogo em bengali.

Equival. Lavrar na areia.

1266. *Lokănḍak uḍăk dillya bări.* Como quem desse água ao ferro. — Usado no Canará.

Equival. Dar espelho ao cego. (Telugo).

1267. *Melya uprant dukh, paḍ zatotç budh.* Dor depois da morte e conselho depois da ruína. — Corrente no Canará.

1268. *Onvlichya rukhar ravun dhuvăr păḷetalo khăym.* Colocando-se na árvore de «vonvoleiro», olhava para o fumo (quando o podia ver do chão). — Voga no Canará.

Obs. *Vonvoleiro* é uma árvore de grande altura e muita rama — *Mimusops Elangi,* Linn., — a qual dá em abundância umas florinhas branco-amarelas, de aroma suave, que conservam ainda depois de sêcas.

1269. *Goḍan mărta tuka vikh kityak zay?* ¿Que necessidade há de veneno para o que morre com açúcar? — Comum ao marata e ao hindustani.

1270. *Miryam viklim, map katărlem, kityak upkarlem?* Venden-se a pimenta, rasourou-se a medida ¿de que aproveitou? — Diz-se do que não deu nenhum proveito apesar de todo o cuidado.

1271. *Măsṇant nidun păy ankuḍlyar kama yeta?* ¿Se



alguém, dormindo no cemitério, encolhe as pernas, ¿tira daí alguma vantagem? — Não se deve fazer miséria onde não há nenhuma utilidade.

## Capítulo CXXXI. — **Inveja**

1272. *Nirdukhyak don dukham, apṇak na tem ani pelyak asa tem.* O invejoso tem duas aflições, assim porque o não tem, como porque outro o tem.

Equival. Ao invejoso emmagrece-lhe o rosto, e incha-lhe o ôlho. O invejoso mais sente os bens alheios que os males próprios. — A inveja do inimigo é o seu castigo. (Telugo).

1273. *Abak zor ani săngramak pez?* ¿Febre para o irmão mais velho e canja para o combate?

Origem. Um militar, querendo ter as honras de vitória, desejava que seu irmão fôsse impedido por doença de combater, como de facto foi; mas o outro ficou derrotado por não possuir igual valor. Figuradamente, *canja* é, em indo-português, o mesmo que «banana» em português.

1274. (*Profissões*). *Bhikaryak bhikari năsay.* O mendigo é entrave ao mendigo.

Equival. ¿Quem é teu inimigo? O oficial do meu officio. Análogo em castelhano. — Le potier au potier porte envie. (Francês).

## Capítulo CXXXII. — **Ira** [1]

1275. *Rag marta apṇak, săntos marta pelyak.* A ira mata (prejudica) a si próprio (ao irado), a alegria aos outros (que se consomem de inveja). — Comum ao marata.

---

[1] Vid. *Casamento,* n.º 205; *Fala,* n.º 852.

EQUIVAL. Anger perishes itself. (Inglês).

1276. *Ragak ḍoḷe nant.* A ira não tem olhos.

EQUIVAL. A ira não distingue o bem do mal. (Hindustani). — Choleric men are blind and mad. (Inglês).

1277. *Atirag bhik mag.* O irascível vive miserável. Quem se agasta demasiado chega a mendigar. — Comum ao marata.

1278. *Ag khavun ingḷe hagta.* Come fogo e evacua tições. — Diz-se de quem é muito irascível e desbocado na linguagem.

1279. *Bholyak rag bhăv.* O simplório tem mais ira.

EQUIVAL. Cada formiga tem sua ira.

1280. *Bholyatço rag vayṭ.* A ira do simplório é péssima.

EQUIVAL. Teme a ira da pomba.

1281. *Bholyak aylo rag, to zalo vagh.* Agastou-se o simples, fez-se tigre.

1282. *Rag gelyar, dag veta?* Se passa a ira ¿passa a causticação? Acalmado o agastamento, não cessam as más conseqüências.

1283. *Koṇatço rag koṇacher kaḍhtço?* Em quem se há de desforçar a afronta de alguém? — Diz-se de quem pretende vingar-se da injúria feita por um indivíduo em outro, por ter com êle alguma relação.

1284. *Bhaylo dhuvăr puṇ sosyet, bhitărlo usăsăr sosum năzo.* Pode-se bem suportar o fumo de fora, mas não se pode suportar o fumo de ódio.. — Usado no Canará.

1285. *Nakachê tembiyer rag asunk.* Trazer a ira na ponta do nariz. Ser muito irascível.

EQUIVAL. Subir a mostarda ao nariz.

1286. *Akas găḍgăḍlo, paus păḍlo.* Trovejou o céu, caiu chuva, Figuradamente quere dizer que quando o chefe de casa se agasta, caem lágrimas dos subordinados. — Comum ao marata.



1287. *Pāyachi tiḍăk măstăkak geli.* A dor do pé subiu à cabeça. Encheu-se de ira. — Comum ao marata.

1288. *Narlatço rag phatra kăḍe.* A ira do côco é com a pedra (que o parte).

EQUIVAL. Tirar setas para o céu.

## CAPÍTULO CXXXIII. — **Justiça**

1289. *Măjem maka, tujem tuka, koṇache kărkăr naka.* O meu para mim, o teu para ti, não se quere altercação de ninguém. Cada um dever haver o que é seu.

EQUIVAL. Sê balança para todos. (Árabe). — *Suum cuique.*

1290. *Dilălya mapan ghevunk.* Receber pela medida por que se dá.

VARIANTE. *Dit tya mapan ghet.* Receberá pela medida por que der.

CORRESP. Pagar na mesma medida. Ninguém faz o mal que o não venha a pagar. — El mal que de tu boca sale, en tu seno se cae. (Castelhano). — Tit for tat. (Inglês).

1291. *Bhărlem map, marli kap.* Encheu-se a medida cortou-se o fio da vida.

EQUIVAL. Wenn's Maass voll ist, läuft es über. (Alemão: Quando a medida está cheia transborda).

1292. (*Caridade*). *Bhikra ghal gê, auxi, ditay tya mapan ghexi.* Dai esmola, mãe; receberás pela medida em que deres.

1293. *Eklyan dandyan marlyar, dusryan gundyan puṇ marunk zay.* Se um bate com pau, convém que outro bata ao menos com pedra.

1294. *Uṇem dilălem, duṇem meltălem.* Deu-se pouco, receber-se há em dôbro. — Emprega-se no sentido pejorativo, por retribuição do mal que se faz.

EQUIVAL. Quem laço me armou nele caiu.

1295. *Xerak savay xeŭr.* Ao quartilho, quartilho e meio. — Usa-se no mesmo sentido.

1296. *Dusryak chintlălo suḷ aplya mathyar bhedlo.* A forca intentada para outro veio a parar na cabeça própria.

Equival. Faze mal e espera por outro tal. — *Qui fodit foveam incidet in eam.* (*Eclesiástico*). — Cae en la cueva el que otro á ella lleva. (Castelhano).

1297. *Măjim boṭam măjyam ḍoḷyănim ghaltay?* ¿Metes os meus dedos nos meus olhos? ¿Serves-te dos meus benefícios contra mim?

1298. *Haḍank laglyô kati, atam khayt mati.* Apegou-se a pele aos ossos, comer-me há agora a terra. — Diz-se da mulher que foi formosa e requestada.

1299. *Aḍvem ghetălyak nit na.* Não há justiça com quem toma tudo à má parte (ou contradiz teimosamente).

1300. *Nyayak boḷ nitichem, ănyayak duḍvanchem.* O justo tem a fôrça da justiça, e o injusto tem-na do dinheiro. — Usado no Canará.

1301. *Undrachya nyayk mazrachi nakxi.* Para a justiça do rato, a garra do gato.

1302. *Devagelo khapri yetălo ani tuji nit kărtălo.* Virá um cafre da parte de Deus e far-te há justiça. — Diz-se a quem persiste em não dar satisfação ao mais fraco, devida pelos direitos lesados, que Deus o punirá severamente.

Obs. Entra o cafre no rifão para se denotar que o ministro da justiça não usará da circunspecção ou de clemência, mas executará cegamente as ordens recebidas.

1303. *Divanachya ghara lagim ghăr bandhchem năy.* Não se deve construir casa aõ pé do edificio do tribunal (para se evitar a tentação de lhe recorrer amiúde).

Equival. A good lawyer an evil neighbour. (Inglês).

1304. *Gôychi nyay tyya ghărar păḍum.* ¡A justiça de



Goa caia sôbre tua casa! ¡Caias na mão da justiça de Goa!

Obs. Esta máxima imprecativa voga mais ao norte de Goa, e tem por origem o terror e a desolação que causou D. Francisco de Almeida, quando de Cochim se dirigiu para o norte, a fim de vingar a morte de seu filho D. Lourenço. «Donde entre os indios, diz Castanheda (II, cap. 96) naceo aquela maldição que dizem a ira dos *frangues* (portugueses) venha sobre ti. E esta ira he a primeira cousa que os mercadores rogão a deos que os livre». Mas ào presente a justiça dos tribunais portugueses é mal vista por ser morosa, emmaranhada e dispendiosa.

1305. *Gôychi nyay ani vaḍhlălem cheḍum săglyanchya ghărak năsay.* A justiça de Goa e a filha crescida são nocivas a casa de todos.

Obs. É sabido que na Índia os pais hindus casam suas filhas antes da puberdade e os cristãos pouco depois. A filha adulta, sendo inupta, pode de um momento para outro desonrar a familia.

## Capítulo CXXXIV. — **Ladrão**[1]

1306. *Tçorachem tonḍ sadantç ritem.* A bôca do ladrão é sempre vazia. O ladrão nunca fica satisfeito.

1307. *Tçorachya tonḍant mati* (ou *dhănḍe*). Terra (ou calhaus) na bôca do ladrão. O ladrão nunca enriquece.

1308. *Hamv nagăytam gamvche maḍ, maka nagăyta ganvtço păzarkar.* Eu roubo os coqueiros (cocos) da aldeia; a mim rouba-me o merceeiro da aldeia. Diz-se de quem vai vender o que furtou e não recebe o valor inteiro do objecto.

---

[1] Vid. *Furto*, e *Analogia*, n.os 97 e 98; *Cooperação*, n.º 496; *Interêsse*, n.os 1221 e 1223.

1309. *Aytya bilant nagăba.* O ladrão entra no buraco aberto.

Corresp. O buraco chama ao ladrão. Análogo em castelhano. Na arca aberta o justo peca. — L'oceasion fait de larron. (Francês).

1310. *Tçorak ghăr parkem.* Ao ladrão a própria casa é suspeita.

Variante. *Tçorak zhaḍ parkem* (ou *parpăḷ*). Ao ladrão até uma árvore é suspeita.

1311. (*Medo*). *Tçôr aplê savḷek bhiyeta.* O ladrão tem medo da própria sombra.

Corresp. O ladrão tem mêdo da própria sombra. — Al ladro fa paura anche un sorcio. (Italiano).

1312. *Tçorak tonḍ bhăv.* O ladrão tem língua comprida, isto é, muita lábia.

1313. *Tçorachi bobaṭ uphraṭi.* O ladrão clama inversamente (não com naturalidade). — Pretende assim desviar de si a suspeita. Comum ao marata.

Variante. *Tçorachyô părtyô bobô.* A gritaria do ladrão é contrafeita.

1314. *Tçorachi avăy hărḍyant rădṭa.* A mãe do ladrão chora no peito (para não ser descoberta a causa). — Diz-se quando o ladrão é morto e a sua família não quere que se saiba que lhe pertencia.

Equival. non ride sempre la moglie del ladro. (Italiano).

1315. *Dekhlyar tçôr, na zalyar sav.* Se é visto *ao furtar* é ladrão, se não, é cavaleiro.

1316. *Nădrent tçorak parkhum yeta.* Pode-se conhecer o ladrão por seus olhos.

1317. *Ek pavṭhi tçôr, sădantç tçôr.* Quem é uma vez ladrão é sempre ladrão.

Corresp. Quem uma vez furta fiel nunca.

1318. *Tçorachem panvăl tçôr zaṇo.* Um ladrão conhece a pègada doutro ladrão. — Análogo em marata e canarês.



Equival. Let a thief to catch a thief. (Inglês). — A thief knows a thief, as a wolf knows a wolf. Também em línguas germânicas.

1319. *Ḍolyantlem kazăḷ tçorunk.* Furtar o «cazol» (colírio) dos olhos. Furtar destramente, surripiar refinadamente.

1320. *Oḷkhitço tçôr jivanixim soḍi na.* O ladrão conhecido nem poupa a vida (para não ser denunciado à justiça).

1321. *Tçorachem tonḍ sădantç ughtem.* A bôca do ladrão está sempre aberta (como sinal de cobiça).

1322. *Tçorachem tonḍ mel khăym.* Dizem que a bôca do ladrão é mel. O ladrão tem expressões doces para enganar. — Usado no Canará.

1323. *Tçorachya ḍolyant dukh tçăḍh.* O ôlho do ladrão tem muita lágrima. Isto é, finge sentir o furto que êle próprio praticou.

1324. *Budh tçorak ki porak?* ¿ É mais sisudo o ladrão ou o rapaz (que guardava o objecto)?

1325. *Bhedya viṇem tçori na.* Não há roubo sem espia.

1326. *Tçorak tçandnem dekhlyar zay na.* Não convém ao ladrão ver o luar (para não ser visto).

1327. *Akăytço ghôr ganv nagăyta, ani haka devtçar nayăyta.* O marido da tia paterna rouba a aldeia, e a êste rouba o demo.

1328. *Apuṇ tçôr, dusro savo.* Eu sou ladrão, o outro é cavalheiro. Di-lo, por ironia, ao mexeriqueiro quem é injustamente malsinado por alguém.

1329. *Tçorachya mathyar kăyr asa mhăṇtana, tçoran sanspun păḷellem khăym.* Quando se disse que o ladrão tinha lixo na cabeça, o ladrão apalpou-a (para ver se com efeito o trazia da casa onde furtou). — Voga no Canará.

Equival. Quando se falou do ladrão que furtou uma

abóbora, o ladrão apalpou os ombros para ver se havia algum indício. (Telugo).

1330. *Tçoran zaytem dekhlyar zay na.* Não convém que o ladrão veja muitas cousas (para não ter desejo ou ensejo de as furtar).

1331. *Phophăḷ tçorlălo hatti tçorit.* Quem furtou uma areca furtará um elefante.

Equival. Ladrão — da agulha ao ouro, e do ouro à fôrca.

## Capitulo CXXXV. — **Leviandade** [1]

1332. *Hatant xenḍi divunk.* Entregar o rabicho na mão *doutrem.*

Obs. *Xendi* é o carrapito que os hindus deixam crescer no cocuruto, do mesmo modo que os chins. Vid. *Glossário.* Quem se deixa agarrar pelo carrapito torna-se incapaz de se defender. Emprega-se muito figuradamente, quando deixa o inimigo conhecer o seu ponto fraco ou está inteiramente sob o poder doutrem.

Equival. Comprar grilhetas para os próprios pés.

1333. *Sukhatço jiv vhărun dukhak ghalunk.* Expor *desnecessàriamente* à tribulação a vida feliz.

1334. *Gori geli vătak, kaḷi zavun ayli.* Foi branca ao sol e voltou preta.

1335. *Aplya hatan aple pole phoḍum naka.* Não esbofeteis as tuas faces com as tuas mãos. Não sejas levianamente causa do teu próprio mal.

1336. *Koḷxyank dăr zalya mhuṇ, ghărak uzo petăylo.* Por se ter elevado o preço do carvão, lançou fogo a casa (para daí obter carvão).

1337. *Hat văyr, kakhô ughtyô.* Braços para cima, sovacos descobertos. Se não levantasse os braços, não se veria que o fato estava rasgado nos sovacos. — Diz-se de quem imprudentemente deixa ver suas faltas.

[1] Vid. *Desatino.*



1338. *Aple hat-păy bandhun divunk.* Entregar-se com as mãos e os pés atados (ao inimigo, sem reflectir nas conseqüências).

1339. *Daḍhe băyt gancăr asa mhuṇ sangă nakat.* Não digais que está no poço sêco um «gancar» (co-proprietário da aldeia).

Origem. Tinha caído num poço um gancar embriagado, e não queria que a gente o soubesse, mas descobria-se pelo pedido que fazia.

1340. *Kuḍyant toṇḍ ghalun lipunk.* Meter o rosto no palheiro para se esconder. — Diz-se de quem emprega meios claramente inadequados.

Origem. Um escravo preto, que tinha fugido e era procurado pelo amo, para se subtrair à sua vista meteu a cabeça num palheiro, deixando o resto do corpo para fora, e por isso foi apanhado.

1341. *Moran jhiliat tăkli dăvărn liplya bări.* Como o pavão que se ocultou metendo a cabeça numa mouta. — Corrente no Canará.

Corresp. Esconder a cabeça mas não o rabo. (Japonês).

1342. *Ghărak ag lavun panyak dhanvunk.* Dar fogo à casa e correr por água.

Equival. Fazer o mal e a caramunha.

1343. *Atam ukălta, atam apṭita.* Ora exalta, ora abate (conforme as conveniências do momento).

Equival. Santo por uma hora, demónio por outra. (Hindustani).

## Capitulo CXXXVI. — **Liberdade**

1344. *Svătăntr nastana desantăra vătçă năye.* Quem não é *sui juris* não deve ir para país estrangeiro. Pois

pode ser daí reconduzido por aqueles de quem depende.

1345. *Lakhachi mätta ani kaḍiyechi sätta (sättya).* Crédito dum «laque» (cem mil) e liberdade duma palhinha. — Comum ao marata.

Equival. 'Tis liberty that every one loves. (Inglês).

1346. *Phaṭko nesum yet, puṇ svätantr zay.* Pode-se vestir um trapo, contanto que haja independência.

Equival. Lean liberty is better than fat slavery. (Inglês).

## Capítulo CXXXVII. — **Limpeza e sujidade**

1347. *Nahläli dhuläli ästäri, xeṇ käir kaḍhläli dhärtäri.* A mulher é *pròpriamente mulher, se for* banhada e lavada; o pavimento é *pròpriamente pavimento,* se fôr embostado e varrido. A mulher tem de se lavar e adornar, assim como o pavimento tem de se embostar.

Obs. O chão das casas dos hindus e de muitos cristãos é, por motivos de limpeza ou de higiene, «bosteado». Vid. *Glossário,* s. v. *bostear.*

Equival. Bem toucada, não há mulher feia.

1348. (*Excesso*). *Khatyak as bhäv, nahtyak chikäl bhäv.* Quem come *muito* deseja muito (comer), e quem se banha *freqüentemente* tem muita sujidade.

1349. (*Provocação*). *Chiklant phatär uḍäun ang buḍäun gheta.* Deita pedra na lama e enlameia o corpo. Tem o mal que provoca. — Comum ao telugo.

1350. *Ukrant gunḍo uḍäun ang bhärun ghevunk.* Deitar calhau no monturo e manchar o corpo.

Equival. *Qui tetigerit picem inquinabitur ab ea.* (*Eclesiástico*).



## Capítulo CXXXVIII. — **Madrasta e enteado**

1351. *Mäy päräs mavxi mogaḷ, koṇak sangum poṭachs zaḷ.* A madrasta é *ostensivamente* mais amorosa que a mãe ¿a quem comunicarei as saüdades do coração? Não as poderia comunicar à madrasta, porque pareceria ingratidão [1].

1352. *Mogachi mavxi tçandnyak uvô mari.* A amorosa madrasta catava piolhos à *enteada* ao luar.

1353. *Mogachi mavxi meli, kärḍant guṭhlavun vheli.* Morreu a carinhosa madrasta, levaram-na amortalhada em «capim» (palha). — Usado no Canará.

1354. *Am'ger tär uzo asto, rati mavxek härvitç bap mäzo käso khato?* Se houvesse lume em nossa casa ¿como é que meu pai comeria a noite passada a madrasta em cru?

Explicação. Antes de serem conhecidos os fósforos, conservava-se o lume na lareira em algum combustível lento, geralmente feito de bosta, e que, se por acaso se apagasse, ia-se buscar à vizinhança. Um enteado, actuado de antipatia vulgar, denunciou a uma vizinha o que o pai havia dito em segrêdo à madrasta, em exteriorização do seu amor. Substitui-se às vezes o «enteado» por «irmão mais velho» e a «madrasta» por «cunhada» [2].

1355. *Dhuvḍe purllê käḍe apṇak pur naka mhäṇä khäym mavxi.* Conta-se que a madrasta recomendava que a não enterrassem onde foi enterrada a enteada (para que a não apoquentasse).

---

[1] Em português se diz: Madrasta e enteada sempre andam em batalha.

[2] O tratamento de madrasta em concani é «tia materna».

## Capítulo CXXXIX. — **Maledicência**

1356. *Aplem ghăr păilem tçălăunchem, magir dusryacher ulăunchem.* Deves tratar primeiro de tua casa e depois dizer mal do próximo.

1357. *Aplê maḍke sărxem bhanḍxirem asa tem păilem păḷevunchem, magir dusryachem ulăunchem.* Olha primeiro para o trapo que está ao pé da tua panela, e depois dize mal do próximo.

## Capítulo CXL. — **Malevolência**

1358. *Suṇyachya mutachi gărăz zali, suṇem vătçun kanṭiyer mutlem.* Houve precisão *para remédio* da urina do cão, e o cão foi urinar numa espinheira. — Muito usado, em tom de ressentimento, contra um indivíduo de pouco préstimo, o qual recusou fazer um pequeno favor, que nada lhe custava.

1359. *Poṭant kusḍay ghevun bhonvta.* Anda abrigando malevolência no coração. — Diz-se de quem não manifesta abertamente a sua má vontade.

## Capítulo CXLI. — **Médico** [1]

1360. *Văizachya hatant kan katrum ye.* Pode-se cortar a orelha pela mão do médico. — Convém fazer o que recomenda uma pessoa competente.

1361. *Deḍa disachya raza, boḍ kăr ga, văiza.* Rei de um dia e meio, rapa a cabeça *do doente*, senhor médico. — Quando alguém está doente, permite-se ao médico fazer o que entende.

---

[1] Vid. *Cônjuges*, n.º 403.



Obs. Rapar a cabeça inteira é contra a praxe dos hindus, que trazem carrapito no cocuruto; por isso só se pode fazer no caso de extrema necessidade.

1362. (*Ingratidão*). *Kam' zalem, vaiz melo.* Satisfez-se a precisão, morreu o médico. — Diz-se de quem se não recorda dos benefícios recebidos.

Equival. O rio passado, o santo não lembra. — *Honora medicum propter necessitatem.* (*Eclesiástico*). — Ama, soyes ama mientras el niño mama, y despues no nada. (Castelhano).

1363. *Bhog săre ani văiz mele.* Passou-se o padecimento, morreram os médicos.

Variante. *Bhog suṭ sărlo, văiz melo.* Acabou-se inteiramente a moléstia, morreu (morra) o médico.

1364. *Okhăt zăriy zalem văyzachem, tăriy paṇi zay băychem.* Embora o remédio seja do médico, é necessária água de poço (para se preparar). — Os mesmos indivíduos vulgares são por vezes indispensáveis.

1365. *Bhălayki asa taka văiz naka.* Quem tem saúde não precisa de médico.

Corresp. *Non egent qui sani sunt medico, sed qui male habent.* (*Evangelho*).

1366. *Văijiṇin kan toplyar bhăv băro.* É muito melhor que a «daia» (curandeira ou parteira) furo as orelhas da criança (por ser perita na matéria).

Equival. As mãos de médico unguento são. Cada qual em seu ofício.

## Capítulo CXLII. — **Mêdo** [1]

1367. *Bhiyet to jyet; uḍăt to buḍăt.* Vive quem teme, afunda-se quem pula.

---

[1] Vid. *Cadáver*, n.º 178; *Cônjuges*, n.º 412.

Corresp. *Beatus homo qui semper est pavidus.* (*Provérbios*). *Homo sapiens in omnibus metuit.* (*Eclesiástico*). —Threatened folks live long. (Inglês).

1368. *Pap na taka bhem na.* Quem não tem pecado (culpa) não tem mêdo.

Corresp. Quem não deve não teme. Sempre o mêdo nasceu do culpa.

1369. *Dudu divun soro piyevunk kăsălem bhem* (ou *părva*). ¿Que receio há para beber vinho pagando o seu preço?

Equival. Quem dinheiro tiver fará o que quiser.

1370. (*Vida e morte*). *Mărtălyak bhem kitem?* ¿Que mêdo pode ter *do mundo* quem está morrendo?

1371. *Bhărlălo kăḷso hală na.* Bilha cheia não se mexe. Homem endinheirado não tem mêdo.

1372. *Bhiyetălyachê paṭhi koṇuy lagta.* Qualquer acossa (persegue) o medroso.

1373. *Bhiyetălyachê paṭhi bhrant rakhăs.* Atrás do medroso *corre* um monstro temido. — Análogo em marata.

Equival. O infortúnio é singelo ao paciente, dobrado ao medroso.

1374. *Sărpan tçablălo doryek bhiyeta.* O mordido pela cobra tem mêdo à corda. — Comum ao marata.

Corresp. Gato, a quem morde a cobra, tem mêdo à corda. Gato escaldado de água fria há mêdo.

1375. *Bhem dita xem.* O mêdo dá (faz pagar) cem (um cento). Amedronta para aproveitar.

Equival. A quem mêdo hão, o seu logo lhe dão.

1376. *Suṇyank marn vaghak bhexṭavunk zay.* É preciso espancar o cão para atemorizar o tigre. — Voga no Canará.

Equival. Fight dog, fight bear. (Inglês).

1377. *Pavsak bhiyevn năhint uḍăllya bărı.* Como quem se atirasse ao rio com mêdo da chuva. — É usado no Canará.



1378. *Agint lasta to koytyak bhiyeta?* ¿Tem mêdo do machado quem está a arder no fogo? Quem sofre mal maior não teme o menor.

1379. *Setembrachya paḍyak ani maṭvachê hoslek bhiyevunchem.* Deve-se ter mêdo do touro de Setembro (em que abunda o pasto) e da «acompanhante» que está na «ramada».

Explicação. As bôdas são geralmente celebradas com grande aparato e sumtuosidade num lindo barracão, contíguo à casa, conhecido em indo-português pelo nome de «ramada» (vid. *Glossário*). As mulheres que formam o cortejo dos noivos, denominadas «acompanhantes», cantam loas, fazem várias cerimónias e dão-se grande importância. É possível que a máxima seja sòmente conhecida dos cristãos e usada no sentido literal.

## Capítulo CXLIII. — **Meios impróprios**

1380. *Tenkḍen momk kaḍhlyar tonḍant păḍă na.* Se se colhe o mel (duma árvore alta) com um cambo, não cai na bôca. — Diz-se de quem encarrega outro de fazer o que poderia fazer melhor por si.

Equival. Quem faz por si faz por três, e faz bem. — Análogo em italiano.

1381. *Dusryachya tonḍan udăk piyelyar tăhan bhagă na.* Não se mata a sêde bebendo água por bôca doutrem.

1382. *Ḍole dhamplyar rat zata?* ¿Faz-se noite se se fecham os olhos? — Diz-se de quem supõe que os outros não sabem o que êle cuida saber ou trata de encobrir, para que não saibam.

1383. *Kens kaḍhlyar măḍem lohu zay na.* Com rapar o cabelo não se torna o cadáver leve. — Comum ao marata.

1384. *Kenăḍnim kăṇiyô punzaylyar ekthăy zay nant.* Se se coligem migalhas de arroz pilado com os cabelos (da cabeça de mulher), não se ajuntam.

1385. *Tus kandlyar tandu zay nant.* Não se obtém arroz descascado com pilar grança.

1386. *Vaghachi* (ou *rakxachi*) *bhuk kapsan bhagă na.* A fome do tigre (*ou* do monstro) não se sacia com algodão.

1387. *Kăṇiyo punzavun goṇiyo bhărtat?* ¿Enchem-se sacos com apanhar migalhas de arroz?

1388. *Oṇvyam lunvlyar xidav tçukă na.* Ceifando inclinado, não se evita o fôro.

Explicação. Pagam-se geralmente os foros dos campos em géneros no acto da colheita. Quem se curva muito para ceifar não pode escapar ao ôlho do cobrador ou «sacador», como se diz na Índia.

1389. *Reḍyak piḍa zalyar, paḍyak daglyar zata?* Se o búfalo tem doença ¿aproveita *para sua cura* ferretear o touro? — Diz-se quando punem o inocente pelo culpado.

1390. *Hatachim kakṇam pălevunk arso zay?* ¿É porventura necessário espelho para se verem as manilhas do braço? — Comum ao marata.

1391. *Loz aslălo malyar narl ghali na.* Quem tem loja (armazém) não mete cocos na tulha. — Quem tem meio apropriado não se serve de expedientes comuns.

1392. *Gălo kaplo, gelò khănklo.* Cortou-se o pescoço, passou-se a tosse. O remédio é pior que a moléstia. — Comum ao marata.

1393. *Băyt păḍlălo zhaḍam sanspăṭa.* O caído no poço apalpa plantas (para se segurar).

Variante. *Băyt păḍlyak kărḍatço alasro.* Ao caído no poço auxílio de palha.

Corresp. O náufrago agarra-se às algas. — Análogo em inglês.

1394. *Păyatço kanṭo haḍkunk rukhaḍ kityak zay?* Para se tirar o espinho do pé ¿que necessidade há dum madeiro? — Usado no Canará.

Equival. ¿É necessário serra para cortar uma banana? (Canarês). — He takes a spear to kill a fly. (Inglês).



1395. *Revăḍchyan Goyam.* Ir para Goa por Revorá.

Explicação. Revorá é uma aldeia situada no extremo norte do concelho de Bardês, emquanto a cidade de Goa fica para o sul. Voga o adágio no referido concelho.

1396. *Băstăḍtço yetălo ani khandar kaḍhun ditălo!* ¡Há-de vir de Bastorá e colocar sôbre os ombros *doutrem a carga!*

Explicação. Bastorá é outra aldeia de Bardês, pertencente à freguesia de Ucassaim. Um indivíduo esperava num lugar solitário que aparecesse algum homem daquela aldeia e colocasse nos seus ombros uma carga pesada, que êle não podia levantar.

Equival. Esperar pelos sapatos do defunto.

1397. *Tum thinga, hanv hinga, kăhani kări rănga?* Tu aí e eu aqui ¿como é que o conto pode ter côr viva (graça)?

Explicação. Quem ouve as fábulas, que se contam com freqüência, responde a cada período dizendo *hum*, e faz suas observações, que incitam o contista a florear a narrativa.

1398. *Mălăbh păḍăt mhuṇ, tiṭăbli păy văyr kaḍhun nidta.* Com receio de que caia o firmamento, a perdiz deita-se com os pés para cima. — Diz-se de quem se premune de meios inadequados contra um perigo imaginário.

Obs. É crença popular que a perdiz se deita de costas durante a noite e com os pés levantados.

1399. *Meza văylem keḷem kaḍhun philyad zoḍunk.* Dando uma banana, tirada da mesa *doutrem*, adquirir um afilhado (um protegido grato).

Obs. Depreende-se da ocorrência de duas palavras portuguesas que o provérbio não é antigo nem usado entre os hindus.

Equival. Do pão do meu compadre grande fatia ao meu afilhado. — É fácil ser generoso à custa da bôlsa alheia. (Dinamarquês).

1400. *Zăgachē tonḍim lagunk purăv na.* Não há nada que baste para a bôca do mundo *inteiro.*

1401. *Suṇem ghonklyar, ganv om'to păḍta gi?* Se o cão ladra ¿atemoriza-se acaso o país? — Corrente no Canará.

Equival. ¿Cai o céu pelo ladrar dum cão? (Canarês).

1402. *Ḍolyant kăir, kanant phunk.* Lixo no ôlho, sôpro no ouvido. Sopra-se no ouvido para se remover a aresta do ôlho. — Comum ao marata.

1403. *Nakan jevlyar, poṭ bhărta gi?* Se se come pelo nariz ¿enche-se a barriga? — Voga no Canará.

1404. *Suṇyak vitçarun bonṭek vechem năy.* Não se consulte o cão se se há-de ir para a caçada. Não se consultem os serventes sôbre o que se há-de fazer. — Usado no Canará.

Equival. ¿Tens porventura de preguntar ao boi antes de lhe pôr a albarda? (Telugo).

1405. *Ranant vagh ghurta mhăṇ, ganvant pokhaḷ kaḍhchem gi?* Por bramir o tigre na serra ¿abrir-se há cova no povoado *para o apanhar?* — É do Canará.

## Capítulo CXLIV. — **Mente** [1]

1406. *Zat kăḷta, puṇ măn kăḷă na.* Conhece-se a casta, mas não a mente. Pode-se conhecer a casta dum indivíduo, mas não a sua consciência psicológica. — Comum ao marata.

1407. *Pănăs phaḷun pălyet, măn phaḷun pălyet gi?* Pode-se abrir a «jaca» e examinar *o seu conteúdo* ¿poder-se há abrir a mente e examiná-la? — Usado no Canará.

1408. *Măn raza, măn părza.* A mente é rainha, a

[1] Vid. *Cuidados*, n.º 528.



mente é súbdita. É rainha quando manda, é súbdita quando obedece às paixões. — Comum ao marata.

1409. (*Riqueza*). *Dhăn ani măn koṇ sangăt?* ¿Quem dirá da mente e da riqueza? ¿Quem poderá prescrutar a mente (sondar o coração) e dar segurança da riqueza?

1410. (*Riqueza*). *Dhăn thăym măn.* Onde está a riqueza ali está o coração.

Corresp. *Ubi est thesaurus tuus, ibi est et cor tuum.* (*Evangelho*).

1411. *Mănant aslya băgăr tonḍant ye na.* Sem que esteja na mente não vem à bôca. A bôca diz o que o coração sente.

Equival. O que o coração sente a bôca não mente.

1412. *Măna prămaṇem dhăn.* A riqueza é conforme a mente (consciência). Deus dá riqueza conforme o coração.

1413. *Măn mănak sakhi divunk zaṇa.* A mente sabe dar testemunho à mente. — A consciência é a melhor testemunha.

1414. *Tuṭlem măn ani phuṭlem motim sadhă nant.* O ânimo quebrado e a pérola partida não se soldam. — Diz-se de relações de parentesco e de amizade, que por qualquer motivo se interromperam. — Comum ao marata.

## Capítulo CXLV. — **Mentira** [1]

1415. (*Deus*). *Dev ulăunk na phôṭ, ani munis ulăunk na săt.* Deus não falou mentira, e o homem não falou verdade.

Equival. *Deus verax est.* (*Evangelho*). *Omnis homo mendax.* (*Psalmos*).

1416. *Sătak ani phoṭik ganṭh na.* Não há conexão entre a verdade e a mentira.

[1] Vid. *Verdade.*

1417. *Tçandnem năy văt, ani baxkăḷachem năy săt.* O luar não é a luz do dia, e o que diz o mentiroso não é verdade. Não se deve acreditar o mentiroso.

Equival. Uma vez mentiroso, sempre mentiroso. Enganaste-me uma vez, nunca mais me enganarás.

1418. *Phoṭkiryachem na săt ani pavsachem na văt.* Não há verdade no que diz o mentiroso, *assim como* não há sol quando chove.

1419. *Photkiro săt ulăyta, puṇ phaṭ distu.* O mentiroso diz a verdade às vezes, mas parece mentira.

1420. *Phōṭ veta dhanvun, săt veta ravun.* A mentira vai correndo e a verdade devagar. Propaga-se com mais facilidade a mentira que a verdade [1].

Equival. A verdade não tem pés e anda. Só dura a mentira emquanto a verdade não chega.

1421. *Battisam dantănim phoṭăunk.* Mentir com os trinta e dois dentes.

Corresp. Mentir com todos os dentes.

1422. *Zache dant viskăl to baxhăḷ.* Quem tem dentes frestados é mentiroso.

Variante. *Baxkăḷache dant viskăḷ.* Os dentes do mentiroso são frestados.

Equival. Mente quem dá com a língua no dente. — *In multiloquio non deest peccatum.* (*Provérbios*).

1423. (*Falar*). *Tçăḍh ulăy na, thoḍem phoṭăy na.* Não fala muito, não mente pouco. — Corrente no Canará.

1424. (*Compra*). *Vămplya băgăr pikă na, phaṭăylya băgăr vikă na.* Não se colhe sem se semear, não se vende sem mentir.

Obs. Não se justifica a mentira, mas afirma-se simplesmente um facto comum. Em português (e também em

[1] Em português há provérbios em contrário: Curtas pernas tem a mentira, e alcança-se azinha. É mais fácil apanhar um mentiroso que um coxo.



castelhano) se diz: Quem não mente não vem de boa gente. E inversamente: Quem mente não vem de boa gente. — El oficial que no miente salgase de entre la gente. (Castelhano).

1425. (*Furto*). *Hatant na zatoṭç, phōṭ zata; poṭak na zatoṭç, tçori zata.* Quando não há na mão *para dar ou restituir*, ocorre mentir; quando não há para a barriga, ocorre furtar.

Equival. Quando a necessidade entra pela porta, sai a virtude pela janela.

## Capítulo CXLVI. — **Mérito**

1426. *Hătti vanṭçlyaruy lăkx, melyaruy lăkx.* O elefante, vivo ou morto, vale um «laque» (cem mil rupias). — O sábio, seja rico ou pobre, tem o mesmo valor.

Equival. Ouro é o que ouro vale. Idêntico em francês.

1427. *Hăttyak xingar naka.* O elefante não precisa de enfeites.

Equival. O bom por si se gaba. O bom vinho não há mister prègão. — Rosto formoso não precisa de pintor. (Hindustani). — À bon vin point d'enseigne. (Francês).

1428. *Bărem bhangar puṭha ghalchi gărăz na.* Não há necessidade de passar pelo crisol o bom ouro. — O bom não precisa de ser apregoado.

Equival. O bom vinho não há mister ramo.

1429. *Bărim phulam santê bhayr vătçă nant.* As boas flores não vão para fora do mercado (porque são al compradas).

Variante. *Bărim phulam santê vătçă nant.* As boas flores não chegam à praça (porque são compradas no caminho).

Equival. SchöneBlum en stehen nicht lange am Wege. (Alemão: Flores belas não ficam pela estrada por longo tempo).

1430. *Mărdi taka ărdhi.* Quem possui aptidão tem meio xerafim *de jornal.*

1431. *Zaṇo zalyak Gŏy, năkḷo zalyak păy.* Goa é para quem a conhece; a quem a não conhece é labirinto. — Referência à antiga cidade de Goa.

1432. *Băro sădantç khăro.* O bom é sempre veraz.

1433. *Apṇem kelălem vayt-bărem apṇa kăḍe asa.* Cada um tem consigo (responde por) o bem e o mal que praticou.

1434. *Pap prăghăṭ ani puṇyem gupt.* Pecado manifesto e mérito religioso oculto. — Deve-se confessar o pecado e ocultar o merecimento.

1435. *Kaxi geli, Vărănăsi geli, kărmachi khăṭkhăṭ na geli.* Foi a Caxi (Benares), foi a Varanaçi (lugares de romaria), mas não passou o remorso do acto mau.

Obs. *Karma,* «acto, feito», é no sentido teológico dos brâmanes e dos budistas «o procedimento moral da existência anterior, que influi, como causa expiatória, no procedimento da existência. Qualquer mal, portanto, que acontece a um indivíduo, atribui-se ao *karma.*

1436. *Kolxyant maṇik.* Rubi no carvão. Homem de valor entre gente ordinária. — Comum ao marata.

## Capítulo CXLVII. — **Miséria** [1]

1437. *Xiztălem kitem ani kărpătălem kitem?* ¿Que se há-de cozer e que se há-de requeimar? De tão pouco que se coze ¿quanto poderá requeimar-se? — Diz-se quando se faz alarde dos resultados duma cousa mesquinha.

1438. *Mharachi khir xistăli kitli ani kărpătăli kitli?* ¿Quanto arroz doce do «faraz» há-de cozinhar-se e quanto

[1] Vid. *Avareza,* n.º 140; *Contraste,* n.º 455.



há-de requeimar-se? — É análogo ao anterior na sua aplicação.

Obs. O «faraz», que faz serviços baixos de aldeia, mal tem para o seu comer ordinário, e ainda menos pode despender em manjares delicados.

1439. *Dant kăraylyar, poṭ bhărĕ na.* Não se enche a barriga trincando os dentes. — Diz-se de quem, reduzido a apuro, tenta remediar-se com meios inadequados. — Comum ao marata.

1440. *Halyaruy na, talyaruy na.* Não há na língua nem em alguma parte. — Diz-se duma pequena quantidade de comida, que é como se não fôsse comida.

1441. *Undir kitem hagtălo ani xeṇim kăso thaptălo?* ¿Que excremento evacuará o rato, e como estenderá com êle «xenins»?

Explicação. Já está dito que na Índia se fazem pastas grossas de bosta, que, secadas ao sol, servem de combustível. É claro que para isso não prestam as caganitas do rato.

1442. *Tachi haḍank kat laglya.* A sua pele está pegada aos ossos. É sòmente pele e ossos.

Corresp. He has nothing but skin and bones. (Inglês).

1443. *Daṇḍo marlyar gunḍo adăḷ na.* Se se bate com a bengala, nem com um seixo se topa. — Diz-se à vista da extrema miséria.

1444. *Ghărache vanse păryant khele.* Comeu os próprios aguieiros da casa. Chegou a tal apuro que vendeu até os aguieiros da sua casa para se manter.

1445. *Kharem khavunk dăm'ḍi na.* Não há um ceitil para se comer um peixe salgado (que é muito barato e usado).

Equival. He is so poor that he has not salt to his porridge. (Inglês).

1446. *Vikh kharun mărtălom mhulyar, dam'ḍi na.* Se

intento morrer de veneno, não tenho ceitil (para o comprar). — É mais enérgico que o antecedente.

1447. (*Fome*). *Aslălyachem na sukh, melălyackem na dukh, kityak poṭak laglya bhuk.* Não tenho prazer de quem vive nem dor de quem morreu, porque a barriga tem fome (que se não pode saciar).

1448. *Pănsak na pank, uryak na dik, kityak magtay bhik?* A jaqueira não tem visco, o «uró» não tem látex ¿porque é que pedes esmola (a quem a não pode dar)? — Diz-se do rico decaído, que mal tem para sua própria subsistência.

Explicação. A jaqueira — *Artocarpus integrifolia*, Linn. — e o seu fruto tem muito visco (vid. *panco* no *Glossário*). O *uró* «ou guarda-olhos» — *Excoecaria agallocha*, Linn. — produz suco, que é muito irritante.

Equival. O peixe morre de sêde no rio. (Caxmirês).

1449. *Dăḷdir makhun kityak ghetay?* ¿Porque é que te revestes de miséria? — Diz-se a quem não precisa ser mesquinho, por ter meios.

1450. *Asa kitem, uṇem kitem?* ¿Que há e que falta? Quere dizer: quem nada tem não pode dizer que lhe falta alguma cousa. — Expressa-se a extrema miséria.

1451. *Pondlê măḍkent nis na, vaylê măḍkent xit na.* A panela de baixo não tem caldo e a de cima não tem arroz. — Usado no Canará.

Explicação. Usam-se duas panelas quando se prepara arroz sêco para caril, numa das quais se deixa escoar o caldo e noutra fica o arroz. Noutras partes se usa duma espécie de celha para recolher o caldo.

1452. *Tonḍant mati păḍunk.* Cair terra na bôca *de alguem*. Isto é: ser miserável; morrer de fome.



## Capítulo CXLVIII. — **Missa**

1453. *Sakristanvak mis na.* O sacristão (não chega a ouvir) missa. — É dos cristãos.

Equival. O pé do candeeiro é o pior iluminado. — Près de l'église et loin de Dieu. (Francês). Também em italiano.

1454. *Lagxilyak mis na, kumbharak dhoḍ na.* O próximo da igreja não tem missa, *assim como* o oleiro não tem panela inteira *para seu uso*.

Equival. Près de monstier à messe le dernier.

1455. *Misak vechem dhaucun, zuzak vechem ravun.* Vá-se para missa correndo e para a guerra devagar [1].

Corresp. (em parte). Presto al mercato e tardi alla bataglia. (Italiano).

1456. *Bhaṭantlyak ărdhem mis.* O «manducar» (colono) tem metade da missa, por chegar tarde, para não faltar à rega das árvores e plantas.

## Capítulo CXLIX. — **Mundo**

1457. *Săunsar pĕḷetălyak zagăr, bhogtălyak kheĕḷ.* O mundo é uma comédia para quem o considera, e um jôgo para quem o goza.

1458. (*Dinheiro*). *Săunsarachi măḷeudi duḍu.* A mola real do mundo é o dinheiro.

1459. *Săunsar vărtăvta bhăngsal.* O mundo é um «bangaçal» (armazém).

Equival. O mundo é a estalagem do viajante. (Afgão).

1460. (*Vicissitudes*). *Săunsarantle răhatgăḍe* (ou *raz-*

---

[1] É possível que em lugar de «missa» estivesse antigamente outra palavra vernácula.

*gāḍe) bhārtat ani ottat.* Os alcatruzes do mundo enchem-se e despejam-se.

Equival. Todos têm na vida tempo de coruja e tempo de falcão.

1461. *Sāunsar axetço ani kāxtantço, sorg sukhatço ani sāntosatço.* O mundo é de desejos e de trabalhos, o céu é de alegria e gôzo.

1462. *Kitēy kelyar, sāunsar tçālta tāso tçāltālo.* Faça-se o que se quiser, o mundo andará como anda.

Obs. A Índia conservadora não reconhece mudanças no mundo moral. Muitos costumes, cuja abolição geralmente se admite conveniente, zombam dos esforços dos reformistas.

## Capítulo CL. — **Natureza e índole**

1463. *Sākāṭ lipāt, puṇ sāyāmbh lipā na.* Pode-se encobrir tudo, menos a natureza.

1464. *Zalālyatço guṇ melya bāgār khāṇḍā na.* A qualidade com que alguém nasce não se destrói sem que morra. — Análogo em marata. «A índole, sobrelevando a todas as qualidades, coloca-se à testa». (*Hitopadexa*).

Corresp. O que o berço dá a tumba o leva. Quem foi, sempre é. — Toda a ferida tem remédio, mas o mal da natureza não tem remédio. (Árabe). — *Quod natura dedit nemo negare potest.*

1465. *Jityachi khoḍ melya xivay vātçā na.* O vício do vivo não se vai sem morrer. — É análogo ao antecedente. — Comum ao marata.

Obs. O adágio provém do sânscrito e figura em várias línguas indianas.

Equival. Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita.

1466. *Sunyachi sempḍi vankḍi li nāliyen ghalyar sam'ki*



*zata?* O rabo do cão, que é torto, sendo pôsto dentro dum tubo ¿ fica porventura direito?

Corresp. O rabo do cão metido no bambu vão (oco) nunca fica são. (Indo-português). Quem nasce gato corre atrás do rato.

1467. *Sumb laslyar vāḷ veta?* Se se queima a corda de cairo ¿ desfaz-se a sua torcedura? — Comum ao marata.

Equival. O lôbo muda a pele mas não o veso. — *Lupus pilum mutat, non mentem.* — Muda el lobo los dientes y no los mientes. (Castelhano).

1468. *Vagha mhuḷlyaruy khata vaghoba mhuḷlyaruy khata.* Come se lhe chamam «tigre», come igualmente se lhe chamam «senhor tigre». O tigre não deixa de matar por consideração de cumprimentos. — O homem mau não se rende às blandícias. — Comum ao marata.

Equival. ¿ Amansa-se a cobra de capelo com tratamento afectuoso? (Tamul).

1469. *Vaghachem tçam'ḍem kolyak ghalyar vagh zata?* O chacal por se cobrir com a pele de tigre ¿ faz-se acaso tigre?

Obs. Há no *Panchatantra* e no *Hitopadexa* uma fábula do burro coberto com a pele de tigre, o qual, sendo reconhecido por seu zurrar por um guarda do campo, foi morto.

Equival. O hábito não faz monge. Também em francês e italiano — (L'âne revêtu de la peau du lion. (Francês). — It is not the gay coat that makes the gentleman. (Inglês).

1470. *Ar to ar, gaṇḍev to gaṇḍev.* A gibóia é gibóia, e a minhoca é minhoca (que não pode aspirar a gibóia).

1471. *Kazryak goḍ ghalyar goḍ zay na.* Se se põe «jagra» (melaço) na noz vómica, não se torna doce.

Equival. Pouco fel dana muito mel.

1472. *Kāḍve dudhi vakhēk marlyar goḍ zatat?* As abô-

boras amargas, sendo preparadas em hortaliça, ¿ tornam-se porventura doces?

1473. *Dhukrak mun'xyănim kaḍhlyar munis zata?* Se se mete o porco entre homens, ¿ torna-se êle homem? Quere dizer que o porco não se civilizará se viver na companhia dos homens. — Diz-se de quem é naturalmente inepto de melhorar.

Equival. Ainda que vistas a mona de sêda, mona se queda. Igualmente em castelhano e alemão.

1474. *Dhukrak kitloy dhulyar, chiklant loḷtço ravta?* Por mais que se lave o porco ¿ deixará de se rebolar ao chiqueiro?

Equival. Ensaboar a cabeça do asno, perda do sabão. Idêntico em castelhano.

1475. *Maslechya pilak piyevunk xikaunk naka.* Não é preciso ensinar o filho de peixe a nadar. — Comum ao marata.

Equival. O filho do peixe sabe nadar.

1476. *Aḍangyachem mădem padăt gelam.* O cadáver do travesso transitou expelindo gases intestinais.

1477. *Udkantlem udkant gelem.* O que era (produto) da água entrou na água.

Origem. Uma taverneira, que misturava água no vinho, quando atravessava um rio caíu-lhe na água o lenço em que levava atado muito dinheiro, e então um dos passageiros fez a referida observação.

Corresp. A água o dá, a água o leva. Os bens do sacristão cantando vêm, cantando vão. — *Salis onus unde venit, illuc abiit.* — Ill got, ill spent. (Inglês).

1478. *Rompo kăso, rukh tăso.* Qual a planta nova, tal a árvore. — O tempo não muda a natureza.

1479. (*Hábito*). *Mandkyak barbăn say na.* A rã não se constipa. — Aplica-se a quem está habituado a uma cousa que por isso lhe não faz mal, como a bebida ao bêbedo.

1480. *Khaym gelyar, pălsachya zhaḍak tin panam.*



Aonde quer que se vá, a árvore de «palas[1]» tem três folíolos. — Análogo ao marata.

1481. *Sunyak săgĕy dilyar, kundlem lenetălem.* O cão, embora se lhe dê tudo, lamberá o tacho.

Corresp. ¿ Ficará farto o cão, por mais arroz que se lhe dê? (Malaio).

1482. *Kalya sunyak phatrar ghalun ghanelyar dhovem zata?* O cão preto, pôsto sôbre uma lápide e esfregado ¿ torna-se branco?

Equival. Jurado têm as águas dos negros não fazerem alvos. — *Aethiopes dealbare.* — To wash a blackmoor white.

1483. *Monjatik piḍta to aplem khoṭem săyămbh dăkhăl kărta.* Quem maltrata o animal manifesta o seu mau natural.

Equival. Men of cruelty are birds of the devil's hatching. (Inglês).

1484. *Săyămbhachem boḍ sasṇachem koḍ.* A disposição natural é lepra para sempre. — Voga no Canará.

1485. *Ăvnyak kitlĕy xikăylyar zatitço guṇ veta vhăy?* Por mais que se instrua um homem ignóbil ¿ livrar-se há da qualidade (do vício) da sua casta? — Usado no Canará.

1486. *Kirlar bav aylyar, vasaruy yet.* Se o rebento do bambu tiver curva, tê-la há também o bambu adulto. — Corrente no Canará.

1487. *Boḍi katrun kuṭke kărum yet, udăk katrun kuṭke karum yet ki?* Pode-se cortar e despedaçar um pau ¿ pode-se acaso cortar e despedaçar a água? — É do Canará.

1488. (*Leviandade*). *Khapryatço padri altararuy naṭç kări.* O sacerdote dos pretos dançava mesmo ao altar. —

---

[1] *Butea frondosa*, Roxb.

Diz-se de quem, levado da sua propensão, não respeita a seriedade do lugar ou do acto.

Origem. Conta-se que antigamente um padre preto, quando estava ao altar para missa, ouviu a música tocar uma peça e começou a saracotear, sendo por isso depois resolvido pelas autoridades eclesiásticas não lhes conferir ordens.

1489. *Nimbatço rukh dudhan* (ou *amritan*) *ximplyar gôd zata?* Se a árvore de «nimbo» fôr regada com leite (*ou* ambrósia) ¿ tornar-se há doce?

Explicação. O «nimbo»—*Melia azadirachta*. Linn.—passa por uma das mais amargas árvores, sendo também por isso conhecida por «amargoseira». Vid. *Glossário* e Garcia da Orta (Col. xl). O provérbio é comum das línguas indianas.

Equival. Pouco fel dana muito mel.—O tamarindo sêco não perde a sua acidez. (Telugo).—*Lignum tortum haud unquam rectum.*

1490. *Aḍechem udăk narlant ghalyar goḍ zata?* Água extrínseca, metida no côco ¿ torna-se porventura doce?

Obs. O côco, que não fôr muito sêco, encerra no vão da amêndoa maior ou menor porção de água, segundo a idade, a qual é naturalmente doce e refrigerante.

Equival. Gemahlte Blumen riechen nicht. (Alemão: As flores pintadas não cheiram). Também em holandês.

1491. *Daḍavun pikăylălya păṇsak ruṭç na.* A jaca amadurecida à fôrça de bater não tem sabor.

1492. *Konḍantlo dhukăr konḍant vetălo.* O porco do chiqueiro há-de ir ao chiqueiro.

1493. *Dhukrachê sonḍiyek mudi ghalyar zata?* ¿ Fica bem pôr anel no focinho do porco?

Variante. *Dhukrachê sanḍiyek mudi ghalyar konḍant loṭtço ravta?* Se se mete anel no focinho do porco ¿ deixa êle de se rebolar no chiqueiro?

Corresp. Anel de ouro no focinho do porco. Toma a



cabra a silva e a porca a poeira. Ainda que vistais a mona de sêda, mona se queda. Também em castelhano e alemão.—Não dês honra e louvor aos porcos. (Árabe). —*Nolite mittere margaritas ante porcos.* (*Evangelho*).

1494. *Dhukrak ghali kăbay khăy, dhukăr văçun konḍant loḷlo.* Vestiu-se o porco de «cabaia», e êle foi espojar-se no chiqueiro.

1495. *Vagh vaghak khay na.* Tigre não come tigre.

Equival. Nunca lôbo mata outro.—O tigre não come seus filhos. (Malaio).—A sanguessuga não se apega ao corpo de sanguessuga. (Sânscrito).—*Omne animal diligit simile sibi, sic et omnis homo proximum sibi.* (*Eclesiástico*).—Les loups ne se mangent pas entre eux. (Francês).—One raven will not pluck another's eyes out. (Inglês).

1496. *Xinv bhaglo mhuṇ tăṇ khay na.* Por estar inânido, o leão não come palha.

1497. *Hăṭṭi bhaglo zalyar ghoḍyachê ghoḍvăṇint zata?* Por estar emmagrecido, ¿ poderá o elefante entrar na cavalariça de cavalo?

1498. *Ḍenklo khăḍăḷ sodhta.* O «denclô» (pequeno peixe de água doce) procura água turva (para aí viver).—Diz-se de quem é muito grosseiro.

1499. *Zatichim mharam zalyar haḍam khatit.* Se forem «farazes» de natureza, comerão ossos.

1500. *Aḍechya udkan rikami băy bhărŭ na.* O poço vazio não se enche com a água levada de fora.

1501. *Phuṭlăli măḍki vazăyḷyar avaz zay na.* Se se tange panela rachada, não soa.

## Capítulo CLI.—**Necessidade**

1502. *Gărjek sampăḍlo, ăkklê bhayr sărlo.* Achou-se em necessidade, desviou-se do pundonor.

Equival. A necessidade não tem lei. Dar é honra, pedir é desonra.

1503. *Gărjedarak ăkkăl na, ăuxădharak mol na.* O necessitado não tem recato; o ervânário não tem preço. — Comum ao marata.

Equival. A necessidade é inimiga da virtude.

1504. *Nibra băgăr lokhănḍ pazā na.* Não se afia o ferro sem cousa dura.

Equival. Para grandes males grandes remédios.

1505. *Gărăz aslyar suyechya birḍyan veta, na zalyar darvajyantlyanuy zay na.* Se tem necessidade entra pelo furo de agulha; aliás, nem pelo portão passa.

Equival. O furo de agulha é suficiente para o amigo; o mundo inteiro não basta para o inimigo. (Persiano).

1506. *Gărăz karta kărtç.* Quem tem precisão despende dinheiro.

1507. *Aplē gărjē gaḍhum rajē.* Por necessidade própria, o burro é rei. — Comum ao marata.

Equival. Dai-me pobre, dar-vos hei lisonjeiro. — Rogar al santo hasta pasar del trance. (Castelhano).

1508. *Gărăz păḍtotç, gorvak păryant baba mhuṇunk zay.* Quando haja necessidade é preciso dizer «meu menino» até a um boi.

Equival. Todos têm de curvar a cabeça ao barbeiro. (Hindustani). — Quando os pedimos, Dueña os decimos; quando os tenemos, como queremos. (Castelhano).

1509. *Bhero sodhta kan, kurḍo sodhta ḍole, tum kitem tem pāle.* O surdo quere ouvidos e o cego quere olhos; vê tu o que queres. — Diz-se a quem não expressa claramente o que pretende.

1510. *Tahnelăli gay chikăl khay.* A vaca sequiosa ingerirá lama. — Comum ao marata.

Equival. A água salobra na terra sêca é doce.



## Capítulo CLII. — **Nobreza**[1]

1511. *Nanv thoranchem, biz tçoranchem.* O nome é de grande homem, mas a origem é de ladrão. — Diz-se de riqueza mal adquirida.

Corresp. Não há geração sem rameira ou ladrão. Em longa geração ha conde e ladrão. — Human blood is all of one colour (Inglês). — Als Adam grub und Eva spann, wer war denn der Edelmann. (Alemão: Quando Adão cavava e Eva fiava, ¿onde estava então o nobre?).

1512. *Muhurt lāhan, kirt vhāḍ.* O início é exíguo, a fama é grande.

Equival. Panadera erades antes, aunque ahora tracis guantes. (Castelhano).

1513. *Kavlo konkari, kavlyatço bapuy bhikari.* O corvo grasna com entono, mas seu pai é mendigo. — Referência à procedência humilde de quem faz alarde da sua actual situação.

1514. *Laslālya ghăratço vaso.* Aguieiro de casa queimada. — Usado no Canará.

## Capítulo CLIII. — **Novidade**

1515. *Năvem năvem angar săvem.* O muito novo (fato) fica bem ao corpo. — Análogo em canarês.

Equival. Pelos santos novos esquecem-se os antigos (ou velhos). — Au nouveau tout est bon. (Francês). — Novelty always appear handsome. (Inglês).

1516. *Năvem năvem oṇir ṭhevem.* O que é inteiramente novo guarda-se no cabide (trata-se com mais cuidado e poupança).

---

[1] Vid. *Baixeza; Castas*, n.os 213 e 214; e *Deus*, n.º 620.

## Capítulo CLIV. — **Obediência**

1517. *Tòḍ mhuṇta tem toḍchem, lambta tem kityak zay?* Deve-se arrancar o que se manda arrancar ¿ que necessidade há do que pende? — Diz-se de quem, em vez de obedecer, está a argüir sôbre a utilidade do acto.

1518. *Juze, Juze, phunk re uzo. Phunktam, saheba, gulam' tuzo* «José, José, sopra o lume». Sopro, senhor, vosso escravo. — Usado no Canará.

1519. *Tonḍantlem utăr bhăyr sărunk di na.* Não deixa sair a palavra da bôca. É tão pronto em obedecer, que mal deixa concluir o que se lhe manda.

## Capítulo CLV. — **Obstinação**

1520. *Aykun bhero, dekhun kurḍo.* Ouvindo, é surdo; vendo, é cego. — Diz-se de quem não faz o que se manda ou finge ignorância.

1521. *Nidlălyak konuy zago kărit, zagyak koṇ kărit.* Qualquer pode acordar o dormido, ao despertado ¿ quem o poderá acordar?

1522. *Aplentç vazănnk.* Tanger sempre a sua. Insistir constantemente na sua opinião.

Equival. *Eandem cantilenam recinere; et eadem chordâ aberrare.* (Horácio).

## Capítulo CLVI. — **Ocasião** [1]

1523. *Varem yetotç varyak divunchem.* Deve-se ventilar quando sopra o vento. — Também em tamul.

Equival. Dar à vela quando há vento. (Tagalo, nas

[1] Vid. *Oportunidade.*



Filipinas). Também em francês e inglês. — Tomar la ocasión por los cabellos. (Castelhano). — Mets ton manteau comme vient le vent. (Francês).

1524. *Dekhlem mădem, aylem rădem.* Viu-se o cadáver, exciton-se o chôro. — Comum ao marata.

1525. *Mădyak pălelya xivay dukh ye na.* Sem se ver o cadáver não sai lágrima. — Usado no Canará.

1526. *Dekhlo gundo, phodlem kăpal.* Viu-se uma pedra, partiu-se a cabeça *com ela.*

Equival. Quem arreda aso arreda pecado.

1527. *Dantyar băstotç git yeta.* Quando alguém se assenta ao moinho de mão, ocorre-lhe canto. — Idêntico em marata e guzarate.

Obs. As mulheres que moem cereais, especialmente em ocasiões festivas, costumam cantar, às vezes a desafio, para se recrear ou aliviar do trabalho.

1528. *Santek gelya băgăr dăr kălă na, kazarak gelya băgăr gan xikă na.* Não se sabem os preços sem ir ao mercado, nem se aprende o canto sem ir às bodas.

1529. *Velar veăl, xigmyar kheăl.* Tempo ao tempo, folguedo por ocasião do «sigamó» (carnaval hindu; vid. n.º 36).

Equival. Alegria, Entrudo, que amanhã será cinza. — Tudo vem a seu tempo, e os nabos no advento. Também em castelhano. — Take time by the forelock. (Inglês). Take time when time is, for time will away. (Inglês). — *Omnia suum tempus habent. Ficus post prandium.*

1530. *Ukir ustitotç koyliyô dixti păḍtat.* Quando se revolve o monturo, aparecem cacos.

1531. *Uḍlo kolo, zhaḍli xempḍi.* Saltou o adibe, sacudiu o rabo. Passada a ocasião, os grandes não se lembram do que disseram.

1532. *Moḍtê xantê pavlo, rikamo părtălo.* Chegou ao levantar da feira, voltou desprovido.

1533. *Hatantlo sănso soḍun divuntço kăso?* ¿Como é

que se largou a lebre que estava na mão? — Diz-se quando se deixa passar a ocasião favorável.

1534. *Vethechya dhărman Göy pălelem.* Vi a cidade de Goa por ocasião de contribuição de trabalho. Tirar bem do mal.

Obs. Vogava antes na Índia Portuguesa, assim como em outras partes, o serviço forçado, para acudir às necessidades do Estado, e os que os prestavam eram chamados «begarins», os quais por vezes nem eram pagos. Vid. o *Glossário.*

Equival. O touro que me escornou em bom lugar me lançou.

1535. *Văgtar văgăt, na zaylar bhăngăt.* Tempo ao tempo, aliás é transtôrno. Faça-se cada cousa a seu tempo.

Equival. Tudo vem a seu tempo, e os nabos em advento. Também em castelhano. — *Omni negotio tempus est et opportunitas.* (*Eclesiástico*).

## Capítulo CLVII. — **Opinião**

1536. (*Soberba*). *Apuṇ chinta tentç khărem* Só é verdade o que êle pensa. — Diz-se de quem se não rende aos argumentos doutrem.

1537. *Dista itlĕy khărem năy.* Não é verdade tudo quanto parece.

Corresp. Parecer não é ser.

1538. *Mesta, mesta, tujya mănant kăsem dista?* Mestre, mestre, ¿que vos parece na vossa mente? — Usado no Canará, às vezes irònicamente.

## Capítulo CLVIII. — **Ociosidade**

1539. *Nidlyar pot bhărā na.* Quem dorme não enche a barriga.



Equival. A raposa dormida, não lhe cai nada na bôca. Também em outras línguas. — Não entram veados na bôca do leão que dorme. (Sânscrito). — *Noli diligere somnum, ne te egestas opprimat.* (*Provérbios*).

1540. *Hat-pāy panghrun băsunk.* Estar assentado embrulhando as mãos e os pés num cobertor. Não fazer nada.

1541. *Hat panghurlyar kamam zatat?* ¿Realizam-se porventura os negócios com os braços cruzados?

Equival. Perdendo tempo, não se ganha dinheiro.

1542. *Udharo nidun tonḍ ughăḍlyar, tonḍant kāy păḍă na.* Quem se deita supino e abre a bôca, não lhe cai nada nela.

Equival. A ociosidade é mãe da pobreza. Análogo em inglês («chave» por «mãe»). — Nem a mais madura fruta cai na bôca. (Chinês). — *Qui sectatur otium stultissimus est.* (*Provérbios*).

1543. *Khandar paḷănv kaḍhun bhănvunk.* Divagar traçando sôbre o ômbro a ponta superior do pano de vestir. Diz-se de mulheres que passam o tempo em ócio.

1544. *Khăym geloy? khăym na; kitem hadly? kāy na.* ¿Aonde foste? A nenhuma parte. ¿Que trouxeste? Nada. — Diz-se de quem anda à toa.

Equival. On a rien pour rien (Francês).

1545. *Ăngak sukh, poṭak bukh.* Descanso ao corpo, fome à barriga. Quem não trabalha não come.

1546. *Ukalyar dis kaḍhunk.* Passar os dias em cobrança (o que se reputa ocupação cómoda). — Diz-se de quem vive à custa de barba longa.

1547. *Varyar dis kaḍhunk.* Passar os dias sôbre o vento. Não ter meios de vida conhecidos; viver à matroca.

1548. *Bekar bhonvun jevunk sodhta tachi kakut kon kărta?* ¿Quem tem compaixão de quem quere comer sem trabalhar?

1549. *Jevunchi khavunchi asa, axa mun'xya, băslay kityak kon'xya?* Tens vontade de jantar e de comer, ô homem ¿porque estás sentado ao canto (sem nada fazer)?

Equival. The cat loves fish, but sh'is loth to wet her feet. (Inglês).

1550. *Lăkxyatço bekar, kadiyetço yepar.* Antes negócio de bagatela que ócio de «laque». É preferível uma ocupação qualquer à ociosidade do opulento.

1551. *Bhexto thăvi phudnem tasi.* O carpinteiro ocioso raspava os quadris. — Comum ao marata.

Variante (mais explícita). *Kam' naslălo atçari aplya burgyache kule tasi khăy.* Diz-se que o carpinteiro ocioso raspava os quadris de seu filho. — Usado no Canará.

Equival. Quem tem vagar faz colheres. A ociosidade é mãe de todos os vícios. — O barbeiro ocioso barbeia os escabelos. (Guzarate). By doing nothing we learn to do ill. (Inglês).

1552. *Sabsubo darar kityak ubho?* ¿Porque é que estás sem motivo ao pé da porta? — Diz-se de quem não faz nada e atravanca o caminho dos outros, ou de quem está a espreitar disfarçadamente.

1553. *Asăsăr khayt, magir bhik magăt zayt.* Comerá emquanto tiver, depois irá mendigar. — Diz-se de quem não trabalha e vive do pouco que herdou.

1554. *Randhun jevunk kăxt, bhonvun khavun sukh.* É fadiga cozinhar e jantar; é prazer andar à toa e comer.

1555. *Alei dhărnik bhar, xitak khar.* O ocioso é pêso para a terra e encargo para o arroz.

1556. *Ghărak na kăul, ani rikamyak na dăul.* A casa não tem telha e o ocioso não tem adôrno. O mandrião não tem com que vestir, assim como não tem telhas a casa de quem não tem dinheiro.

1557. *Bekar pădlălyachim kamam.* São ocupações dos ociosos. — Diz-se dos que desperdiçam o seu tempo em futilidades e nonadas.



## Capítulo CLIX. — **Oportunidade**[1]

1558. *Vetek tçukta to vanvak tçukta.* Quem falha por um palmo falha por uma braça.

Equival. De pequena bostela gran mazela. Por um ponto perdeu o diabo o mundo. — Faute de clou, le cheval est mort. (Francês). — For want of a nail the battle was lost. (Inglês).

Variante (mais desenvolvida). *Vetek tçukta to vanvak tçukta, vanvak tçukta to ganvak tçukta.* Quem falha por um palmo falha por uma braça, quem falha por uma braça falha por uma aldeia.

Equival. Por uma hora se perde a maré, por uma maré se perde a monção.

1559. *Dant astana tçăne khavunche.* Deve-se comer grão de bico emquanto há dentes. As cousas fazem-se a seu tempo.

Obs. Em Goa come-se grão torrado, mas não o pode mastigar quem não tem dentes.

1560. *Gărje purtim kamam, nayka purti kădhi.* As acções são segundo a necessidade, e o caril é segundo a personagem.

1561. *Kama prămanem Rama.* Segundo a precisão, Rama. — Diz-se «Rama» (que é tratamento honorífico) conforme a oportunidade.

1562. *Kama purto mam', taka purto Ram'.* Conforme o negócio é tio materno (tratamento de respeito e de afecto), e conforme o maçal (que se oferece) é Rama. — Comum ao marata.

1563. *Yeta to văgăt ghevuntço.* Deve-se aceitar o tempo que ocorre. Deve-se proceder consoante a ocasião oportuna.

---

[1] Vid. *Ocasião; Conselho*, n.º 427.

Equival. Quando o boi cai afia a tua faca. (Hebraico).

1564. *Chinti naslălem ghăḍlem, sămăya prămaṇem bhogchem păḍlem.* Aconteceu o que se não esperava, convém ageitar-se-lhe segundo a oportunidade.

Equival. Schick dich in die Zeit. (Alemão: Acomoda-te ao tempo).

1565. *Taplălya tăvyar bhakri bhaza.* Assai a «apa» (bôlo) sôbre o caco quente.

Equival. Malhar emquanto o ferro está quente. Também noutras línguas europeias.

1566. *Hoklĕk phulam saḍyar, baḷăntik khaṇ veḍhyar.* Para a noiva, flores no tempo do enxoval; para a puérpera, comida *tónica* no tempo em que traz laço na barriga.

1567. *Tata bărabăr kătha.* O conto ao deitar-se.

Explicação. Costumam os que se deitam em grupo contar histórias emquanto não adormecem. Também narram fábulas às crianças para as induzir a dormir. *Tatá* é expressão infantil.

1568. *Khaprya, pil* (ou *kald*) *zay? Atam măjya bhonkant ghal.* ¿O preto, queres frango (ou caldo)? Meto-o agora no meu ânus.

Origem. Preguntava o amo ao seu criado preto se queria caldo de frango, quando estava a morrer. O preto respondeu-lhe que já era tarde.

Equival. Ao burro morto cevada ao rabo. Idêntico em castelhano — Après la mort, le médecin. (Francês).

## Capítulo CLX. — **Ostentação**[1]

1569. *Mixiyank tup lavun bhonvta.* Anda com o bigode untado de manteiga (para aparentar que a come). — Comum ao marata.

[1] Vid. *Aparências.*



Variante. *Ambil jevta puṇ mixiyamk tup lavun bhonvta.* Come tisana de «nachenim» (que é comida reles) e anda com o bigode untado de manteiga.

Variante. *Kăṇiyo khavun mixiyank tup layta.* Come fragmentos de arroz e aplica manteiga aos bigodes. — Comum ao marata.

Obs. Sòmente indivíduos abastados podem fazer uso de manteiga na Índia.

1570. *Kăxṭanchem jevăṇ tări zalem, margar băsun jevunchem năy.* Se bem que a comida seja do teu trabalho, não a comas sentado na estrada. Não faças alarde do que é teu.

1571. *Chitarlălya* (ou *pintarlălya*) *vagha, maka yevun kha ga.* Tigre pintado, vem devorar-me. — Diz-se de quem blasona ter afrontado grandes perigos. O objecto sem valor tem por vezes magnífica aparência.

1572. (*Dívida*). *Riṇ kaḍhun phest* (ou *săṇ*) *kărunk.* Fazer a festa contraindo dívidas.

Obs. Há em Goa indivíduos que, por ostentação, fazem, como juízes da festa, muita despesa, recorrendo até a empréstimos.

1573. (*Furto*). *Haka taka nagăy, phirăngyachi părăb zăgăy.* Rouba a êste e áquele e provê à festa do português.

Obs. É natural que o adágio se funde em algum facto histórico, em que se tenham empregado meios ilícitos para se abrilhantar uma festa.

1574. *Natçchem uḍchem koṇem? Sanjê jevunk na taṇem.* ¿Quem é que deve dançar e pular? Aquele que não tem comer para a noite.

Equival. Vida é prazer de quem não tem saber.

1575. *Năḍṇi thoḍi, puṇ koṇḍo moṭo.* A mondadura é pouca, mas é grande a caroça *da mondadeira.*

Equival. Mais são as vozes que as nozes. Muita palha e pouco pão. Gato miador nunca é bom caçador. — *In*

*jactabundis facta pusilla viris.*—Mucho ruido y pocas nueces. (Castelhano). Gran fumo, poco arrosto. (Italiano). —Great boast, small roast. (Inglês).

1576. *Ami giresitham, puṇ mathyak ghalunk tel na.* Nós somos *aparentemente* ricos, mas não temos óleo para pôr na cabeça.

Obs. É costume na Índia usar azeite de côco para os cabelos, como se faz por todo o Oriente. Jesus Cristo repreende um fariseu, que o hospedava, por lhe não ter untado os cabelos com óleo.

Equival. Por fora liso e pintado, por dentro palha. (Bengali).

1577. *Lamb tiḷe naykanche, ghărant hăl baylanche.* Compridos são os sinais da testa dos senhores (cavalheiros), mas em casa é apêrto das mulheres (por não terem com que comprar os preparativos do comer).—Análogo em bengali.

Explicação. Os hindus trazem sinais sectários na testa, no peito e nos braços, feitos depois do banho diário, com diversos materiais e de várias formas, conforme a seita a que pertencem.

Equival. Por dentro pão bolorento, por fora cordas de viola.

1578. *Antachi bail pendta, puṇ saḍo nesunk gondhta.* A mulher de Antá (nome gentílico)) requebra-se, mas não sabe vestir o «pano» devidamente.

Equival. A mulher do fidalgo, pouco dinheiro, grande trançado.

1579. *Eka pakhan mŏr zavunk.* Fazer-se pavão com uma pena *do mesmo.*—Comum ao marata.

Equival. Nem um dedo faz mão, nem uma andorinha faz verão.—Un fior non fà ghirlanda. (Italiano).

1580. *Uthăḷ pangak khăḷkhăḷ tçăḍh.* Água de pouco fundo faz muito ruido.—Comum ao marata.

Equival. O objecto sem valor tem por vezes magnífica aparência. Onde vai mais fundo o rio, aí faz menos ruido.—Empty vessels gives the greatest sound. (Inglês).



1581. *Xelo panghurlo ani hinvan melo.* Cobriu-se com chale e morreu de frio.—Comum ao marata.

1582. *Nanv băḍha, puṇ muxara thoḍa.* Grande é o nome mas pequeno o salário (que recebe)[1].

1583. *Bhaylyan băḍay, puṇ bhitărlyan na upay.* Ostentação por fora, por dentro não há remédio de vida.

1584. (*Riqueza*). *Bhăvtantço sayro upaxi melo.* O hóspede dos opulentos morreu de fome.

Obs. O comer que se deu, pôsto que bem preparado, não matou a fome, por não ser suficiente ou sucalento.

1585. *Baḍayen tçalta to durbăḷkayek sampăḍta.* Quem vive com fausto cai na pobreza.

1586. *Chirḍyanchem raz.* Reinado de melindres (que desabrocham espontâneamente em grande cópia e duram pouco).—Grandeza efémera.

Equival. A côr de melindres dura três dias. (Marata).

1587. *Ghoḍe satryô ghevun yevunk.* Vir com cavalos e «sombreiros» de luxo. Vir com grande pompa e aparato.

1588. *Udkachya băḷar sunkăṭ uḍta.* O camarão salta com a fôrça *que lhe provém* da água.—Pompeia à custa alheia.

1589. *Randechya putak virkundantço kheŭḷ kityak zay?* O filho da viúva ¿porque é que quere o jôgo de espata de arequeira?

1590. *Kanant na kărabam ugitç kityak moḍtây pregam?* Não tens cravos nas orelhas ¿porque fazes pregas no fato?

Obs. Vê-se que o prolóquio é dos cristãos, entre os

---

[1] O provérbio é pròpriamente marata, como denota a sua morfologia.

quais são muito comuns as palavras portuguesas aí empregadas.

Equival. Meter-se em cavalarias altas.

1591. *Ghărchem dudh vhărun maḍa muḷant piyelya bări.* Como quem levasse leite de casa e o tomasse ao pé da palmeira (para ser visto por gente). — Usado no Canará.

1592. *Kumpadriger kitem uṇem? nistyak na mhuṇ marlam suṇem.* ¿Que falta em casa do compadre? por não haver peixe para caril matou-se um cão. Evidentemente, aqui há uma ironia. — Corrente no Canará.

1593. *Hăttyache dant khavunche vegḷe, dakhaunche vegḷe.* Os dentes dos elefantes, os de comer são diferentes dos de mostrar. — Comum ao marata.

## Capítulo CLXI. — **Pais e filhos**[1]

1594. (*Mente*). *Măn zaṇo pap, may zaṇo lenkratço bap.* A consciência sabe o pecado e a mãe sabe o pai do filho. — Comum ao marata.

1595. *Thonṭem panglem kuxichem, dhoḍ păr̥l xetachem.* Coxo ou zambro é do ventre *da mãe, assim como* cheio (grão) ou vão é da várzea.

1596. *Viyevunk săko ti lenvunk săko.* Quem pode dar à luz pode *também* lamber. A mãe que procriou o filho, tem de cuidar dêle.

1597. *Bapuy tăsi puti, khăṇ'ta tăsi mati.* Qual o pai, tal a filha, e o barro é conforme *o lugar onde* se cava.

Corresp. Qual o pai, tal o filho. Quem quer que é, a seu pai parece.

1598. *Mazriche dant mazrichyam pilyank lagă nant.* Os dentes da gata não ferem a sua cria.

---

[1] Vid. *Fingimento*, n.º 913.



Equival. O couce da égua não faz mal ao potro. Também em outras línguas. — Os pintainhos não morrem pelo golpe do pé da galinha. (Caxemirês). — Los pies del hortelano non echan á perder la huerta. (Castelhano).

1599. *Avăy-bapaychem axirvătçăn burgyachem jiṇem kărta sămadhan.* A bênção dos pais faz feliz a vida do filho.

Corresp. A bênção dos pais é precursora da ventura dos filhos. (Bastos [1]). — *Benedictio patris firmat domos filiorum.* (*Eclesiástico*).

1600. *Avăy-bapay khal ravxi, sănkăxṭam viṇem băryak paxi.* Se fôres obediente aos pais, sem dificuldade serás ditoso.

Corresp. *Qui honorat patrem suum jucundabitur in filiis, et in die orationis suae exaudietur.* (*Eclesiástico*).

1601. *Zaḍi zoḍi păilo, avăy-bapayk sanḍlo dăldirak sampădlo.* Começou a ganhar bem, abandonou os pais, tornou-se miserável.

1602. *Avăy-bapayk dukh dixi, vălvălyank sampăḍxi.* Se ocasionares sofrimentos aos pais, serás desgraçado.

Equival. *Fili, suscipe senectam patris tui; et non contristes eum in vita illius.* (*Eclesiástico*).

1603. *Acăy-bapayk vălvălayta to aplo phuḍar bhăngăyta.* Quem molesta seus pais destrói o seu futuro. Quere dizer que será desgraçado.

1604. *Avăy-bapaytço xirap bhăv khărab.* A maldição dos pais é muito maléfica.

Equival. Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim haverás. — *Maledictio matris eradicat fundamenta.* (*Eclesiástico*).

1605. *Avăyk divum naka dukh, sădankal tuka meḷăt sukh.* Não penalizes tua mãe, serás sempre feliz.

---

[1] José Joaquim Rodrigues de Bastos, *Collecção de Pensamentos, Maximas e Proverbios.*

1606. *Avăychem dukh gălăyai, dăḍirak sampăḍai.* Se fizeres a mãe verter lágrimas, serás desgraçado.

1607. *Avăy-mõg cisrăt to săgḷya kamantlo nisrăt.* Quem se esquecer do amor da mãe será infeliz em todo empreendimento.

1608. *Avăychya pahnyatço ughḍas sadankal sambhaḷ tujya pădrak.* Guarda sempre na tua memória a lembrança do leite da mãe.

1609. *Avăy mogachi, bapuy axetço, bhăhiṇ tănvrem, bhau tikem.* A mãe é de amor, o pai de esperança, a irmã de estanho e o irmão de aço. A mãe é amorosa, o pai sustenta, o irmão é duro, a irmã é flexível.

1610. *Zhaḍ răḷta phăḷak, puṇ phăḷ răḍă na zhaḍak.* A árvore chora pelo fruto, mas o fruto não chora pela árvore. A mãe sente pena do filho, mas o filho não tem pena da mãe.

Obs. O suco que sai do pedúnculo do fruto, quando se arranca da planta, denota as lágrimas da mãe por sua perda.

Equival. O feijão esquece-se da sua vagem. (Malaio).

1611. *Bhiti khăntichi avăy, ghoḍyam sătriyantço bapuy.* A mãe é para mêdo e tristeza, o pai é para cavalos e «sombreiros». Quero dizer que a mãe é pessimista, a qual aprende mal, e se rala, emquanto o pai é optimista, que gosta mais de cómodos e fausto.

1612. *Bap tçălăyta tarum tăr, put tçălăytălo hoḍem puṇ.* Se o pai marear um navio, o filho mareará ao menos um barco.

1613. *Arăychê boḍi dhuv măḷki phoḍi, bapaychê boḍi put naugăr ghăḍi.* A exemplo da mãe, a filha escaeava a panela; a exemplo do pai, o filho fabricava o arado.

Equival. ¿Deixará a filha de seguir as pisadas de sua mãe? (Telugo).

1614. *Avăy martotç kăḷat (kăḷăt), miṭh mugdtotç (?) kaḷat.*



Depois de morrer a mãe, saber-se há *a sua falta, assim como* quando acaba o sal, se conhece *a sua* necessidade. — Usado no Canará.

1615. *Avăy-bapayger bara zotam, ani hauv bhik magun khatam.* Em casa de meus pais há doze juntas de bois, e eu vivo mendigando.

Obs. Compare-se com o que diz o Filho Pródigo no Evangelho. É uma filha casada e empobrecida, que, conforme a lenda, o dizia, e que depois se tornou milagrosamente rica.

1616. *Ayavchem gelam kheḷunk, ranḍechem babḍem gelam zălmăzugak.* A criança da mulher casada foi brincar, e a pobrezinha da viúva foi pagar tributo à natureza. A primeira parte tem o equivalente em marata.

Explicação. A criança da mulher, que tem marido, se morre, é como se tivesse ido brincar, porque podem nascer outras; a viúva, se lhe morre a que tem, não pode ter outras.

1617. *Putanchi avăy bhik magun melya, dhuvanchi avăy uvănim khavun melya.* A mãe de filhos morreu mendigando (por êles a não sustentarem), a mãe de filhas morreu comida de piolhos (por elas os não catarem).

1618. *Cheḍo maḍa bări, cheḍum keldya bări.* O filho é semelhante ao coqueiro, e a filha à macaca. O filho ganha, a filha consome. — Usado no Canará.

Obs. O coqueiro é a mais útil árvore e é símbolo de produtividade, sendo por isso denominado em sânscrito «rei de plantas», *triṇăraja.*

1619. (*Sogra*). *Dhuve phuḍe maḷchem năy ani sunê phuḍe kanḍchem năy.* Não deve uma mulher enflorar-se em presença da filha, nem pilar em presença da nora (porque lhes causaria inveja).

1620. (*Casamento*). *Dhuv kazar keli ghăra bhayr păḍli, sun haḍli ghărachi ghărkarṇ zali.* Deu-se em casamento a filha, ficou fora de casa; trouxe-se nora, tor-

nou-se dona da casa (em lugar da sogra).—Dizem assim as mães.

Equival. Filha desposada, filha apartada.

1621. *Mathyavăylem ojhem dăvărnyar dăvărlem.* Pôs-se sôbre o pouso a carga que estava na cabeça.

Explicação. Há na Índia postos ao longo das estradas para as cargas dos viandantes, que as podem colocar e levantar sem auxílio doutra pessoa. Figuradamente, o adágio quere dizer que se passou a carga da filha para os ombros do genro.

1622. *Vaḍhlăli tçăli kusläli ponvli.* A filha adulta é como a podre espata de arequeira.

Obs. A filha inupta é desonra para os pais, que não a puderam casar por falta de dote ou outro defeito.

1623. (*Casamento*). *Kazar kărchê adim cheḍum zăḍ, kazar kărtotç goḍ.* A filha é gravosa antes de casar e é doce depois de casar.

1624. *Cheḍvankarachi man sădantç khalti.* A cabeça de quem tem filhas é sempre inclinada (sob o pêso de cuidados para lhes arranjar maridos).

Equival. Quem casa sua filha depenado fica.

1625. (*Casamento*). *Bapaychem kazar poranchem kărta hălahăl.* O casamento do pai faz apuros dos filhos (do anterior matrimónio).

Obs. Não se menciona aqui a mãe, porque a viúva, que tem filhos, entre os hindus nunca, e entre os cristãos em regra não casam.

1626. *Pay-măy kărta pap ani burgyank dita jap.* Os pais cometem o pecado e respondem aos filhos.

Obs. É obscuro o sentido. Parece que quere dizer que os pais disfarçam sua falta fazendo responsáveis aos filhos, ou que lhes dão ocasião para a lançar em rosto.

1627. *May năy, mavzi hoy?* ¿Não a mãe, mas sim a tia?—Diz-se de quem mostra preferir a tia ou a madrasta à própria mãe.



1628. *Avăyn dilălem urlem, bapayn dilălem sărlem.* O que a mãe deu subsiste, o que o pai deu acabou-se.

Obs. As jóias próprias que a mãe deu à filha casada conservam-se, mas o dote que o pai deu em dinheiro consumiu-se.

1629. *Avăyn dilălem thoḍem, bapayn dilălem goḍem.* O que a mãe dá é pouco, o que o pai dá é doce.

Obs. Dizem assim as mães aos filhos, que lhes pedem mais de comer, por terem com ela mais liberdade.

1630. *Bara hat tăvxem, tera hat bi.* O pepino mede doze «mãos» (vinte e quatro palmos) e a pevide treze «mãos». Isto é: o filho pretende ser superior ao pai.

1631. *Cheḍvak ani mathyak sṛingar kelo titloy pavă na.* À filha e à cabeça não basta todo o adorno que se faça.

Obs. As mulheres indianas enfeitam a cabeça com muitas jóias e flores.

1632. *Cheḍo zalyar bapayk aday, cheḍum zalyar ajyak aday.* Se nasce filho, é proveito do pai; se nasce filha, é proveito do avô. O filho trabalha com o pai, a filha conversa com o avô.

1633. *Cheḍo zalălyak ani maḍ laylălyak bhed kitem?* ¿Que diferença entre quem teve um filho e quem plantou um coqueiro? Quere dizer que é tão proveitoso o coqueiro quanto o filho.—Usado no Canará.

1634. *Cheḍvachya ghovak dilem itlĕy thoḍem.* É pouco tudo quanto se dê ao marido da filha.

Corresp. O saco do genro nunca é cheio.

1635. *Avăy mărta dhuve pasun ani dhuv mărta ghova pasun.* A mãe fina-se por amor da filha, e a filha fina-se por amor do marido.

Equival. A filha é a fôrça do genro. (Sânscrito).

1636. *Phuḍlya phuḍe kitĕy zanv, zanvăy mevla sankhristanv.* Seja como fôr para o futuro; entretanto tem-se por genro um sacristão (ligado ao serviço religioso).

1637. *Bapuy naslălo put parpăl, avăy naslăli dhuv parpăl.* É esquivo o filho que não tem pai *vivo*, e a filha que não tem a mãe *viva*.

1638. *Băro mhuṇ poṭlun dhărum năzo, vayṭ mhuṇ kadhn uḍăum năzo.* Por ser bom *o filho*, não se amime demasiado (para se não estragar); por ser mau não se deito fora (por ser crueldade e contrário à natureza).

1639. *Avăy natullem* (= *naslălem*) *burgem paus natullem beḷem.* A criança, que não tem mãe, é *como* a sementeira que não tem chuva. — Usado no Canará.

1640. *Avăychem măn kantli, burgyachem măn kărṭi.* O coração da mãe é *mole como* o meolo do côco, o do filho é *duro como* a «chareta» (endocarpo). — Voga no Canará.

1641. (*Rei*). *Ray natullo ganv năy, cheḍum natullem ghăr năy.* Não é *pròpriamente* país o que não tem rei; não é *pròpriamente* casa a que não tem filha. — É do Canará.

Equival. Quem não tem filha não tem amiga.

1642. *Avăy ekutç put, keḷămbyak ekutç goḍay.* Para a mãe um só filho *basta, assim como* para a bananeira um só cacho. — Corrente no Canará.

1643. *Avăy terit burgo, suṇem terit sim'ṭi.* O filho é conforme a mãe, e o rabo é conforme o cão. — Corre no Canará.

1644. *Dha zăṇanchi avăy vaṭêr păḍun melli khăym.* Conta-se que a mãe de dez filhos morreu caída na estrada (onde mendigava).

1645. *Avăy-bapuy mărum, puṇ wezar-samari urum.* Morram os pais, mas vivam os vizinhos. — Dizem os pais aos filhos que se bandeiam demasiadamente pelos vizinhos [1].

---

[1] Pode-se também interpretar noutro sentido, menos literal: se morrerem os pais, vivam ao menos os vizinhos, para acudir na necessidade.



1646. *Bapuy mellya vărsa văt tçăḍh, avăy mellya vărsa bhuk tçăḍh.* No ano em que morreu o pai foi muito o sol, e no ano em que morreu a mãe foi muita a fome. A morte do pai obriga a ir trabalhar, e a da mãe ocasiona irregularidade na preparação do comer. — Usado no Canará.

1647. *Bap mărum naye, danḍo zhărum naye.* Não deve morrer o pai nem gastar-se a bengala. O pai é sustentáculo dos filhos, assim como o bastão é o apoio dos velhos. — Voga no Canará.

## Capítulo CLXII. — **Parentes** [1]

1648. *Udăk doxim zayt, puṇ răgăt doxim zay na.* Poderá dividir-se a água, mas não (a relação de) o sangue.

Equival. Blut ist dicker als Wasser. (Alemão: O sangue é mais denso que a água). Também em inglês.

1649. *Danḍo marlyar paṇi doxim zay na.* Dando com um pau não se separa a água. Não se rompe o parentesco com leve desavença ou com mexericos. — Comum ao marata.

1650. *Aplyachi laṭ ani pelyachi khem'* (ou *veng*). O pontapé do parente *equivale* ao abraço do estranho.

1651. (*Amizade*). *Aylya gelya băgăr soyro năy, dilya ghetlya băgăr ixṭ năy.* Não se é parente sem ir e vir (sem trato); não se é amigo sem dar e tomar (sem troca de dádivas).

Equival. Sem vir e ir desaparece o parentesco. (Marata).

1652. *Răgta phuḍe koṇ disă na, bhuke phuḍe kăy yoeă na.* Perante a relação de sangue não se atende a nenhuma outra pessoa; perante a fome não se pensa em nada mais.

---

[1] Vid. *Amizade* e *Vizinhos*; *Dinheiro*, n.º 660; *Dívida*, n.º 674.

1653. (*Vizinho*). *Soyro vădyak, xezari mădyak.* O parente é para festins, o vizinho para o enterramento. Os parentes são para as ocasiões festivas, emquanto os vizinhos acodem nas necessidades, como doenças, enterros, etc.

1654. *Aplya răgtak păro ghalta to mun'xyapăṇa bhayro jiyeta.* Quem repudia o seu sangue (parente consangüíneo) vive destituído de humanidade.

Equival. *Melior est vicinus juxta quam frater procul.* (*Provérbios*). — Abbiamo pur fiorini che troveremo cugini. (Italiano).

1655. *Vărli zăḍ, soyrik gôḍ.* Se o cabaz fôr pesado, o parentesco será doce. Os parentes serão amáveis, se receberem pingues dádivas.

Equival. Aquele que traz é sempre bem vindo. Também em inglês.

1656. *Ale bhau, kole bhau.* Parentes próximos são parentes chacais (porque ocasionam despesa com freqüentes visitas).

Equival. O peixe vive de peixe. (Sânscrito).

1657. *Dur than ḍongăr lamb, ani vitçarla mhuṇ sang.* De distância os montes são compridos; faze-lhe os meus cumprimentos. — Diz-se dos parentes que não mantêm trato.

1658. *Dantuy aple, onthuy aple, tonḍ bandhun dhărun ogem ravunk zay.* Meus são os dentes e meus são os beiços; cumpre domar a língua e estar calado. — Diz-se de quem não quere intervir entre dois parentes desavindos, para se não indispor com nenhum dêles, nem revelar aos estranhos as suas faltas. É de muito uso o anexim entre mulheres. — A primeira parte encontra-se em marata.

1659. *Mancak môg sunetço, sasuk môg zanvyatço.* O sogro ama a nora e a sogra o genro.

1660. *Dosim bhitär dôs laḍvachi, soyrigätim bhitär soyrigät saḍvachi.* Entre doces é *superior* o doce do bôlo



redondo; entre parentes é *superior* o parentesco do concunhado (marido da irmã da mulher). — Análogo em marata.

1661. *Maychi bhăhiṇ mavxi, vayta băryak pavxi; paychi bhăhiṇ kaka, kityakutç maka naka.* A irmã da mãe é tia materna, acudir-me há para o bem e para o mal (para as contingências de vida); a irmã do pai é tia paterna, não a quero para nada.

Obs. Uma tia e outra têm nomes especiais que entram na rima.

1662. *Năṇănḍ na zav, susegad rav.* Não tens irmã do marido nem mulher do irmão do marido (na mesma residência), podes estar livre de apoquentações [1].

Corresp. Aquela é bem casada que não tem sogra nem cunhada.

1663. *Doghi bhăhiṇi xezara, bheṭ na săunsara.* Duas irmãs *casadas* na circunvizinhança não se encontram no mundo (não se visitam).

1664. *Khavunk jevunk aslyar, soyre phuxkăḷ.* Se há de comer e beber, abundam parentes.

1665. *Kanam ḍolyanchi soyrik.* Parentesco de olhos e de ouvidos. Parentes que se limitam a um trato formal, sem dar nem tomar.

1666. *Aylem varem, gelem varem, tem koṇ am'chem soyrem dhayrem?* Veio o vento, foi-se o vento ¿que relação de parentesco tem ela conosco? Assim como passa o vento, assim foi passageiro o nosso encontro, sem nenhuma relação duradoura. — Comum ao marata.

1667. *Kuhraḍitço dando gotrantço kaḷ.* O cabo do machado é causa do mal dos seus parentes. — Comum ao marata.

Equival. Da mata sai quem a queima.

---

[1] A palavra *sessegado* deve ter entrado posteriormente por ser mais usada entre os cristãos que a vernácula.

1668. *Zhaḍatço danḍo kuhraḍichya meḍyant veto na zalyar, zhaḍ katron păḍtem na.* Se o cabo da árvore não entrasse no alvado do machado, a árvore não ficaria cortada.

## Capítulo CLXIII.—**Pátria**

1669. *Umbra bhayr pardêx.* Fora do limiar *da casa própria* é exílio.

Equival. *Sicut avis transmigrans de nido suo, sic vir qui derelinquit locum suum.* (*Provérbios*).

1670. *Ghăra bhayr angăṇ părdêx.* Fora de casa o pátio é destêrro.

1671. *Ganvantlo tçôr vhăy, părgavantlo sav nay.* Mais vale o ladrão da aldeia própria que o homem honrado da estranha.

Equival. Ainda que chova ouro na terra estranha e pedras na nossa, é melhor estar no nosso país. (Malaio). — *Paleae fumus igne alieno luculentior.*

1672. *Desant nivăḍlălo părdesak vătçun sărlo.* Quem foi julgado (desfavoràvelmente) no seu país foi morrer em terra estranha. Quem perdeu a sua reputação no país deve exilar-se.

## Capítulo CLXIV.—**Paz**

1673. *Danambhităr dan sămadhan.* De entre todos os dons é o dom da paz (de espírito e de consciência).

## Capítulo CLXV.—**Pedido**[1]

1674. (*Agricultura*). *Vămplălem kirlăta, magḍlem melta.* Germina o que se semeia; alcança-se o que se pede. É preciso pedir para obter.

[1] Vid. *Perseverança.*



## Capítulo CLXVI.—**Perigo**

1675. *Yechya kaḷar bhăngchi budh.* À hora do perigo iminente, conselho desastrado.

1676. *Bhăngchya kaḷar vechi budh.* À hora do desastre, conselho de fugir. — É usado no Canará.

1677. *Vanant ravlyar, muslatço peŭt tçukă na.* Quem se mete no almofariz não escapa ao perigo do pilão. — Usado no Canará e recebido do canarês.

1678. *Kăḷ aylo, puṇ veŭḷ aylo na.* Chegou o tempo, mas não chegou a hora fatal. — Diz-se quando alguém escapa, por um tris, dum risco iminente.

Equival. Ver-se em calças pardas.

1679. *Uxya pondak sărăp.* Cobra debaixo do travesseiro. Perigo iminente. — Comum ao telugo.

Equival. Debaixo dos pés se levantam os trabalhos.

## Capítulo CLXVII.—**Perseverança**

1680. *Disăr magchem, meḷăsăr ravunchem.* Pedir até que se dê, esperar até que se alcance.

Equival. Quem não cansa alcança. Também em castelhano. A perseverança tudo alcança. — Se a criança não chora, nem a mãe a amamenta. (Telugo).

1681. *Razvani phatăr păryant zhărta.* Até a pedra se gasta com a corda de cairo (que deixa vincos na borda do poço).

Explicação. É costume na Índia tirar a água dos poços, que de ordinário são muito fundos, com uma bilha de barro ou de metal presa na extremidade duma corda de cairo.

Corresp. Tanto dá a água na pedra, que a quebra. Água mole em pedra dura tanto dá até que a fura. — 'Tis perseverance that prevails. (Inglês).

1682. *Dha gunḍe marlyar, ek tăriy băslyar ravta?* Se se atira com dez calhaus ¿não acertará pelo menos um? — Análogo em marata.

Corresp. Pedra sôbre pedra às vezes chega. — Chi la dura la vince. (Italiano). — Wer oft schient trifft endlich. (Alemão: Quem atira muitas vezes acerta por fim).

1683. *Vaṭechi hăryaḷi zhărăy na mărăy na.* O «fenu grecum» da estrada não se gasta nem morre. — Análogo em marata.

Equival. Nasce a erva em Março, ainda que lhe dêem com um maço.

1684. *Vaṭechim hăryaḷi gimva pavsa jivi.* A graminea da estrada é viva assim no verão como no inverno.

Equival. A bad thing never dies. (Inglês).

1685. *Thembe thembe bhărta tăḷem.* Gota a gota enche-se o tanque. — Comum ao marata.

Equival. Dos pequenos grãos se ajunta grande monte. — Goutte à goutte remplit la cuve. (Francês).

1686. *Păilya pharak zhaḍ păḍă na.* Não cai a árvore ao primeiro golpe.

Equival. *Multis ictibus dejicitur quercus.*—Little strokes fell great oaks. (Inglês).

## Capítulo CLXVIII. — **Poder**

1687. *Săttе phuḍe zăhanepăn tçălă na.* Não corre a sabedoria com o poder. — Comum ao marata.

Equival. Onde fôrça não há, direito se perde. — Do fuerza viene, derecho se perde. (Castelhano).

1688. *Tçălta tachem halta.* Mexe-se do quem anda. Quem pode faz.

Equival. Commanda chi può e ubbidisce chi vuole. (Italiano).

1689. *Kărit tăsem karbhar, marit tăsi tărvar.* Assim



como o *grande homem* fizer, assim será a gestão; assim como o *esforçado* golpear, assim será a espada.

1690. *Bhar teṇem tagḍi oḍhta.* A balança pende por onde há *mais* pêso. A justiça inclina-se ao poder.

Equival. Quem não ouve a razão do pobre louva a sem-razão do poderoso.—Might overcomes right. (Inglês).

1691. *Masyan maṇik gilḷălem hatant ye na.* A gema tragada pela baleia não se recupera.

Equival. Murcela que o gato leva gualdida vai. A sardinha que o gato gualdiu gualdida está. — Arrancar a cana de açúcar da bôca do elefante. (Hindustani).

1692. *Lokhănḍ udăk piyelyar hatak kadintç meḷă na.* A água bebida pelo ferro nunca se pode reaver.

1693. *Xakti teṇem bhăkti.* A afeição tende para onde há poder. Todos se inclinam pelo poderoso. — Comum ao marata.

1694. *Aple hat jagarmath.* O braço próprio é senhor do mundo. — Diz-se de quem confia nas suas fôrças e valimento. — Comum ao marata.

1695. *Bhărlălya gaḍyak sup zăḍ năy.* A carroça cheia não pesa a ciranda. Ao rico não faz pêso mais riqueza. — Comum ao marata.

1696. *Kolo, kolo mhuḷḷyar, săgḷe dhanvtat, vagh vagh mhuḷḷyar săgḷe păḷtat.* Quando se diz: «chacal, chacal», correm todos *atrás dêle para o matar*; quando se diz: «tigre, tigre», fogem todos. Todos temem o poderoso.

Equival. Os grandes são inatacáveis como os mares. (Sânscrito).

1697. *Udăk varăyt to sărv varăyt.* Quem vedar a água vedará tudo. — Parece que se alude a inundação de casas e de campos pela chuva excessiva.

1698. *Hat zhărta ki xila zhărta?* ¿Gasta-se a pedra ou a mão (que nela trabalha)? — Parece que quere dizer que quem manda prevalece sempre.

## Capítulo CLXIX. — **Portugueses**

1699. *Sărăp mhanṭço năy dakhlo, ani phirăngi mhuṇṭça nay aplo.* Não se diga que a cobra é pequena e que o europeu é «meu».

1700. *Phirăngyachya pāyam melălo hay, puṇ kanḍyachya sangata jiyelălo năy.* É melhor morrer aos pés do português do que viver em companhia do canarim.

1701. *Phirăngyachem kam' năvyak va mayak.* O trabalho do português é ou no tempo da novidade ou em Maio. Quere dizer que os portugueses guardam os negócios para a última hora.

Obs. Maio é o último mês do verão, e a «monção» (estação de chuvas, vid. *Glossário*) começa com todo o rigor em Junho, e é naquele mês que ao menos se devem fazer os reparos e as provisões, se não foram feitas antes.

1702. *Te phirăngi mele, te unḍe kăbar zale.* Morreram aqueles portugueses, acabaram aqueles pães. Quando os portugueses eram melhores, os pães eram também melhores. — Emprega-se muito figuradamente com relação aos tempos antigos.

Equival. Tais alfaces para tais beiços. Também em alemão. — Autres temps, autres mœurs. (Francês e italiano). — *Similes habent labia lactucas.*

## Capítulo CLXX. — **Prática**

1703. *Zhankun zhankun ganvkar zata.* Com constante falar se torna «ganvcar» *importante.*

Obs. *Gancar* é membro de comunidade ou associação agrícola aldeana. Os que tomam parte regularmente nas suas sessões e falam muito tornam-se habilitados e considerados.

Equival. Usa e serás mestre. — El usar saca oficial.



(Castelhano). — En *forgeant* on devient forgeron. (Francês). — Uebung macht den Meister. (Alemão: A prática faz mestre).

1704. *Băräytam băräytam xeṇăy zata, zhanktam zhanktam ganvkar zata.* Em escrevendo constantemente, chega-se a ser escrivão *hábil;* em palrando freqüentemente, chega-se a ser «gancar».

Equival. De tratar os meus burricos, já me tornei alveitar. — Petite pluie abat grand vent. (Francês). — Little strokes fell great oaks. (Inglês).

1705. *Gata tăso taḷo, ximpta tăso măḷo.* A voz é conforme se canta e a horta conforme se rega. A voz melhora com o exercício, assim como a horta produz à proporção da rega.

1706. *Hatachi khunṭi halăyta titli bhităr veta.* A cavilha do mão, quanto mais se mexe, tanto mais penetra dentro. Quanto mais se move a mão em qualquer mister, tanto mais se habilita.

1707. *Aṇ bhoglya-băgăr săm'ză na, răhaṭlya băgăr xăhaṇo zay na.* Não se compreende sem experiência, nem se chega a ser prudente sem exercício. — «A sciência sem prática é um pêso, e assemelha-se às jóias da viúva (que as não pode usar)». — *Hitopadexa.*

Equival. Pelo fio tirarás o novelo, e pelo passado o que está para vir.

1708. *Xastram sangta, părlant hagta.* Expende doutrinas *magníficas* e suja na lareira. — Diz-se de quem pratica o inverso do que prega [1].

Equival. Bem prega Frei Tomás. Brás bem o diz e mal o faz.

1709. *Kazar zavunk na zalyar, maṭva pondchyanny*

---

[1] «É fácil a todos os homens a arte de dar conselhos a outrem; praticar porém por si a virtude é apanágio de raros espíritos alevantados». — Sânscrito.

*vatçunk nam?* Se não casei ¿não passei ao menos pela «ramada» do casamento?—Se não tenho experiência ¿não tenho pelo menos observado?

Equival. Não o provei, mas devo ter visto. (Marata).

## Capítulo CLXXI.—**Prazer e dor**

1710. *Zăym asa sukh thăym asa dukh.* Onde há prazer, ali há dor. Os bens e os males andam encadeados no mundo.

Corresp. O prazer e a dor são dois cestos duma recoveira. (Telugo). *Risus dolore miscetur, et extrema gaudii luctus occupat.* (*Provérbios*).

1711. *Dukha bhonvtim sukh, sukha bhonvtim dukh.* O prazer à roda da dor, e a dor à volta do prazer. ¿«Que são os gostos senão a véspera dos pesares»? (Vieira).

Equival. There is no joy without alloy. (Inglês).—Trend' and Leid sind nach Nachbaren. (Alemão: O prazer e a dor são vizinhos próximos).

1712. *Sukh sangchem sukhyak, dukh sangchem dukhyak.* Fale-se do gôzo ao contente e da dor ao aflito.

1713. *Potik păsro, khăntik soro.* Tráfico para o capital, vinho para a tristeza.

Obs. Depreende-se que a máxima foi excogitada pelos cristãos, visto que os hindus ou gentios de classes superiores não bebem bebidas inebriantes.

Corresp. *Date siceram mœrentibus et vinum his qui amaro sunt animo.* (*Provérbios*).—Money we want, and cannot borrow; yet drink we must, to slacken sorrow. (Inglês).

1714. *Gorum kadhta bhuk ani por kadhta dukh.* O gado sofre fome, e o órfão sofre dor.—Comum ao marata.

1715. *Tond kaṭem kărunk.* Fazer a cara preta. Isto é: tem a cara triste ou sombria por se lhe ter recusado alguma cousa.



## Capítulo CLXXII.—**Precipitação**

1716. *Xita phuḍe miṭh khata.* Come sal antes do arroz.

Obs. É costume entre os hindus (como também entre os ingleses) deitar sal no arroz no acto de o comerem.

Equival. Ainda não selamos, já cavalgamos.—*Ante victoriam triumphum canimus.*—Aun no asamos y ya empringamos.

1717. *Agi phuḍe dhunvăr khata.* Come o fumo antes de *haver* fogo.

Equival. Ir o carro adiante dos bois.—Não há nem gravidez, mas o seu nome é Somalingam. (Telugo).—*Priusquam mactaveris, excorias.*—Hijo no tenemos, y nombre le ponemos. (Castelhano).

1718. *Asvel mărchē adim tçam'ḍem vikta.* Antes de morrer o urso vende sua pele.

Corresp. Il ne faut pas vendre la peau d'ours avant de l'avoir mis par terre. (Francês).—Análogo em italiano, alemão, holandês.

1719. *Phesta phuḍe sandṇam khelim.* Comeram-se bolos antes da festa.

Explicação. *Sandaná* é bôlo de farinha de arroz levedada com «sura» ou com farinha de legume «urida», o qual se coze ao vapor de água fervente entre duas panelas, e se come em ocasiões festivas, a modo de pão.

Equival. Primeiro senta-te e depois deita-te. (Telugo).

1720. *Dăryant asa maso, aḷem vaṭun dăvărta piso.* O peixe está no mar, e o tolo já lhe deixa preparado o tempêro.

Equival. Tenhamos a pata e então falaremos na salsa.—Make not your sauce till you have caught the fish. (Inglês).

1721. *Dăreăḍyan kam', nesăṇ salem lamb.* Obra de pressa, o vestido saiu comprido.

Equival. Quem caminhando leva pressa, em caminho chão tropeça. — Moer pimenta para a ave que está a voar. (Malaio). — Quien echar agua en la garrafa de golpe, mas derrama que ella coge. (Castelhano).

1722. *Utavlyachem kam' sădantç, vankḍem.* O trabalho do apressado é sempre torto.

Equival. *Canis festinans cœcos parit catulos.* — Presto e bene non si conviene. (Italiano).

1723. *Dărvăḍyachya velar sat pavṭhi mutunk.* A hora de urgência urinar sete vezes.

1724. *Uhn khaṭa tatço talo lasta.* Escalda-se a guela de quem come cousa quente.

## Capitulo CLXXIII. — **Preferências** [1]

1725. *Gaḍhvachya pâyam tăla pădun mărchya părăs hăttyachya pâyam tăla pădun melyar bărem.* É melhor morrer esmagado pela pata do elefante que pela pata do burro.

Equival. Antes morte por ladrões que por couce de asno.

1726. *Xembhăr tendlim randhchê bădlêk ek kunvalo randhlyar puro.* Em vez de se cozinharem cem «tendelins» (frutos pequenos, que servem de hortaliça) basta cozinhar uma «cambalenga» (espécie de abóbora). — Usado no Canará.

## Capitulo CLXXIV. — **Preguiça** [2]

1727. *Alsay apăun haḍta durbălay.* A preguiça convida a pobreza.

Corresp. Preguiça, chave de pobreza. Também em

[1] Vid. *Portuguezes.*

[2] Vid. *Conjugei*, n.º 406.



castelhano e alemão. — The lazy man the beggar's brother. (Inglês).

1728. *Durbălkay ani alsay sădankal bhonvtat sangata.* A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia.

Equival. Quem foge do trabalho foge do ganho.

1729. *Alxy munis ănnak khar ani dhărṇik bhar.* O homem preguiçoso é dispêndio para comer (para se lhe dar de comer) e pêso para a terra.

Equival. A lazy man is not worse than a dead man; but he takes more space. (Inglês).

1730. (*Trabalho*). *Alxyatço dis sărā na, vavurtălyak ratuy pavă na.* O dia do preguiçoso não passa; a quem trabalha nem a noite chega.

1731. *Alxya, bikṇam bhazun khaxi? Bhazche bhaxek hărvintç khayn.* ¿Ó mandrião, podes assar castanhas para comer? Em vez de assá-las comê-las hei antes cruas.

Equival. O preguiçoso nunca fez bom feito. — He'll rather die with thirst than take the pains to draw water. (Inglês).

1732. *Alxyak don vavr.* O preguiçoso tem dois trabalhos. — Análogo em marata.

Equival. Lazy folks take the most pains. (Inglês).

1733. (*Avareza*). *Alxyak duṇem kam', lobhyak duṇo khărtç.* O preguiçoso tem dobrado trabalho e o avarento tem dobrada despesa.

Equival. O moço preguiçoso, por não dar uma passada, dá oito. Também em castelhano e inglês.

1734. *Alxi uṭhlo, xim'ro xinklo, kamatço gondhăl zalo.* O preguiçoso levantou-se, o desnarigado espirrou, o trabalho transtornou-se.

Obs. O espirro é mau agouro entre os hindus. O desnarigado tem pouca disposição a espirrar, e o preguiçoso trabalha com pouca vontade e diligência.

Equival. Levantou-se o preguiçoso a varrer (?) a casa e pôs-lhe fogo.

1735. *Aga ghoḍekara, ghoḍyavăylo denvun măjya tonḍant ek bor ghal ga.* Ó cavaleiro, desmonta-te e mete uma jujuba na minha bôca.

Origem. Um indivíduo, deitado debaixo duma jujubeira, via que caíam, sacudidos pelo vento, frutos de todos os lados, mas não movia a mão para os apanhar e comer, e pedia a um cavaleiro, que passava, que lhe acudisse.

Equival. Caía-lhe tâmara nos bigodes, mas por preguiça não a metia na bôca. (Bengali). — A mulher preguiçosa queixava-se de que a magoavam os anéis dos dedos dos pés. (Telugo).

1736. *Aḷxi sangăt tem ghaḍiyachya bapaychyan sangum năzo.* O que diz o preguiçoso nem o pai do feiticeiro o pode dizer. O preguiçoso conta muitas lérias ou alega vários pretextos para não trabalhar.

Equival. A mentira é filha primogénita do ócio. — The tongue of idle persons is never idle. (Inglês).

1737. *Aḷayak trilokachem jñan.* O preguiçoso conhece os três mundos (céu, terra e inferno). — É análogo ao antecedente, mas não é vulgar.

Equival. *Sapientior sibi piger videtur septem viris loquentibus sententias.* (*Provérbios*). — An idle brain is the devil's work-shop. (Inglês).

1738. *Nidlălyak kazar na.* O dormido não tem boda.

1739. *Poṭ bhărtălo kăaçtam viṇem taṇem Gonyam vechem văiz zavun vă bhikari zavun.* Quem quiser comer sem trabalhar deve ir para Goa como ervanário ou como mendigo.

Obs. Voga o provérbio ao norte de Goa, e com muita razão, pois não se recusa no país esmola a ninguém, e dá-se crédito a qualquer charlatão que apareça.

1740. *Randhăllem xit jevunk na, suru kellem kam' tirunk na, ghalli mandri kăvḷunk na.* Não comeu o arroz que se cozinhou, não concluiu o trabalho que começou, não enrolou a esteira que estendeu. — Usado no Canará.



1741. *Aḷxya, ărmănak uzo petla năy re. Petla zalyar peṭum di, apuṇ aplo nidum di.* «Ó preguiçoso, está a arder o paço real». «Se arde, deixá-lo arder, eu, por mim, vou deitar-me.

## Capítulo CLXXV. — **Presença e ausência**

1742. (*Adulação*). *Aphărgim ray randeṭço uzrim dhăni năzo.* Na ausência, o rei é filho de viúva; em presença, é nosso amo.

Obs. É atroz injúria na Índia o ser chamado «filho de viúva». Conforme a lei hindu, actualmente vigente, as viúvas não podem tornar a casar, embora sejam crianças, e, por conseqüência, os filhos que tiverem serão ilegítimos.

Equival. Debajo de mi manto al rey mato. (Castelhano).

1743. *Paṭhlyan hăsti gelyar vhăḍ năy, mukha văylyan mui văiçă naye.* Se o elefante passa pelas costas não é grande fenómeno, mas pela frente nem uma formiga deve passar. — Usado no Canará.

1744. *Lagim astăṇa ḍoḷe phuṭtat, păis astoṭç sapṇant yeta.* Emquanto o *parente* ou o *amigo* está ao pé, não entra nos olhos; quando se acha longe, aparece em sonho. — Diz-se de quem se porta com indiferença com as suas relações, quando estão perto, e mostra grande solicitude, quando estão ausentes.

## Capítulo CLXXVI. — **Pretextos**

1745. *Naçunk năkḷo, angăṇ vankḍem.* Não sabe dançar (e diz que) o terreiro (onde se dança) é torto. — Também em marata e hindustani e análogo em telugo.

Equival. Não se deite à albarda a culpa do burro. — Quem não dorme acha que a cama está mal feita. (Chinês). — A bad workman quarrels with his tools. (Inglês).

1746. *Sandṇam vankḍim, piḍyanchi ag.* Os bolos são tortos (e a razão é que) o lume é de talos de palma do coqueiro (que são sempre tortos).

Variante. *Sandṇam kityak vankḍim? Piḍyanchi ag.* ¿Porque é que os bolos são tortos? Porque o lume é de talos.

Equival. Razões de cabo de esquadra.

1747. *Jevtăloy asloy, puṇ kholo na.* Jantarias, mas não há fôlha (que serve de prato).

1748. *Reḍo sanḍla mhuṇ vähraḍachya ghăra lagim sodhunk gelo.* Por se ter tresmalhado o búfalo, foi buscá-lo ao pé da casa de boda (para ser convidado).

Variante (do Canará). *Kazarachya maṭvant paḍo sodhunk gelo khăym.* Diz-se que *um homem* foi buscar seu boi na ramada de casamento.

1749. *Cheḍvachya niban avăy jevi dudham.* Sob pretexto da filha a mãe jantava com leite. A mãe alimentava-se de arroz com leite, com o motivo ostensivo de amamentar a criança.

1750. *Burgyachya niban avăy bhintyê ubhi.* Sob pretexto da criança a mãe fica em pé ao lado da parede (para devassar o que passa em casa doutrem).

1751. *Toṇḍ vankḍem zalyar, asso vankḍo mhunum yeta?* ¿Se o rosto é tôrto dir-se há que o espelho é tôrto?

1752. *Jevunk ye. Maka bhuk lagunk na.* «Vem jantar». «Não tenho fome». — Di-lo quem está zangado, especialmente o marido para que seja rogado e amainado. — Comum ao marata.



## Capítulo CLXXVII. — **Previdência e imprevidência**

1753. *Phuḍar pălevun tçälchem.* Deve-se proceder com vistas no futuro.

1754. *Phuḍarak nădăr dixi, sălamăti par zaxi.* Se olhares para o futuro, chegarás pròsperamente ao termo.

Equival. Un bon averti en vaut deux. (Francês).

1755. *Phuḍlem koṇem dekhlam?* ¿Quem viu o futuro? ¿Quem sabe o que está por vir?

1756. *Az săgḷem khărchixi, phalya ăḍtçăṇek păḍxi.* Se despenderes tudo hoje, amanhã ver-te hás em apêrto.

1757. *Aslo vărăv, khelo* (ou *asli vărăy, kheli*) *gima; pavsa natç re dim'dima.* Tinhas mantimento (milhete), comeste no verão; *agora* no inverno dança ao som de tamboril. — Corresponde à resposta da formiga à cigarra.

## Capítulo CLXXVIII. — **Principal e acessório**

1758. *Sonem aslyar lakhik ḍukăḷ na.* Havendo ouro não falta lacre (de que os ourives fazem muito uso).

Equival. A quem tem ouro nada falta.

1759. *Ghara sangḍem dar.* A porta é conforme com a casa.

1760. *Masak mărik, puṇ kunvăḷ ruchik.* A carne não presta, mas o môlho é gostoso. — Mais vale o acessório que o principal.

Equival. Mais vale o feitio que o pano. É mais cara a mecha que o cebo.

1761. *Pay*[1] *melo, kanbăḷ mevḷi.* Morreu o pai, obteve-se

[1] A palavra *pai*, que os cristãos adoptaram dos portugueses,

o «cambolim» (cobertor, de que se servia), — Diz-se de quem se consola com o bem secundário em detrimento do principal.

1762. *Reḍo melo, goṭho sāḍsāḍit zalo.* Morreu o búfalo, ficou limpo o curral. — É análogo ao antecedente.

Corresp. *Ubi boves non sunt, præsepe vacuum est.* (*Provérbios*).

1763. *Naka pārās motim zāḍ.* A pérola é mais pesada que o nariz (onde se enfia). — Comum ao marata e canarês.

Equival. Grande turbante para uma cabeça pequena. (Canarês).

1764. *Muḷak laglo ronṭho, rukh phāḷam ditālo kāso?* Se a raiz tem caruncho ¿como é que a árvore dará frutos? — Tem aplicação metafísica.

1765. *Muḷak dhāko bāslo, sāgḷo vistar bhagāvlo.* Caiu golpe na raiz, inclinou-se a copa toda. Cortar o mal pela raiz.

1766. *Muḷ ghāṭ aslyar, vistarak pārva na.* Se a raiz é robusta não há perigo para a rama.

1767. *Bangḍe ghetalo ārdhtangache ani sevṭo uḍāy mhuṇṭalo deḍtangaṭço.* Comprava cavalas de meia tanga e queria que lhes deitasse por cima uma tainha de tanga e meia.

Explicação. É costume na Índia deitar sôbre objectos miúdos comprados, especialmente peixe, mais uma porçãozinha. Um simplório comprou algumas cavalas indianas, que são como carapaus e pouco valem, e exigia como vantagem uma tainha, que é muito mais cara. O dito tem muita aplicação.

---

deve estar por outro têrmo vernáculo, pois o anexim tem visos de ser antigo.



1768. *Rukhatço palo pāḷevum nāye, sar pāḷevunk zay.* Não se olhe para a rama da árvore, mas para o cerne.

1769. *Rukh katārlyar, khandyank dukhta.* Se se corta a árvore, magoam-se os ramos.

1770. *Bhatya viṇem saḷ kama yeta?* ¿De que serve a oficina de ferreiro sem foles? — Diz-se dum indivíduo ou objecto indispensável, conquanto de pouca monta aparentemente.

1771. *Boṭo sugur, manḍ perḍer.* Assegura-se o «botó», perde-se o «mand». Ganha-se o principal, perde-se o acessório.

Explicação. *Boṭó* é caroço grosso de caju, com que se alvejam outros caroços pequenos postos em linha, que se denominam *manḍ*. É jôgo comum entre os rapazes na primavera.

Obs. O provérbio deve ser moderno, pois o caju foi levado da América pelos portugueses para a Índia. Vid. *Glossário*. Os vocábulos portugueses *seguro* e *perder* suplantaram, entre os cristãos de Goa, os têrmos vernáculos. Vid. *Influência*. — É possível que em lugar de caroços ou castanhas de caju se usassem antigamente outros caroços.

## Capítulo CLXXIX. — **Princípio e fim**

1772. *Dohalyak khelem terem phuḍe kitem zatālem bārem.* Começou-se «terem» (*Colocasia rugosa*) para os antojos ¿que bem se espera para o futuro? ¿Que resultado pode provir dum início tão ruim?

1773. *Phonḍachi mati phonḍak.* A terra da cova (ou sepultura) para a cova.

1774. *Vāryachi mati vāryak.* A terra do sulco para o sulco.

Equival. *Male porta male delabuntur.*

1775. *Maḍ halăt, puṇ muḷ kală na.* Poderá a palmeira mexer-se, mas não se mexe a sua raiz.

1776. *Zăsem song, tăsi sămpăd.* Como fôr a farça, assim será o epílogo.

## Capítulo CLXXX. — **Prodigalidade**

1777. *Zoḍta pănnas, moḍta saṭh, to gharachi layta vaṭ.* Quem ganha cinqüenta e despende sessenta, dá com a casa em pantana.

Equival. Quem tem quatro e gasta cinco, não há mister bôlsa nem bolsinho.

## Capítulo CLXXXI. — **Profissões**

1778. *Kumbharak na dhoḍ ani mădhvălak na nităl.* O oleiro não tem panela inteira (não rachada) e o «mainato» (lavadeiro) não tem roupa limpa. — A primeira parte é comum ao marata e caxmirês.

Corresp. (parcial). Em casa de oleiro panela rachada. Em casa de costureira saia rasgada. Em casa de ferreiro espêto de pau.

1779. *Kumbharachem bhanḍ phuṭkem.* A panela do oleiro é rachada.

Equival. Alfaiate mal vestido, sapateiro mal calçado. Em casa de ferreiro, pior apeiro.

1780. *Kumbharak dhoḍ na ani bhanṭiryak lăz na.* O oleiro não tem vaso inteiro, e o imundo não tem vergonha.

1781. *Kumbharak dhoḍ na, xintpyak aplem ainvunk tank na.* O oleiro não tem vaso inteiro e o alfaiate não tem vagar para coser sua roupa.

1782. *Pavsa panyachem vhăraḍ vanyachem.* O casamento do «banceane» (negociante) é no coração do inverno (porque noutro tempo anda mais ocupado no exercício da sua profissão).



1783. *Malyachè xendiyek rum păḍlem.* O rabicho do barbeiro tem chagas por ser mal-cuidado.

1784. *Telyatço băil sădantç andhḷo.* O boi do azeiteiro é sempre cego. O boi que trabalha no engenho de azeite tem sempre os olhos vendados. — Comum ao marata.

1785. *Măhar astăna tçahmar ḍhoḷ vazăyta?* Estando presente o «faraz» (que o tem por ofício), ¿é o sapateiro quem tange o bombo? Cada qual com o seu ofício.

Equival. Se os cabrões puxassem pelo arado ¿que necessidade haveria de bois? (Hindustani).

1786. *Kăsaba băgăr gay katră na.* Não se corta a vaca sem magarefe.

1787. *Bhăṭachya hatant zăr katrăt gay, kăsab kityak zay?* Se a vaca pode ser cortada pela mão do «bôto» (sacerdote hindu) ¿que necessidade há do magarefe?

1788. *Xingyak tarvam ani kharvyak gorvam mhuṇ kaṇem sanglam?* ¿Quem há que diga que os navios são para o tocador de «xinga» (chifre músico) e os gados para os pescadores? — Diz-se de incompetentes para o ofício. — Análogo em marata.

Equival. Quem te manda, sapateiro, tocar o rabecão? — Burro para a lira. (Grego).

1789. *Acharyak koyti naka khăym, kumbharak măḍki naka khăym.* Diz-se que o ferreiro não precisa de fouce e que o oleiro não precisa de panela (porque sabem substituí-la por outra cousa). — Corrente no Canará.

Equival. Em casa de ferreiro espêto de pau. Análogo em castelhano.

1790. *Sonar mhuṇta: zalem, zalem; măḍhvăḷ mhuṇta olem, olem.* O ourives diz: está quási pronto, está quási pronto; e o «mainato» diz: está ainda húmido, está ainda húmido.

Explicação. Os ourives indianos não expõem à venda os seus artefactos, mas fazem-nos à ordem, e entretêm

os fregueses com freqüentes promessas dilatórias. Os lavadeiros justificam a demora com não estar a roupa ainda sêca de todo.

1791. *Bhăḷo bhăṭ, kaḷo xeṭ.* O «bôto» (sacerdote hindu) é sincero, e o ourives é preto (trapaceiro).

1792. *Sonar, xinppi, kulkărṇi apa, hanchi săngăt naka re, bapa.* Ourives, costureiro e senhor «culcarni» (escrivão de «comunidade» aldeana): não quero a companhia dêstes, meu pai (por serem fonte de apoquentações). —Comum ao marata.

1793. *Sonara văyr zharekar.* O escovilhador é superior ao ourives (na roubalheira).

## Capítulo CLXXXII. — **Progresso**

1794. *Tçăḍhti vêl moḍum năye.* Não se rompa (destrua) a trepadeira que vai subindo. Não se deve impedir o progresso.

## Capítulo CLXXXIII. — **Promessa**

1795. *Ditam mhuḷam tem divunchem.* Deve-se dar o que se prometeu.

Equival. Quem promete na dívida se mete. — Quien fia ó promete en deuda se mete. (Castelhano).

1796. *Bhazavunchem thoḍem, divunchem tçăḍh, hem zăbăr goḍ.* Promete pouco e dá muito, agradarás imenso.

1797. *Ditam mhuḷam, divunchem kelam, tya mhuṇăsăr upasim melam.* Prometeu dar, resolveu-se a dar; entretanto o *outro* morreu de fome. Repreendem-se as promessas dilatórias.

Equival. Prometer não é dar, mas a néscios enganar. Tarde dar e negar estão a par. — Promises don't fill the belly. Também em alemão.

1798. *Dubḷyak divunchi năy ẋa, giresthak divunchi*



*năy bhaxa.* Não dês esperança ao pobre nem faças promessas ao rico.

Equival. Ao rico não devas e ao pobre não prometas.

1799. *Nakan mirikaḍhunk.* Roçar o nariz no chão. Prometer solenemente não reincidir em alguma maldade.

## Capítulo CLXXXIV. — **Propensão**

1800. *Tçam'ḍyachi vadi taṇta ôḍhta itliy ôḍhta.* A correia do coiro, quanto é estirada e puxada, tanto se estende.

1801. *Sutram ôḍhtat teṇem ôḍhtat.* As cordas estiram-se por onde são puxadas.

## Capítulo CLXXXV. — **Proporção e desproporção**

1802. *Hăttyachem ojhem hăttyak, muyechem ojhem muyek.* A carga de elefante é para elefante; a carga de formiga é para formiga.

1803. *Kiraṇgulichem boṭ suzlyar, kitlem suzăt?* Se o dedo mínimo se inchar ¿quanto se inchará?

Equival. ¿Se o polegar se inchar, será tão grande como um monte? (Marata).

1804. *Dudhak virzăṇ kitlem zay, ghărak uzo kitlo zay?* ¿Quanto coalho é necessário para o leite, e quanto fogo é necessário para *se queimar* uma casa?

Equival. Uma faguilha põe em conflagração mil montes. (Chinês).

1805. *Tantiyant astăna itlo zalyar, tantyantlo bhayr sărtoṭç kitlo zayt?* Se é tamanho emquanto está no ôvo ¿quamanho será quando dêle sair? — Diz-se da criança atrevida.

Equival. Ainda não é nascido, já espirra.

1806. *Titlem memem, titlo koko.* Tanto peixe, tanto

arroz. — Conforme o arroz que se come, dá-se o peixe para o acompanhar. — É muito usado figuradamente, pôsto que *memem* e *koko* sejam expressões infantis.

1807. *Mũnz pãḷevun kaṁṭhi neschi.* Vista-se o «langotim» (tanga), examinado o cordão da cintura (onde se dependura). — Usado no Canará.

1808. *Kuḍi pãḷevun puḍi.* A dose do medicamento seja de acôrdo com o corpo. — Aplica-se principalmente ao castigo. — Comum ao marata.

1809. *Xita hãun miṭh tçãḍh.* É mais o sal que o arroz.

Obs. Os hindus deitam sal no arroz no acto de o comer, como o fazem também os ingleses; por isso, quando se distribui o arroz, dá-se uma pequena porção de sal. Os cristãos cozem o arroz com sal.

1810. *Ar marun ghariḳ ghalum nãye.* Não se mate a gibóia para se alimentar o milhafre. — Diz-se quando há grande desproporção entre um acto e outro.

1811. *Sukuyan khavun ghãr om'tem pãḍãt gi?* Se o pássaro comer o cereal ¿arruinar-se há acaso a casa? — É corrente no Canará.

1812. *Samudrant chintç uḍãylya bãri.* Como um tamarindo atirado ao mar (donde nunca se pode reaver). — Voga no Canará.

1813. *Tçakrẽ pãrãs muxaro vhãḍ.* A paga é mais do que o serviço. — Diz-se de quem trabalha pouco e exige grande jornal.

## Capítulo CLXXXVI. — **Provocação**

1814. *Xempḍẽr pãy dãvãrtotç, tçabtçã ravã na.* Quando se põe o pé sôbre o rabo, não deixa de morder o cão.

1815. *Sunyachẽ xempḍẽr pãy dãvãrtço nãy.* Não se ponha o pé no rabo do cão. — Comum ao marata.

Equival. Não acordes o cão que dorme. Também em outras linguas. — Não pises a cobra que dorme. (Turco).



1816. *Bãslãlyam muskamk tçalãum naka.* Não excites as abelhas que estão quietas.

Equival. Não morde a abelha senão a quem trata com ela.

1817. *Kãṇiyõ uḍãun zhãgḍim lavum naka.* Não deites migalhas para suscitar contendas (como se faz com galinhas). Não dês de propósito motivo para altercações.

1818. *Kuntam uḍãun bhutam haḍum naka.* Não deites grãos de arroz cozido para avocar trasgos. — Comum ao marata.

Equival. Deitar a capa ao touro.

1819. *Vaṭevãylya vagha, maka yevum kha ga.* Ó tigre que vais por teu caminho, vem devorar-me.

Corresp. Acordar o cão que dorme. Quem acorda o cão dormido, vende a paz e compra o arruido. — It is not good to wake a sleeping lion. (Inglês).

1820. *Vaghachẽ mixiyer kheḷunk* (ou *kolo kheḷta*). Brincar (*ou* o adibe brinca) às barbas do tigre.

Equival. Brincar com o fogo. Meter-se na bôca do lôbo. — Asking for trouble. (Inglês).

1821. *Pãyam chirḍaylãlo sãrãp tçãbã nastana ravta gay?* ¿Porventura deixa de morder a cobra pisada pelo pé?

1822. *Monyak nak khãrpilyar zay na.* Não convém que se coce o nariz para o mudo (que o toma como provocação).

Equival. Coçou-se o nariz, assanhou-se o desnarigado. (Marata).

1823. *Nakant kuskuṭam ghalunk.* Meter arestas no nariz. Isto é: inquietar, irritar.

## Capítulo CLXXXVII. — **Prudência e imprudência**

**1824.** *Dis astãna vaṭ ṭankchi.* Deve-se caminhar emquanto é dia.

Corresp. *Ambulate dum lucem habetis.* (*Evangelho*).

**1825.** *Vagh marunk vetãlo zalyar, xinvachim hatyaram ghevun vãtçunk zay.* Quem vai matar o tigre deve ir apercebido com as armas de caçar o leão. — Análogo em marata.

**1826.** *Duḍu nant taṇem tarir pãilo bãsunk zay.* Quem não tem dinheiro deve ser o primeiro a entrar no barco de passagem. — Análogo em telugo.

Equival. A pouco pão, tomar primeiro.

**1827.** *Aykunchem sãglyanchem, kãrchem aplya mãnant bãrem dista tem.* Escuta o que outros dizem e faz o que teu juízo dita. Não sigas cegamente os conselhos doutros, que nem sempre conhecem todas as circunstâncias. — Análogo em marata.

**1828.** *Dõunḍãlya phatrar pãy dãvãrtço nãy.* Não ponhas o pé sôbre a pedra movediça.

**1829.** *Anthrun pãḷevun pãy soḍche.* Estendam-se as pernas conforme a cama. — Comum ao marata.

Corresp. Cada um estenda a perna até onde tem a coberta.

**1830.** *Phunkun pãy ghalta.* Põe o pé depois de soprar o chão. Obra com cautela e circunspecção.

Explicação. Há aqui referência aos jainas ou «baneanes» dos nossos cronistas orientais, os quais levam às vezes o seu exagerado amor a toda a sorte de animais ao ponto de soprar o chão que pisam, a fim de não molestar algum animálculo.

Equival. *Suspensos pedes ponere.* (Quintiliano).



**1831.** *Zago pãḷevun pãy dãvãr.* Põe o pé depois de olhar para o chão.

Equival. Vai mansamente, e olha para longe. (Holandês). — He who goes softly goes safely. (Inglês).

**1832.** *Az aslyar phalya na, kityak na tuka, mun'xya, chintena?* Se está hoje, não está amanhã ¿porque não tens, homem, solicitude?

Equival. *Rex hodie est et cras morietur.* (*Eclesiástico*).

**1833.** *Dandṇo ani unḍo vaṭsurachya pãdrak aslyar sãdanto bãrem.* É sempre bom que o viandante tenha consigo pão e pau.

**1834.** *Pãḷtya phuḍe, zuztya paṭhi.* Dianteiro de quem foge, postrimeiro de quem peleja.

**1835.** *Aple hat bandhun dusryachya hatant divunche nãy.* Não entregues a outrem as tuas mãos atadas. Não te submetas imprudentemente ao poder doutrem.

**1836.** *Pond pãḷevun muḍo uklunk zay.* Levante-se o fardo depois de se examinar o seu fundo (para que se não rompa).

**1837.** *Paḷambo ghalo mhun bãrem zalem.* Foi bom que se metesse a raiz do «odo» (figueira de Bengala). Foi prudente ter-se empregado meio indirecto para se conhecer o perigo.

Origem. Um chacal, que ia comer caranguejos, atraindo-os com o rabo, à borda dum rio, suspeitou que estava num buraco um crocodilo. Para se precaver, muniu-se duma das raízes roliças dos troncos da «árvore de gralha». O crocodilo, tomando-o por cauda do adibe, puxou-o com violência, o que ocasionou a observação, que depois passou em ditado. — Conta-se também que de facto o chacal pôs o seu rabo, e depois enganou o crocodilo com dizer que era uma raiz.

Equival. Faze-te morto, deixar-te há o touro.

**1838.** *Bhogchya kaḷar budh na, mãrchya kaḷar okhãt*

*na.* Ao tempo de gozar não há siso; à hora de morrer não há remédio.

1839. *Dubhacachi văst păro ghalchi, hi rit xahăṇya mun'xyachi.* Ponha-se de parte a cousa duvidosa — tal a norma do homem prudente.

Obs. A máxima refere-se às cousas que impliquem pecado ou juízo temerário.

1840. *Zo koṇ kam' săm' ză na, tantum to davli ghali na.* Quem não entende do negócio não mete nele o seu gadanho.

1841. *Darant văḍ lavum năye.* Não se plante a «árvore de gralha» ao pé de casa (porque arruinaria a casa). Não se ponha causa da qual possa resultar mal.

Obs. A aludida árvore, — figueira da Índia, que tem vários nomes em indo-português —, é muito frondosa e deita raízes compridas.

1842. *Mătin ghăr kărchem, potin burgim kărchim.* Faça-se a casa com inteligência e os filhos com capital. Quere dizer: que se empregue muita diligência em ter a casa próspera e se tenham filhos conforme a posse dos pais.

1843. *Zhăgḍim manḍlim, zhăgḍim am'chim, kărtubam matr lokak gamlim.* Armamos contendas, mas são contendas entre nós; o público porém veio a conhecer as nossas mazelas.

1844. *Aplem păḷe na băḷ dusryar aḍayta săḷ.* Não mede as próprias fôrças e arma bulha com outro.

1845. *Khănt na mhuṇ kărun ghetli phont.* Por não ter aflição abriu fonte [1]. — Diz-se de quem pratica um acto, do qual não lhe pode resultar nenhum bem.

1846. *Baylê kăḍe guṭh sangă naka, raya kăḍe phŏṭ mar*

[1] «Fonte», no sentido de «fonículo ou cantário», está muito em uso.



*naka, tçăughanchem utăr mirvă naka.* Não comuniques segredos às mulheres, não mintas ao rei, e não contravenhas ao dito do público. — Corrente no Canará.

1847. *Dhay suriyô poṭant baryô.* As dez facas é bom que se guardem na barriga.

Explicação. *Faca* quere dizer, no sentido figurado, «injúria, afronta». Quem a recebe conjuntamente de vários indivíduos convém que a tenha de reserva até que se ofereça a oportunidade de se vingar separadamente.

## Capítulo CLXXXVIII. — **Raridade**

1848. *Rumbḍachem phul.* Flor de «rumboro» (figueira brava). — Comum ao marata.

Explicação. É crença popular que a referida árvore floresce durante a noite por um minuto ou dois, e por isso poucas vezes é vista a flor. — Aplica-se em geral às raras visitas.

Equival. Sol do inverno.

## Capítulo CLXXXIX. — **Realidade**

1849. *Măḍhvăḷachem măḍem bhayr kadhlya băgăr kăḷă na.* O cadáver do lavadeiro, sem que se fire fora de casa, não se sabe *que roupa tem.* — Análogo em canarês.

Obs. Emquanto vivia, o «mainato» ou lavadeiro vestia-se como queria com a roupa dos freguezes, mas depois de morrer tem de ser amortalhado com a própria, que então o público fica conhecendo.

1850. *Mănant văḍe, păḍrak dhănḍe.* Bolos na imaginação e seixos no regaço. — Comum ao marata.

1851. *Halta puṇ păḍă na.* Mexe-se mas não cai. Está mais firme ou pegado do que se supunha.

Origem. Um chacal disse uma vez a sua mulher que esperasse um bocado emquanto êle ia ver se caía o que

se mexia entre as pernas dum touro. Andou-lhe na pista por algum tempo, e notando que não caía, aproximou-se um pouco mais para verificar se estava bem pegado, foi quando o touro lhe despediu um couce, que lhe esborrachou o focinho. Quando, de volta para casa, a mulher lhe preguntou qual fôra o resultado, respondeu que se mexia mas não caía. — É do fabulário sânscrito *Panchatantra*.

## Capítulo CXC. — **Rei e povo**.

1852. *Zăso raza, tăsi pärza.* Qual o rei, tal a grei. Também em sânscrito.

Equival. Qual o rei, tal a lei; e qual a lei, tal a grei. Assim como vive o rei, vivem os vassalos. — *Qualis est rector civitatis, tales et inhabitantes in ea.* (*Eclesiástico*).

1853. *Gadi kam' zikăyta.* O trono ensina o ofício. Quem ocupa uma alta posição aprende a desempenhá-la, para não perder o seu prestígio. — Comum ao marata.

1854. *Sukṇyam bhitär mor, mun'xyam bhitär kunvär.* Entre as aves, o pavão; entre os homens, o príncipe.

Equival. Da teca a madeira, do rei o filho: *são os melhores.* (Marata).

1855. *Ganvant nit na nivado, raza mevla gavdo* (ou *gvarjo*). Não há justiça nem julgamento no país, por ter por soberano um «soleiro» (indivíduo de casta inferior) (ou um homem vil).

Equival. Tudo é vento, se não há rei, ou prior no convento. — *Rex insipiens perdet populum suum.* (*Eclesiástico*).

1856. *Andhlyant* (ou *kurdyant*) *kano raza.* Entre os cegos quem tem um ôlho é rei.

Corresp. Na terra dos cegos quem tem um ôlho é



rei. Também em outras línguas. Entre os cegos torto é o rei [1].

1857. *Rayamger sobhta tem bhayanger sobhă na.* O que convém em casa dos reis não convém em casa dos súbditos.

1858. *Rayachi khuxi, rukhachi savli.* A boa vontade do rei é *semelhante* à sombra da árvore.

1859. *Ganv kärit tem ray kärtço na.* O que fizer o país não o fará o rei. Indica-se que o povo tem mais poder em certos assuntos do que o próprio rei. — Comum ao marata.

1860. *Rayak ardho ganv, turkak säglo ganv.* Ao rei, metade do país (pertence), ao turco o país inteiro. — Corrente no Canará.

Obs. Parece que o provérbio se refere ao domínio de reis muçulmanos, que abusam do seu poder mais que os outros.

1861. *Ray mhällyar ganv kampta, mhataro mhällyar khad halta.* Quando se diz que é rei, treme o país; quando se diz que é velho, mexe-se a barba. — Usado no Canará.

Equival. Quando o rei fala, põe-se em movimento o exército; quando fala o juiz, move-se a sua barba. (Marata).

1862. *Pärzè vinem rav na.* Não há rei sem povo. — Também o grande depende do pequeno.

1863. *Raza melyar raza zata; hachi käsäli bixat?* Se morre um rei, faz-se outro rei ¿que vale êste? — Diz-se em desprêzo de algum indivíduo que se quere impor.

Corresp. Rei morto, rei pôsto.

---

[1] «Onde não há sábios, quem tem somenos juízo merece ser louvado. Num lugar onde não há árvores grandes ainda um carrapateiro passa por árvore». — *Hitopadexa*.

## Capítulo CXCI. — **Relatividade**

1864. *Oxad ganvant erānd bāḷi.* No país deserto o carrapateiro é esforçado (poderoso). — Comum ao marata.

## Capítulo CXCII. — **Religião** [1]

1865. *Xastra viṇem jiṇem nāy, verya viṇem hoḍem nāy.* Não há vida verdadeira sem sciência religiosa, *assim como* não há barco *navegável* sem leme.

Equival. Sem religião, os homens são semelhantes aos animais. (Sânscrito).

1866. *Dhārma prāmaṇem vārtān.* O comportamento é conforme a religião.

Variante. *Dhārma prāmaṇem kārmam.* As obras são conforme a religião.

1867. *Xastr-sāmurt naslālo monzati sarko.* Quem não tem religião é semelhante ao animal.

## Capítulo CXCIII. — **Resultado**

1868. *Sadhli tār sikar, na tār bhikar.* Se deu bom resultado, é caçada; se não, é indigência.

1869. *Climtlem ek, zalem ek.* Intentou-se uma cousa, resultou outra.

1870. *Mahāḍ gelem luṭi ani hadlyo don muṭhi.* O macaco foi para o saque e trouxe dois punhados. — Diz-se quando o empreendimento deu pequeno resultado. — Comum ao marata.

---

[1] Vid. *Deus* e *Culto*.



## Capítulo CXCIV. — **Riqueza e pobreza** [1]

1871. *Giresth ani dubḷo Deva mukhar sarko.* Perante Deus o rico e o pobre são iguais.

1872. *Zoḍ asa thāym mōḍ asa.* Onde há riqueza, ali há despesa.

1873. *Zachem kuḍem tachem phuḍem.* Quem possui a meda põi-se à frente *doutros*. — Comum ao marata.

1874. *Itlim xitam aslyar, zaytim bhutam meḷtit.* Se houver tanta abundância de arroz, haverá muitos seres (para comer, como amigos e parentes). — Análogo em marata.

Equival. Where the carcass is the ravens will gather. (Inglês).

1875. *Giresthachem uklum ye, puṇ dāvrum nāye.* Pode-se levantar o que é do rico, mas não se pode abaixar. Pode-se louvar um rico, mas não deprimir.

Equival. *Non contendas cum viro locuplete, ne forte contra te constituat litem tibi.* (*Eclesiástico*).

1876. *Giresthak konuy chepem kaḍhta.* Ao rico qualquer lhe tira o chapéu. — Penso que o provérbio é moderno.

Equival. *Multi colunt personam potentis, et amici sunt dona tribuentis.* (*Provérbios*).

1877. *Saḍebara duḍu pāḍle gaṇṭhi, paṭhle dis pāḍle paṭhi.* Doze reis e meio caíram na algibeira, esqueceram-se os dias passados. — Diz-se do novo rico, que faz alarde dos seus haveres.

Equival. De rico a soberbo não há palmo inteiro. Não te exaltes por riqueza, nem te abaixes por pobreza.

1878. *Chinchechim panam sārtit, paṇ tachi gireskay sārchi na.* Consumir-se hão as fôlhas do tamarindeiro, mas

---

[1] Vid. *Adulação*, n.º 19; *Cônjuges*, n.ºs 395, 396 e 405.

não se consumirá a sua riqueza. — Diz-se de quem é muitissimo rico.

Explicação. As referidas fôlhas são miudinhas, abundantes e perenes, e a árvore bastante copada.

1879. *Bhangarache nāḷe ghārak ghalxi.* Cobrirás tua casa com telhas de ouro. Serás opulento.

Obs. «Telhas de ouro» são, na opinião do povo, a suprema manifestação de afluência de riqueza, pôsto que ninguém as tenha visto. Diz-se porém comummente, por ironia, a quem vende muito caro ou aspira a ganhar desmedidamente.

1880. *Bolās bhārlem, tāklem ubharlem; bolās zalem ritem, taklem zalem pixem.* Encheu-se a bôlsa, levantou-se a cabeça; esvaziou-se a bôlsa, enlouquecou a cabeça.

1881. *Dubḷya bāgār giresthachem kam' tçalā na, giresthā bāgār dubḷyak adhar meḷā na.* Sem o pobre não se promovem os negócios do rico; sem o rico o pobre não alcança amparo.

1882. *Tambyachē kahilint ghalta tāsem bhazta, ani giresth ulāyto tāsem sobhta.* Na frigideira de cobre, assim como se põe, assim fica frito; e como o rico fala assim lhe fica bem.

1883. *Giruthak bheṭ chaḍiyechi.* Ao rico, dádiva de difamação. O rico tem mêdo da difamação.

1884. *Avrachem paṇim tāgā na.* A água de inundação não dura. A riqueza repentina não dura muito.

Equival. Se a ser rico queres chegar, vai devagar. — *Substantia festinata minuetur; quae autem paulatim colligitur manu multiplicabitur.* (*Provérbios*).

1885. (*Deus*). *Dubḷya sāvem Devachem rupṇem.* O pobre é a figura de Deus. O pobre representa Deus.

Equival. Quem nada tem Deus o mantém. — *Qui despicit pauperem exprobrat factori ejus.* (*Provérbios*). *Beati pauperes spiritu, quia ipsorum est regnum calorum.* (*Evangelho*).



1886. *Dubḷo sāten āgḷo.* O pobre tem mais independência (goza de mais liberdade).

Equival. Mau é o rico avarento, mas pior é o pobre soberbo. Três géneros de homens não se sofrem no mundo: pobre soberbo, velho namorado, rico mentiroso. — Pride and poverty are ill met, yet often together.

1887. *Giresth svarthi vayṭ, dubḷo gārvi tya paxṭ.* O rico avarento é mau, o pobre soberbo é pior.

1888. *Aslālyak na khūym sukh, naslālyak na khūym dukh.* Aquele que tem, diz-se que não tem contentamento; aquele que não tem, diz-se que não tem pena [1].

Equival. Quem é bom de contentar, menos tem que chorar. Não há pobre senão o que se tem por pobre. — Não tinha nada e estava contente; tornou-se rico, ficou descontente. (Telugo). — *Qui multum, non abundavit: et qui modicum, non minoravit.* (S. Paulo). — Chi non ha niente non teme niente. (Italiano).

1889. *Aslālyānō khaya, naslālyānō rāḍa.* Vós que tendes comei; vós que não tendes cantai (por distracção ou encobrimento).

1890. *Giresth bhiyeta durbālkayek, ani dubḷo sodhta gireskay.* O rico teme a pobreza e o pobre busca riqueza.

Equival. Men never think their fortune too great, nor their wit too little. (Inglês). — Groot goed, groot zorg. (Holandês: Muita riqueza, muitos cuidados).

1891. *Husko na dubḷyak, nid na giresthak.* O pobre não tem cuidados; o rico não tem sono.

Equival. Homem pobre com pouco se alegra. Pouco e em paz, muito se me faz. — *Dulcis est somnus operanti, sive parum sive multum comedat; saturitas autem divitis*

---

1 «A felicidade que possuem os que com o espírito tranqüilo se saciam com o néctar de contentamento ¿donde a terão os que, ávidos de riquezas, correm dum lado para outro?». — Sânscrito.

*non sinit eum dormire.* (*Eclesiastes*). — Oveja harta del su rabo se espanta. (Castelhano).

1892. *Duḷvankarachem bāḷkem moṭem, naslālyachem jiṇem khoṭem.* É grande o poderio de quem tem dinheiro; a vida de quem o não tem é mesquinha.

Equival. De trás da porta do pobre toda a vileza se esconde. — *Substantia divitis urbs fortitudinis ejus; pavor pauperum ejestas eorum.* (*Provérbios*).

1893. *Durbāḷ jiyeta dāḷdirant, giresth jiyeta bhyant.* O pobre vive na miséria; o rico vive no mêdo.

Equival. Mal se dói o farto e o rico do pobre faminto. Ao pobre e ao nogal todos lhe fazem mal.

1894. *Gāribatço kaḷ ani motyatço prātipal.* O que é risco do pobretão, do rico é protecção. — Tem sabor marata.

1895. *Astyak vikhar, nastyak ghorenkar.* Ao que tem é peçonha; ao que não tem é transtôrno. — Comum ao marata.

Equival. A gula dos ricos é o seu veneno; a abstinência dos pobres é o seu medicamento.

1896. *Bhārṭechem paṇi sārā na, suktechem paṇi thārā na.* A água de enchente não se consome; a água de vasante não pára. A riqueza continua a afluir; a pobreza continua a agravar-se.

1897. *Tārṇya pānsak pank tçāḍh, bhikaryak dāulāt tçāḍh.* — A jaca verde tem muito visco; o mendigo tem muita riqueza. — Parece que se refere aos mendigos que poupam e acumulam.

1898. (*Doido*). *Dubḷyak pārva na, pixyak nid na.* O pobre não tem cuidados, e o doido não tem sono.

Equival. Quem pouco tem pouco lhe basta.

1899. *Kaḍhtam odhi, kityak tçulint na airpuṭachi bāḍi.* Tenho convulsões porque não há no fogão um graveto. — Diz-se do totalmente indigente. «A pobreza é a raiz de todos os males». Sânscrito.



1900. *Vaguḷ vaglager gelem tem um'kāḷun melem.* Um morcego que foi para casa doutro morcego morreu dependurado. — Diz-se do pobre que recorre ao amparo doutro pobre.

1901. *Palem na kāḍe dekhun, khatam vikte muḍe.* Por não ter celeiro e tercena, como fardos de arroz comprados (que são às vezes avariados).

1902. *Ambo pānsant nāy, dubḷo mān'xyant nāy.* A mangueira não está bem entre as jaqueiras (ou jacas), nem o pobre entre homens *ricos*. — Usado no Canará.

1903. *Giresthachya ghāra lagim dubḷyak na man'.* Ao pé da casa do rico o pobre não tem honra.

Equival. Ao pobre não é proveitoso acompanhar com o poderoso. — Great trees keep down the little ones. (Inglês).

1904. *Dubḷyachi sagurat giresthak kāira paṛṭh.* Para o rico o «saguate» (dádiva) do pobre é pior que lixo.

1905. *Giresth kāḍo kaḍhta mhuṇāsār, dubḷyatço mārta cheḍo.* Emquanto o rico acaba de abrir o celeiro, morre o filho do pobre. — Análogo em telugo.

Origem. Um homem, muito necessitado, foi pedir ao rico arroz para seu filho doente, mas tantas delongas fez o rico, que no emtanto morreu o filho do pobre.

Equival. Quando chega o contraveneno, morre o homem mordido de cobra. (Árabe). — Mentre l'erba cresce il cavallo muore di fame. (Italiano).

1906. *Giresthan khelyar, okhtak, dubḷyan khelyar, poṭak.* Se come o rico, é para remédio; se come o pobre, é para barriga. — Comum ao marata.

Equival. O pobre procura por fome, o rico procura por apetite. (Dinamarquês).

1907. *Dubḷyan lend giviḷem bhukek, giresthan giviḷem tupache ansk.* O pobre tragou o excremento do porco por causa da fome, o rico engoliu-o por amor da manteiga (de que estava barrado).

Equival. És pobre, não tenhas gôsto. A pobreza obriga a vilezas.

1908. *Giresth zalo, dublyachê pangik pădlo.* Fez-se rico, tornou-se dependente do pobre (para seu serviço).

1909. *Giresthachya rinant asum năye, dublyak awa divum năye.* Não estejas em dívida do rico, nem dês esperanças ao pobre.

Corresp. A rico não devas e a pobre não prometas.

1910. *Phăḍa ghăratço pokhăḷ vanso, bhikek meḷă na săvay maso.* O aguieiro de casa grande é oco; nem um peixe barato se obtém de esmola.

1911. *Dublyachya burgyachi gongthi lamb, giresthachya burgyachi gibh lamb.* O filho do pobre tem o pescoço comprido, e o filho do rico a língua comprida.

Obs. O pobre estende o pescoço para ver se encontra alguma cousa de comer; o rico estende a língua para basofiar.

Equival. (parcial). Homem pobre, depois de comer é faminto. — A hungry man sees far. (Inglês).

1912. *Sunyak mhuṇă năye dhakṭem, ani girestkak mhuṇă năye: lăhan ho giresth.* Não se diga ao cão que é pequeno (porque também pode morder), nem ao rico que é somenos (porque então há-de considerar-se ofendido).

1913. *Dublyachem jevăṇ păḷevunk zay, giresthachem ghăr păḷevunk zay.* Olhe-se para o jantar do pobre e para a casa do rico.

Explicação. O pobre janta com muito apetite, e o rico traz bem mobilada a casa.

1914. *Uṇem divun dublo bhikari zalo khăym, utăr divun lakrăti bhikari zalo khăym.* Conta-se que o pobre se tornou mendigo com emprestar, e o milionário se fez indigente com prometer. — Usado no Canará.

Obs. O pobre possuia pouco, emprestava, fez-se necessitado; o rico tinha milhões, fez grandes promessas, tornou-se pobre.



1915. *Giresth paḍ zallo kăḷă na, tiḷ sinvăllo (chinvăllo?) hăḷă na kuvaḷo kusăllo kăḷă na.* Não se conhece *fàcilmente* o rico degenerado, *assim como* se não conhece o grão de gergelim pêco e o palmito podre. O rico sabe encobrir as suas aberrações com o prestígio da sua riqueza. — Corrente no Canará.

Obs. O *palmito*, de que se fala aqui, é o ôlho ou âmago de coqueiro, cujo estado só se conhece quando se racha a palmeira.

1916. *Gireskay yet kitli ani vătçăt kitli!* ¡Quanta riqueza virá e quanta se irá! — Alude-se à instabilidade da riqueza, não devendo por isso ninguém fiar-se nela.

Corresp. A riqueza não é firmeza.

1917. *Pikê tăr pikê, na tăr gărme tçăllo bhikê.* Se há novidade (produção do campo), está bem; aliás, vai-se no verão mendigar [1].

1918. *Dublyachya burgyak Pămburpechem phest kityak zay?* ¿Porque é que o filho do pobre quere a festa de Pomburpá?

Origem. A festa da Purificação de Nossa Senhora na freguesia de Pomburpá, da província de Bardês, era antigamente celebrada com grande pompa e concurso. Um pobrezinho, que se achava no meio do adro, foi atropelado pelos cárregadores de liteira (ou «bois de machila») e quando se lamentava, preguntaram-lhe: ¿porque querias tu a festa de Pomburpá? Vê-se que o anexim tem área restrita.

1919. *Dublê mayechya putak konphrichem phest kityak?* ¿Porque quere o filho da mãe pobre a festa da confraria (irmandade)? — É usado no Canará.

1920. *Bhikaryak bhikari kityak zay?* ¿De que serve

[1] «Quem tem o espírito satisfeito possui toda a sorte de felicidade. ¿Quem tem os pés calçados de sapatos, não lhe é a terra como se fôra coberta de sola?». — Sânscrito.

o mendigo ao mendigo? — Diz-se do pobre repelido por alguém, que se insinua pobre pelo mesmo facto.

1921. *Durbaḷay, aḷsay ani bexărmay sădam lagintç bhonvtat.* A pobreza, a preguiça e o desavergonhamento andam sempre próximos.

1922. *Durbăḷa ghovachê baylê, sădantç kăpe marlălem nesăṇ ghe gê bayê.* Mulher do marido pobre, veste tu sempre fato remendado, minha cara. — Di-lo a mulher em censura do marido que pouco ganha.

## Capítulo CXCV. — **Rivalidade**

1923. *Xezaryak xezari năsay, bhikaryak bhikari năsay.* Um vizinho é inimigo doutro vizinho; um mendigo é inimigo doutro mendigo.

1924. *Guḍyak guḍo aḍ asa.* Um monte é contrário a outro monte. — Usado no Canará.

## Capítulo CXCVI. — **Sabedoria**

1925. *Săm'zătălyak săgḷem.* Ao entendedor é tudo *acessível.*

Equival. Ao bom entendedor meia palavra basta. Também em inglês. Para os entendidos os acenos bastam.

1926. *Motvyak budh bhăv, lambak tçal bhăv.* O baixo de estatura tem muito juízo; o alto anda muito (por ter as pernas compridas).

1927. *Tendlyak biyo tçădhi, motvyak budhi tçădhi.* O «tendelim»[1] tem muitas sementes; o baixo tem muitas habilidades. — Corrente no Canará.

---

[1] Fruto de *Cephalandra indica*, Nand., do tamanho dum dedo pequeno, do qual se faz uso para cozinha e para conserva de vinagre.



1928. *Budhvăntak tin' kăḍe.* O sensato tem três celeiros.

1929. *Zaṇṭikay gireskaye viṇem ubhon veta.* Sciência sem riqueza é levada pelo vento; isto é, ninguém lhe dá consideração.

1930. *Chinti naslălyache băil Ghaṭar vătçun aylyat, chintlălyache băil thăymtç asat.* Os bois de quem não pensou *em excesso* foram aos Gates e voltaram; os bois de quem muito reflectiu estão no mesmo sítio. — Reprovam-se demasiadas raciocinações, a que o índio é muito atreito.

Explicação. O comércio de Goa era principalmente, como já está dito, com o Balagate sòmente no verão e por meio de «boiadas», que eram sujeitas a assaltos de salteadores e outros riscos. Um sisudo, que se pôs a excogitar uma completa segurança e pingues lucros, não chegou a albardar, emquanto outro negociante, guiando-se pelo senso comum e prática geral, fez a jornada e regressou são e salvo e com bastante proveito.

Equival. Quem sempre se recata, nunca acaba nada.

1931. *Zaṇṭyatço băil rikamo.* O boi do sábio fica sem carga. Demasiada prudência é causa de desastre. — Análogo em marata.

1932. *Zaṇṭyak phatranchem xit.* Para o douto, arroz de pedras. — Diz-se de quem emprega meios singulares para ostentar o seu saber.

Obs. Há certo arroz que contém muitas pedrinhas, que é preciso remover antes de o cozer.

Equival. A muito entendimento pouca fortuna. — Per troppo saper, perde la sua coda la volpe. (Italiano). — Fools and philosophers are made of the same metal. (Inglês).

1933. *Ănarthyak vikăṇ tçădh.* O necessitado tem mais instrução (sisudez, proveniente da necessidade de prover à sua indigência).

## Capítulo CXCVII. — **Saüdade**

1934. *Husko kelyar dätçko bästa.* Quem carpe saüdades recebe golpe *de tristeza.*

1935. *Paychya kazarachem vărṇ maka naka, kityak măjē melăle măytço ughḍas yeta maka.* Não quero papas do casamento de meu pai, porque me lembro (tenho saüdades) de minha finada mãe. — Usado entre os cristãos em desabono das segundas núpcias.

## Capítulo CXCVIII. — **Segrêdo**

1936. *Onṭha bhayr tem koṭṭa bhayr.* O que é fora dos lábios é fora da fortaleza.

Equival. O segrêdo é do teu sangue; abriste-o muitas vezes, e é causa da tua morte. (Árabe). — O que se diz ao ouvido ouve-se a cem milhas. (Chinês).

1937. *Guṭh sanglo, dusro dhăni zalo.* Revelou-se o segrêdo, fez-se outrem senhor dêle.

Corresp. A quem dizes teu segrêdo faze-lo senhor de ti. — É senhor de si o homem que oculta ao amigo o seu segrêdo. (Árabe e hebraico). — The secret is thy prisoner; if thou let it go, thou art a prisoner to it. (Inglês).

1938. *Măninchem mănim, zănachem zănim.* O que está na mente fique na mente; o que é do público fique no público. Guarde-se no coração o que é oculto, e fale-se do que é do domínio público.

Equival. Nem todas as verdades se dizem.

1939. *Aplya tandantlem bhayr sărtoṭç, dusro dhăni.* Quando *a palavra* sai da bôca outro é seu dono.

Equival. A pedra e a palavra não se recolhe depois de deitada.

1940. *Bhărlăli muṭh săvay lakh.* O punho cheio (fechado) vale um «laque» e um quarto (125 mil).



Equival. Quem seu segrêdo guarda muito mal escusa. — O punho fechado é dum laque. (Marata). — Dilata o teu peito com o teu segrêdo. (Árabe). Nothing enters into a close hand. (Escocês).

1941. *Suvarṇachê razichem ani bhărlălê muṭhichem mol kărum năzo.* Não se pode apreçar o montão de ouro nem o punho fechado. O segrêdo e a reserva são muito preciosos.

1942. *Sonaratço băil sonyan vă lakhin bhărla mhuṇ kăḷă na.* Não se conhece se o boi do ourives tem carga de ouro ou de lacre.

1943. *Phoṭkiro guṭh sambhaḷunk băro.* É *mais* fácil guardar o falso segrêdo (por estar já conhecido).

1944. *Săkăṭ lok lunota ani am'tço kityak dhanota?* Toda a gente ceifa, e ¿meu marido porque é que corre?

Origem. Um homem descurou o serviço do seu campo, e quando foi segar, picaram-no os zângãos que se tinham aí acoutado, e êle corria de um lado para outro sem declarar a causa.

1945. *Dhăgăytay mhuṇ phugăytay?* ¿Ameaças-me com levá-lo ao lume? — Diz-se de quem ameaça constantemente revelar o segrêdo.

Origem. O anexim provém dum facto obsceno, que não explico.

1946. *Khada bhităr khaḍki.* Dentro da barba *fica* o mento. — Diz-se dum negócio ou duma cousa que encobre outra. — Usado no Canará.

1947. *Dogham mădhem guṭh, teghank kăḷyar tin tirkuṭ.* Entre dois é segrêdo; se é sabido de três são três pedaços (desmancho). — Voga no Canará.

1948. *Zaḍ na zōḍ dăm'ḍechi, pitambăr kăsi neli?* Não tem ganho nem lucro ¿como é que se vestiu de «pitambor» (tecido de seda)?

Equival. Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel?

## Capítulo CXCIX.—**Semelhança**

1949. *Ekak kaḍhtço, duaryak dakhăuntço.* Remova-se um e mostre-se o outro. São tão parecidos que se não notará a diferença de indivíduos na substituição.

1950. *Ekê maḷetço măṇi.* Contas do mesmo rosário. Quere dizer figuradamente: são inteiramente parecidos. —Comum ao marata.

## Capítulo CC.—**Sogra e nora**[1]

1951. *Sunechi sătya măychê khala.* A autoridade da nora é abaixo da sogra. A nora tem de sujeitar-se à sogra.

1952. *Char dis măyche, char dis suneche.* Quatro dias são da sogra e quatro dias da nora. Quere dizer que a nora virá também a ser sogra, ou que com o tempo a nora dominará a sogra.—Comum ao marata.

Obs. Cumpre notar que na Índia os filhos casados ficam com os pais, e que as sogras exercem grande predomínio sôbre as noras, resultando daí por vezes muitos atritos.

Equival. (genérico). A cada porco vem seu S. Martinho.—*Stat sua cuique dies.*—Every dog has his day. (Inglês).

1953. *Sunê, tum măy zaxi, zăsem karai tăsem bhogxi.* Nora, tu serás sogra, como fizeres assim terás.

Corresp. (inverso). Não se lembra a sogra que foi nora. Análogo em marata.—Enquanto fui nuera, nunca tuve buena suegra, y enquanto fui suegra, nunca tuve buena nuera. (Castelhano).

---

[1] Vid. *Pais e filhos.*



1954. *Măychyô kărṇyô xinkyar, sunechyô kărṇyô tinṭyar.* Os actos da sogra no *xinkem*[1] (em oculto) e os da nora na praça. Isto é, os actos maus da sogra encerram-se dentro das paredes de casa, emquanto os da nora são comunicados aos vizinhos e parentes.

Equival. Des Manns Mutter ist der Frau Teufel. (Alemão: a mãe do marido é o demónio da mulher).

1955. *Put mhuṇăt ay, sun mhuṇăt măy.* Se o filho disser «mãe», a nora dirá «sogra». Como o filho tratar a mãe, assim esta será tratada pela nora.

1956. *Kăxi gê, sunê? ghăra sarki.* «¿Como és nora?» «Conforme a casa».—Comum ao marata.

1957. *Haḍli sun, kăḷḷe ghărache guṇ.* Trouxe-se nora conheceram-se os defeitos de casa.

Obs. A nora vai contar a seus pais e às suas amigas as faltas ou defeitos da família dos sogros.

1958. *Măy sunechem jiṇem, zot sunya mazrachem.* O convívio de sogra e nora é junta de cão e gato. As relações entre sogra e nora são semelhantes às que há entre o cão e o gato.

Equival. Aquela é bem casada que não tem sogra nem cunhada. Também em castelhano.—Suocera e nuora, tempestà e gragnuola. (Italiano).

1959. *Haḍ ge, măy, sun, boḍkyak ghalchyak uhn.* Traga nora minha mãe, para lhe deitar ela água fervente na cabeça (para a tratar mal).

Equival. A nora entra em casa, a sogra entra no Ganges; isto é, morre. (Telugo).

1960. *Suṇem hoy, puṇ sun năy.* O cão, sim; mas a nora, não. É preferível o cão à nora.

---

[1] É uma espécie de funda grande, feita de coiro, suspensa do tecto, na qual se guardam vários objectos culinários, ao abrigo de animais daninhos.

1961. *Sunarḍem, tçahmarḍem ani mharḍem sarkem.* Tanto vale a nora quanto a alparqueira e a «farazoa».

Obs. Os três nomes são empregados em forma pejorativa, e a nora é equiparada a duas mulheres de castas ignóbeis.

1962. *Lagaḷo sunê, adoḷo gê khăym? Pendlălê gê măy asa mhum gê thăym.* «Ó nora requebrada, ¿onde está o ralador?» «Ó sogra delambida, está pois aí».

Obs. A nora responde, naturalmente, no mesmo tom em que a sogra lhe pregunta.

1963. *Sunyanchyô gozali băychya kanṭha.* As conversas das noras são à borda do poço (onde vão buscar água).

1964. *Măy naslălê sunek bara măyô.* A nora, que não tem sogra, tem doze *pessoas por* sogras.

1965. *Sunek dakhăunchem, dhuvek khavăunchem.* Faça-se ver à nora, dê-se a comer à filha. — Alude-se à diferença de tratamentos.

1966. *Dhuvek tel amasê punvêk, sunêk divaḷechê divaḷêk.* Azeite para a *cabeça da* filha de lua nova à lua cheia (ou antes, em todas as luas), para a da nora de «divali» a «divali» (festividade gentílica, que só celebra uma vez por ano). — A mãe cuida mais na filha que na nora. Análogo em telugo.

1967. *Sunêk randhunk ghallem khăym, dhuvêk asḍunk ghallem khăym.* Conta-se que a nora estava incumbida de cozinhar e a filha de padejar (o que é mais fácil). — Usado no Canará.

1968. *Dhuvêk marun sunêk bhenkḍavunk.* Bater na filha para amedrontar a nora. Também em marata e industani.

Equival. Man schlagt auf den Sack und meint den Muller. (Alemão: Bate-se no saco com sentido no moleiro).

1969. *Măy naslăli sun parpăḷi, tichya găḷyant lokhăn-*



*ḍachi sărpăḷi.* A mãe que não tem sogra é arisca, *por isso* traz ao pescoço corrente de ferro (para ser presa).

1970. *Năkḷo hŭy măy-manv, puṇ zaṇo săgḷo des-ganv.* Dizem que os sogros não sabem (os desmandos da nora), mas sabe a aldeia e a província.

## Capítulo CCI. — **Sonho**

1971. *Monyak sopaṇ păḍlyar sangunk năkḷo.* O mudo, se tiver sonho, não saberá (não poderá) referi-lo. Também em bengali.

Equival. *Les morts ne parlent pas.* (Francês). — Dead men tell no tale. (Inglês).

1972. (*Mente*). *Mănant asa tem sopṇant dista.* O que temos na mente aparece em sonho. Sonhamos o que desejamos. — Comum ao marata.

Equival. Sonhava o cego que via. (Telugo). — *Facile credimus quod volumus.*

1973. *Sopṇant keḷim khelya bări.* Como quem come bananas em sonho. — Usado no Canará.

## Capítulo CCII. — **Subordinação**

1974. *Tahn dhavota udkak, udăk dhanvă na tahnek.* A sêde corre para a água, a água não corre para a sêde. Quem precisa é dependente.

1975. *Apṇa kăḍe ghăḍta tem pelya kăḍe magta, to pelyachê pangik păḍta.* Quem pede por si e pede a outrem (que o faça) fica em obrigação doutrem.

1976. *Gurhtar babḍi săgḷyanchê pangi.* A grávida depende de todos.

## Capítulo CCIII.—**Subôrno** [1]

**1977.** *Lontça vipem bontço kală na.* Sem subôrno não se mexem os beiços (não se torce a língua).

Corresp. Abre a tua bôlsa, abrirei a minha bôca. Dádivas quebrantam penhas.

**1978.** *Upay aslyar xipay zavum yet.* Quem tiver meios pode fazer-se «cipai» (soldado).

Obs. O pôsto de soldado do exército, e particularmente de polícia, é muito procurado na Índia Britânica pelas muitas vantagens que proporciona; mas de ordinário só o alcançam os que dispõem de bons empenhos.

**1979.** *Gul khăbrem divunk.* Dar açúcar e amêndoa de côco. Figuradamente quere dizer «seduzir, ilaquear». — Comum ao marata.

## Capítulo CCIV.—**Sustento**

**1980.** *Devan mun'xyak rătçchĕ adim păḍ rătçlya.* Antes de criar o homem Deus criou-lhe a subsistência. — A Providência vela por todos os homens.

Obs. Deve ter-se originado a máxima entre os cristãos, pois parece que alude à cosmogonia mosaica.

Equival. God never sends mouths but he sends meat. (Inglês).

**1981.** *Pothhăr jevunk, angbhăr nesunk.* Comer até encher o estômago, vestir até cobrir o corpo inteiro.

**1982.** *Xit-kăḍhi jio păḍlo tăḍi.* Com o arroz e caril está salva a vida. — Tal é a alimentação comum.

Equival. Com pão e vinho anda-se o caminho. Por carne, vinho e pão, deixa quantos manjares são. — *Initium vitae hominis aqua, et panis, et vestimentum, et domus protegens turpitudinem.* (*Eclesiástico*).

[1] Vid. *Adulação*, n.º 12.



**1983.** *Ann ani khuxi vărtăvta mun'xyachi bhălaykĕ.* O alimento e a alegria são a saúde do homem.

Equival. Não há prazer onde não há comer. — *Melius est buccella sicca cum gaudio quam domus plena victimis cum jurgio* (*Provérbios*).

**1984.** *As vărăva, na părva.* Haja mentimentos, não há cuidados.

**1985.** *Ganṭhichem moḍchem ani ruchichem khavunchem.* Despenda-se da algibeira e coma-se o que é de gôsto. Não se espere à custa ou em casa alheia o que apetece [1].

**1986.** *Khatya jevtyachem ang mathem gvahi dita.* O corpo e os cabelos dão testemunho de quem come e bebe bem. O corpo de quem se alimenta bem é nutrido, e os seus cabelos são azeitados e penteados.

**1987.** *Săr, disa, bhăr, poṭa; poṭa părvăt săkăṭ sata.* Finda, ó dia, enche-te, ó barriga; tudo se faz por causa da barriga. Acabado o dia, recebe-se o jornal para se manter a vida.

**1988.** *Ann tari, ann mari; anna sarko na văiri.* O alimento sustenta, o alimento mata; não há inimigo como o alimento. — Alude-se ao abuso de alimentação. — Comum ao marata.

Equival. Bom comer traz mau comer. — One man's meat is another man's poison. (Inglês).

**1989.** *Thoḍyant goḍi asa.* Há doçura no pouco. O que é pouco come-se com mais apetite.

Equival. Pouco e em paz muito se me faz.

**1990.** *Ruṭç naslălem khaṇ ani ărth naslălem gan.* A comida sem sabor e o canto sem sentido são semelhantes.

Equival. Tudo há mister arte, e o comer vontade.

[1] Vid. *Avareza*, n.º 187.

1991. (*Aparência*). *Pălevunk goḍ, khelyar viṭ.* De ver parece doce; se se come enjoa. — Comum ao marata.

1992. *Tarum bhărunk gelălo părtălo, puṇ poṭ bhărunk gelălo părtunk na.* Voltou quem foi carregar o navio, mas não voltou quem foi encher a barriga.

1993. *Hanslyar poṭ bhăsta?* ¿ Enche-se a barriga com rir? — Diz-se a quem folga e não trabalha.

Corresp. Palavras vãs não enchem a barriga. (Telugo).

1994. *Burik năḷi bhărunk bări.* Pequeno tubo é bom de encher. — Diz-se de quem é magro e come muito.

1995. *Sukyô poḷiyô poṭak bandlyar poṭ bhără na.* A barriga não se enche se lhe aplicam bolos secos. — Análogo em marata.

Equival. Borracha vazia não tira secura.

1996. (*Ociosidade*). *Bhekar bhonvlyar poṭ bhără na, jevlya băgăr bhuk thambă na.* Se se anda ocioso, não se enche a barriga; se não se janta, não passa a fome.

1997. *Kanachi paḷi ani poṭachi naḷ vaḍhăyta titli vaḍhta.* O lobo da orelha e a peça (canhão) da barriga, quanto se quiserem aumentar, tanto aumentam.

Obs. O lobo de muitas mulheres se estende pelo pêso das arrecadas.

1998. *Poṭ ăslyar măt yeta.* Quem tem barriga *a sustentar* ocorre-lhe a idea de o fazer.

1999. *Poṭ xikăyta vavr, poṭ xikăyta dăr.* A barriga ensina o oficio, a barriga ensina os preços.

Equival. The belly teaches all arts. (Inglês).

2000. *Hanstăle zayte asat, puṇ postălo koṇ na.* Há muitos que se riem, mas não há ninguém que sustente. — Diz-se a quem escarnece e não dá de comer.

2001. *Paṭhir mar, puṇ poṭar marum naka.* Bate nas costas, mas não na barriga. Faz-me o mal que quiseres, mas não me prives de pão. — Dizem-no as pessoas que se não julgam suficientemente pagas. Comum ao marata.



Equival. Give me roast meat, and beat me with the spit. (Inglês).

2002. (*Divida*). *Riṇant kayloḷi bări lagta.* Na divida o bolo frito sabe bem. — Diz-se de quem está em divida, e come manjares delicados.

2003. *Kunkḍachya ani burgyachya poṭant khata itlăy virta.* No estômago da galinha e da criança digere-se tudo quanto se come.

2004. *Rengṭeng băy lagim, jevunk khavunk măy lagim?* ¿ *Taratantará* ao pé do poço, e jantar e comer ao pé da mãe? — ¿ Folgar por fora e pedir comer à mãe? — Dizem as mães aos filhos que andam a brincar e não fazem o serviço de casa.

2005. *Maka tăr koṇ poṣit, hanv suṇem poxin.* Se alguém me sustentar eu criarei um cão. — Diz-se de quem não tem para comer e intenta criar animais inúteis.

Corresp. Á quien no le sobra pan, no crie can. (Castelhano).

2006. *Khellem ănn angak văsă na.* O alimento tomado não aproveita ao corpo. — Di-lo a mulher ou o criado que vive em continuo pavor do marido ou do amo cruel. — Comum ao marata.

2007. *Dhud khavunchem na mhuṣun, văṛṇ khavunchem vaḍhun.* Tome-se leite com dizer que não há (para se evitar enguiço para o gado), e comam-se papas de boda, quando forem distribuídas.

## Capitulo CCV. — **Temeridade**

2008. *Agini uḍki marunk.* Dar salto no fogo. Expor-se a perigos manifestos; meter-se em precipicios.

2009. *Vaghaché mizer kolo khelta.* Brinca o adibe às barbas do tigre.

Equival. Meter-se na bôca do lobo.

2010. *Dom hoḍyanr păy dăvăṛlyar gaṇḍ pinata.* Se se

puserem os pés em dois barcos, desconjuntam-se os quadris. Quem empreende dois negócios incompatíveis expõe-se a desastres.

Corresp. Um pé não pode estar em dois barcos. (Chinês). — Não embarques em dois barcos. (Malaio).

## Capítulo CCVI. — **Tempo**

2011. *Dis astăna vaţ tçălchi.* Emquanto é dia, percorra no caminho.

Corresp. *Dum tempus habemus operemur bonum.* (S. Paulo).

2012. *Aytço dis phalya ye na.* O dia de hoje não volta amanhã. Não se guarde, portanto, para amanhã o que se pode fazer hoje.

Equival. Vai-se o tempo como o vento. O tempo e o vento não se atam com soga.

2013. *Az kărum yeta tem phalya dăvărchem năy.* O que se pode fazer hoje não se guarde para amanhã.

Equival. Guarda que comer, não guardes que fazer.

2014. *Aychem az, phalyachem phalya.* O de hoje é para hoje, o de amanhã para amanhã.

2015. *Kalchem kal aychem az.* O de ontem para ontem, o de hoje para hoje.

2016. *Randhlălem xit urchem na, melălem măḍem urchem na.* Não durará *por muito tempo* o arroz cozido, nem o corpo morto.

2017. *Sădanţ manḍkiyo răḍă nant.* Nem sempre coaxam as rãs.

Equival. *Nec semper lilia florent.*

## Capítulo CCVII. — **Tempos antigos**

2018. *Phuḍlin utram ani atanchim pătram sări say nant.* As antigas palavras e as hodiernas escrituras não



se comparam. A palavra dos antigos vale mais que as escrituras dos modernos.

2019. *Phuḍlyănim miṭh khelam titlem ami xit khavunche nanv.* Nós não comeremos tanto arroz quanto sal comeram os nossos antepassados. Quere dizer que os antigos tinham grande conhecimento e experiência da vida e nos devem servir de modêlo.

2020. *Puraṇantlim vayăngim Puraṇant.* As beringelas mitológicas são para a mitologia. O antigo para os tempos doutrora. — Comum ao marata.

Explicação. *Puranas* são livros mitológicos e lendários do hinduismo. Vid. *Glossário.* Nesses livros é proïbido o uso de beringelas, mas os hindus, que ao presente as comem, justificam-se com dizer que aquelas beringelas eram diversas das actuais, não se lhes estendendo por isso a proïbição.

2021. *Adim um'le neṇ'ṭe asle, atam zanţe zale, bhaylyam ţalyanr gonţhe kele.* Antes as formigas amarelas eram ignorantes, agora se tornaram sábias: fazem ninhos nas franças apartadas. Os antigos eram mais ingênuos, os actuais são mais sisudos. — Emprega-se por vezes irònicamente. Os índios olham mais para o passado que para o futuro; por isso pouco progridem; não gostam de inovações nem de novidades.

## Capítulo CCVIII. — **Trabalho**[1]

2022. *Aplĕ adhin asa tem kărta taka Dev păsăṇ zata.* A quem faz o que pode Deus o ajuda.

Corresp. Deus ajuda aos que trabalham. — Ajuda-te e Deus te ajudará. (Holandês e dinamarquês).

2023. *Hat ḍonke halăun jiv valgăunţço.* É mister man-

[1] Vid. *Demanda*, n.º 545.

ter a vida movendo as mãos e os pés (isto é, trabalhando).

Corresp. Quem trabalha ganha pão. Madruga, e verás; trabalha, e terás. — Il faut casser la noix pour manger le noyau. (Francês).

2024. *Jiv vätçä na mhuṇ, hat ḍonke halăunche.* Cumpre pôr em movimento as mãos e os pés porque se não expira. Convém trabalhar porque se vive.

2025. *Kăxṭ kelya băgăr poṭ bhărä na.* Não se enche a barriga sem trabalhar. Não se colhe sem semear.

Corresp. Quem não trabalha não come. — No gains without pains. (Inglês).

2026. *Tçakri kelyar bhakri asa.* Quem serve (trabalha) tem pão.

Variante. *Tçakri kărchi bhakri khavunchi.* Deve-se servir e comer pão.

Equival. Let him that earns the bread eat. (Inglês).

2027. *Girvăḍ ghevunchi, poḷi khavunchi.* Quem trabalha come pão.

2028. *Zuzlyam viṇ ukuṭ meḷä, na, kăxṭam viṇ poṭ bhărä na.* Não tem coroa (ou palma) quem não combate, não enche a barriga quem não trabalha.

2029. *Kăy kelyar kăy meḷta, nyay kelyar ărdh meḷta.* Quem faz alguma cousa alcança alguma cousa; quem faz demandas consegue metade. Todo trabalho tem seu fruto, e até o litígio dá metade, *pelo menos, do que é devido.*

Equival. Quem segue alguma cousa, ou alcança parte ou toda. — *Labor improbus omnia vincit.*

2030. *Kăy kelyar kăy zata, bhat kanḍlyar tandu zatat.* Se alguma cousa se faz, resulta alguma cousa; se o arroz em casca se pila, sai arroz sem casca.

Equival. Quem trabalha tem alfaia.

2031. *Tus varya dilyar kăṇiyō puṇ meḷtat.* Se se aventa grança de arroz, obtém-se ao menos fragmentos.



Equival. Madruga e verás, trabalha e terás.

2032. *Mhara părim zoḍchem ani raya părim khavunchem.* Trabalhe-se como um «faraz» (como um mouro), e coma-se (goze-se) como um rei.

Equival. As cotovias não caem do céu assadas para dentro da nossa bôca. Mais vale ganhar no lôdo que perder no ouro.

2033. *Kăaṭ băre kărit to khŭyi poṭ bhărit.* Quem trabalhar bem encherá a barriga em qualquer parte.

Equival. Deus ajuda aos que trabalham.

2034. *Hikmătitço yepar koṇachyay ḍolyant veta.* O trabalho feito com arte entra nos olhos de qualquer pessoa.

2035. (*Dinheiro*). *Apuṇ kărit tem kam', ganṭhik asăt to dam'.* O que cada um fizer por si é *pròpriamente* trabalho; o que houver na algibeira é *rigorosamente* dinheiro.

Corresp. (parcial). Se queres ser bem servido, serve-te a ti mesmo. Manda e faze-o, e tirar-te há cuidado. — Ninguém coça a tua cabeça senão as tuas unhas. (Árabe).

2036. *Aplē lalyen tçăṇe goḍ kărche.* É necessário adoçar o grão de bico *torrado* com a saliva própria.

Obs. Sendo duro o tal grão, gasta-se tempo para o triturar na bôca.

2037. *Koxṭi bhizăunchi ani thigur khavunche.* Molhe-se o «langotim» (tanga) e coma-se o peixe «bigodeiro» (que se acha no fundo de ribeiros de água doce ou nas cavidades da sua borda).

Variante (do Canará). *Ang bhizăylya xivay masḷi dhărumk năzo.* Não se apanha peixe sem molhar o corpo.

Equival. Não se apanham trutas a bragas enxutas. — Sopla, herrero, ganarás dinero. (Castelhano).

2038. *Văhaṇ kaḍhi na, udkant denvă na.* Não descalça as alparcas, não desce à água.

Equival. Without pains no gains. (Inglês).

2039. *Aplē angim ghalchi kos, năy dhărchi dusryachi*

*as*. Cada um arregace o fato no seu corpo, não espere que outro o faça.

Equival. Chi fà da se fà per tre. (Italiano).

2040. *Dhay nakxyô zhărăylya băgăr pot bhără na.* Não se enche a barriga sem que se rocem todas as dez unhas (sem trabalhar com todas as fôrças).

2041. *Hat-pāy dăvḍi, zali kăvḍi.* Quem trabalha tem «caurim» (dinheiro).

Equival. Qui se remue Dieu l'adjoue. (Francês). — Care and diligence bring luck. (Inglês).

2042. *Ghas măsăgăt kaḍhzi, adav kărun ghezi.* Se passares por fadiga e trabalhos, alcançarás proveito.

Equival. O que se ganha com grande trabalho come-se com prazer. (Chinês). — Business is the salt of life. (Inglês).

2043. *Girvăḍ ghevunchi, poḷi khavunchi; girvăḍ ghe na, poḷi khay na.* Para comer o bôlo é preciso afadigar-se; quem não trabalha, não come o bôlo.

2044. *Dhavtăloy khărzeta, ani paṭh dhărtăloy khărzeta.* Ofega quem corre, e ofega também quem corre no encalço. Todos trabalham dum modo ou doutro.

2045. *Tçăltălo khuym tçălă na, ani kărtălo kitem kări na?* ¿Quem caminha constantemente aonde não caminhará, e quem trabalha afincadamente que não fará? — Diz-se também de quem está em disposição de andar ou trabalhar.

Equival. The faster the pace, the sooner a man reaches the end of his rope. (Inglês).

2046. *Ratyam phalya kărta.* De noite faz o dia de amanhã. Faz na véspera o trabalho do dia seguinte, ou trabalha até amanhecer.

2047. *Apṇem kellem utin', putan kellem mădhim' tçakran kellem kădin'.* O que cada um faz por si é óptimo, o que faz o filho é mediocre, o que faz o servo é ruim. — Usado no Canará.



Corresp. (parcial). O que é feito por si é bem feito.

2048. *Khŭyi gelyar, mathyar dis, pāya tăḷa savḷi.* Aonde quer que se vá, quando o sol está em cima da cabeça, a sombra fica debaixo dos pés. Em toda a parte é necessário trabalhar.

Equival. C'est partout comme chez nous. (Francês). — In every country the sun riseth in the morning. (Inglês).

2049. *Jivahvaram udari to lankḷam kăḍe zuzari.* Quem é pródigo de língua (quem fala muito) combate com a lenha. Quem se ocupa em falar ganha seu pão com trabalho ignóbil.

2050. *Tachem dăḷṇem thoḍem, pun kim' tçăṇem tçăḍh.* A sua moagem é pouca, mas a sua regateação é grande.

2051. *Haḍun vhărun cheḍum zalem mărunk.* A moça com trazer e levar *cousas inúteis* chegou a ponto de morrer.

Equival. *Frustra laboravi.*

2052. *Zaytim panyam kaḍhunk zay.* É necessário lutar com muitas marés. Diz-se do trabalho intrincado e prolongado.

2053. *Kăxṭ kele, vayam gele, duḍu zoḍle, udkant gele.* Trabalhou-se, mas não fundiu; ganhou-se dinheiro, mas foi-se na água (perdeu-se). — Diz-se quando se perdeu tudo que se lucrou.

Equival. Pilou-se o *arroz* dia e noite, e recebeu-se *em paga* sòmente farelos. (Marata).

2054. *Kam' kărtălyachi paṭh pălevum naka, jevtălyachem tonḍ pălevum naka.* Não olhes para as costas de quem trabalha, nem para a bôca de quem come. Aliás o primeiro não trabalha como deve, e o segundo não come quanto quere.

2055. *Bobalar kelalem kam' kăṭhin nij zavunk.* A obra feita à pressa dificilmente sai boa.

## Capítulo CCIX. — **Traição** [1]

2056. *Patki zavum ye, puṇ ghatki zavum năye.* Pode-se ser pecador, mas não traidor.

2057. *Visvas ghatki maha patki.* Quem trai a confiança é grande pecador. — Comum ao marata.

## Capítulo CCX. — **Usança**

2058. *Ghăran ghărim tech părim matiyechi tçul.* Em todas as casas é do mesmo estilo o fogão de barro. — Comum ao marata.

Explicação. O fogão do povo é composto de três blocos de barro amassado, secados ao sol.

2059. *Ganva sarko bhês, ani guru sarko upădês.* A usança é conforme a aldeia, e a doutrina é conforme o preceptor.

Equival. Cada roca com seu fuso, cada país com seu uso. — Em cada tierra su uso. (Castelhano). — Tanti paesi, tante usanze. (Italiano).

2060. *Ganva prămaṇem bhês, guru prămaṇem dhou.* O estilo é segundo a aldeia, e o cerimonial é segundo o sacerdote.

2061. *Grama prămaṇem părkar, desa prămaṇem bhês.* A praxe é segundo a aldeia, e a moda é segundo a província.

Equival. Vestir a uso e comer a gosto. — So many countries, so many customs. (Inglês).

2062. *Ghărŭ sarko ghăratçar ani kuḷa sarko atçar.* O estilo é concorde com a casa e o cerimonial religioso é concorde com a família.

---

[1] Vid. n.º 21.



## Capítulo CCXI. — **Vagar**

2063. *Săvkasayen tçăllyar adăḷ na.* Quem anda devagar não esbarra.

2064. *Nivăun khelyar rutç kăḷta, uhnoṇi khelyar jibh lasta.* Quem come o arrefecido sabe o sabor, quem come o quente tem a língua escaldada.

2065. *Lohu giḷlyar, kanṭoy giḷi yet.* Se se engole devagar, pode-se até engolir uma espinha. — Usado no Canará.

## Capítulo CCXII. — **Verdade** [1]

2066. *Tel buḍăt, puṇ săt buḍă na.* Pode submergir-se o azeite, mas não se submerge a verdade.

Equival. A verdade e o azeite andam ao de cima. Também em outras línguas. Sempre a verdade saiu vitoriosa. — La vérité finit toujours par se savoir. (Francês).

2067. *Săt buḍchem na, ănavăt tçăḍhchem na.* Não há de sumir-se a verdade nem aumentar a injustiça. — Usado no Canará.

Equival. Truth is truth to the end of the reckoning. (Inglês).

2068. *Sătatço bapuy marunk na.* Não morreu o pai da verdade. Declare-se a verdade tal qual é, sem embuço.

Explicação. Quando morre pessoa de família, as mulheres do povo embiocam-se durante os dias de luto, de sorte que não se lhes vê a face.

Equival. A verdade, ainda que amarga, se traga. — Truth is God's daughter. (Inglês).

2069. *Săt tari, phôṭ mari.* A verdade salva, a mentira mata.

---

[1] Vid. *Mentira.*

Equival. A mentira é doença, e a verdade é saúde. A verdade é nobreza, a mentira é vileza. (Árabe). — Truth is the best buckler. (Inglês).

2070. *Săt hoṇak aplya derar naka.* Ninguém quere a verdade à sua porta. Ninguém quere saber a verdade que o dasengana ou deprime.

Equival. *Veritas parit odium.*

2071. *Sătak ĕk vaṭ, ănyayak bara vaṭō.* A verdade tem um só caminho, a injustiça (a iniqüidade) tem doze vias.

2072. *Koṇem mhuḷlam, koṇem aykălam; khărem kărunk gelo gunyanvlo zalo.* Um disse, outro ouviu; quem foi averiguar tornou-se culpado.

Equival. Vi um homem, que viu outro homem, que viu o mar.

2073. *Săta phoṭik tin paṭhi.* Para se saber se é verdade ou falso, *prove-se ou pratique-se* três vezes.

2074. *Băro sădanṭç khăro.* O bom é sempre veraz.

2075. *Ang udkan nităḷ, măn sătan nităḷ.* Com a água se limpa o corpo, e com a verdade se purifica a mente. — Usado no Canará.

2076. *Sătak pondhra vărsam, phoṭik ekuṭç ghăḍi.* A verdade dura quinze (muitos) anos, a mentira só um momento. — Corrente no Canará.

2077. *Ănăvătak pōr nă, sătak bhăr na.* O velho não gera filhos, e a verdade não causa satisfação. — Voga no Canará.

## Capitulo CCXIII. — **Vergonha**

2078. *Lăz astălyak lăz, lăz na taka săkăṭ hanstat.* Vergonha a quem tenha vergonha; quem a não tem, dêle se riem todos.

Equival. Quem não tem vergonha não tem honra.

2079. *Khi, sunya mhuḷlyar, suṇem satam săm'diram* (ou *tarim*) *bhayr vătçun nak apṭun melam.* Tendo se dito:



«apage! cão», o cão transpôs sete mares (ou rios), bateu com o nariz e morreu.

Origem. Foi repreendido um cão por um seu acto mau, e o cão ficou de tal modo corrido, que foi morrer além de sete rios, dando com o nariz no chão. Crê-se na Índia que a vergonha está situada na ponta do nariz; o marido cortava por vezes o nariz à mulher infiel como sinal de infâmia; o que também acontece agora uma ou outra vez.

Variante (do Canará). *Khi suṇem, lăz na, sanze tuka pez na mhuḷlya phara, suṇem ṭăkli daḍăvun mellem khuym.* Conta-se que no momento em que se disse: «apage! cão desavergonhado! tu não terás canja à tarde», — o cão matou-se batendo a cabeça.

2080. *Mun'syak lăz sansvachem kărlbhăr.* A vergonha do homem é tanta como a casca da mostarda. Isto é: a vergonha é muito fina e delicada, correndo por isso risco de se perder com facilidade, se não houver muita cautela.

2081. *Lăzek mărchem, dha zănanchem bărem ghevunchem.* Deve-se morrer por honra e procurar ser louvado pelo público.

2082. *Lăz na bhiḍa dăkhăl kărchyak piḍa.* Não há vergonha nem deferência para manifestar a doença (ao médico).

Corresp. Ao médico, confessor e letrado não o tenhas enganado.

2083. *Bhiḍ bhikechi băhiṇ.* Demasiada vergonha é irmã da mendicidade. Quem por nimia deferência se retrai de manifestar as suas necessidades morre de fome. — Comum ao marata.

Corresp. Quem tem vergonha cai de magro. A vergonha no pobre fá-lo mais pobre.

2084. *Ĕk paṭhi lăz geli mhunṭoṭç părti ye na; ti mhunta vătçum kitem, yevum kitem?* Se a vergonha se foi

uma vez, não volta mais; diz ela: «¿quanta irei e quanta voltarei?» É tão pouca e simples.

2085. *Lăz viktat thăym pavunk na.* Não chegou aonde se vende a vergonha. — Diz-se dos mancebos que pouco prezam a modéstia e o recato.

2086. *Lăz bhazun kheli.* Comeu a vergonha assada. — Diz-se de quem perdeu de todo o pundonor e recato.

2087. *Bhem asa, puṇ lăz na.* Tem medo, mas não tem vergonha.

Corresp. Mêdo haverei, mas bom nunca serei.

2088. *Nak katrun hatant ghevunk.* Cortar o nariz e trazê-lo na mão. Perder a vergonha, cuja sede é o nariz.

2089. *Naḍyak lăz na.* O nu não tem vergonha. Quem se rebaixou não sente vergonha do seu estado. — Comum ao marata.

2090. *Zali khărăz, soḍli lăz.* Quem tem sarnas larga a vergonha. Isto é: não se envergonha de descobrir o corpo para se coçar. — Comum ao marata.

2091. *Tçăḍh uvo taka khărăz na, ani tçăḍh kărz (gărz?) taka lăz na.* Quem tem muitos piolhos não tem prurido, e quem tem muita dívida não tem vergonha.

2092. *Lăz nslăllyatçe săglo săunsar.* Quem não tem vergonha todo o mundo é seu. — Idêntico em italiano.

2093. *Lăz na vărvad, natçṇe vămple dăryak.* Não tem vergonha nem pudor, foi semear o «nachenim» (cereal que se semeia nos montes) no mar. — Diz-se de quem pratica uma acção desassisada ou pouco modesta.

2094. *Sangunk gelyar lăz, khavunk gelyar pez.* Se vou dizê-lo é indiscrição; se vou comê-lo é canja.

Obs. Canja considera-se alimentação vulgar e pouco substancial. Se alguém vai declarar que vive de canja, passa por vergonha. O provérbio pode também referir-se à hospedagem.



2095. *Divalyak tambḍi topi.* Ao falido barrete encarnado.

Explicação. Quem quere declarar a sua falência põe na cabeça um barrete encarnado. Mas sendo tido pelo povo como de luxo tal barrete, devido à sua côr, considera-se o homem destituído de pudor. Aplica-se metafòricamente a quem faz gala da sua pobreza ou infortúnio.

Equival. Quem não tem vergonha julga que todo o mundo é seu.

## Capítulo CCXIV. — **Vestígio**

2096. *Ghay peklyar mau urta.* Se sara a ferida fica a cicatriz. Restam sempre indícios do mal que se fez. — Também em bengali, malaio e inglês.

2097. *Sambhar sărlyar potyak vasuṇ na?* Se acabaram as especiarias ¿não restará ao menos um cheiro no saco *que as continha?* — Emprega-se figuradamente em bom sentido.

Equival. La caque sent toujours le hareng. (Francês).

2098. *Hăttl gelo ani wempḍi urli.* Foi-se o elefante e ficou o seu rabo. — Comum ao marata.

2099. *Xigmó sărlo, kăutam urlim.* Passou-se o «xigamó», mas restaram as farças [1]. Passou-se a causa, mas subsistiram os seus maus efeitos, como os do carnaval desbragado dos hindus. — Usa-se muito o provérbio metafòricamente, quando se trata de algum acto alegre que deixou tristes conseqüências. — Comum ao marata.

Equival. Passam as nuvens, mas fica a chuva. (Chinês). — Pasa la fiesta, y el loco resta. (Castelhano).

---

[1] Vid. *Agricultura*, n.º 36.

## Capítulo CCXV. — **Vias tortas**

2100. *Sangṇi ĕk ani ṭhevṇi ĕk.* O dito é um e o depósito é outro.

Origem. Uma mulher, que tinha suspeita de larápios, dizia em voz alta, fingindo conversar, que o seu pecúlio estava bem seguro debaixo do pé do fogão. Um ratoneiro, que o ouviu, foi buscá-lo ao sítio indicado e ficou preso na armadilha, e então dizia êle...

Equival. Apregoa vinho e vende vinagre. Também em castelhano. Numa parte se põe o ramo, e noutra se bebe o vinho [1].

2101. *Kăṇḍyan pănăs.* «Jaca» na alcofa. Negócio encoberto. — É muito corrente o ditado.

Explicação. Põe-se uma alcofa, feita de palma, à jaca, quando está na árvore, para se preservar de animais daninhos ou para não apanhar o mau olhado, em que muito se acredita na Índia.

2102. *Ximer mădem.* Colocar o cadáver no limite (para que se não saiba a que freguesia pertence). Não derimir a questão; oscilar entre dois partidos. — Muito usado entre os cristãos.

2103. *Uphraṭe nyay tuka kityak zay.* ¿Porque queres tu processos tortos?

2104. *Ăḍkănaḍkănim aplo săumsar kărunk.* Arranjar a sua vida por artes de berliques e berloques.

2105. *Hassun pad visravunk.* Encobrir com gargalhada os gazes intestinais. Socorrer-se a tangentes pouco destramente.

2106. *Săkaḷim uṭhun kolyachem toṇḍ pāḷăllem gi?*

[1] «Os vilões pensam uma cousa, dizem outra e fazem terceira; os espíritos nobres pensam, falam e obram dum mesmo modo». — Sânscrito.



¿Quando te levantaste de manhã viste a cara do adibe? — Usado no Canará.

Explicação. O adibe passa na fabulística indiana por muito astuto, manhoso e trapaceiro. Vê-lo é o mesmo que querer imitá-lo.

2107. *Khunṭo kaḍhlo, hatant dilo.* Pegou na vassoura gasta e deu na mão. — Diz-se de quem logra ou defrauda o seu parceiro, coerdeiro, etc., nos seus interêsses.

Obs. As vassouras da Índia são diferentes das da Europa e usadas transversalmente; fazem-se de «icles» ou talos de lacínias de fôlhas de coqueiro, ligados por meio de cairo na base, sem outro cabo. Quando se vão gastando com o uso e se reduzem quási a metade, chamam-se *khunṭo*, que então não presta para nada. Dar, portanto, tal objecto é como se não tivesse dado nada.

## Capítulo CCXVI. — **Vicissitudes**

2108. *Dăryak sukti ani bhărti asa.* O mar tem enchentes e vasantes. Os males alternam-se com os bens.

Variante. Acrescenta-se às vezes: *kityak kărtay pădvi?* ¿Porque ostentas poder?

Corresp. Não ha dia sem tarde. — A flow will have an ebb. (Inglês). — Análogo em holandês.

2109. *Az maka, phalya tuka, ăsem Dev kărta.* Hoje para mim, amanhã para ti: assim Deus determina.

Corresp. Hoje por mim, amanhã por ti.

2110. *Ḍongrachi kaḍi, kaḍiyetço ḍongăr khiṇa bhităr.* De monte aresta, de aresta monte, em um instante.

2111. *Heṇem aylem, teṇem gelem.* O que veio por aqui (o bem) foi-se por ali.

2112. *Xetak pik, dăryak bhik.* Uberdade ao campo, penúria ao mar. Se há uma cousa, falta outra.

2113. *Bhărlo kuḍăv om'tălo.* Encheu-se o alqueire, entornou-se.

2114. *Gim' gelo, paus aylo, chintnek pădlo.* Foi-se o verão, chegou o inverno, pôs-se a pensar. Passou-se a prosperidade, entrou a desgraça, achou-se em cuidados.

2115. *Varyan aylo, vavtălin gelo.* Veio com o vento e foi-se com a ventania. — Comum ao marata.

## Capitulo CCXVII. — **Vida e morte** [1]

2116. *Jiṇi prămaṇem mărn.* A morte é conforme com a vida.

Corresp. Quem bem vive bem morre. — Morremos como vivemos. (Turco). — *Qualis vita, finis ita.*

2117. *Melălyak mati, jivyak roṭi.* Terra ao defunto, pão ao vivo.

Corresp. Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

2118. *Jevlya băgăr vantçă na, melya băgăr suṭă na.* Ninguém vive sem comer, ninguém escapa à morte.

Equival. ¿Pode-se porventura encher a barriga com reter a respiração? (Telugo).

2119. *Mun'xyachi jiṇ săpṇa sarki.* A vida do homem é como um sonho.

Variante. *Mun'xyachi jiṇ vaṭsura sarki.* A vida do homem é como um viandante.

Variante. *Mun'xyachem jiṇem vaṭsurachem.* A vida do homem é como a dum viandante.

Equival. Tanto morre o Papa como o que não tem capa.

2120. *Jiṇem thodem, marn khărem, kityak kărunk sodhtay hanga peṇem?* A vida é breve, a morte é certa, ¿porque procuras fazer aqui no mundo a tua estância?

2121. *Jiv urlyar bhik magun khavum yet.* Se vivermos, poderemos passar mendigando.

---

[1] Vid. *Analogias*, n.º 101; *Fiador*, n.º 905.



Equival. Mais vale pedir e mendigar que na fôrca pernear. — *Omnia propter vitam.*

2122. *Zalălyachem mărtălem.* Há-de morrer de quem nasceu. Quem gerou tem de contar com a morte do gerado. — Diz-se por consolação aos pais como um facto natural.

Equival. Charon waits for all. (Inglês).

2123. *Paḷṇem bhoglam taṇem onḍo bhogunk zay.* Quem gozou do berço tem de gozar da cova. Quem nasceu tem de morrer [1].

Equival. A vida do homem é como o candeeiro exposto ao vento. (Chinês). — It is as natural to die as to be born. (Inglês).

2124. (*Riqueza*). *Jiṇi sarkem mărn, măna sarkem dhăn.* A morte é em conformidade com a vida, e a riqueza é em conformidade com o coração.

2125. *Mărṇ mhuṇ jiṇ.* A vida é por causa da morte. Vivemos para morrer.

Equival. Toda a vida devemos aprender a morrer. — The greatest business of life is to prepare for death. (Inglês).

2126. *Mărṇak săgle bhiyetat.* Todos têm mêdo à morte.

2127. *Mhataro ani tarṇo, mărṇak săkăṭ sarko.* Velho ou moço, para a morte tudo é o mesmo.

Equival. Contra a morte não há remédio. Tanto morrem dos cordeiros como dos carneiros. — Death and the grave make no distinction of persons. (Inglês).

2128. *Piklem pan, zhăḍlem, taka na răḍṇem.* Secou a fôlha, caiu, não há chôro por ela.

Obs. Alude-se à morte dos velhos, a qual não deve causar grande dor aos sobrevivos, por ter seguido o curso da natureza.

---

[1] É inevitável a morte de quem nasceu, é inevitável o nascimento de quem morreu. (Sânscrito).

Equival. Quando o melão estiver maduro, cairá por si. (Chinês). — Dying is as natural as living. — Wenn die Birne reif ist, fallt sie ab. (Alemão: Quando a pera amadurece, cai).

2129. *Melo, husko soḍun gelo.* Morreu, foi-se largando os cuidados. O morto está livre dos cuidados do mundo.

Equival. Death rather frees us from ills than robs us of our goods.

2130. *Melălya paṭhi koṇ mără na.* Ninguém morre pelo morto.

2131. *Bărem adar mărchê adim, magir na tujê adhin.* Pratica o bem antes de morrer, depois não tens liberdade de o fazer.

2132. *Melo, sorgar gelo.* Morreu, foi para o céu. Do morto diga-se sempre bem.

Equival. O mundo louva sempre os mortos. (Hindustani). *De mortuis nil nisi bonum.*

2133. *Melya vantçun suṭă na, kurpê vantçun sorg meḷă na.* Ninguém escapa à morte; ninguém alcança o céu sem graça.

2134. *Mărunk zay êk pavṭh, tăyar ravunk zay săbar pavṭhi.* Morrer uma vez, aparelhar-se para a morte muitas vezes.

2135. *Sădam mărta taka koṇ rădtar?* ¿Quem é que deplora o que morre sempre? Ninguém tem pena de quem se queixa constantemente de que está muito doente e vai morrer. — Comum ao marata.

2136. *Aukh asăt piḍê kăḍe zuzăt, okhăt meḷăt.* Se houver de viver, lutará com a doença, encontrará o remédio. Quem tem vida, a água fria lhe é mèzinha.

2137. *Aukh aslyar mără na, okhăt mevlya băgăr băro zay na.* Se há vida *predestinada*, não morre, mas não fica bom sem que encontre remédio.

2138. *Aukh sărlem, okhăt na mevḷ.m.* Chegando termo da vida, não se encontrou remédio.



Equival. Contra a gadanha da morte não há destreza, nem armas que defendam.

2139. *Aukhachi dori tuṭli, văizachi măt phirli.* Rompeu-se o fio da vida, transtornou-se a cabeça do médico.

2140. *Eksurachem mărṇ tçorachem ani sarkem.* A morte do solitário e do ladrão são semelhantes. Ninguém as deplora.

2141. *Kuṭumbantlem mărṇ săbăndha ani sarkem.* A morte dum membro de numerosa família é semelhante ao casamento. A morte dum individuo de numerosa família é antes um alívio que pena.

2142. *Jivar kălpăt to lăkzar kălpăt.* Quem se não importar com a vida própria combaterá com milhares (como fazem os amoucos da Índia e da Malásia).

Equival. Um homem desesperado vale dez. A man in distress or despair does as much as ten. (Inglês).

2143. *Zavunchem zalem, melălem gelem, tum koṇak rădtăy?* O que tinha de acontecer aconteceu, o que morreu foi-se ¿tu por quem choras?

Equival. Contra a morte não há remédio.

2144. *Mărchya kaḷar hat-pây boḍaytalo khuym.* Diz-se que batia as mãos e os pés à hora da morte (por arrependimento ou por despeito). — Toma-se de ordinário no sentido mau. Usado no Canará.

2145. *Melălê mhăzik bara zer dudh.* A búfala morta dá doze quartilhos de leite. — Igualmente em marata, com diferença de «cinco» por «doze». Emprega-se muito quando se apregoam com exageração as virtudes e as prendas dum sujeito depois da sua morte.

Origem. Dizia um individuo que a sua búfala não dava quási nenhum leite, mas depois que ela morreu, lamentava-se de ter perdido uma búfala, que lhe dava doze quartilhos por dia.

2146. *Mărṇachya veḷar Jezu pav?* ¿À hora da morte

dizes: Acuda-me Jesus? — Diz-se a quem só por extrema necessidade recorre a outro, de quem aliás não se importava.

## Capítulo CCXVIII. — **Vigilância**

2147. *Dolyant tel ghalun ravunk.* Estar com azeite nos olhos. Isto é: Esperar alguém ansiosa ou vigilantemente.

2148. *Dolyant kazăl ghalun savunk.* Estar com colírio nos olhos. Vigiar, espreitar, aguardar.

Obs. Crê-se que assim o azeite de côco como o *cazol* (vid. *Glossário*) apuram a vista. O segundo é também um dos cosméticos da mulher indiana, especialmente hindu e da puérpera, para as pálpebras.

## Capítulo CCXIX. — **Vingança**

2149. *Suṇem tçablem mhuṇ, suṇyak ghans marlyar zata?* ¿Aproveita abocanhar o cão que mordeu?

2150. (*Ira*). *Undrachya rągan ghărak uzo lavunk.* Largar fogo à casa por zanga do rato. Queimar a casa para destruir os ratos. — Diz-se dos efeitos desastrados da vingança. Também em tamul.

Equival. Incendiar a casa para matar uma vespa. (Hindustani).

## Capítulo CCXX. — **Virtude e vício**

2151. *Guṇak puza, ăguṇak iza.* Veneração à virtude, vitupério ao vício.

2152. *Burgyak mhataro kărta ăguṇ, mhataryak tărṇo kărta suguṇ.* O vício faz do rapaz velho; a virtude faz do velho moço. — Indicam-se os estragos que causam os vícios e as vantagens materiais que resultam das virtudes.



2153. *Mun'xyak munis băro zavun tçăllălo asa răy?* ¿Existe porventura algum individuo que proceda bem com todos os homens? — Usado no Canará.

## Capítulo CCXXI. — **Viúva**

2154. *Randek ghov tenklo, tatço modlo donko.* O marido encostou-se a viúva (casada com êle) partiu-se-lhe a perna.

Explicação. A viúva tem mais experiência da vida de casados; não se submete por isso com facilidade às exigências do marido. Note-se porém que a ortodoxia hindu proíbe segundas núpcias às viúvas.

2155. (*Infelicidade*). *Randen kelo ghov, phulank pădlo dukăl.* A viúva conseguiu ter marido, e houve penúria de flores.

Explicação. Durante a viúvez as mulheres não podem enfeitar-se com flores, como costumam fazê-lo outras mulheres.

Equival. Quando a velha tem dinheiro, não tem carne o carniceiro.

2156. *Rand ghov kărta aplya sukhak, ganv papi.* A viúva toma marido para seu gôzo, e a aldeia tem culpa (por o não ter impedido).

Equival. Wo man den Esel krönt, ist Stadt und Land gehöhnt. (Alemão: Onde se coroa o burro, a cidade e o país passam por vergonha).

2157. *Rand bail konxyant, ayav bail mun'xyant.* A mulher viúva no canto; a mulher casada entre gente. — Não é tanto entre os cristãos como entre os hindus.

2158. *Apṇa băritç zanv di, mhăṇă khăym bodkem bramaṇlem.* «Seja como eu», — dizia a brâmina rapada. — Usado no Canará.

Obs. O adágio está concebido em termos pejorativos, devido ao antagonismo das castas.

2159. *Dhăvya ghodyachi tçakri kărchi năy, ani randê bailechi săngat kărchi năy.* Não se sirva ao cavalo branco, nem se ande em companhia da mulher viúva.

Equival. (parcial). Nem de menina te ajudes, nem cases com viúva. — He that has a white horse and a fair wife never wants troubles. (Inglês).

## Capítulo CCXXII. — **Vizinhos**[1]

2160. *Xezarṇ tuka bări zayt zalyar, sui magtotç, dagya săhit ditălì.* Se a vizinha fôr boa para ti, quando lhe pedires uma agulha dar-te há com fio.

Corresp. (inverso). A má vizinha dá a agulha sem linha. Também em castelhano.

2161. *Xezara ghăr ani merek xet aslya băgăr mun' xyachê părikxechi kăḷă na khăbăr.* Sem se ter casa na vizinhança e campo nos confins, não se faz idea da íntima disposição do homem. Quere dizer que tal é o meio adequado de se conhecer o homem pelo seu exacto valor.

2162. *Sănso sodhta zhaḍ ani xezari sodhta paḍ.* A lebre procura planta e o vizinho procura a ruína *do seu convizinho.*

2163. *Xezarṇ ghărant rigli, ghărachi săgli kăḷakăḷ ghevun geli.* Entrou a vizinha em casa, foi-se embora inteirada dos seus segredos.

Equival. Cerra tua porta, farás tua vizinha boa. — Every man's neighbour is his looking-glass. (Inglês).

2164. *Bări xezarṇ ani piri ghărkarṇ sări zayt?* ¿A boa vizinha e a tola dona da casa serão porventura iguais?

2165. *Xezarṇ burgim postăli salyar, avăy leityak zay*

[1] Vid. *Parentes; Cobiça*, n.º 391; *Companhia*, n.º 391.



*asli?* Se a vizinha pudesse criar as crianças *alheias* ¿que necessidade haveria da mãe?

2166. *Eŭk xezari bara văiri* (vulg. *ari*). Um vizinho *vale por* doze inimigos.

2167. *Xezarachê budhin ghărak uzo laylo.* Atendendo aos conselhos da vizinhança, largou fogo à casa. — Diz-se de quem se deixa levianamente sugestionar por vizinhos para proceder mal com sua família.

2168. *Angḍir dixṭ dăvăr naka, xezarak kan di naka.* Não mires a loja *doutrem*, nem dês ouvidos à vizinhança. —Corrente no Canará.

2169. (*Pais*). *Avăy-bapuy puṇ sanḍum yet, xezaryam samaryank sanḍum nazo.* Podem-se largar os próprios pais, mas não os vizinhos (que em qualquer parte os há-de haver). — Usado no Canará.

2170. *Don' ḍoḷe xezari, bhet na săunsarim.* Os dois olhos são vizinhos, mas não se encontram *durante a vida* no mundo. — Diz-se dos vizinhos que se não tratam. — Comum ao marata.

2171. *Xezara kazar măzo jiv ravta hoy ga?* Havendo boda na vizinhança ¿poderá o meu espírito estar sossegado? — Diz-se de quem descura os negócios domésticos por estar preocupado com as festas da vizinhança.

## Capítulo CCXXIII. — **Zombaria**

2172. *Ghansun ghevunchem, puṇ hansun ghevunchem năy.* Deixa-te esfregar (esfolar), mas não ridicularizar. — Comum ao marata.

2173. (*Justiça*). *Hansta tachya ghărak văsta.* Reverte para a casa de quem se ri *doutrem.* Quem escarnece recebe na mesma medida.

Variante. *Dusryak kenḍta tachyam burgyam săvem văsta.* Quem chasqueia doutro paga em seus filhos.

**2174.** *Dusryak kendta to apnacher dăldir apăyta.* Quem zomba doutro chama a miséria sôbre si próprio.

**2175.** *Pelyak kendta to apli mansugi hogdayta.* Quem escarnece do próximo perde a sua honra.

**2176.** *Hanv hanstam desak, dês hansta măjya bhesak.* Eu zombo com o país, e o país zomba com o meu estado.

**2177.** *Hansta thuym asăt.* Rirá e continuará a rir (sem fazer nenhum mal). — Di-lo quem se não importa com a mofa.

---

# TABOADA DE CAPÍTULOS


| | Pág. | | Pág. |
|---|---|---|---|
| Abuso | 1 | Cautela | 44 |
| *Acessório.* Vid. Principal. | | Cegueira | 45 |
| Adulação | 3 | Céu e inferno | 45 |
| Agravamento | 6 | Cobiça | 46 |
| Agricultura | 8 | Coincidência | 48 |
| Ambição | 11 | Colisão | 49 |
| Ameaças | 11 | Comida | 50 |
| Amizade e inimizade | 12 | Cómodos | 51 |
| Amor | 15 | Companhia e solidão | 53 |
| Amos e criados | 16 | Compensação | 56 |
| Analogias | 17 | Competência e incompetência | 56 |
| Anjos e demónios | 18 | Compras e vendas | 57 |
| Aparências | 19 | Comum | 58 |
| Atrevimento | 21 | Conexão e inconexão | 59 |
| *Ausência.* Vid. Presença. | | Cônjuges | 60 |
| Auxílio | 21 | Conselho | 70 |
| Avareza | 22 | Contas | 71 |
| Baixeza | 24 | Contenda | 72 |
| Bem e mal | 25 | Contraste | 73 |
| Bisbilhotice | 26 | Conveniência | 77 |
| Bravatas | 27 | Conversação | 80 |
| Cadáver | 29 | Cooperação | 80 |
| Candura | 29 | Correlações na vida prática | 82 |
| Caridade | 30 | *Criados.* Vid. Amos. | |
| Casamento | 32 | Crianças | 83 |
| Casa própria | 36 | Cuidados | 84 |
| Castas e raças | 37 | Culto | 85 |
| Castigo | 39 | Curiosidade | 86 |
| Causa e efeito | 40 | Dano | 86 |

Pág.

Decepção . . . . . 87
Deferência . . . . . 87
Demanda . . . . . 88
*Demónios*. Vid. Anjos.
Desatino . . . . . 88
Desconfiança . . . . . 91
Descontentamento . . . . . 91
Desespêro . . . . . 92
Desigualdades . . . . . 93
*Desonra*. Vid. Honra.
Desprêzo . . . . . 93
*Desproporção*. Vid. Proporção.
Destino . . . . . 94
Deus . . . . . 95
Dever . . . . . 100
Dificuldade . . . . . 100
Dilação . . . . . 101
Dinheiro . . . . . 101
Distância . . . . . 105
Distracção . . . . . 105
Diversidade . . . . . 106
Dívida e empréstimo . . . . . 107
Doença . . . . . 108
Doido . . . . . 110
Dono . . . . . 111
*Dor*. Vid. Prazer.
Economia . . . . . 112
Educação . . . . . 113
*Efeito*. Vid. Causa.
Egoísmo . . . . . 114
Embriaguez e vinho . . . . . 116
*Empréstimo*. Vid. Dívida.
*Enteados*. Vid. Madrasta.
Êrro . . . . . 118
Estado . . . . . 119
Esperteza e sagacidade . . . . . 119
Exageração . . . . . 122
Excentricidade . . . . . 123
Excesso . . . . . 123
Exemplo . . . . . 125

Pág.

Experiência . . . . . 126
Facilidade . . . . . 128
Fala e palavra . . . . . 129
Fartura e fome . . . . . 134
Favor e gratidão . . . . . 137
Felicidade e infelicidade . . . . . 138
Fiador . . . . . 140
*Filhos*. Vid. Pais.
*Fim*. Vid. Princípio.
Fingimento . . . . . 140
*Fome*. Vid. Fartura.
Fôrça e fraqueza . . . . . 142
Fortuna e infortúnio . . . . . 143
Furto . . . . . 146
Futuro . . . . . 147
Gracejos e galanteios . . . . . 147
Grandes e pequenos . . . . . 148
*Gratidão*. Vid. Favor.
Gula . . . . . 149
Hábitos . . . . . 151
Hereditariedade . . . . . 151
Higiene . . . . . 152
Homem e mulher . . . . . 153
Honra e desonra . . . . . 154
Hóspede . . . . . 156
Humildade e soberba . . . . . 156
Idades . . . . . 161
Ignorância e parlapatice . . . . . 164
Imitação . . . . . 166
Impaciência . . . . . 166
Imperfeição . . . . . 167
Impossibilidade . . . . . 168
Impostura . . . . . 169
*Imprevidência*. Vid. Previdência.
*Imprudência*. Vid. Prudência.
Impudência . . . . . 170
Imputação . . . . . 170
Incerteza . . . . . 171
Incoerência . . . . . 171





Pág.

Incompatibilidade . . . . . 173
*Incompetência*. Vid. Competência.
*Inconexão*, Vid. Conexão.
Indícios . . . . . 174
Indiferença . . . . . 175
*Índole*. Vid. Natureza.
*Infelicidade*. Vid. Felicidade.
*Inferno*. Vid. Céu.
*Infortúnio*. Vid. Fortuna.
Ingratidão . . . . . 176
*Inimizade*. Vid. Amizade.
Injustiça . . . . . 177
Instrução . . . . . 181
Inteligência e pensamento . . . . . 181
Interêsse . . . . . 182
Inutilidade . . . . . 186
Inveja . . . . . 189
Ira . . . . . 189
Justiça . . . . . 191
Ladrão . . . . . 193
Leviandade . . . . . 196
Liberdade . . . . . 197
Limpeza e sujidade . . . . . 198
Madrasta e enteado . . . . . 199
Maledicência . . . . . 200
*Mal*. Vid. Bem.
Malevolência . . . . . 200
Médico . . . . . 200
Mêdo . . . . . 201
Meios impróprios . . . . . 203
Mente . . . . . 206
Mentira . . . . . 207
Mérito e demérito . . . . . 209
Miséria . . . . . 210
Missa . . . . . 213
*Morte*. Vid. Vida.
*Mulher*. Vid. Homem.
Mundo . . . . . 213
Natureza e índole . . . . . 214
Necessidade . . . . . 219

Pág.

Nobreza e baixeza . . . . . 221
*Nora*. Vid. Sogra.
Novidade . . . . . 221
Obediência . . . . . 222
Obstinação . . . . . 222
Ocasião . . . . . 222
Ociosidade . . . . . 224
Opinião . . . . . 224
Oportunidade . . . . . 227
Ostentação . . . . . 228
Pais e filhos . . . . . 232
*Palavra*. Vid. Fala.
Parentes . . . . . 239
Pátria . . . . . 242
Paz . . . . . 242
Pedido . . . . . 242
*Pensamento*. Vid. Inteligência.
*Pequenos*. Vid. Grandes.
Perigo . . . . . 243
Perseverança . . . . . 243
*Pobreza*. Vid. Riqueza.
Poder . . . . . 244
Portuguêses . . . . . 246
*Povo*. Vid. Rei.
Prática . . . . . 246
Prazer e dor . . . . . 248
Precipitação . . . . . 249
Preferências . . . . . 250
Preguiça . . . . . 250
Presença e ausência . . . . . 253
Pretextos . . . . . 253
Previdência e imprevidência . . . . . 255
Principal e acessório . . . . . 255
Princípio e fim . . . . . 257
Prodigalidade . . . . . 258
Profissões . . . . . 258
Progresso . . . . . 260
Promessa . . . . . 260
Propensão . . . . . 261
Proporção e desproporção . . . . . 261

| | Pág. | | Pág. |
|---|---|---|---|
| Provocação | 262 | *Sujidade*. Vid. Limpeza. | |
| Prudência e imprudência | 264 | Sustento | 286 |
| *Raças*. Vid. Castas. | | Temeridade | 289 |
| Raridade | 267 | Tempo | 290 |
| Realdade | 267 | Tempos antigos | 290 |
| Rei e povo | 268 | Trabalho | 291 |
| Relatividade | 270 | Traição | 296 |
| Religião | 270 | Usança | 296 |
| Resultado | 270 | Vagar | 297 |
| Riqueza e pobreza | 271 | Verdade | 297 |
| Rivalidade | 278 | Vergonha | 298 |
| Sabedoria | 278 | Vestígio | 301 |
| *Sagacidade*. Vid. Esperteza. | | Vias tortas | 302 |
| Saüdade | 280 | *Vicio*. Vid. Virtude. | |
| Segrêdo | 280 | Vicissitudes | 303 |
| Semelhança | 282 | Vida e morte | 304 |
| *Soberba*. Vid. Humildade. | | Vigilância | 308 |
| Sogra e nora | 282 | Vingança | 308 |
| *Solidão*. Vid. Companhia. | | Virtude e vício | 308 |
| Sonho | 285 | Viúva | 309 |
| Subordinação | 285 | Vizinhos | 310 |
| Subôrno | 286 | Zombaria | 311 |


# ÍNDICE[1]


Abelha, 1816.
Abóbora, 761, 1056, 1726.
Abraço, 1650.
* Abuso, 560.
Abutre, 1228.
Açafate, 111.
Açafrão, 934.
«Achar», 246, 398.
Aço, 1609.
«Acompanhante», 56, 318, 472, 1279.
Açúcar, 20, 891, 1029, 1030, 1269, 1879.
Adibe ou chacal, 114, 170, 329, 429, 557, 768, 938, 1043, 1469, 1531, 1696, 1820, 2009, 2106.
«Adó», 37.
Adôrno, 172, 357, 1427, 1556, 1631.
* Adulação, 1742.
Adulto, 1064.
Afeição, 1698.
* Agricultura, 225, 251, 252, 349, 391, 521, 536, 798, 839, 1258, 1674, 1684.
Água, 52, 255, 271, 323, 352, 428, 481, 555, 622, 760, 861, 862, 897, 932, 971, 1028, 1058, 1119, 1124, 1232, 1235, 1252, 1263, 1266, 1342, 1364, 1381, 1477, 1487, 1490, 1498, 1500, 1580, 1648, 1649, 1692, 1697, 1884, 1896, 1959, 1974, 2038, 2053, 2075.
Aguieiro, 112, 721, 1444, 1514, 1910.
Agulha, 406, 1120, 1505, 2160.
Alcatruzes, 1460.
Alcofa, 2101.
Aldeia, 67, 98, 152, 217, 223, 319, 342, 356-358, 399, 505, 665, 794, 1139, 1151, 1184, 1202, 1240, 1308, 1327, 1671, 2059, 2060, 2061, 2156.
Alfaiate, 1781, 1792.
Algodão, 524, 581, 939, 1386.
Almofariz, 1677.
Alparcas, alparqueiro, 183, 195, 221, 222, 379, 408, 471, 488, 529, 584, 1167, 1220, 1961, 2038.
«Alum», 1259.
Ambróia, 288, 1489.


[1] De palavras notáveis que figuram em diversos capítulos e das que ocorram fora das suas respectivas inscrições. O sinal * denota que o vocábulo tem capítulo na obra.

* Ameaça, 6.
* Amigo, 63, 67, 276, 1651, 1744, 1874.
* Amizade, 1651.
* Amo, 1742, 1156-1158.
Anacardo, 24.
Anel, 1493.
Animal, 1483, 1867.
Ano, 756, 2076.
Antojo, 1772.
«Apa», 1093, 1565.
* Aparência, 1991.
Apetite, 687, 873, 908, 1985, 1989.
Apito, 1153.
Ar, 703, 951.
Arado, 632, 1618.
Archote, 696.
Areca, arequeira, 175, 718, 1071, 1331, 1589, 1622.
Aresta, 733, 734, 1035, 1821, 2110.
Argueiro, 734.
Arroz, 9, 44, 55, 72, 73, 169, 235, 239, 240, 366, 417, 442, 517, 536, 637, 690, 785, 848, 909, 987, 1182, 1265, 1384, 1385, 1387, 1438, 1451, 1555, 1716, 1740, 1749, 1806, 1809, 1818, 1874, 1901, 1982, 2016, 2019, 2030, 2031.
Arte, 771, 2034.
Árvore, 236, 240, 327, 515, 614, 720, 761, 994, 1186, 1264, 1268, 1310, 1478, 1480, 1489, 1610, 1668, 1686, 1764, 1765, 1766, 1768, 1769, 1848, 1868, 1927.
«Árvore de cato», 1090.
«Árvore de gralha», 767, 775, 894, 1841.
Ascsta, 918.
Asa-fétida, 929.
* Auxílio, 495, 613.
* Avareza, 525, 647, 1733, 1985.
Avós, 159, 341, 995, 1067, 1248, 1632.
Azeite, 12, 27, 233, 570, 677, 714, 760, 940, 1576, 1784, 1966, 2066, 2147.
Azia, 200, 244.
Bago, 858.
Bailadeira, 31, 795, 1183.
Bairro, 664.
«Bakar», 93.
Bala, 757.
Balança, 1690.
Baleia, 1691.
Bambu, 721, 1486.
Bananeira, banana, 174, 324, 617, 981, 1399, 1642, 1978.
«Baneane», 1782, 1830.
«Bangaçal», 1459.
Banho, 76, 556.
Barba, 400, 534, 1238, 1861, 1946.
Barbaro, 343, 1238, 1788.
Barreira, barro, 212, 239, 992, 1452, 1597, 2058.
Barrete, 601, 2095.
Barriga, 83, 210, 243, 292, 386, 531, 542, 691, 834, 848, 858, 859, 869, 871, 880, 910, 984, 998, 1003, 1037, 1403, 1425, 1439, 1447, 1539, 1545, 1566, 1594, 1847, 1906, 1987, 1992--1999, 2025, 2028, 2033, 2040.
«Bate», 44.
Bebida, 308, 361, 697.
Beiço, 263, 302, 907, 1658.
* Bem, 178, 203, 449, 1173, 1433, 1710, 2108, 2111, 2131.
Bengala, 1443, 1647.
Berço, 558, 2123.
Beringela, 250, 714, 766, 2020.
Betele, 123, 294.
«Bibó», 24.
«Bigodeiro», 2037.





Bilha, 271, 338, 491, 911, 945, 1224, 1252, 1371.
«Biró», 294.
Bôca, 16-18, 30, 83, 164, 232, 294, 309, 435, 456, 461, 477, 479, 547, 548, 646, 717, 763, 787, 827, 830, 832, 836, 837, 839, 845, 847, 848, 872, 891, 894, 907, 915, 975, 979, 1003, 1091, 1098, 1154, 1306, 1307, 1321, 1322, 1330, 1381, 1400, 1411, 1452, 1519, 1542, 1569, 1936, 1939, 1977, 2036, 2054.
Bocado, 309.
Boi, 8, 87, 332, 500, 616, 699, 824, 1036, 1145, 1186, 1202, 1226, 1228, 1508, 1714, 1784, 1850, 1930, 1931, 1935, 1942, 1995, 2002, 2043.
Bôlo, 17, 18, 79, 169, 477, 486, 511, 714, 870, 882, 1003, 1093, 1200, 1227, 1247, 1248, 1565, 1660, 1719, 1746, 1788, 2002, 2043.
Bôlsa, 1880, 2035.
Bom, 328, 502, 503, 1195, 1235, 1432, 1565, 1660, 1719, 2074.
Bordão, 222.
Borralho, 314, 935.
Bosta, 37, 118, 530, 1032, 1034, 1070, 1347, 1441.
«Boto», 446, 772, 1787, 1791.
«Botó», 1771.
Braça, 165, 1558.
Braço, 1337, 1390, 1541, 1694.
Brâmane, 183, 215-220, 860, 2158.
* Bravatas, 59, 60.
Búfalo, 188, 254, 352, 354, 385, 450, 459, 474, 533, 779, 993, 1128, 1186, 1206, 1225, 1389, 1748, 1762, 2145.
Buraco, 186, 927, 1309.
Burro, 1007, 1052, 1131, 1507, 1725.
«Cabaia», 1494.
Cabaz, 355, 1655.
Cabeça, 10, 99, 516, 690, 788, 828, 939, 1075, 1088, 1903, 1138, 1217, 1287, 1296, 1329, 1340, 1361, 1526, 1576, 1621, 1624, 1880, 2048.
Cabelos, 117, 121, 842, 1246, 1383, 1384, 1986.
Cabide, 1516.
Cabra, 176, 223, 1010.
Cabresto, 824.
Caçada, 1868.
Cacos, 1530, 1565.
* Cadáver, 143, 357, 455, 506, 659, 968, 1383, 1476, 1524, 1525, 1849, 2102, 2117.
Cafre, 222, 1099, 1302, 1488.
Cairo, 555, 1467, 1681.
Caju, cajueiro, 48, 175, 1168, 1771.
Calças, 716.
Caldeirão, 479.
Caldeireiro, 191, 1040.
Caldo de arroz, 329, 671, 1149, 1451, 1568, 1760.
Calhau, 1350, 1682, 1850.
Camaleão, 165.
Camarão, 1588.
«Cambolim», 1761.
Caminho, 270, 272, 505, 513, 585, 748, 801, 895, 1055, 1118, 1137, 1570, 2011, 2071.
Camisa, 1146.
Cana de açúcar, 1, 326, 1104.
Canarim, 1700.
Candeeiro, 144, 460, 531, 532, 758, 833, 1187.
Canja, 55, 202, 359, 362, 398, 637, 689, 742, 1155, 1273, 2094.
Canto (de casa), 411, 640, 1549.

Canto (música), 468, 506, 667, 1527, 1528, 1889, 1990.
Cão, 4, 94, 115, 307, 408, 437, 509, 584, 585, 867, 870, 875, 901, 968, 969, 985, 1021, 1027, 1040, 1181, 1210, 1358, 1376, 1401, 1404, 1466, 1481, 1482, 1592, 1648, 1814, 1815, 1912, 1958, 1960, 2005, 2079, 2149.
Capital (fundo), 42, 284, 1216, 1713, 1842.
Cara, 554, 575, 890, 1111, 1163, 1715, 1751.
Caracol, 910, 1182.
Caranguejo, 900.
«Cariá», 673.
* Caridade, 127, 177, 184, 285, 1292.
Caril, 55, 417, 458, 1560, 1592, 1982.
Carnaval, 86, 1529 2099.
Carne, 258, 789, 1255, 1760.
Carpinteiro, 1551.
Carrapateiro, 1864.
Carro, 256, 499, 1119, 1126, 1695.
Caruncho, 1764.
Carvão, 1336.
* Casa, 34, 50, 56, 80, 88, 112, 151, 170, 193, 204, 282, 289, 296, 368, 369, 381, 396, 413, 418, 425, 426, 431, 489, 531, 536, 544, 561, 673, 705, 706, 708–710, 715, 856, 901, 902, 951, 959, 1027, 1039, 1057, 1073, 1165, 1181, 1207, 1303, 1305, 1310, 1336, 1342, 1347, 1354, 1357, 1444, 1459, 1514, 1556, 1641, 1670, 1759, 1777, 1811, 1841, 1842, 1957, 2062, 2150, 2161, 2167, 2168.
* Casamento, 446, 468, 506, 540, 807, 1016, 1523, 1620, 1623, 1625, 1709, 1738, 1782, 1935, 2141, 2171.
Casca, 767, 1172, 1768, 2080.
* Casta, 620, 1406, 1485.
Castanha, 917, 1150, 1731.
* Castigo, 58, 1808.
Caurim, 131, 711, 2041.
Cavaleiro, 1315, 1328.
Cavalo, 99, 459, 478, 684, 754, 777, 779, 936, 1257, 1587, 1611, 2159.
Caveira, 646.
Cavilha, 1705.
«Cazol», 1319.
* Cego, 258, 346, 615, 616, 1096, 1256, 1509, 1520, 1784, 1856.
«Ceira», 437, 863.
Ceitil, 1445, 1446.
Celeiro, 1901, 1905, 1928.
Cemitério, 1239, 1271.
Cerimonial, 2060, 2062.
Cêsto, 175, 1053.
* Céu, 175, 182, 315, 583, 597, 662, 1050, 1071, 1398, 1461, 1737, 2132, 2133.
Chacal. V. *Adibe*.
Chão, 1830, 1831.
«Chareta», 117, 141, 142, 428, 653, 883, 896, 898, 1179, 1189, 1640.
Chave, 260, 651.
Chibata, 451.
Chifre, 332, 514, 695, 938, 1225, 1788.
Chocalho, 1226.
Chôro, 55, 171, 198, 230, 336, 443, 467, 506, 570, 572, 576, 689, 899, 1006, 1524, 1610, 2128, 2143.
«Chorodó», 219.
Chuva, 36, 38, 206, 241, 347, 376 469, 474, 510, 865, 1141, 1150, 1190, 1286, 1377, 1418, 1639.



Cicatriz, 2096.
Cigarra, 548.
Cipai, 1978.
Cirauda, 442, 1695.
Coalho, 880, 1804.
Cobertor, 1540, 1761.
* Cobiça, 646, 1330.
Cobra, 59, 621, 782, 927, 1182, 1374, 1679, 1699, 1821.
Cobre, 893, 1882.
«Coces», 211.
Coiro, 509, 1800.
Colhér, 32, 1115.
Colisão, 532, 1105.
Comadre, compadre, 392, 431, 792, 1592.
«Combalenga», 761, 1726.
* Comida, 40, 76, 140, 247, 248, 267, 285, 286, 317, 325, 353, 361, 372, 447, 497, 512, 536, 558, 596, 622, 693, 809, 887, 888, 996–1000, 1004, 1070, 1072, 1176, 1440, 1549, 1566, 1570, 1574, 1664, 1757, 1913, 1988, 1990, 2003, 2004, 2064.
«Concanó», 223.
Concha, 971.
Concunhado, 420, 1660.
Confiança, 2057.
* Cônjuges, 493, 1022.
* Conselho, 381, 544, 694, 1267, 1675, 1676, 1708, 1827, 2167.
Contágio, 120, 647.
* Contas, 66, 1950.
* Contenda, 75, 958, 1205, 1242, 1817, 1843, 1844.
Conto, 475.
* Conveniência, 171.
Copa, 1765.
Côr, 116, 1334, 1482, 1715, 1791.
Coração, 61, 64, 65, 80, 83, 121, 174, 617, 907, 928, 1037, 1103, 1351, 1359, 1410, 1411, 2124.
Corpo, 154, 716, 852, 989, 1180, 1349, 1350, 1515, 1545, 1808, 1981, 1986, 1987, 2006, 2016, 2037, 2039, 2075, 2090.
Corvo, 462, 1513.
Costas, 7, 262, 387, 473, 474, 585, 735, 806, 951, 963, 1036, 1126, 1743, 2001, 2054.
Cotovêlo, 410, 411, 560.
Cousa, 743, 2029, 2030, 2051.
Cova, 480, 724, 799, 822, 1024, 1405, 1773, 2123.
Coxo, 566, 1134, 1595.
Cravo, 186.
Crédito, 674, 675.
* Crianças, 307, 526, 579, 664, 985, 986, 998, 1064, 1066, 1068, 1089, 1210, 1211, 1225, 1616, 1639, 1805, 2003, 2165.
Crocodilo, 7, 776.
* Cuidados, 1891, 1984, 2129.
«Culcarni», 1792.
«Culita», 1060, 1128.
Culpa, 837, 838, 1020, 1139, 1140.
* Culto, 221, 222.
Cunhado, 19, 97, 420.
Curandeira, 1366.
Curral, 136, 1762.
«Curumbim», 1100.
Dádiva, 111, 136, 608, 1294, 1655 1904, 1977.
«Daia», 1366.
Dança, 31, 198, 504, 795, 796, 1011, 1256, 1488, 1529, 1757.
* Dano, 49, 87, 377, 1021, 1156, 1157, 1939.
Dedos, 2, 134, 580, 790, 900, 915, 981, 1091, 1092, 1297, 1808, 1840.
* Demanda, 375, 436, 1001, 2029,

*Demónio, 105, 335, 618, 773, 774, 914, 1009, 1327.
«Dencló», 1498.
Dentes, 187, 188, 234, 294, 302, 444, 769, 1097, 1134, 1421, 1422, 1439, 1559, 1593, 1598, 1658.
Despesa, 130, 433, 1729, 1777, 1872, 1985.
*Deus, 22, 140, 174, 221, 226, 308, 419, 630, 702, 722, 773, 774, 909, 921, 946, 1013, 1022, 1035, 1158, 1302, 1415, 1871, 1885, 1980, 2022, 2109, 2146.
Dia, 269, 362, 453, 454, 485, 556, 657, 693, 756, 856, 953, 955, 1025, 1037, 1151, 1259, 1361, 1417, 1546, 1730, 1824, 1832, 1987, 2011-2015, 2046, 2109.
Diferença, 277, 826, 1949.
Digestão, 305, 1602, 2003.
Dinheiro, 106, 129, 132, 416, 431, 446, 712, 941, 972, 1177, 1185, 1240, 2035, 2041, 2053.
«Divali», 532, 1966.
*Dívida, 75, 415, 418, 1572, 1795, 1909, 2002, 2091.
*Doença, 83, 86, 196, 277, 399, 400, 685, 706, 997, 1001, 1363, 1389, 2082, 2136.
*Doido, 369, 443, 740, 786, 1898.
*Dor, 90, 149, 245, 404, 410, 411, 430, 451, 804, 1251, 1267, 1447.
«Dosró», 36.
Dote, 199.
Doutrina, 2059.
*Egoísmo, 1196.
Elefante, 487, 753, 777, 929, 967, 968, 969, 978, 1331, 1426, 1426, 1427, 1497, 1593, 1725, 1743, 1802, 2098.
Embarcação, 160, 431, 478, 479, 944, 1119, 1612, 1788, 1826, 1865, 1992, 2010.
Empôlas, 1180, 1265.
*Empréstimo, 102, 648, 656, 1572.
Enxoval, 1566.
*Êrro, 729.
Erva leiteira, 176.
Ervanário, 1503, 1739.
Escabelo, 147, 477.
Escamas, 1053.
Escopro, 1134.
Escorpião, 162.
Escovilhador, 1793.
Escrava, 199, 395, 1518.
Espada, 390, 1689.
Espancamento, 8, 105, 262, 375, 376, 378, 397, 473, 813, 814, 815, 817, 823, 1126, 1182, 1483, 1968.
Espelho, 1390, 1751.
Espinha, 2065.
Espinheiro, 126, 549, 1358.
Espinho, 360, 658, 1394.
Espirro, 1734.
Estaca, 480.
Estanho, 1609.
Estatura, 1926, 1927.
Esteira, 556, 636, 859, 1740.
Estéril, 403, 558.
Estilo, 2058, 2060, 2062.
Estômago, 243, 848, 998, 1003, 1981, 2003.
*Exageração, 14, 846.
*Excesso, 1348.
Exílio, 1669, 1672.
*Experiência, 1213, 1707, 1709.
Faca, 57, 263, 406, 819, 1261, 1847.
Face, 655, 1177, 1335.
*Fala, 20, 33, 75, 156, 408, 650, 1001, 1125, 1519, 1703, 1939, 2018, 2049.



Família, 706, 2141, 2062.
«Faraz», 152, 358, 794, 950, 1166, 1167, 1230, 1438, 1499, 1785, 1961, 2032.
Farça, 36, 1776, 2099.
Fardo, 29, 806, 810, 967, 1025, 1621, 1836.
Farelo, 314, 870, 935.
Farinha, 481, 818, 914, 972, 1117.
Fato, 1515, 1922, 2039.
*Favor, 357.
Fazenda, 348, 350.
Febre, 689, 693, 1173, 1180, 1195, 1273.
«Fedegoso», 688.
Feiticeiro, 403, 749, 1736.
Feixe, 28, 715.
*Felicidade, 603, 1888, 1917.
Feno, 126, 365, 1683.
Ferida, 24-26, 737, 894, 995, 1783, 2096.
Ferreiro, 1789.
Ferro, 122, 1266, 1504, 1692.
Festividade, 36, 486, 501, 532, 982, 987, 1047, 1048, 1184, 1529, 1572, 1573, 1918, 1919, 1966, 2099.
*Filhos, 193, 195, 197, 201, 452, 707, 799, 913, 993, 1016, 1048, 1055, 1225, 1305, 1742, 1749, 1750, 1842, 1965, 2047, 2077.
*Fingimento, 103, 409, 1129.
Flor, 257, 451, 482, 508, 523, 878, 1127, 1164, 1429, 1566, 1586, 1848, 2155.
Fogão, 89, 248, 397, 401, 442, 567, 1008, 1899, 2058.
Fogo, 27, 28, 74, 82, 108, 125, 155, 173, 426, 434, 785, 961, 1152, 1159, 1180, 1278, 1336, 1342, 1354, 1378, 1717, 1804, 2008, 2150, 2167.
«Foguéu», 79, 714.
Foice, 365, 1789.
Fole, 1770.
Fôlha, 16, 18, 184, 441, 701, 786, 1085, 1178, 1747, 2128.
*Fome, 287, 310, 453, 728, 889, 1386, 1447, 1452, 1584, 1646, 1652, 1714, 2083.
Fonte, 1845.
*Fôrça, 421, 515, 613.
Formiga, 303, 673, 684, 777, 1029, 1030, 1743, 1802, 2021.
Forno, 201.
Fôro, 44, 320, 1388.
Fortaleza, 1936.
*Fortuna, 382.
Frigideira, 1882.
Frio, 321, 519, 1254, 1581.
Fruto, 52, 236-238, 240, 257, 508, 784, 993, 1927.
Fumo, 74, 1159, 1179, 1268, 1284, 1717.
Funcho, 691.
Fundo, 5, 1836.
*Furto, 249, 391, 487, 702, 894, 994, 1610, 1642, 1764.
*Futuro, 228, 1753-1757, 1772.
Galinha e frango, 102, 421, 465, 642, 866, 998, 1086, 1095, 1112, 1132, 1169, 1181, 1242, 1568, 2003.
«Gancar», 335, 1339, 1703, 1704.
«Garopeiro», 1131.
Gases, 84, 920, 1476, 2105.
Gato, 267, 316, 439, 440, 557, 746, 758, 770, 876, 1100, 1181, 1301, 1598, 1958.
Genro, 93, 1621, 1634-1636, 1659.
Gente, 425, 426, 346.
Gergelim, 233, 330, 1915.
Gibóia, 339, 778, 800, 964, 965, 966, 1109, 1470, 1810.

Gôzo, 802, 803, 804, 926, 1838, 2032.
Gralha, 60, 135, 224, 295, 303, 462, 884, 898, 1059, 1098, 1222, 1513.
Grão de bico, 330, 444, 1045, 1559, 2036.
* Gratidão, 608.
Gravidez, 384, 433, 542, 1141, 1566, 1976.
Grei, 1852.
Grilheta, 1135.
Guela, 244, 1724.
Guerra, 113, 1273, 1455.
«Gunji», 1087.
* Hábitos, 744, 1354, 1479.
Hipocrisia, 103.
* Homem, 47, 70, 101, 115, 144, 275, 336, 338, 356, 496, 502, 599, 604, 609, 611, 638, 668, 824, 825, 840, 928, 988, 1018, 1142, 1207, 1209, 1473, 2119, 2161.
* Honra, 342, 738, 1903, 1502, 2081, 2175.
* Hóspede, 704, 1201, 1584.
Incenso, 918.
* Infelicidade, 2155.
* Inferno, 801, 1157, 1737.
* Infortúnio, 513, 1191-1193.
* Ingratidão, 290, 1362.
* Injustiça, 2067, 2071.
Inimigo, 64, 67, 77, 2166.
* Instrução, 798, 1079, 1213, 1933, 2059.
* Inteligência, 263, 551, 709, 1007, 1008, 1080.
* Inverno, 854, 1101, 1782, 2114.
* Ira, 205, 852, 2150.
Irmão, 420, 492, 730, 1273, 1609, 1662.
Isca, 765.
Jaca, jaqueira, 767, 858, 1407, 1448, 1491, 1897, 1902, 2101.
«Jagra», 831, 1131, 1471.
Joelho, 11, 959, 1015, 1185.
Jôgo, 961, 1457, 1589.
Jóia, 537, 1691.
Juízo, 340, 709, 729, 1015, 1081, 1827, 1838, 1839, 1926, 1928.
Jujuba, jujubeira, 1735.
Junta, 500, 793, 1615.
Juros, 284, 680.
* Justiça, 1690, 1855, 2173.
Lacre, 1758, 1942.
* Ladrão, 97, 98, 495, 808, 1133, 1221, 1223, 1511, 1671, 2140.
Lagar, 233.
Lágrima, 1161, 1525.
Lama, 1510.
«Langotim», 168, 1807, 2037.
Lápide, 1482.
«Laque», 711, 1345, 1426, 1550, 1940.
Leão, 30, 701, 1496, 1825.
Lebre, 1162, 1533, 2162.
Leite, 300, 456, 515, 533, 697, 911, 993, 1005, 1057, 1122, 1448, 1489, 1591, 1608, 1749, 1804, 2007, 2145.
Leito, 146, 1829.
Leme, 1865.
Lenha, 89, 397, 935, 1029, 1899, 2049.
Lepra, 154, 1484.
* Leviandade, 1488.
Língua, 164, 827, 828, 837, 840--842, 851, 1010, 1312, 1440, 1658, 1911, 1977, 2049, 2064.
Lixo, 1329, 1402, 1530, 1904.
Lodaçal, 153, 776, 1148, 1349, 1474, 1492, 1496, 1510.
Loja, 351, 1391.
Lotaria, 951.



Lua, 53, 343, 345, 363, 1223, 1231, 1326, 1352, 1417, 1966.
Lucro, 284, 1948.
Lume, 27, 74, 434, 1152, 1354, 1746.
Macaco, 464, 534, 726, 1106, 1618, 1870.
Maçal, 1562.
Machado, 1262, 1264, 1378, 1667, 1668.
Madeira, 673, 2049.
Madrasta, 301, 1627.
* Mãe, 100, 192, 422, 697, 993, 1225, 1314, 1351, 1749, 1750, 1935, 1955, 1969, 2004, 2165.
Magarefe, 1786, 1787.
«Mainato», 587, 1150, 1778, 1790, 1849.
* Mal, 231, 243, 245, 600, 607, 684, 1173, 1433, 1435, 1710, 2108.
«Manducar», 91, 707, 1456.
Manga, mangueira, 246, 767, 1046, 1902.
Manilhas, 409, 482, 1390.
Manteiga, 255, 286, 310, 1037, 1111, 1122, 1163, 1569, 1907.
Mão, 2, 21, 65, 102, 135, 261, 290, 456, 457, 461, 482, 498, 562, 565, 583, 619, 662, 678, 696, 713, 832, 847, 879, 880, 896, 909, 912, 941, 946, 1071, 1162, 1250, 1265, 1335, 1338, 1425, 1540, 1579, 1698, 1706, 1835, 2023, 2024, 2088, 2107, 2144.
Mar, 142, 478, 840, 865, 971, 974, 1033, 1118, 1120, 1121, 1148, 2052, 2079, 2093, 2108, 2112.
* Marido, 23, 567, 736, 1013, 1022, 1139, 1191, 1662, 1752, 1922, 2154-2156.
Meda, 1873.
* Médico, 403, 996, 2082, 2139.
Medidas, 211, 437, 711, 863, 1345, 1426, 1550, 1630, 1940, 2113, 2145.
* Mêdo, 59, 105, 173, 409, 412, 598, 599, 680, 923, 978, 1311, 1611, 1893, 1968, 2087, 2126.
Mel, 763, 845, 1322, 1380.
Mendicidade, 2083, 2121.
Mendigo, 445, 492, 711, 898, 952, 1044, 1227, 1274, 1513, 1553, 1617, 1644, 1739, 1897, 1914, 1920, 1923, 2083, 2121.
* Mente, 366, 367, 528, 906, 1533, 1594, 1972, 1938, 2075.
* Mentira, 463, 1424, 1425, 1846, 2069, 2076.
Mercado, 170, 197, 418, 482, 945, 1132, 1429, 1528.
Mesa, 1399.
Mestre, 343, 501, 543, 1538.
Milhafre, 1810.
Minhoca, 339, 778, 800, 964-996, 1109, 1470.
Mirabólano, 761, 1121.
* Misória, 140, 455, 1868, 1893, 2174.
Moagem, 1527, 2050.
Mola real, 639, 1458.
Mondadura, 1575.
Monte, 223, 412, 414, 496, 614, 661, 712, 856, 866, 1035, 1260, 1657, 1924, 2110.
Monturo, 1441, 1474, 1907, 1530.
Morcego, 333, 1900.
«Mordexim», 685.
«Moringueiro», 123.
* Morte, 35, 60, 101, 142, 149, 183, 339, 341, 386, 411, 422, 433, 439, 468, 576, 577, 600, 602, 676, 786, 813, 1017, 1267, 1291,

1370, 1447, 1464, 1466, 1838, 1905, 2051, 2081.
Mostarda, 2080.
Mudo, 107, 808, 1822.
Mugem, 161.
* Mulher, 296, 567, 1073, 1141, 1142, 1167, 1347, 1846, 1922, 2157.
* Mundo, 104, 149, 266, 275, 279, 289, 503, 597, 598, 638-641, 700, 892, 899, 1043, 1088, 1173, 1194, 1400, 1457, 1694, 1822, 1971, 2092, 2129.
Música, 346, 504, 512, 1256, 1785.
Nabos, 1529, 1535.
«Nachenim», 437, 1100, 2093.
Nariz, 141, 142, 232, 364, 365, 412, 507, 1057, 1114, 1143, 1237, 1285, 1403, 1763, 1799, 1822, 1823, 2079, 2088.
Nascimento, 341, 1200.
* Necessidade, 682, 1362, 1425, 1653, 1933.
Negociante, 351, 1202, 1308, 1782, 1830.
Negócio, 1840, 1881.
Neto, 159, 341, 995, 1067.
«Nimbó», 1489.
Nó, 137, 362, 457, 509, 525, 842.
* Nobreza, 620.
Noite, 250, 269, 453, 454, 635, 792, 856, 984, 1111, 1151, 1354, 1382, 1574, 1730, 2046.
Noivo, 192, 200, 203, 374, 383, 422, 917, 1149, 1566.
* Nora, 217, 1619, 1620, 1659.
Noz vômica, 1471.
Nuca, 21.
Nudez, 556, 2089.
* Ocasião, 821, 1678, 1781.
* Ociosidade, 1996.
Óculos, 268.
Ódio, 1284.
«Odó», 1837.
Odre, 677.
Ofício, 416, 1853, 1999.
«Ola», 649.
Oleiro, 1055, 1128, 1224, 1454, 1778-1781.
Ôlho, 84, 129, 265, 266, 280, 292, 432, 463, 583, 647, 662, 700, 733, 734, 776, 857, 908, 1028, 1053, 1092, 1220-1222, 1276, 1297, 1316, 1319, 1323, 1382, 1402, 1509, 1665, 1744, 1856, 2034, 2147, 2148, 2170.
Ombro, 665, 1396, 1543.
«Oportunidade, 427, 2012, 2015.
Orelha, 186, 535, 540, 759, 766, 922, 1237, 1251, 1360, 1366, 1590, 1997.
Órfão, 1714.
Osso, 8, 789, 841, 1084, 1090, 1442, 1499.
Ourives, 1251, 1758, 1790-1793, 1942.
Ouro, 57, 109, 535, 561, 812, 844, 1113, 1115, 1229, 1428, 1879.
Ouvido, 463, 659, 666, 835, 857, 1226, 1236, 1402, 1509, 1665, 2168.
Ovas, 120, 161.
Ôvo, 102, 166, 333, 465, 1112, 1132, 1805.
Paga, 85, 353, 438, 476, 676, 1582, 1813, 2050.
Pagode, 529-531, 702.
* Pai, 229, 301, 422, 799, 1935, 2169.
«Paiçá», 416.
«Paili», 437.
* País, 98, 393, 396, 505, 670, 952, 1056, 1130, 1401, 1641, 1672,



1855, 1859, 1860, 1861, 1864, 2061, 2176.
Palácio, 316, 563, 876, 1741.
«Palas», 1480.
* Palavra, 389, 1939.
Palha, 28, 715, 1353, 1496.
Palheiro, 23, 1340.
Palhinha, 496, 594, 947, 948, 1345.
Palma, 882, 2028, 2081.
Palmar, 92.
Palmeira, 1205, 1595, 1775.
Palmo, 67, 678, 1558, 1620.
Panela, 201, 248, 288, 366, 442, 717, 732, 785, 843, 1070, 1357, 1454, 1501, 1613, 1778, 1789.
«Pangueró», 1172.
«Pânico», 252.
«Pano», 145, 147, 549, 567, 587, 1147, 1203, 1346, 1357, 1540, 1543, 1578, 1948.
Pão, 559, 991, 1185, 1702, 1833, 2026, 2027, 2117.
Papas, 437, 1060, 1935, 2007.
Parafuso, 620, 639.
Pardal, 536.
Parede, 336, 857, 982.
* Parentes, 63, 69, 196, 536, 660, 661, 674, 1327, 1562, 1609, 1627, 1744, 1874.
«Pariá», 794.
«Patola», 587.
Pau, 698, 1293, 1394, 1443, 1487, 1649, 4833.
Pavão, 572, 796, 1116, 1229, 1260, 1341, 1579, 1854.
Pé, 10, 31, 32, 61, 258, 259, 379, 401, 413, 457, 483, 484, 572, 619, 753, 754, 805, 808, 816, 859, 910, 942, 1041, 1049, 1058, 1116, 1175, 1220, 1287, 1318, 1338, 1394, 1398, 1540, 1814, 1821, 1828, 1829, 1830, 1831, 2010, 2023, 2024, 2048, 2144.
Pecado, 654, 1038, 1187, 1204, 1368, 1434, 1594, 1626, 1839, 2056, 2057.
* Pedido, 304.
Pedra, 11, 70, 114, 434, 581, 590, 593, 659, 822, 912, 1250, 1288, 1293, 1349, 1443, 1526, 1681, 1698, 1928.
Pedra preciosa, 376, 462, 1106.
Peito, 45, 1314.
Peixe, 355, 547, 557, 579, 590, 746, 1053, 1138, 1255, 1445, 1475, 1498, 1592, 1720, 1767, 1806, 1910, 2037.
Peixeira, 579, 1053.
Pele, 15, 132, 133, 213, 214, 764, 1087, 1298, 1442, 1718.
* Pensamento, 259.
Penúria, 868, 876, 2112.
Pepino, 557, 1222, 1630.
Percevejo, 1188.
Perdiz, 1398.
Pereira, 1046.
* Perigo, 6, 58, 527.
Perna, 2054.
Pérola, 507, 1414, 1763.
Pescoço, 84, 244, 462, 537, 1075, 1392, 1911, 1969.
Peste, 690.
Pilão, 390, 733, 772, 1249, 1619, 1677.
Pimenta, 285, 387, 1253, 1270.
«Pimpôlo», 60, 767, 1127.
Piolhos, 1352, 1617, 2091.
Pira, 522.
Pirilampo, 108, 731.
«Pitambor», 1948.
Planta, 688, 720, 1186, 1393, 1478, 1684, 2162.
Planta medicinal, 786, 1245.

Pó, 285, 323.
* Pobre, 127, 182, 395, 396, 405, 725, 747, 1048, 1798.
* Pobreza, 1445, 1585, 1727, 1728.
Poço, 5, 145, 454, 550, 744, 971, 973-975, 1339, 1364, 1393, 1500, 1563, 2004.
Pólvora, 757, 1152.
«Ponvli», 175.
Pontapé, 146, 817, 1171, 1650.
Porco, 576, 724, 1473, 1474, 1492--1494, 1907.
Porta, 48, 150, 249, 278, 574, 1014, 1505, 1552, 1759, 2070.
* Português, 564, 789, 1573.
Praia, 478.
Prata, 812.
Prato, 191, 1747.
* Prazer, 90, 407, 804, 871, 874, 1139, 1447, 2077.
Preceptor, 2059.
Preço, 347, 350, 352, 533, 648, 1206, 1336, 1369, 1503, 1528, 1582, 1941, 1999, 2050.
* Preguiça, 406, 1076, 1218, 1540, 1542, 1549, 1921.
Pressa, 1721, 1722.
* Profissões, 1274.
Proveito, 48, 236, 436, 437, 1224, 1243, 1244, 1270, 2028, 2042.
Provérbio, 240.
* Provocação, 1349.
* Prudência, 829, 923, 1707, 1931.
Pulga, 928.
Punho, punhado, 72, 73, 133, 787, 1940, 1941.
Purgueira, 110.
Quadris, 1551, 2010.
Qualidade, 520, 625.
Quarta-feira, 204.
Quinhão, 355, 438.
Rã, 519, 744, 862, 990, 1085, 1479, 2017.
Rábano, 184.
Rabicho, 343, 1332, 1783.
Rabo, 94, 805, 1010, 1466, 1531, 1568, 1643, 1814, 1568, 2098.
Raiz, 1, 242, 515, 632, 775, 1237, 1764-1766, 1775.
Ralador, 364, 1143, 1962.
Ramada, 318, 472, 807, 1379, 1709, 1748.
Ramo, 295, 1766, 1768, 1769.
Rapariga, 31, 452, 2051.
Rapaz, 322, 452, 520, 582, 1065, 2127, 2152.
Rato, 122, 216, 439, 440, 1301, 1441, 2150.
Rebento, 121, 242, 780.
Rêde, 394.
Regaço, 537, 718, 727.
* Rei, 207, 445, 587, 725, 757, 936, 1130, 1241, 1361, 1507, 1641, 1742, 1846, 2032.
Remédio, 637, 1245, 1364, 1392, 1503, 1338, 1906, 2126, 2137, 2138.
* Rico, 19, 127, 405, 688, 747, 875, 1448, 1798.
Rio, 298, 394, 471, 550, 658, 973, 975, 990, 1033, 1377, 2079.
* Riqueza, 181, 329, 588, 676, 865, 986, 1079, 1208, 1215, 1409, 1410, 1412, 1929, 2112, 2124.
* Riso, 234, 312, 313, 441-443, 467, 769, 791, 794, 854, 885, 890, 1006, 1584, 1993, 2000, 2078, 2105, 2173, 2177.
Rito, 212.
Roca, 390.
Rosário, 1950.
Rosto, 1427.



Roubo, 1325.
Rubi, 462, 1436.
Ruína, 223, 381.
«Rumboro», 1848.
Rupia, 68, 652, 1147.
* Sabedoria, 1687, 1932.
Saco, 555, 678, 1154, 1121, 1137, 2097.
Sacristão, 407, 1453, 1636.
«Saguate», 114, 1904.
Sal, 134, 1117, 1614, 1716, 1509, 2019.
«Saleiro», 345.
Salgadeira, 246.
Sândalo, 327, 446.
«Sandaná», 1719.
Sangue, 518, 1648, 1652, 1654.
Santola, 765.
Sapateiro, 221, 222, 1220, 1785.
Sarna, 374, 1232, 1235, 2090.
Saúde, 683, 686, 986, 1365, 1983.
Sêde, 1381, 1510, 1974.
* Segrêdo, 609, 1059, 1846, 1954, 2163
Semente, 52, 238-240, 252, 517, 1037, 1182, 1249, 1927.
Sepultura, 1082, 1773.
Serviço, 85, 438, 511, 756, 758, 1813.
Servos, 49-51, 199, 1518, 2026, 2047.
«Sigmó», 36, 1529, 2099.
Silêncio, 838, 855.
Simplório, 1100, 1279-1281, 1720.
«Singotim», 514.
* Soberba, 1536.
* Sogra, 1619, 1659.
Sol, 38, 53, 73, 206, 510, 571, 703, 854, 1150, 1334, 1418, 1646, 2048.
«Soleiro», 1855.
Solitário, 2140.
Sombra, 571, 942, 962, 963, 1858, 2048.
Sombreiro, 1587, 1611.
* Sonho, 1744, 2119.
Sono, 46, 101, 144, 323, 394, 453, 635, 792, 872, 1129, 1218, 1227, 1521, 1539, 1738, 1898.
Sôro, 255, 911, 1057.
* Subôrno, 12.
Sudro, 220.
Surdo, 346, 475, 1236, 1256, 1509, 1520.
Tábua, 559.
Talos, 1259, 1746.
Tamarindo, tamarindeiro, 367, 1812, 1878.
Tamboril, 1757.
Tanga, 168, 1145, 1146, 1807, 2037.
Tejolo, 1126.
Telhado, 1556.
Tempestade, 241, 976.
* Tempo, 46, 553, 636, 1478, 1529, 1535, 1563, 1564.
«Terem», 1772.
«Terluca», 1153.
Terra, 47, 52, 77, 119, 468, 478, 490, 724, 859, 1119, 1298, 1307, 1452, 1555, 1729, 1737, 1773, 1774, 2117.
Tesoura, 21.
Testa, 11, 893, 939, 1160.
Tigre, 30, 464, 701, 770, 1029, 1281, 1376; 1386, 1405, 1468, 1469, 1495, 1571, 1696, 1819, 1820, 1825, 2009.
Tiro, 757.
«Tondelim», 1927.
Tosse, 1392.
Touro, 1186, 1379, 1389.
* Trabalho, 122, 163, 276, 473, 521, 545, 595, 619, 643, 924,

941, 949, 1548, 1722, 1730, 1740.
* Traição, 21, 2056.
Trave, 110, 734.
Travesseiro, 872, 1227, 1679.
Trepadeira, 237, 538, 1794.
Tribunal, 679, 1303.
Tristeza, 692, 1611, 1713, 1934.
Turco, 1860.
«Ucá», 663.
Unha, 790, 1261, 1262, 2040.
Urina, 456, 762, 940, 1263, 1358, 1723.
«Uró», 1448.
Urso, 1718.
Vaca, 100, 183, 187, 538, 633, 797, 947, 948, 1510, 1786, 1787.
«Varna», 1149.
Várzea, 43, 49-51, 88, 391, 536, 675, 839, 1595, 1705, 2112, 2161.
Vaso, 829.
Vassoura, 708, 2107.
Vela, 479.
Velho, 202, 582, 755, 1005, 1065, 1066, 1068, 1070, 1089, 1090, 1861, 2077, 2127, 2152.
Venda, 349, 1424.
Veneno, 238, 621, 931, 1003, 1005, 1269, 1446, 1895.
Vento, 43, 527, 853, 1523, 1547, 1666, 1929, 2115.
Verão, 36, 2114.
* Verdade, 463, 755, 1415-1420, 1537.
* Vergonha, 347, 376, 598, 638, 1011, 1132, 1155, 1780, 1921.
Viandante, 1833, 2119.
* Vício, 692, 1465.
* Vicissitudes, 1460.
* Vida, 61, 177, 230, 280, 283, 337, 398, 440, 578, 599, 660, 745, 811, 827, 905, 1082, 1213, 1370, 1583, 1865, 1892, 2023, 2104.
«Vidó», 294.
* Vinho, 29, 291, 653, 1005, 1369, 1713.
* Virtude, 520, 1425.
Visco, 1448, 1897.
Vistã, 520, 1220, 1222.
* Viúva, 169, 403, 1139, 1246, 1616, 1625, 1742.
* Vizinho, 196, 291, 331, 536, 1645, 1653, 1923.
Vontade, 594, 1016.
«Vonvoleiro», 1268.
Voz, 1705, 1846.
«Xendim», 343, 1332.
«Xenim», 1441.
«Xerafim», 402, 1147, 1430.
«Xingá, 1788.
«Xinquém», 1954.
Zângão, 688.
* Zombaria, 1069.

# NOTA DA REVISÃO

Tendo ocorrido em 4 de Abril último a morte do orientalista e erudito prof. Mons. S. R. Dalgado, deixando ainda incompleta a publicação dêste livro de *Provérbios Concanis*, incumbiram-se do trabalho da revisão das suas provas, a pedido do falecido, dois amigos seus, o Ex.mo Sr. José António Dias Coelho, que foi chefe de revisão da Imprensa Nacional de Lisboa e a pessoa que subscreve esta nota.

Consistiu pois o nosso trabalho em rever com o maior cuidado possível estas provas desde a fôlha 15 que corresponde a págs. 225 até o fim. Procurámos nesta tarefa respeitar escrupulosamente a letra do original, só alterando por excepção um ou outro vocábulo, onde o lapso do autor parecia evidente, ou introduzindo alguma rara palavra, onde ela parecia necessária para completar o pensamento do autor.

Mons. Dalgado, sentindo avizinhar-se o termo da sua vida, conseguiu levar a cabo algo precipitadamente esta obra, em que punha grande empenho. Se êle não teve a ventura de ver concluída a sua impressão, como tanto desejava, foi não pequena fortuna para as letras pátrias ter ficado o seu precioso original concluído.

Quanto a nós, de qualquer falta involuntária que houvermos praticado na realização dêste trabalho, sob vários

pontos de vista superior à nossa responsabilidade, bem como de alguns ligeiros reparos sôbre a interpretação de alguns provérbios, que vão mencionados em baixo, esperamos ser benignamente relevados.

Lisboa, Outubro de 1922.

*Cónego José de S. Rita e Souza*

Professor de Concani na Escola Colonial de Lisboa.

---

## OBSERVAÇÕES

Ao provérbio n.º 1842:

*Motin ghar karchem âni pătin bhurgim karchim.*

Salvo o devido respeito ao erudito autor, aventuro-me a fazer aqui umas ligeiras observações. Há em concani dois vocábulos que fonèticamente pouco se distanciam: são *păti* e *pôt* que fazem no instrumental *pătin* (com ou pelo espôso) e *pôtin* (com o pecúlio). Entendo que a interpretação dada pelo autor a êste provérbio é um pouco forçada, porquanto a ser verdadeira a sua interpretação não é *com pecúlio* (*pôtin*), mas *conforme o pecúlio* (*pôti pramaṇem*) é que se poderiam ter os filhos, isto é, em vez do instrumental dever-se-ia empregar um caso circunstancial.

Quero-me parecer antes que está ali uma dupla lição às mulheres. Os próprios termos do provérbio em questão parecem contribuir para justificar a minha apreensão; porquanto se na primeira parte — *motin ghar karchem* — se lhes propõe uma lição de bom govêrno e de economia doméstica, é natural que na segunda parte — *pătin bhurgim karchim* — se lhes proporcionasse outro ensinamento bom e moral como é o de dedicação conjugal, em vez de



lhes sugerir o princípio dissolvente da limitação da procriação.

Há que notar ainda que sendo a Índia um país muito respeitador do sexo feminino, êsse seu respeito contudo não implicava demasiada confiança. Muitos factos da sua vida social justificam esta minha asserção, e em vários passos do seu código o legislador indiano Manu recomenda constante vigilância com o outro sexo, a quem aliás, sendo espôsas fiéis, concede especial protecção legal e, sendo mães, intitula-as *deusas da fortuna!*

A doutrina deletéria e anti-economista da limitação da procriação é possível que fôsse praticada, mas não me consta que houvesse sido proclamada em qualquer parte do mundo, antes de o triste economista inglês o fazer no princípio do século XIX.

Ora além de o provérbio em questão não poder ter tido origem em data tão recente, a sua doutrina é contrária à índole e ao sentimento indiano. Não desejando para confirmação do que deixo dito aduzir muitos argumentos, cito apenas êste passo de Rigveda, em que o noivo na ocasião da união conjugal diz à noiva: «O Senhor da criação nos dê filhos... ¡Ó bondoso Indra! fazei esta mulher abençoada em filhos e em riqueza. Concedei-lhe *dez* filhos, e fazei que seu marido seja o *undécimo* varão».

Entre a descendência é preferida a masculina, que é considerada *a luz do lar* (*divo*), e ainda porque não são tidos como bastante propiciatórios os sacrifícios de sufrágios oferecidos por estranhos [1].

Na Índia moderna tanto na comunidade hindu como na christã, a aspiração dos matrimoniados é a perpetuidade do lar pela geração, principalmente pela linha masculina.

---

1 Vide *A civilização indo-árica*, 2.ª conferência pelo conego J. de S. R. e Souza.

Para esclarecimento declaro ainda que o mapa demográfico do império indiano, organizado há um ano, dá uma população de 330 milhões, isto é, quinze milhões mais do que em 1911. Tenho pena de não ter presentes os respectivos recenseamentos para registar aqui a percentagem diminuta dos ilegítimos.

Se pois uma dona de casa desgovernada é a desgraça do lar, e por isso o mestre que inventou o provérbio procura guiá-la; maior e dupla calamidade é o desvario duma espôsa e a ilegitimidade dum filho numa sociedade organizada pelo sistema exclusivista das castas, em que a prole nascida fora do leito conjugal ficaria *sem casta*, e a sua mãe perdida para sempre.

Não se esqueça ainda de que a Índia é a terra, em que os filhos das irmãs eram considerados *sangue legítimo*, e por isso herdavam os bens e até os tronos de seus tios maternos *com prejuízo dos filhos dêstes!*

Ao n.º 1928:

Também se diz: *Xaṇyak (budvăntak) tim kaḍent.* Ao sizudo em três partes.

Explicação. Um homem ao passar por um lugar sujou um pé. Como era curioso, tocou com o dedo no pé sujo, e levou-o ao nariz afim de saber o que era; assim sujou o pé, o dedo e o nariz.

Ao n.º 1944:

*Soglo lŏk lumvta amcho kityak dhamvta.*

Outra versão: Tendo crescido, em conseqüência de descuido, erva daninha no campo semeado, sufocou a erva a boa semente. Chegando o tempo da colheita, emquanto os outros segavam a eito, o agricultor desmazelado provocava a admiração da espôsa, correndo aqui e além para apanhar algumas espigas.



Ao n.º 1998:

*Pôt aslyar măt yeta.* Quem tem bôlsa (dinheiro), tem ideas.

Ao n.º 1999:

*Poṭ xikăyta vavr, pôt xikăyta dăr.* A barriga ensina a trabalhar, a bôlsa (o amor de ganho) ensina o preço. ¿Não seria esta ainda uma interpretação?

Ao n.º 2131:

Ninguém morre atrás do morto, isto é, a Providência vela sempre pelos que ficam ao desamparo.

# DECLARAÇÃO

Como o autor dêste livro devia ser votado Sócio effectivo da Academia das Sciências de Lisboa, tendo já sido lido o respectivo parecer favorável, imprimiu-se o rôsto como se a votação já estivesse feita; mas deu-se a fatalidade de o autor falecer antes de ela se realizar.